KRISHNAMURTI

CULTRIX

A CULTURA
E O PROBLEMA HUMANO

Outras Obras de Krishnamurti Publicadas Pela Cultrix

A Suprema Realização
A Primeira e Última Liberdade
Comentários Sobre o Viver
O Mistério da Compreensão
A Importância da Transformação
Reflexões Sobre a Vida
Uma Nova Maneira de Agir
Diálogos Sobre a Vida
A Educação e o Significado da Vida
O Passo Decisivo
Fora da Violência
A Mutação Interior
A Cultura e o Problema Humano
Liberte-se do Passado

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul em 1895 e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófico-religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, grande número de publicações, de palestras e conferências suas, foram lançadas em português, com êxito igual ao obtido quando publicadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlandês e vários outros idiomas, além do original inglês.

Krishnamurti

A CULTURA E O PROBLEMA HUMANO

Tradução de
HUGO VELOSO

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

ÍNDICE

NOTA DO AUTOR

A Cultura tem variados aspectos, e nos lançaremos diretamente a uma ampla consideração da matéria.

J. Krishnamurti

I

EU QUISERA saber se alguma vez já perguntamos a nós mesmos o que significa educação. Por que vamos para a escola, por que estudamos tantas matérias, por que fazemos exames e competimos uns com os outros pelas melhores notas? Que significa essa chamada educação, e qual a sua finalidade? Esta é, com efeito, uma questão muito importante, não só para os estudantes, mas também para os pais, para os professôres e para, todo aquêle que ama esta Terra. Por que tanta luta para sermos educados? É ùnicamente porque precisamos passar em certos exames e obter emprêgo? Ou a função da educação é preparar-nos, enquanto jovens, para compreender o inteiro "processo" da vida? Ter emprêgo e ganhar o próprio sustento, é necessário; mas, isso é tudo? É só para isso que estamos sendo educados? Ora, por certo, a vida não é, meramente, um emprêgo, uma ocupação; a vida é algo extraordinàriamente amplo e profundo, um grandioso mistério, um vasto reino em que funcionamos como entes humanos. Se meramente nos preparamos para ganhar o sustento, perderemos o significado essencial da vida; e compreender a vida importa muito mais do que simplesmente nos prepararmos para exames e nos tornarmos bem proficientes em Matemática, Física, etc.

Assim, quer sejamos mestres, quer estudantes, não é importante perguntarmos a nós mesmos por que estamos educando ou sendo educados? E que significa a vida? Não é uma coisa extraordinária, a vida? Os pássaros, as flôres, as árvores floridas, o céu, a estrêlas, os rios e seus peixes — tudo isso é a vida. A vida é o pobre e o rico; a vida é a constante batalha entre grupos, raças e nações; a vida é meditação; a vida é o que chamamos religião e são, também, as coisas sutis e ocultas da mente — as invejas,

as ambições, as paixões, os temores, preenchimentos e ansiedades. Tudo isso, e muito mais ainda, é a vida. Mas, em geral nos preparamos só para compreender um "cantinho" dela. Passamos em certos exames, achamos um emprêgo, casamo-nos, geramos filhos, e vamo-nos tornando cada vez mais semelhantes a máquinas. Permanecemos medrosos, ansiosos, assustados diante da vida. Assim, a função da educação é ajudar a compreender o inteiro processo da vida, ou consiste meramente em preparar-nos para uma profissão, para o melhor emprêgo que pudermos pegar?

Que acontecerá a todos nós quando nos tornarmos adultos? Já perguntastes alguma vez a vós mesmos o que ireis fazer ao crescerdes? Com tôda a probabilidade vos casareis e, em pouco, sereis mães e pais; e estareis, então, amarrados a um emprêgo ou à cozinha, a murchar, definhar. É só isso que vai ser a *vossa* vida? Já fizestes esta pergunta a vós mesmos? Não deveis fazê-la? Se vossa família é opulenta, já tendes, talvez, assegurada uma boa posição, vosso pai poderá dar-vos um emprêgo "confortável", ou podeis fazer um casamento rico; mas, também aí, murchareis, vos deteriorareis. Percebeis?

A educação, por certo, nenhuma significação tem se não vos ajuda a compreender a vastidão da vida com tôdas as suas sutilezas, sua extraordinária beleza, seus pesares e alegrias. Podeis conquistar graus, acrescentar uma série de letras ao vosso nome e conseguir uma boa colocação; mas — e daí? Qual o sentido de tudo isso se, nesse "processo", a vossa mente se torna embotada, cansada, estúpida? Assim, não deveis, enquanto estais jovens, tratar de descobrir o significado da vida? E a verdadeira função do educador não é cultivar em vós a inteligência que tentará encontrar a solução de todos êsses problemas? Sabeis o que é inteligência? É, sem dúvida, a capacidade de pensar livremente, sem mêdo, sem nenhuma fórmula, de modo que, por vós mesmo, comeceis a compreender o que é real, o que é verdadeiro; mas, se tendes mêdo, nunca tereis inteligência. Qualquer forma de ambição espiritual ou mundana, gera ansiedade, mêdo; a ambição por conseguinte, não concorre para o aparecimento de uma mente clara, simples, direta e, portanto, inteligente.

Vêde quanto é importante viverdes, enquanto jovens, num ambiente onde não exista temor. Os mais de nós, com o envelhecer, vamo-nos tornando medrosos; temos mêdo de viver, mêdo

de perder um emprêgo, mêdo da tradição, mêdo do que digam os vizinhos, do que diga nossa espôsa ou nosso marido, mêdo da morte. Quase todos nós sentimos mêdo, numa ou noutra forma; e onde há mêdo não há inteligência. Mas, não é possível, enquanto jovens, vivermos, todos nós, num ambiente onde não haja mêdo, mas, sim, uma atmosfera de liberdade — liberdade, não simplesmente para fazermos o que quisermos, porém para compreender o integral "processo" do viver? A vida é realmente muito bela; não é esta coisa feia que a fizemos ser; e só podeis fruir sua riqueza, sua profundeza, seu inefável encanto, quando vos revoltais contra tudo — contra a religião organizada, contra a tradição, contra a atual e corrupta sociedade — para então, como ente humano, descobrirdes, por vós mesmo, o que é verdadeiro. Não imitar, porém *descobrir:* isto é que é educação, não achais? É muito fácil vos ajustardes ao que a sociedade ou pais e mestres vos ensinam. É uma maneira segura e fácil de existir; mas isso não é viver, porque, aí, há mêdo, declínio, morte. Viver é descobrirdes por vós mesmo o que é verdadeiro; e isso só é possível quando há liberdade, quando há em vós uma contínua revolução interior.

Mas, a isso não sois estimulado; ninguém vos ensina a duvidar, a descobrir por vós mesmo o que é Deus, porque, se vos rebelásseis, vos tornaríeis um perigo para tudo o que é falso. Vossos pais e a sociedade desejam que vivais em segurança, e vós também desejais segurança. "Viver em segurança" significa, geralmente, viver na imitação e, por conseguinte, no temor. Ora, sem dúvida, a função da educação é ajudar cada um de nós a viver livremente e sem mêdo, não é verdade? E, para criar uma atmosfera em que não exista mêdo, requer-se intenso pensar, tanto de vossa parte como da parte do mestre, do educador.

Sabeis o que isso significa, que coisa maravilhosa seria se se criasse uma atmosfera em que não existisse o mêdo? E nós *devemos* criá-la, porque vemos o mundo empenhado em guerras intermináveis, dirigido por políticos ambiciosos, sequiosos de poder; um mundo de advogados, policiais e soldados, de homens e mulheres ambiciosos, ávidos de posição e em luta uns com os outros para a conquistarem. E há, também, os chamados "santos", os *gurus* religiosos, com seus seguidores; também êstes querem poder, posição, nesta ou na vida futura. É um mundo insano, completamente

confuso, com o comunista combatendo o capitalista, o socialista resistindo a ambos, e cada um lutando por um lugar seguro, uma posição de poder e de confôrto. Um mundo dividido por crenças antagônicas, por distinções de classe, por nacionalidades separadas, por tôda espécie de estupidez e crueldade: eis o mundo em que estais sendo educados e a que deveis ajustar-vos. Sois estimulado a ajustar-vos à estrutura desta desastrosa sociedade; vossos pais desejam que o façais, e vós também desejais ajustar-vos.

Ora, consiste a função da educação, meramente, em ajudar a ajustar-vos a esta corrupta ordem social, ou sua função é dar-vos liberdade, liberdade completa, para crescerdes e criardes uma sociedade diferente, um nôvo mundo? Precisamos dessa liberdade, não nos futuro, porém agora, pois, do contrário, poderemos todos ser destruídos. Devemos criar imediatamente uma atmosfera de liberdade, para que possais viver e descobrir, por vós mesmos, o que é verdadeiro; para que sejais entes inteligentes; para que possais enfrentar o mundo e compreendê-lo, em vez de a êle vos ajustardes; para que, interiormente, profundamente, psicològicamente, estejais em constante revolta — porque só os que se acham em constante revolta descobrem o verdadeiro, e não o homem que se ajusta, que segue uma certa tradição. Só quando estais investigando constantemente, observando constantemente, aprendendo constantemente, podeis achar a Verdade, Deus ou o Amor. Mas, não podeis investigar, observar, aprender, estar profundamente lúcido, se tendes mêdo. Assim, a função da educação, sem dúvida nenhuma, é erradicar, tanto interior como exteriormente, êsse mêdo que destrói o pensamento humano, as relações humanas e o amor.

Pergunta: Se todos os indivíduos se achassem em revolta, não pensais que haveria caos no mundo?

KRISHNAMURTI: *Escutai,* primeiramente, a pergunta; é muito importante compreender uma pergunta, e não, simplesmente, esperar uma resposta. A pergunta é: se todos os indivíduos se achassem em revolta, o mundo não seria levado a um estado de caos? Ora, acha-se em tão perfeita ordem a presente sociedade, que, se todos se revoltassem, sobreviria o caos? Não há caos *agora?* É tudo belo e incorrupto? Estão todos vivendo felizes, com plenitude e riqueza? O homem não está contra o homem? Não se

vê ambição e encarniçada competição? Por conseguinte, o mundo já se acha no caos, e esta é a primeira coisa que cumpre perceber. Não suponhais que esta é uma sociedade em que há ordem; não vos mesmerizeis com palavras. Seja aqui na Europa, seja na América, seja na Rússia, o mundo se acha num processo de decomposição. Se percebeis a decomposição, tendes um desafio: estais sendo desafiado a descobrir uma maneira de resolver êste urgente problema. E a maneira como "respondeis" ao desafio é importante, não achais? Se "respondeis" como hinduísta ou budista, como cristão ou comunista, vossa resposta é, então, muito limitada, vale dizer, não é resposta. Podeis "responder" plenamente, adequadamente, mas só se não há mêdo em vós, se não pensais como hinduísta, comunista ou capitalista, porém como ente humano total, interessado em resolver êste problema; e não podereis resolvê-lo, se não vos achardes em revolta contra tudo — contra a ambição, a avidez, em que está baseada a sociedade. Quando vós mesmo não sois ambicioso, ávido, quando não estais apegado à vossa própria segurança — só então sois capaz de "responder" ao desafio e de criar um mundo nôvo.

Pergunta: Revoltar-se, aprender, amar — são três processos separados ou simultâneos?

KRISHNAMURTI: Naturalmente, não são três processos separados; é um processo unitário. Vêde, é muito importante verificar o que uma pergunta significa. Esta pergunta está baseada em teoria, e não na experiência; é puramente verbal, intelectual e, por conseqüência, sem validade. O homem destemeroso, que está realmente revoltado, lutando para descobrir o que significa aprender, amar — êsse homem não pergunta se isso é um só processo ou três processos. Somos muito sutis com palavras, e pensamos que, apresentando explicações, temos resolvido o problema.

Sabeis o que significa *aprender?* Quando estais realmente aprendendo, aprendeis durante tôda a vida e não tendes nenhum mestre especial, de quem aprender. Então, tôdas as coisas vos ensinam: uma fôlha, uma ave que voa, um perfume, uma lágrima, o rico e o pobre, os que choram, um sorriso de mulher, o orgulho de um homem. Aprendeis de tôdas as coisas e, por con-

seguinte, não necessitais de nenhum guia, nenhum filósofo, nenhum *guru*. A própria vida é vossa mestra, e vós vos achais num estado de constante aprender.

Pergunta: É verdade que a sociedade está baseada na avidez e na ambição; mas, se não tivéssemos ambição, não nos deterioraríamos?

KRISHNAMURTI: Esta é, em verdade, uma pergunta muito importante, que requer tôda a atenção.

Sabeis o que é atenção? Vejamos. Quando, durante a aula, olhais pela janela ou puxais os cabelos de um companheiro, o mestre vos manda "prestar atenção". E isso significa o quê? Que não vos interessa o que estais estudando e, por conseguinte, o mestre vos obriga a prestar atenção. Mas isso, de modo nenhum, é atenção. Há atenção quando sentis profundo interêsse por uma coisa, porque, então, procurais, com amor, descobrir tudo o que a ela diz respeito; então, vossa mente inteira, todo o vosso ser, está presente. Analogamente, no momento em que percebeis que esta pergunta — se não tivéssemos ambição, não nos deterioraríamos? — é realmente muito importante, ficais interessado e desejais descobrir a verdade a êsse respeito.

Ora, o homem ambicioso não está destruindo a si próprio? Isso é que se precisa averiguar em primeiro lugar, e *não* perguntar se a ambição é "certa" ou "errada". Olhai em tôrno de vós, observai as pessoas que são ambiciosas. Que acontece quando sois ambicioso? Só pensais em vós mesmo, não é verdade? Sois cruel, empurrais os outros para o lado, porque estais procurando preencher vossa ambição, procurando tornar-vos "homem importante", e criando, assim, na sociedade, o conflito entre os que estão tendo êxito e os que estão ficando para trás. É uma batalha constante entre vós e os outros, que também desejam o que desejais; e pode êsse conflito produzir um viver criador? Compreendeis, ou está muito difícil isto?

Sois ambicioso quando gostais de fazer uma coisa por amor a ela própria? Quando estais fazendo alguma coisa com todo o vosso ser, não por desejardes chegar a alguma parte ou obter alguma vantagem, porém, simplesmente, por gostardes de fazê-la — aí não há ambição, há? Não há então competição; não estais lutando com ninguém pelo primeiro lugar. E não deve a educação

ajudar-vos a descobrir o que realmente gostais de fazer, de modo que, do comêço ao fim de vossa vida, estejais trabalhando em algo que sintais ser valioso e ter, para vós, profunda significação? Do contrário, sereis, até o fim de vossos dias, um ser digno de lástima. Quando não sabeis o que gostais de fazer, vossa mente cai numa rotina, em que só se encontra tédio, decomposição e morte. Eis por que é tão importante descobrirdes, enquanto jovem, *o que gostais de fazer.* Esta é, realmente, a única maneira de criar uma nova sociedade.

Pergunta: Na Índia, como na maioria dos outros países, a educação está sob o contrôle do govêrno. Em tais circunstâncias, é possível levar a cabo uma experiência da espécie que descreveis?

KRISHNAMURTI: Se não houvesse assistência por parte do govêrno, poderia subsistir uma escola dêste gênero? É o que está perguntando êste senhor. Êle vê que, no mundo inteiro, tudo se está tornando cada vez mais controlado pelos governos, pelos políticos, pelas pessoas investidas de autoridade, que desejam moldar nossas mentes e nossos corações, que querem que pensemos de uma certa maneira. Seja na Rússia, seja noutro país qualquer, a tendência é para o contrôle da educação pelo govêrno; e êste senhor pergunta se é possível existir uma escola da espécie a que me refiro sem nenhuma ajuda governamental.

Ora, que dizeis *vós?* Se pensais que uma certa coisa é importante, que merece nossos esforços, vós lhe *dais* o vosso coração, independentemente dos governos e dos decretos da sociedade; e, então, a coisa *será bem sucedida.* Mas, em geral, nós não *damos* nosso coração a coisa alguma, e é por esta razão que fazemos perguntas desta espécie. Se vós e eu sentirmos, vigorosamente, que um nôvo mundo poderá ser criado quando cada um de nós estiver em completa revolta, interiormente, psicològicamente, espiritualmente, daremos, então, nossos corações, nossa mente, nosso corpo, em prol da criação de uma escola onde não exista o mêdo e tudo o que êle implica. Senhor, tôda coisa verdadeiramente revolucionária é criada por uns poucos que enxergam o que é verdadeiro e estão prontos a viver de acôrdo com essa verdade. Mas, o descobrir do verdadeiro requer que estejamos libertados da tradição e, portanto, libertados de todos os temores.

II

DESEJO EXAMINAR convosco o problema da liberdade. É um problema muito complexo, que requer profundo estudo e compreensão. Muito se fala de liberdade — liberdade religiosa e liberdade de o indivíduo fazer o que deseja. Sôbre esta questão volumes têm sido escritos por homens eruditos. Mas eu penso que podemos considerá-la de maneira muito simples e direta, e chegar, talvez, à solução verdadeira. Não sei se já vos quedastes alguma vez a contemplar o maravilhoso esplendor do poente, à hora do ocaso, com a lua surgindo, tìmidamente, acima das árvores. Muitas vêzes, a essa hora, o rio se mostra muito manso e, então, tudo se reflete em sua superfície: a ponte e o trem que a atravessa, a lua ainda tenra e, em pouco, com o escurecer, as estrêlas. Tudo isso é verdadeiramente belo. E para poderdes observar, dar tôda a vossa atenção a algo que é belo, deve a vossa mente estar livre de preocupações, não achais? Não deve estar ocupada com problemas, com tribulações, com especulações. É só com a mente muito tranqüila que se pode observar realmente, porque, então, a mente é sensível à beleza extraordinária. E talvez tenhamos aqui a chave do nosso problema da liberdade.

Pois bem; que significa ser livre? Consiste a liberdade em poderdes fazer o que acaso vos convém, em irdes aonde vos aprouver, em pensar o que quiserdes? Isso vós fazeis de qualquer maneira. A mera consciência de se ter independência significa liberdade? Muita gente neste mundo é independente, mas pouquíssimos são livres. Liberdade implica uma grande soma de inteligência, não? Ser livre é ser inteligente, mas a inteligência não nasce só pelo desejarmos ser livres; nasce ao começardes a compreender, no seu todo, vosso ambiente, as influências sociais,

religiosas, paternas e tradicionais que continuamente vos envolvem. Mas, para compreenderdes tôdas essas influências — a influência de vossos pais, de vosso govêrno, da sociedade, do meio cultural a que pertenceis, de vossas crenças, vossos deuses e superstições, da tradição a que impensadamente vos ajustais — para compreenderdes tôdas essas influências e delas vos livrardes necessitais de profundo discernimento; mas vós, em geral, vos submeteis a elas porque interiormente sentis mêdo. Tendes mêdo de não alcançar uma boa situação na vida, mêdo do que possa dizer o sacerdote de vossa seita, mêdo de não seguir a tradição, de não fazer o que é "correto". Mas a liberdade é, com efeito, um estado mental em que não existe mêdo ou compulsão, nem ânsia de segurança.

Não desejamos, quase todos nós, estar em segurança? Não desejamos ser considerados "maravilhosos", que nos admirem a formosura, a superior inteligência? Do contrário, não acrescentaríamos letras aos nossos nomes. Tais coisas inspiram-nos confiança em nós mesmos, fazem-nos sentir-nos "importantes". Todos desejamos ser famosos; mas, no momento em que desejamos *ser algo,* já não somos livres.

Vêde isso, por favor, pois, com efeito, aí tendes o fio que vos levará à compreensão do problema da liberdade. Quer neste mundo de políticos, de poder, posição, autoridade, quer no chamado mundo espiritual, em que cada um aspira a ser virtuoso, nobre, modêlo de santidade — no momento em que desejais ser *alguém,* já não sois livre. Mas o homem ou a mulher que percebe quanto tudo isso é absurdo, cujo coração é "inocente" e, por conseguinte, não está sendo movido pelo desejo de ser *alguém* — é um ente livre. Se compreenderdes isso em sua simplicidade, vereis também sua extraordinária beleza e profundeza.

Afinal de contas, os exames têm esta finalidade: dar-vos uma posição, tornar-vos *alguém.* Títulos, posição, conhecimentos, servem-vos de estímulo a ser *algo.* Não ouvis dizer a vossos pais e mestres que deveis ascender a uma certa posição na vida, que deveis ter êxito como vosso tio ou vosso avô? Ou vós mesmo tratais de imitar o exemplo de um certo herói, igualar os Mestres, os santos; por isso nunca sois livre.

Quer sigais o exemplo de um Mestre, santo, instrutor, parente, quer observeis uma certa tradição, tudo isso implica, de

vossa parte, uma necessidade de ser algo; e é só quando compreendeis realmente êste fato, que há liberdade.

A função da educação é ajudar-vos, desde criança, a não imitar ninguém e serdes sempre *vós mesmo.* Mas isto é dificílimo: serdes sempre o que sois — feio ou belo, invejoso ou ciumento — e compreendê-lo. O *serdes vós mesmo* é muito difícil, porque pensais que o que sois é ignóbil e que seria maravilhoso se pudésseis converter o que sois em algo nobre; mas isso nunca acontecerá. Se, entretanto, olhais o que realmente sois, e o compreendeis, então, nessa própria compreensão, há transformação. A liberdade, pois, consiste, não em tentardes tornar-vos algo diferente do que sois, nem em fazerdes o que acaso desejais fazer, nem em seguirdes a autoridade da tradição, de vossos pais, de vosso *guru,* porém, sim, em compreenderdes o que sois a cada instante.

Mas, vós não sois educados para isso; vossa educação vos estimula a tornar-vos *isto* ou *aquilo* — mas isso não é compreensão de si mesmo. Vosso "Eu" é uma coisa sobremodo complexa, não é meramente a entidade que vai à escola, que briga, que joga, que tem mêdo, mas é também algo que está oculto, que não é evidente. Compõe-se, não apenas de tudo o que pensais, mas também de tôdas as coisas que foram inculcadas à vossa mente por outras pessoas, por livros, pelos jornais, por vossos líderes ou guias; e só é possível compreender tudo isso quando não desejais ser *alguém,* quando não imitais, não seguis ninguém — o que, com efeito, significa *estar em revolta* contra esta tradição de "vir a ser algo". Esta é a única revolução verdadeira, conducente a uma extraordinária liberdade. Cultivar essa liberdade é a verdadeira função da educação.

Vossos pais, vossos mestres, e vossos próprios desejos vos querem identificados com *isto* ou *aquilo,* para serdes felizes, terdes segurança. Mas, para serdes inteligente, não deveis libertar-vos de tôdas as influências que vos escravizam e esmagam?

A esperança de um nôvo mundo está naqueles de vós que começarem a ver o que é falso e a revoltar-se contra o falso, não apenas verbalmente, porém realmente. E esta é a razão por que deveis buscar a educação correta; pois, só crescendo em liberdade, podereis criar um nôvo mundo não baseado na tradição ou moldado de acôrdo com a idiossincrasia de certo filósofo ou idealista.

Mas não haverá possibilidade de liberdade enquanto estiverdes meramente tentando tornar-vos *alguém* ou imitando um exemplo nobre.

Pergunta: Que é inteligência?

KRISHNAMURTI: Examinemos esta questão com vagar, pacientemente, para *descobrir*. *Descobrir* não é chegar a uma conclusão. Não sei se percebeis a diferença. No momento em que chegais a uma conclusão sôbre o que é inteligência, deixais de ser inteligente. Foi isso o que fêz a maioria das pessoas mais velhas: chegaram a conclusões. Por isso, deixaram de ser inteligentes. Descobristes, pois, uma coisa: que a mente inteligente é aquela que está aprendendo constantemente, sem jamais tirar conclusões.

Que é inteligência? A maioria das pessoas se satisfaz com uma definição do que é a inteligência. Ou dizem: "Esta é uma boa explicação", ou preferem sua explicação própria, pessoal. Mas a mente que se satisfaz com explicações é muito superficial e, por conseguinte, ininteligente. Começastes a ver que a mente inteligente não é aquela que se satisfaz com explicações, com conclusões; não é, tampouco, a que crê, porque crença é, também, outra forma de conclusão. A mente inteligente é aquela que investiga, que observa, aprende, estuda. E isso significa o quê? Que só há inteligência quando não há mêdo, quando estais disposto a rebelar-vos contra tôda a estrutura social, a fim de descobrir o que é Deus, descobrir a verdade relativa a qualquer coisa.

Inteligência não é sapiência. Se pudésseis ler todos os livros do mundo, isso não vos daria inteligência. A inteligência é coisa muito sutil; ela não tem ancoradouro. Surge quando compreendeis o processo total da mente — não a mente segundo certo filósofo ou professor, mas vossa própria mente. Vossa mente é o resultado da comunidade inteira e, quando a compreendeis, não necessitais de estudar um só livro, porque ela contém todo o conhecimento do passado. A inteligência, pois, surge com a compreensão de vós mesmo; e só podeis compreender-vos em relação com o mundo das pessoas, das coisas, e das idéias. Inteligência não é coisa adquirível, como a sapiência; ela surge quando há uma grande revolta, isto é, quando não há mêdo; e isso significa: quando há sentimento de amor, pois, quando não há mêdo, há amor.

Se só estais interessado em explicações, receio que ireis achar que não respondi à vossa pergunta. Perguntar o que é inteligência é coisa semelhante a perguntar o que é a vida. A vida é estudo e recreação, sexo, trabalho, disputa, inveja, ambição, amor, beleza, verdade; a vida é tudo, não é? Mas, vêde, os mais de nós não temos paciência para prosseguir, séria e constantemente, nesta investigação.

Pergunta: Pode a mente rude tornar-se sensível?

KRISHNAMURTI: *Escutai* a pergunta, o significado que jaz oculto atrás das palavras. Pode a mente rude tornar-se sensível? Se digo que minha mente é rude e procuro torná-la sensível, o próprio esfôrço para torná-la sensível é rudeza. Vêde bem isso, por favor. Não vos mostreis intrigado — observai! Mas se, ao contrário, reconheço que sou rude, sem desejar mudar de estado, sem procurar tornar-me sensível; se começo a compreender o que é rudeza, se a observo em minha vida de cada dia — minha maneira sôfrega de comer, a rispidez com que trato as pessoas, o orgulho, a arrogância, a vulgaridade de meus hábitos e pensamentos — então essa própria observação transforma *o que é.*

Anàlogamente, se sou estúpido e digo que devo tornar-me inteligente, o esfôrço para me tornar inteligente é apenas uma forma mais ampliada de minha estupidez; porque o importante é compreender a estupidez. Por mais que eu me esforce para me tornar inteligente, minha estupidez permanecerá. Poderei adquirir um superficial verniz de ilustração, ser capaz de citar livros, repetir passagens dos grandes autores, mas, bàsicamente, continuarei estúpido. Porém, se vejo e compreendo a estupidez, conforme se manifesta em minha vida diária — como me comporto com meu empregado, como olho o meu vizinho, o homem pobre, o homem rico, o auxiliar de escritório — então, êsse próprio percebimento provoca a dissolução da estupidez.

Tentai isso. Observai-vos quando falais com vosso serviçal, observai o enorme respeito que mostrais para com o patrão e o pouco caso que fazeis do homem que nada tem para dar-vos. Começareis, então, a descobrir como sois estúpido; e, no compreender da estupidez, há inteligência, sensibilidade. Não tendes de *tornar-vos* sensível. O homem que está tentando tornar-se alguma coisa é feio, insensível; é rude.

Pergunta: Como pode uma criança descobrir o que ela própria é, sem a ajuda dos pais e mestres?

KRISHNAMURTI: Eu disse que uma criança é capaz disso, ou trata-se de vossa própria interpretação do que eu disse? A criança descobrirá o que ela própria é, se o ambiente em que vive a ajuda a fazê-lo. Se os pais e os mestres têm verdadeiro interêsse em que um jovem descubra a si próprio, não o obrigarão a isso; criarão um ambiente em que o jovem possa vir a conhecer-se.

Fizestes esta pergunta; mas, trata-se de um problema vital para vós? Se sentísseis profundamente a importância de a criança descobrir-se a si própria, e que não poderá fazê-lo sob pressão da autoridade, não trataríeis de cooperar para a criação do adequado ambiente? Temos aqui, mais uma vez, a velha atitude: dize-me o que devo fazer, e eu o farei. Não dizemos "Cooperemos para êsse fim". Êsse problema de criar um ambiente em que a criança possa ter conhecimento de si própria concerne a todos: aos pais, aos mestres, e às próprias crianças. Mas o autoconhecimento não pode ser impôsto, a compreensão não pode ser forçada; e, se êste é um problema vital para vós e para mim, para o pai e o mestre, então, juntos, havemos de criar as escolas adequadas.

Pergunta: Dizem-me algumas crianças terem assistido, em suas aldeias, a certos fenômenos sobrenaturais, como, por exemplo, de obsessão, e que têm mêdo de fantasmas, espíritos, etc. Que dizeis a isso?

KRISHNAMURTI: Oportunamente investigaremos o que é a morte. Mas, vêde, o mêdo é uma coisa extraordinária. Vós, crianças, tendes ouvido histórias de fantasmas, contadas por vossos pais, pelas pessoas mais velhas; do contrário, provàvelmente nunca veríeis fantasmas. Alguém vos falou a respeito da obsessão. Sois tão jovens que não podeis saber destas coisas. Não se trata de vossa própria experiência, mas, sim, do reflexo do que vos foi dito por pessoas mais velhas. E os próprios mais velhos muitas vêzes nada sabem acêrca dêsses casos. Apenas leram num livro alguma coisa sôbre o assunto, e pensam tê-lo compreendido. Suscita isto uma questão completamente diferente: há experiência não contaminada pelo passado? Se uma experiência está contaminada pelo passado, ela

é, meramente, uma continuidade do passado e, por conseguinte, não é uma experiência original.

O importante é que aquêles de vós que tratais com crianças cuideis de não incutir-lhes no espírito vossas próprias ilusões, vossas próprias noções acêrca de espíritos, vossas idéias e experiências pessoais. Isto é muito difícil, porquanto as pessoas de mais idade gostam muito de falar sôbre essas coisas não essenciais, de nenhuma importância na vida; assim, gradualmente, comunicam às crianças suas próprias ansiedades, temores e superstições, e as crianças muito naturalmente repetem o que ouvem dizer. É importante que os mais velhos, que, em geral, nada sabem, por experiência pessoal, acêrca dessas coisas, não falem a respeito delas na presença de crianças, porém, ao contrário, tratem de criar uma atmosfera em que as crianças possam crescer em liberdade e sem mêdo.

III

É DE SUPOR que alguns de vós não compreendestes bem o que estivemos dizendo a respeito da liberdade; mas, como já assinalei, muito importa estar aberto para as idéias novas, para o que é fora do habitual. É bom ver o que é belo, mas é necessário, também, observar o lado feio da vida, estar desperto para tudo. Anàlogamente, deveis estar abertos para coisas que talvez não compreendais bem, porque quanto mais pensardes e cogitardes sôbre tais assuntos, talvez um tanto difíceis para vós, tanto maior se tornará a vossa capacidade de viver com plenitude.

Não sei se algum de vós já notou o sol refletido nas águas, ao amanhecer — a suave claridade, a dança das águas escuras, a estrêla matutina acima das árvores, a única estrêla visível no céu! Notais, alguma vez, qualquer dessas coisas? Ou andais tão atarefado, tão ocupado como vossa rotina diária, que esqueceis, ou nunca conhecestes, a própria beleza desta Terra — desta Terra em que juntos temos de viver? Quer nos denominemos comunistas ou capitalistas, hinduístas ou budistas, muçulmanos ou cristãos, quer sejamos cegos, aleijados, ou sãos e felizes, esta Terra é nossa. Compreendeis? É *nossa,* e não de outro; ela não é do homem rico, não é propriedade exclusiva dos governantes poderosos, dos nobres da terra, porém é nossa Terra, vossa e minha! Somos pessoas insignificantes, mas vivemos também nesta Terra; nela temos de viver, todos juntos. Êste mundo é tanto do rico como do pobre, tanto do letrado como do iletrado; é *nosso mundo;* e acho muito importante *sentir* isto e amar a Terra, não apenas ocasionalmente, numa tranqüila manhã, mas a tôdas as horas. E só podemos sentir que êste é nosso mundo, e amá-lo, quando compreendemos o que é liberdade.

Não existe presentemente liberdade; não sabemos o que isso significa. Gostaríamos de ser livres, mas, se observardes, notareis que todos — o mestre, os pais, o advogado, o militar, o policial, o negociante — cada um, em sua pequena esfera, está fazendo alguma coisa para impedir a liberdade. Ser livre não é, meramente, fazerdes o que vos apraz, ou fugirdes das circunstâncias externas que vos tolhem, mas, sim, compreender todo o problema da dependência. Sabeis o que é dependência? Dependeis de vossos pais, não é verdade? Dependeis de vossos mestres, dependeis do cozinheiro, do carteiro, do leiteiro etc. Esta espécie de dependência é fàcilmente compreensível. Mas existe uma qualidade de dependência muito mais profunda e que é necessário compreender, para se poder ser livre: o dependermos de outrem, para nossa própria felicidade. Sabeis o que significa depender de alguém para a própria felicidade? Não é a mera dependência física de outra pessoa o que tanto vos prende, porém a dependência interior, psicológica, da qual recebeis vossa suposta felicidade; porque, quando dependeis de alguém dessa maneira, tornais-vos um escravo. Se, quando ficardes mais velho, dependerdes emocionalmente de vossos pais, ou de vossa espôsa ou marido, de um *guru*, ou de uma idéia, aí já estará em comêço a escravidão. Não compreendemos isso e, no entanto, quase todos nós, principalmente os mais novos, desejamos ser livres.

Para sermos livres, temos de revoltar-nos contra tôda dependência interior, e não podemos revoltar-nos se não compreendemos por que somos dependentes. Enquanto não compreendermos bem a dependência interior, e dela não nos libertarmos, nunca seremos livres, porquanto só nessa compreensão pode haver liberdade. Mas a liberdade não é mera reação. Sabeis o que é "reação"? Se digo alguma coisa que vos ofende, se vos chamo um nome feio e vos zangais comigo, isto é uma reação — reação proveniente da dependência; e a independência é outra reação. Mas, liberdade não é reação; e enquanto não compreendermos e ultrapassarmos a reação, nunca seremos livres.

Sabeis o que significa amar alguém? Sabeis o que significa amar uma árvore, uma ave, um animal de estimação, ao ponto de cuidarmos com desvêlo do ser que amamos, nutri-lo, acarinhá-lo, embora êle nada nos dé em troca — embora a árvore não nos dê sombra, o animal não nos siga os passos e não dependa de

nós? Os mais de nós não amamos dessa maneira; em verdade, não sabemos o que isso significa, porque nosso amor é sempre cercado de ansiedade, de ciúme, de mêdo — e isso implica que estamos dependendo de outrem, interiormente, que desejamos ser amados também. Não amamos simplesmente, sem nada mais desejarmos. Queremos retribuição; e isso justamente, nos torna dependentes.

Assim, pois, a liberdade e o amor andam juntos. O amor não é reação. Se vos amo porque me amais, isto é pura transação, uma compra no mercado. Amar é nada pedir em troca, não sentir, sequer, que se está dando alguma coisa; só êsse amor pode conhecer a liberdade. Mas, vêde, não sois educado para isso. Sois educado para saberdes Matemática, Química, Geografia, História. Aí termina vossa educação, porque o único empenho de vossos pais é ajudar-vos a obter um bom emprêgo e a ter êxito na vida. Se têm dinheiro, talvez vos mandem ao estrangeiro; mas, como acontece no resto do mundo, seu objetivo único é ver-vos ricos e numa respeitável posição social; e, quanto mais alto subirdes, tanto mais sofrimentos causareis a outros, porque, para galgardes posições, tereis de competir, de ser cruéis. Por isso, os pais mandam os filhos para escolas onde se estimule a ambição, onde não haja amor; por isso, uma sociedade como a nossa está sempre em declínio, em luta constante, e, embora os políticos, os juízes, os "nobres da terra" falem de paz, isso nada significa.

Ora, vós e eu devemos compreender todo êsse problema da liberdade. Devemos descobrir por nós mesmos o que significa amar; porque, se não amamos, não teremos consideração para com os outros, não seremos atenciosos. Sabeis o que significa ter consideração a outrem? Quando vêdes uma pedra pontuda num caminho percorrido por muitos pés descalços, vós a retirais, não porque vos pedem que o façais, mas porque vos condoeis de outro, quem quer que seja e ainda que nunca o vejais na vida. Plantar uma árvore e cuidar dela, olhar o rio e fruir a prodigalidade da terra, observar uma ave no ar e a beleza de seu vôo, ter sensibilidade e manter-se aberto a êsse extraordinário movimento que se chama a vida — para tudo isso há necessidade de liberdade; e, para serdes livre, deveis amar. Sem amor, não há liberdade; sem amor, a liberdade é mera idéia, sem nenhum valor. Assim, só os que compreenderam a íntima dependência e dela se libertaram;

que sabem, por conseguinte, o que é amor — só êsses podem conhecer a liberdade; só êles poderão criar uma nova civilização, um mundo diferente.

Pergunta: Qual a origem do desejo, e como posso livrar-me dêle?

KRISHNAMURTI: Um jovem está fazendo esta pergunta. Por que deveria êle libertar-se do desejo? Compreendeis? Disseram-lhe que ser livre de desejos é uma das maiores virtudes e que, livre do desejo, êle poderá "realizar" Deus — ou como quer que se chame essa realidade fundamental; por isso, pergunta: "Qual a origem do desejo e como posso livrar-me dêle?" Mas, a própria ânsia de ficar livre do desejo faz parte ainda do desejo, não é verdade? É, com efeito, inspirada pelo mêdo.

Qual a origem, a fonte, o comêço do desejo? Vêdes uma coisa atraente e a desejais. Vêdes um carro ou um barco, e desejais possuí-lo; ou desejais alcançar a posição de homem rico ou tornar-vos *sanyasi.* É esta a origem do desejo: ver, tocar, do que provém uma sensação, e dessa sensação o desejo. Ora, reconhecendo que o desejo causa conflito, perguntais: "Como posso livrar-me do desejo?" Assim, o que desejais verdadeiramente não é estar livre do desejo, porém estar livre da inquietação, da ansiedade, do sofrimento causado pelo desejo. Desejais estar livre dos amargos frutos do desejo e não do próprio desejo. Muito importa compreender isto. Se pudésseis despojar o desejo do penar, do sofrer, do lutar, de tôdas as ânsias e temores que o acompanham, de modo que só restasse o prazer, quereríeis então ficar livre do desejo?

Enquanto houver desejo de ganho, de realização, de "vir a ser", em qualquer nível que seja, tem de haver, inevitàvelmente, ansiedade, sofrimento, mêdo. A ambição de ser rico, de ser *isto* ou *aquilo,* só desaparecerá quando perceberdes o caráter malsão, a natureza corruptora da própria ambição. No momento em que percebemos que o desejo de poder, em qualquer forma — o poder de um primeiro-ministro, de um juiz, de um sacerdote, de um *guru* — é essencialmente mau, já não temos o desejo de ser poderosos. Mas nós não vemos que a ambição corrompe, que o desejo de poder é mau; pelo contrário, dizemos que nos serviremos do poder "para fazer o bem" — o que é puro contra-senso. Um meio

errôneo não pode ser usado para um fim correto. Se o meio é mau, o fim há de ser mau. O bem não é o oposto do mal; só pode tornar-se existente quando o mal deixou completamente de existir.

Assim, se não compreendemos o pleno significado do desejo, seus resultados e conseqüências indiretas, nenhuma significação tem o simples tentar livrar-nos do desejo.

Pergunta: Como podemos ser livres da dependência enquanto vivermos em sociedade?

KRISHNAMURTI: Sabeis o que é "sociedade"? Sociedade são as relações entre homens, não é exato? Não compliqueis a coisa, citando uma porção de livros; pensai a êste respeito com tôda a simplicidade e vereis que a sociedade são as relações entre vós e mim e outros. As relações humanas constituem a sociedade; e nossa atual sociedade está alicerçada em relações de aquisição, não é verdade? Em geral, queremos dinheiro, poder, posses, autoridade. Num nível ou noutro, queremos posição, prestígio e edificamos, assim, uma sociedade de aquisição. Enquanto formos dados à aquisição, enquanto ambicionarmos posição, prestígio, poder etc., pertenceremos a esta sociedade e, por conseguinte, dela seremos dependentes. Mas, se um homem não deseja nenhuma dessas coisas e permanece sendo simplesmente o que é (o que êle próprio é), com grande humildade, está então fora da sociedade; revolta-se e rompe com a sociedade.

Infelizmente, a educação, hoje em dia, vos prepara para vos submeterdes, adaptardes, ajustardes a esta sociedade de aquisição. Só nisso estão interessados vossos pais, vossos mestres, vossos livros. E, enquanto vos submeteis, enquanto sois ambicioso, ávido, corrompendo e destruindo a outros em vossa busca de posição e poderio, sois considerado um cidadão respeitável. Sois educados para vos adaptardes à sociedade; mas isso não é educação, é apenas um processo de condicionar-vos para vos ajustardes a um padrão. A verdadeira função da educação não é preparar-vos para serdes um funcionário, um juiz ou um primeiro-ministro, porém ajudar-vos a compreender tôda a estrutura desta sociedade corrompida e permitir-vos crescer em liberdade, de modo que sejais capazes de quebrar tôdas as prisões e criar uma sociedade diferente, um mun-

do nôvo. Há necessidade de indivíduos revoltados, não parcialmente, porém totalmente revoltados contra o "velho", pois só tais indivíduos poderão criar um nôvo mundo, um mundo não baseado na aquisição, no poder e no prestígio.

Já estou a ouvir os mais velhos dizerem: "Isso nunca será possível. A natureza humana é o que é, e o que dizeis é puro absurdo." Mas nunca pensamos em descondicionar a mente adulta e em *não condicionar* a criança. Ora, por certo, a educação é tanto curativa como preventiva. Vós, estudantes mais velhos, já estais moldados; condicionados, já sois ambiciosos; desejais ter êxito como vosso pai, vosso chefe, ou outro qualquer. Assim, a verdadeira função da educação é não só ajudar-vos a "descondicionar-vos", mas também ajudar-vos a compreender o inteiro processo do viver, dia por dia, para que possais crescer em liberdade e criar um nôvo mundo — um mundo totalmente diferente do atual. Infelizmente, nem os pais, nem os mestres, nem o público em geral, estão interessados nisso. Eis por que a educação deve ser um processo de educar tanto o educador como o estudante.

Pergunta: Por que lutam os homens?

KRISHNAMURTI: Por que brigam os meninos? Vós brigais, às vêzes, com vosso irmão ou com outros companheiros, aqui, não? Por quê? Brigais por causa de um brinquedo. Outro menino levou a vossa bola ou vosso livro e, por isso, brigais. Os adultos lutam exatamente pela mesma razão, e a diferença é só que os seus brinquedos são posição, riqueza, poder. Se vós desejais poderio e eu também quero poderio, lutamos; e é também por isso que as nações se guerreiam. Vêde como é simples isso; mas acontece que os filósofos, os políticos e as chamadas pessoas religiosas, o tornam complicado. É uma grande arte ter abundância de conhecimento e de experiência — conhecer as riquezas da vida, a beleza da existência, as lutas, as aflições, os risos, as lágrimas — e ao mesmo tempo saber conservar a mente muito simples; e só podeis ter uma mente simples, quando sabeis amar.

Pergunta: Que é ciúme?

KRISHNAMURTI: O ciúme implica insatisfação com o que sois e inveja a outros, não é verdade? O próprio descontentamento com

o que sois é o comêço da inveja. Desejais igualar-vos a outro que tem mais conhecimentos, ou que é mais belo ou possui uma casa maior, ou que tem mais poder, uma posição melhor do que a vossa. Desejais ser mais virtuoso, desejais saber meditar melhor, desejais alcançar Deus, ser diferente do que sois; por essa razão sois invejoso, ciumento. A compreensão do que sois é dificílima, porquanto requer estejais completamente libertado do desejo de mudar o que sois para outra coisa. Vosso desejo de mudança gera inveja, ciúme; ao passo que, na compreensão do que sois, há uma transformação do que sois. Mas, vêde, vossa educação vos impele a procurar ser diferente do que sois. Quando tendes ciúme, dizem-vos: "Ora, não sejais ciumento; isto é terrível." E, assim, lutais para não serdes ciumento; mas êsse próprio lutar faz parte do ciúme, porquanto significa que desejais ser diferente.

Uma linda rosa é uma linda rosa; mas nós, entes humanos, fomos dotados da capacidade de pensar, e pensamos errôneamente. Saber *como* pensar exige muita penetração, compreensão, mas saber *o que* pensar é relativamente fácil. Nossa atual educação consiste em ensinar-nos *o que* pensar; ela não nos ensina *como* pensar, como penetrar, explorar. É só quando tanto o mestre como o estudante sabem *pensar* que a escola é digna de seu nome.

Pergunta: Por que nunca estou satisfeita com coisa alguma?

KRISHNAMURTI: É uma menina que está fazendo esta pergunta e estou certo de que não lhe foi "soprada" por outro. Com sua pouca idade, deseja saber por que nunca está satisfeita. E vós, adultos, que dizeis a isso? É vossa obra: criastes êste mundo em que uma menina tão pequena pergunta por que nunca está satisfeita com coisa alguma. Sois tidos por educadores, mas não vêdes a tragédia que aí está. Costumais meditar, mas estais embotados, cansados, interiormente mortos.

Por que nunca estão satisfeitos os entes humanos? Não é porque estão em busca da felicidade e porque pensam que, pela constante variação, serão felizes? Passam de um emprêgo para outro, de um estado de relação para outro, de uma religião ou ideologia para outra, pensando que, com êsse constante movimento de mudança, encontrarão a felicidade; ou ainda, procuram um canto isolado da vida, e aí se deixam estagnar. Ora, por certo,

o contentamento é coisa muito diferente. Só se torna existente quando vêdes a vós mesmo, tal como sois, sem nenhum desejo de mudança, nenhuma condenação ou comparação — o que não significa aceitar simplesmente o que se vê e deitar-se a dormir. Mas, quando a mente já não está comparando, julgando, avaliando e é, portanto, capaz de ver o que *é*, de instante em instante, sem desejar alterá-lo — nesse próprio percebimento se encontra o Eterno.

Pergunta: Por que devemos ler?

KRISHNAMURTI: Por que deveis ler? Escutai, bem quietos, o que vou dizer. Nunca perguntais por que deveis brincar, por que deveis comer, por que deveis olhar o rio, por que sois cruel — não é verdade? Só vos rebelais e perguntais por que deveis fazer uma certa coisa quando não gostais de fazê-la. Mas o ler, o brincar, o ser cruel, o ser bom, o ver o rio, as nuvens — tudo isso faz parte da vida; e, se não sabeis ler, se não sabeis andar, se não sabeis apreciar a beleza de uma fôlha, não estais vivendo. Deveis compreender a totalidade da vida, e não apenas uma parte dela. É por isso que deveis ler, que deveis olhar o céu; é por isso que deveis cantar e dançar e escrever poesias, e sofrer, e comprender; porque tudo isso é a vida.

Pergunta: Que é timidez?

KRISHNAMURTI: Não vos sentis acanhado ao verdes um estranho? Não vos sentistes acanhado ao fazerdes esta pergunta? Não vos sentiríeis acanhado se, como eu, estivésseis sentado neste estrado a discursar? Não sentis uma certa perturbação, um certo embaraço, um desejo de ficar imóvel, quando se vos depara sùbitamente uma bela árvore, uma flor delicada, uma ave deitada em seu ninho? — É bom ser "acanhado", mas, na maioria dos casos, o acanhamento denota que a pessoa está "cônscia de si própria" *(self-conscious)* (1). Quando nos vemos em presença de uma pessoa importante — se uma tal pessoa existe — tornamo-nos "cônscios

(1) *Self-conscious:* cônscio dos próprios atos ou estados. N. do T.

de nós mesmos". Pensamos: "Como é importante êste homem, como é notável — e eu não sou *ninguém.*" Por isso, uma pessoa se torna acanhada, ou seja, "cônscia de si própria". Mas há uma timidez de espécie diferente e que é delicadeza, sensibilidade; nesta não há "consciência da própria pessoa" *(self-consciousness)* ([2]).

([2]) *Self-consciousness:* embaraço causado pela "consciência de si próprio", da própria falta de jeito, etc., nas relações sociais. (Cf. Dicionário de Webster). N. do T.

IV

Por que estais aqui a escutar-me? Já alguma vez considerastes por que escutais outras pessoas? E que significa escutar a alguém? Aqui estais sentados, em frente a um homem que está falando. Estais *escutando* com o fim de ouvir algo que confirme vosso pensamento, que "confira" com vossas próprias idéias, ou estais escutando com o fim de *descobrir?* Percebeis a diferença? Escutar para *descobrir* tem significado muito diferente do escutar que tem meramente o fim de ouvir algo que confirme o que vós mesmo pensais. Se estais apenas em busca de confirmação, de algo que corrobore vosso próprio modo de pensar, tem êsse escutar muito pouca significação. Mas, se estais escutando com o fim de *descobrir,* então vossa mente é livre, não está prêsa a coisa alguma; ela é então muito perspicaz, penetrante, investigadora, curiosa e, por conseguinte, capaz de descobrimento. Assim sendo, não achais muito importante considerar por que escutais, e *o que* desejais escutar aqui?

Já alguma vez estivestes sentado em profundo silêncio, com vossa atenção não fixada em coisa alguma, sem fazer qualquer esfôrço para vos concentrardes, porém com a mente muito quieta, realmente tranqüila? Ouvis tudo, então, não é verdade? Ouvis os barulhos distantes, os mais aproximados, e os que se produzem muito perto de vós — os sons imediatos. Isso, com efeito, significa que estais *escutando tudo.* Vossa mente não está confinada num único e estreito canal. Se sabeis escutar desta maneira, escutar com naturalidade, sem tensão, vereis acontecer dentro em vós uma coisa extraordinária, uma transformação que se verifica independentemente de vossa vontade, e sem a solicitardes; e nessa transformação há grande beleza e profundidade de discernimento.

Experimentai isso uma vez; experimentai-o agora. Enquanto estais aqui escutando, escutai não apenas a mim, mas a tudo o que vos cerca. Escutai todos os sons — os chocalhos das vacas e os sinos do templo, o trem distante e as carroças que passam na estrada; e se, chegando-vos mais para perto, escutardes a mim também, descobrireis que há grande profundeza no escutar. Mas, para isso, necessitais de uma mente muito quieta. Se desejais deveras *escutar,* vossa mente está naturalmente quieta, não é verdade? Não sois, então, distraído por nada que sucede em vossas proximidades; vossa mente está quieta, porque estais escutando tudo, profundamente. Se puderdes escutar desta maneira, com naturalidade, com agrado, vereis ocorrer uma extraordinária transformação em vosso coração, em vossa mente — transformação em que não pensastes prèviamente, e que de nenhum modo produzistes.

O pensamento é uma coisa muito estranha, não? Sabeis o que é pensamento? O pensamento ou pensar é, para a maioria das pessoas, algo que foi coordenado pela mente, e cada um está pronto a bater-se em defesa de seus próprios pensamentos. Mas, se realmente puderdes escutar tudo — o marulhar da água à beira do rio, o canto dos pássaros, o chôro de uma criança, os ralhos de vossa mãe, as ameaças de um companheiro, as implicâncias de vossa espôsa ou marido — vereis que, então, ultrapassais as palavras, ultrapassais as meras expressões verbais que tanto atenazam o vosso ser.

É muito importante ultrapassar a mera expressão verbal, porque, afinal de contas, que é que todos nós desejamos? Jovens ou velhos, inexperientes ou amadurecidos, todos desejamos ser felizes, não é verdade? Como estudantes, desejamos ser felizes nas partidas que jogamos, nos estudos, na execução das pequenas coisas que gostamos de fazer. E, tornando-nos mais velhos, buscamos a felicidade nas posses, no dinheiro, em ser donos de uma bonita casa, de uma espôsa ou marido compreensivo, de um bom emprêgo. Quando essas coisas deixam de satisfazer-nos, passamos a outra coisa. Dizemos "Devo ser desapegado porque assim serei feliz". Começamos, pois, a "praticar" o desapêgo. Abandonamos a família, as posses e nos retiramos do mundo. Ou ingressamos em alguma ordem religiosa e pensamos que seremos felizes se nos reunirmos para falar sôbre fraternidade, se seguirmos um líder, um *guru,* um

Mestre, um ideal, se crermos no que, essencialmente, é um meio de enganarmos a nós mesmos, uma ilusão, uma superstição.

Entendeis o que estou dizendo?

Quando penteais os cabelos, quando vestis roupas limpas e vos adornais, tudo isso faz parte de vosso desejo de ser feliz, não? Quando passais nos exames e acrescentais algumas letras do alfabeto ao vosso nome; quando obtendes um emprêgo, adquiris uma casa e outros bens; quando vos casais e tendes filhos; quando ingressais numa sociedade religiosa, cujos guias alegam receber mensagens de Mestres invisíveis — atrás de tudo isso está aquela compulsão a encontrar a felicidade.

Mas, vêde, a felicidade não vem tão fàcilmente assim, pois a felicidade não se acha em nenhuma dessas coisas. Podeis experimentar prazer, encontrar uma satisfação nova, porém, mais cedo ou mais tarde, tudo se torna cansativo. Porque não há felicidade duradoura nas coisas que conhecemos. Ao beijo segue-se a lágrima, ao riso a aflição e a desolação. Tudo fenece e declina. Assim, enquanto estais jovens, deveis começar a descobrir o que é essa coisa estranha chamada Felicidade. Esta é uma parte essencial da educação.

A felicidade não vem quando estais lutando para alcançá-la. Eis o grande segrêdo — embora isso seja muito fácil de dizer. Eu posso dizê-lo em poucas e simples palavras; mas, pelo simples fato de me escutardes e de repetirdes o que ouvis, não ides ser felizes. Coisa estranha, a felicidade: ela só vem quando a não buscais. Quando nenhum esfôrço estais fazendo para serdes feliz, então, inesperadamente, misteriosamente, surge a felicidade, nascida da pureza, da beleza do viver pleno. Mas isso exige muita compreensão, e não que ingresseis em alguma organização ou procureis tornar-vos *alguém*. A Verdade não é coisa conquistável. Surge quando vossa mente e vosso coração foram depurados de todo impulso de luta, e já não estais tentando tornar-vos alguém; ela está presente quando a mente está muito quieta, *escutando,* num plano atemporal, tudo o que se passa. Podeis escutar estas palavras, mas, para haver felicidade, deveis descobrir como libertar a mente de todo temor.

Enquanto tiverdes mêdo de alguém ou de alguma coisa, não pode haver felicidade. Não haverá felicidade enquanto temerdes vossos pais, vossos mestres, enquanto recceardes não passar nos

exames, não progredir, não poder aproximar-vos do Mestre, da Verdade, não merecer louvores, lisonjas. Mas se, realmente, nada temerdes, vereis então — ao despertardes uma bela manhã ou ao dardes um passeio a sós — acontecer de repente algo extraordinário: sem ser chamado, nem solicitado, nem procurado, aquilo a que se pode chamar Amor, Verdade, Felicidade, se manifesta sùbitamente.

Eis por que tanto importa que sejais educados corretamente enquanto estais jovens. O que atualmente chamamos educação não é de modo nenhum educação, porque ninguém vós fala dessas coisas. Vossos mestres preparam-vos para passardes nos exames, mas não vos falam sôbre o viver. Os mais de nós conseguimos apenas subsistir, arrastar-nos de alguma maneira pela vida e, por isso, a vida se torna uma coisa terrível. O viver realmente exige abundância de amor, de sensibilidade ao silêncio, grande simplicidade a par de abundante experiência. Requer uma mente capaz de pensar com tôda a clareza, não tolhida pelo preconceito ou a superstição, pela esperança ou o mêdo. Tudo isso é a vida, e se não estais sendo educados para viver, vossa educação é completamente sem significação. Podeis aprender a ser muito asseados, a ter boas maneiras, e podeis passar em todos os vossos exames; mas, dar importância primária a essas coisas, enquanto tôda a estrutura da sociedade está a esboroar-se, é o mesmo que estar a limpar e a polir as unhas, com a casa a arder. Vêde, ninguém vos fala sôbre nada disto, ninguém examina nada, junto convosco. Assim como passais dias sucessivos estudando certas matérias — Matemática, História, Geografia — deveríeis, também, passar uma boa parte de vosso tempo falando sôbre êstes assuntos profundos, pois isso dá riqueza à vida.

Pergunta: A adoração de Deus não é a verdadeira religião?

KRISHNAMURTI: Vejamos, primeiramente, o que *não é* religião. Não é esta a maneira correta de nos abeirarmos desta questão? Se pudermos compreender o que *não é* religião, então talvez comecemos a perceber "uma outra coisa". Isso é como limpar uma vidraça suja: começa-se a distinguir claramente o que está do outro lado. Vejamos se poderemos compreender e varrer de nossa mente aquilo que não é religião. Não digamos: "Vou refletir sôbre

isso" — para ficarmos apenas "manipulando" palavras. Talvez possais fazer o que estou dizendo, mas a maioria das pessoas mais velhas já está prêsa na rêde; sentem-se confortàvelmente instaladas naquilo que não é religião, e não desejam ser perturbadas.

Assim, o que *não é* religião? Já refletistes nisto? Têm-vos ênsinado, incansàvelmente, o que se supõe ser religião — crença em Deus e em dúzias de coisas — mas jamais vos convidaram a descobrir o que *não é* religião; mas agora vós e eu vamos descobrir isso por nós mesmos.

Ao escutardes, a mim ou a outro qualquer, não vos limiteis a aceitar o que se diz, mas escutai com o fim de discernir a verdade relativa à questão. Uma vez tenhais percebido por vós mesmo o que não é religião, então, em todo o curso de vossa vida, nenhum sacerdote ou livro poderá enganar-vos, nenhum sentimento de mêdo criará ilusões e vos fará crer nelas e segui-las. Para descobrirdes o que *não é* religião, tendes de começar no nível do trivial e, depois, ir subindo. Para se poder ir longe, é preciso começar com o que está perto, e o primeiro degrau é o mais importante de todos. Assim, que *não é* religião? Cerimônias é religião? Praticar *puja,* vêzes sôbre vêzes, é religião?

A verdadeira educação consiste em aprender a *pensar,* e não *o que* pensar. Se *sabeis pensar,* se realmente tendes esta capacidade, sois então um ser humano *livre* — livre de dogmas, de superstições, de cerimônias — e por conseguinte sois capaz de descobrir o que *é* religião.

As cerimônias evidentemente não são religião, pois, quando celebrais cerimônias, estais meramente repetindo uma fórmula que vos foi transmitida. Podeis encontrar um certo prazer no celebrar cerimônias, assim como outros encontram prazer no fumar e no beber; mas, isso é religião? Quando celebrais cerimônias, estais fazendo algo a cujo respeito nada sabeis. Vosso pai e vosso avô o fazem, se não o fizerdes também vos repreenderão. Isto não é religião, é?

E, que se encontra num templo? Uma imagem talhada por um ente humano segundo sua própria imaginação. A imagem poderá ser um símbolo, mas será sempre uma simples imagem e não *a coisa real.* Um símbolo, uma palavra, não é a coisa que representa. A palavra "porta" não é *a porta,* é? A palavra não

é a coisa. Vamos ao templo adorar — o quê? Uma imagem que se supõe ser um símbolo; mas nenhum símbolo é a coisa real. Então, por que ir ao templo? — Tudo isso são fatos; eu não estou condenando nada; e, uma vez que se trata de fatos, por que nos preocuparmos a respeito de quem entra no templo? Que importa se êle é "tocável" ou "intocável", brâmane ou não-brâmane? Que importa isso? Os mais velhos fizeram do símbolo religião, e por sua causa estão prontos a disputar, a lutar, a matar; mas, Deus não está aí. Deus nunca é um símbolo. Por conseguinte, a adoração de um símbolo ou imagem não é religião.

E crença é religião? Isto já é mais complexo. Começamos com o que estava mais perto, e agora vamos dar um passo para mais longe. Crença é religião? Os cristãos crêem de uma maneira, os hinduístas de outra, os muçulmanos de outra, os budistas de outra mais — e todos se consideram muito religiosos; todos têm seus templos, seus deuses, suas cerimônias e crenças. Isto é religião? É religião crer em Deus, em Rama, Sita, Ishwara e quejandos? Como adquiris uma crença? Credes, porque vosso pai e vosso avô crêem; ou, tendo lido algo que supostamente foi dito por um certo instrutor, Sankara ou Buda, credes nisso e o declarais verdadeiro. A maioria de vós crê sem reservas no que está no Gita; por conseguinte, não o examinais com claro e simples percebimento, como examinais outro livro qualquer. Não tentais descobrir o que é verdadeiro.

Vimos que as cerimônias não são religião, que ir ao templo não é religião, e que crença não é religião. Os cristãos têm suas crenças e, por isso, estão separados dos de outras crenças e também divididos entre si; os hinduístas se acham num estado de perene inimizade, crendo-se brâmanes ou não-brâmanes, isto ou aquilo. A crença, pois, traz inimizade, divisão, distinções, e isso, muito evidentemente, não é religião.

Que *é*, então, religião? Se limpastes bem a vidraça — isto é, se deixastes de celebrar cerimônias, se abandonastes tôdas as crenças, se deixastes de seguir qualquer guia ou *guru*, então, vossa mente, como a vidraça, está limpa, polida, e podeis ver muito claramente através dela. Quando se varrerem da mente tôdas as imagens, rituais, crenças, símbolos, tôdas as palavras, *mantrams* e repetições, e todo o temor, então o que virdes será o Real, o Atemporal, o Eterno — a que se pode chamar "Deus". Mas ne-

cessita-se, para tanto, de discernimento, compreensão e paciência fora do comum, e só aos que investigam interessadamente o que é religião, dia por dia, até o fim, será dado saber o que é a verdadeira religião. Os demais estão apenas a declamar palavras; e os ornatos e decorações de que cobrem o corpo, e seus *pujas,* e seu tanger de sinos — tudo é pura superstição, sem nenhuma significação Só quando a mente está em revolta contra o que se supõe ser religião, só então descobre o Real.

V

Já ALGUMA VEZ estivestes sentados e quietos, completamente imóveis? Experimentai isso; ficai sentados, bem quietos, com o dorso erecto, e observai o que está fazendo a vossa mente. Não tenteis controlá-la, não digais que ela não deve saltar de um pensamento para outro, de um interêsse para outro, porém ficai, simplesmente, cônscio dêsses saltos. Não façais nada, mas observai tudo, assim como da margem de um rio observais as águas que correm. No rio fluente há tantas coisas — peixes, fôlhas, cadáveres de animais — mas o rio está sempre vivo, em movimento. Assim é vossa mente; sempre inquieta, a esvoaçar de uma coisa para outra, qual uma borboleta.

Quando escutais uma canção, de que maneira *escutais?* Podeis gostar da pessoa que está cantando, de seu rosto, e acompanhar a significação das palavras; mas, atrás de tudo isso, ao escutardes uma canção, escutais as notas e o silêncio entre as notas, não é verdade? Do mesmo modo, tentai ficar muito quietos, sem vos remexerdes, sem moverdes as mãos ou mesmo os pés, e observai vossa mente. Isto é muito "divertido". Se o tentardes como recreação, como coisa divertida, vereis que a mente começa a aquietar-se, sem nenhum esfôrço de vossa parte para controlá-la. Não há então censor, nem juiz, nem avaliador; e quando a mente se aquieta assim, por si mesma, espontâneamente, descobris então o que significa estar alegre. Sabeis o que é alegria? É o rir, o deleitar-se com qualquer coisa ou mesmo nada, é conhecer a alegria de viver, sorrir, olhar direto no rosto de outra pessoa, sem nenhum sentimento de mêdo.

Já olhastes alguém diretamente no rosto? Já olhastes o rosto de vosso mestre, de vosso pai, de vossa mãe, do funcionário im-

portante, do serviçal, do pobre cule, e vistes o que acontece? Os mais de nós tememos olhar para outras pessoas diretamente no rosto; e outros não gostam que os olhemos dessa maneira, porque também êles têm mêdo. Ninguém deseja revelar a si próprio; todos nos mantemos "em guarda", ocultando-nos atrás de várias camadas de aflição, sofrimento, ânsias, esperanças, e são muito poucos os que podem olhar-vos direto no rosto, e sorrir. E é muito importante sorrir, ser feliz; porque, se não temos uma canção no coração, nossa vida se torna sobremodo monótona. Podeis passar de uma igreja para outra, trocar de marido ou de mulher, ou encontrar um nôvo instrutor ou *guru;* mas, se não há essa alegria interior, tem a vida muito pouca significação. E encontrar essa alegria não é fácil, porque a maioria de nós só está superficialmente descontente. Sabeis o que significa "estar descontente"? É muito difícil compreender o descontentamento, porque quase sempre "canalizamos" o descontentamento numa certa direção e, dessa maneira, o sufocamos. Isto é, nosso único empenho é de nos estabilizarmos numa posição segura, com interêsses bem consolidados, e prestígio, a fim de não sermos perturbados. Isto acontece nos lares e nas escolas também. Os mestres não desejam ser perturbados, e é por isso que seguem a velha rotina; porque, no momento em que uma pessoa está realmente descontente e começa a investigar e a duvidar, não pode deixar de haver perturbação. Mas é só quando há verdadeiro descontentamento que uma pessoa tem iniciativa.

Sabeis o que é iniciativa? Tendes iniciativa quando *iniciais* ou começais uma coisa, sem terdes sido inspirado por ninguém. Não é necessário que seja coisa muito importante ou extraordinária — isso poderá ficar para mais tarde; mas já existe a centelha da iniciativa quando plantais uma árvore por vossa própria conta, e quando sois espontâneamente bondoso, quando dais um sorriso ao homem que transporta pesada carga, quando afastais uma pedra da estrada ou acariciais um animal que encontrais no caminho. Este é o modesto comêço da extraordinária iniciativa de que necessitareis para conhecerdes essa coisa maravilhosa que se chama "criação". A capacidade de criar tem suas raízes na iniciativa, que só pode nascer quando há descontentamento profundo.

Não temais o descontentamento; tratai, antes, de entretê-lo, até que a centelha se converta em chama e vos vejais perenemente

descontentes com tudo: com vossos empregos, vossas famílias, com a tradicional ânsia de dinheiro, de posição, de poder. Assim começareis a pensar, a descobrir realmente. Mas, quando fordes mais velhos, vereis quanto é difícil manter êsse espírito de descontentamento. Tereis filhos para sustentar, e as exigências de vosso emprêgo deverão ser levadas em consideração; a opinião de vossos vizinhos, da sociedade, influirá cada vez mais em vossa vida, e, nessas condições, não tardareis a perder a chama ardente do descontentamento. Quando vos sentirdes descontente, tratareis de ligar o rádio, de procurar o *guru*, de praticar *puja*, de ir para o clube, de beber, de procurar mulheres; tudo fareis para sufocar a chama. Mas, vêde, sem essa chama do descontentamento, nunca tereis iniciativa — que é o comêço da criação. Para descobrirdes o verdadeiro, deveis estar revoltado contra a ordem estabelecida; mas, quanto mais dinheiro tenham os vossos pais, quanto mais seguros vossos mestres se sintam em seus empregos, tanto menos desejarão que vos revolteis.

Criação não é simples questão de pintar quadros ou escrever poesias — coisas boas, aliás, mas que por si sós muito pouco representam. O importante é estardes totalmente descontente, porquanto êsse descontentamento total é o comêço da iniciativa, que, uma vez amadurecida, se torna criadora; e esta é a única maneira de descobrir o que é a Verdade, o que é Deus, porquanto o estado criador *é* Deus.

Assim, pois, deve cada um ter êsse descontentamento total — mas com alegria. Compreendeis? Deve cada um estar totalmente descontente, mas sem lamentações: com deleite, com alegria, com amor. Os que se sentem descontentes são em maioria terríveis importunadores: estão sempre a queixar-se de que isto ou aquilo não está certo, ou desejando um emprêgo melhor ou que as circunstâncias fôssem diferentes — por que o seu descontentamento é muito superficial. E os que absolutamente não estão descontentes, êsses já estão mortos.

Se puderdes, enquanto jovens, manter-vos num estado de revolta e, à medida que vos tornardes mais velhos, conservar vivo o vosso descontentamento, com a vitalidade da alegria e da afeição intensa, terá então extraordinário significado essa chama do descontentamento: ela construirá, criará, tornará existentes coisas novas. Para isso, necessitais da educação correta, que não é aquela

que meramente vos prepara para obter emprêgo ou galgar a escada do sucesso, porém, sim, a educação que vos ajuda a pensar e vos proporciona *espaço;* "espaço", não na forma de um aposento maior ou de um teto mais alto: espaço para vossa mente desenvolver-se, não tolhida por nenhuma crença, nenhum temor.

Pergunta: O descontentamento impede o pensar claro. Como superar êste obstáculo?

KRISHNAMURTI: Não parece que estivestes *escutando* o que estive dizendo; provàvelmente estáveis muito interessado em vossa pergunta, preocupado sôbre como formulá-la. É isto o que todos, diferentemente, estais fazendo. Cada um tem uma certa preocupação, e, se o que digo não é o que desejais ouvir, tratais de afastá-lo para o lado, porque vossa mente está ocupada com vosso próprio problema. Se o interrogante tivesse *escutado* o que eu disse, *sentido* a íntima natureza do descontentamento, da alegria, do *ser criador,* não creio que fizesse esta pergunta.

Ora, o descontentamento impede o pensar claro? E que é "pensar claro"? É possível pensar muito claramente quando com o nosso pensar desejamos obter alguma coisa? Se vossa mente está interessada num resultado, podeis pensar com clareza? Ou só podeis pensar muito claramente quando não visais a nenhum fim, nenhum resultado, quando não estais tentando ganhar alguma coisa?

E podeis pensar muito claramente se tendes algum preconceito, alguma crença, isto é, se pensais como hinduísta, como comunista, ou como cristão? Ora, por certo, só podeis pensar com bastante clareza quando vossa mente não está "amarrada" a uma crença, como um macaco amarrado a um poste; só podeis pensar muito claramente quando não estais em busca de nenhum resultado; só podeis pensar assim quando nenhum preconceito tendes. Tudo isto significa, em suma, que só podeis pensar clara, simples e diretamente, quando vossa mente já não tem interêsse em alcançar nenhuma espécie de segurança e, por conseguinte, está livre do mêdo.

Assim, a um certo respeito, o descontentamento de fato impede o pensar claro. Quando, com vosso descontentamento, visais a um resultado, ou quando procurais abafar o descontenta-

mento porque vossa mente detesta ser perturbada e deseja a todo custo estar sossegada, em paz, então é impossível o pensar claro. Mas, se estais descontente com tudo — com vossos preconceitos, com vossas crenças, vossos temores, e não andais buscando nenhum resultado, então êsse próprio descontentamento vos foca o pensamento, não em determinado objeto ou em determinada direção, mas o vosso inteiro processo pensante se torna muito simples, direto e claro.

Jovens ou velhos, quase todos estamos descontentes porque desejamos alguma coisa — mais conhecimento, emprêgo melhor, um carro mais belo, um ordenado mais alto. Nosso descontentamento está baseado no desejo de *mais*. É só por desejar algo *mais* que a maioria de nós está descontente. Mas não estou falando sôbre esta espécie de descontentamento. É o desejo de *mais* que impede o claro pensar. Mas se, ao contrário, não estamos descontentes porque desejamos alguma coisa, porém descontentes, sem sabermos o que desejamos; se estamos descontentes com os nossos empregos, com o ganhar dinheiro, com o desejo de posição e de poder, com a tradição, com o que temos e o que poderíamos ter; se estamos insatisfeitos, não com uma dada coisa em particular, mas com tudo, penso que então descobriremos que nosso descontentamento traz clareza. Quando não aceitamos ou seguimos, porém duvidamos, investigamos, penetramos, há um discernimento do qual provém a criação, a alegria.

Pergunta: Que é autoconhecimento, e como alcançá-lo?

KRISHNAMURTI: Percebeis a mentalidade que inspira esta pergunta? Não estou desacatando o interrogante, mas, consideremos essa mentalidade que pergunta: "Como posso obter isso, por quanto posso comprá-lo? Que devo fazer, que sacrifício, que disciplina ou meditação devo praticar a fim de obtê-lo?" É uma mente mecânica, medíocre, aquela que diz: "Farei *isto* a fim de obter *aquilo*." As pessoas chamadas "religiosas" pensam desta maneira. Mas, por êste caminho, ninguém chega ao autoconhecimento. Não podeis comprá-lo mediante um certo esfôrço ou prática. O autoconhecimento vem quando observais a vós mesmo nas relações com vossos colegas e vossos mestres, com tôdas as pessoas que vos cercam; vem ao observardes as maneiras de outrem, seus

gestos, seu modo de trajar, de falar, seu desprêzo ou lisonja e vossa reação; vem quando observais tudo o que se passa em vós e ao redor de vós e vos vêdes tal como vêdes vosso rosto num espelho. Quando vos olhais ao espelho, vêde-vos como sois, não é verdade? Podeis desejar que vossa cabeça fôsse de forma diferente, com um pouco mais de cabelo, e que vosso rosto fôsse um pouquinho menos feio; mas, *o fato* está à vossa frente, claramente refletido no espelho, e não podeis afastá-lo para o lado, dizendo: "Que belo que sou!"

Ora, se puderdes olhar-vos no espelho das relações exatamente da mesma maneira como vos olhais num espelho comum, então nunca terá fim o autoconhecimento. É como entrar num oceano insondável e sem praias. Os mais de nós desejamos alcançar um fim, queremos habilitar-nos a dizer: "Alcancei o autoconhecimento e sou feliz"; mas, assim não é, de modo nenhum. Se puderdes olhar-vos sem condenar o que vêdes, sem comparar-vos com outra pessoa, sem desejar ser mais belo ou mais virtuoso; se puderdes simplesmente olhar o que sois e seguir vosso caminho com *isso*, vereis que então é possível ir infinitamente longe. Não há então fim à jornada, e nisso é que consiste o mistério, a beleza do autoconhecimento.

Pergunta: Que é a alma?

KRISHNAMURTI: Nossa cultura, nossa civilização inventou a palavra "alma" — sendo que "civilização" é o desejo coletivo, a vontade coletiva de muitos indivíduos. Olhai a civilização indiana. Não é ela o resultado de um grande número de pessoas, com seus desejos, sua vontade? Tôda civilização é produto do que se pode chamar "vontade coletiva"; e, no caso em aprêço, a vontade coletiva declarou que deve haver algo mais do que o corpo físico que morre e se decompõe, algo muito maior e mais vasto, algo indestrutível, imortal; foi assim que se consolidou a idéia da alma. De tempos a tempos poderão ter surgido uma ou duas pessoas que, por si próprias, descobriram algo a respeito dessa coisa extraordinária chamada "imortalidade", um estado em que não existe a morte, e, depois, todos os espíritos medíocres disseram: — "Sim; isto deve ser verdade, deve estar certo", e, porque desejam a imortalidade, ficaram apegados à palavra "alma".

Vós também desejais saber se existe algo mais do que a mera existência física, não é verdade? Essa ronda contínua de ir para o escritório, trabalhar numa coisa em que não se tem nenhum interêsse vital, disputar, invejar, gerar filhos, tagarelar com o vizinho, dizer futilidades — desejais saber se existe algo mais do que tudo isso. A própria palavra "alma" corporifica a idéia de um estado indestrutível, atemporal, não é verdade? Mas, vêde, não procurais averiguar, por vós mesmo, se há ou não há um tal estado. Não dizeis: "Não importa o que disse Cristo, Sankara ou outro qualquer, e tampouco importam os ditames da tradição, da chamada civilização; vou averiguar por mim mesmo se há ou não há um estado além da estrutura do tempo." Não vos revoltais contra o que a civilização ou "vontade coletiva" formulou; pelo contrário, o aceitais e dizeis: "Sim, existe uma alma." Vós chamais essa formulação por um nome, outro a chama por outro nome e, depois, vos desunis e vos tornais inimigos, por causa de vossas crenças antagônicas.

O homem que deseja realmente descobrir se há, ou não, um estado além da estrutura do tempo, deverá estar livre da civilização; deverá estar livre da "vontade coletiva", deverá estar *só*. E esta é uma parte essencial da educação: aprender a estar só, para não se ficar dominado pela vontade de muitos ou pela vontade de um só e, por conseguinte, ser capaz de descobrir por si mesmo o que é verdadeiro.

Não dependais de ninguém. Eu ou outro poderá dizer-vos que há um estado atemporal, mas que valor tem isso para vós? Se tendes fome, quereis comer e não desejais ser alimentado com meras palavras. O importante é *descobrirdes* por vós mesmo. Podeis ver que tudo ao redor de vós está a decompor-se, a ser destruído. Esta chamada civilização não está sendo mantida coesa pela vontade coletiva: está a desintegrar-se. A vida vos está desafiando a cada momento e, se meramente "respondeis" ao desafio segundo vossa rotina habitual, vossa "resposta" não tem então validade alguma. Só podeis descobrir se há, ou não, um estado atemporal, um estado sem movimento no sentido de *mais* ou de *menos*, quando dizeis: "Não vou aceitar nada; vou investigar, explorar" — o que significa que não tendes mêdo de estar só.

VI

Quase todos nós estamos apegados a uma certa parte insignificante da vida, e pensamos que, através dessa parte, descobriremos o todo. Sem sairmos de nosso quarto, achamos que podemos explorar tôda a extensão e tôda a amplidão do rio e perceber a riqueza dos verdes prados que o margeiam. Vivendo em estreito aposento, pintamos uma pequena tela e pensamos ter "tomado a vida pela mão" e compreendido o significado da morte. Mas, tal não aconteceu. Para que aconteça, temos de sair para o ar livre. Mas é-nos extremamente difícil sair para o ar livre, deixar nosso pequeno aposento de estreita janela, para vermos as coisas como são, sem julgar, sem condenar, sem dizer "Disto eu gosto e daquilo não gosto" — porque a maioria de nós pensa que através da parte será possível compreender o todo. Examinando um raio, esperamos compreender a roda, não é verdade? São precisos muitos raios, e mais o cubo e o aro, para têrmos a coisa chamada "roda"; e precisamos ver a roda tôda para podermos compreendê-la. Do mesmo modo, precisamos perceber o inteiro processo do viver, se realmente desejamos compreender a vida.

Espero estejais seguindo o que estou dizendo, porque a educação deve ajudar-vos a compreender o todo da vida, e não apenas preparar-vos para obter um emprêgo e seguir a rotina habitual — casamento, filhos, segurança, e vossos pequenos deuses. Mas, para suscitar a educação correta necessita-se de muita inteligência, discernimento, e por essa razão é tão importante que o próprio educador seja educado para compreender o processo total da vida, e não cuide meramente de ensinar-vos de acôrdo com determinada fórmula, velha ou nova.

A vida é um maravilhoso mistério — não o mistério de que falam certos livros ou certas pessoas, porém um mistério que cada um de nós tem de desvendar por si próprio. Eis porque tanto importa compreenderdes o que é pequeno, limitado, mesquinho, e passardes além.

Se não começais a compreender a vida desde jovens, crescereis muito feios, interiormente; sereis estúpidos e vazios, ainda que, exteriormente, tenhais dinheiro, andeis em carros de luxo e pareçais muito importante. Por isso é tão relevante que saiais de vosso quarto para ver a amplidão do firmamento. Mas, isso não podeis fazer se não tendes amor — *não* "amor físico" ou "amor divino", porém *amor,* puro e simples: amar os pássaros, as árvores, as flôres, vossos mestres, vossos pais e, além do país, tôda a humanidade.

Não será uma verdadeira tragédia se não descobrirdes, por vós mesmo, o que é *amar?* Se não conhecerdes o amor agora, nunca mais o conhecereis, porque, quando ficardes mais velhos, o que se chama "amor" será uma coisa muito feia — uma propriedade, uma espécie de mercadoria que se compra e vende. Mas, se começardes agora a ter amor no coração, se amardes a árvore que plantais, o cão vadio que afagais, então, quando crescerdes, não permanecereis no pequeno aposento de estreita janela, mas saireis para amar a totalidade da vida.

O amor é *realidade;* não é emoção, efusão de lágrimas; não é um sentimento. O amor, em si, é sem sentimentalismo. Êste é um ponto muito sério e importante: que deveis amar enquanto estais jovens. Vossos pais e mestres talvez desconheçam o amor, e foi por esta razão que criaram um mundo terrível, uma sociedade perpètuamente em guerra contra si mesma e com outras sociedades. Suas religiões, suas filosofias e ideologias são tôdas falsas, porque sem amor. Êles só percebem uma parte; estão a olhar pela estreita janela, que poderá apresentar uma vista aprazível e extensa, mas que não é tôda a amplidão da vida. Sem êsse sentimento de intenso amor, não podeis ter a percepção do todo; por conseguinte, sereis sempre um ente digno de comiseração e, ao chegardes ao fim da vida, não tereis senão cinzas, um amontoado de palavras ôcas.

Pergunta: Por que desejamos ser famosos?

KRISHNAMURTI: Por que razão achais que desejamos ser famosos? Eu poderei explicar-vos a razão; mas, no fim da explicação, deixareis de desejar ser famosos? Desejais ser famosos porque todos os que vos cercam, nesta sociedade, desejam ser famosos. Vossos pais, vossos mestres, o *guru,* o iogue, todos querem ser famosos, conhecidos em tôda parte, e, portanto, vós também o quereis.

Reflitamos juntos. Por que desejam as pessoas ser famosas? Em primeiro lugar, porque é vantajoso ser famoso; e, também, porque proporciona muito prazer, não é verdade? Se sois conhecido em todo o mundo, vos sentis muito importante, como que imortalizado. Desejais ser famoso, conhecido e falado no mundo inteiro, porque, interiormente, não sois ninguém. Interiormente, nenhuma riqueza tendes, nada existe absolutamente e, por isso, desejais ser conhecido no mundo exterior. Mas, se sois rico, interiormente, então pouco vos importa serdes conhecido ou desconhecido.

Ser interiormente rico é muito mais difícil do que ser exteriormente rico e famoso; requer muito mais diligência e muito mais atenção. Se tendes um pouco de talento e sabeis explorá-lo, vos tornais famoso; mas a riqueza interior não se adquire desta maneira. Para se ser interiormente rico, devem-se compreender e lançar fora as coisas que não são importantes, como o desejo de celebridade. Ter riqueza interior significa estar *só.* Mas os que desejam a fama têm mêdo de estar sós, por que dependem dos louvores e da boa opinião dos outros.

Pergunta: Em vossa juventude, escrevestes um livro em que dissestes: "Estas palavras não são minhas, porém as palavras de meu Mestre." Como é que agora recomendais tão insistentemente que pensemos por nós mesmos? E quem era vosso Mestre?

KRISHNAMURTI: Uma das coisas mais difíceis desta vida é não nos deixarmos sujeitar por uma idéia. Permanecer sujeito a uma coisa é considerado "ser consistente". Se tendes o ideal da não-violência, procurais ser consistente com êsse ideal. Ora, êste interrogante está, com efeito, dizendo: "Vós nos dizeis que de-

vemos pensar por nós mesmos, e isso contraria o que dissestes em vossa juventude. Por que não sois *consistente?*"

Que significa "ser consistente"? Êste, com efeito, é um ponto muito importante. Ser consistente é ter uma mente que observa, invariàvelmente, um certo padrão de pensamento; e isso significa que se não devem fazer coisas contraditórias, hoje uma coisa e amanhã o contrário dela. Estamos procurando averiguar o que é uma mente consistente. A mente que diz: "Fiz voto de ser uma certa coisa, e a serei por tôda a vida" é o que se chama mente consistente; mas, na realidade, é uma mente estúpida, porque chegou a uma conclusão e está vivendo de acôrdo com esta conclusão. Isso é o mesmo que um homem levantar uma muralha em tôrno de si, e ficar à margem da vida.

Êste é um problema muito complexo. Eu o posso estar simplificando exageradamente, mas acho que não. Quando a mente é apenas consistente, torna-se mecânica e perde a vitalidade, o ardor, a beleza do movimento livre. Fica funcionando dentro de um padrão. Êste é um aspecto da questão.

O outro aspecto é: Quem é o Mestre? Não sabeis o que tudo isso implica. Está bem assim. Mas, alguém disse que, adolescente, escrevi um livro, e citou uma passagem dêsse livro em que se lê que um Mestre ajudou a escrevê-lo. Ora, há grupos de pessoas, como, por exemplo, os teosofistas, que crêem na existência de Mestres, nas remotas montanhas do Himalaia, os quais guiam e ajudam o mundo; e, agora, essa pessoa deseja saber quem é o Mestre. Escutai com atenção, por que isto concerne também a vós.

Tem tanta importância saber quem é o Mestre ou o *guru?* O que tem importância é a vida, e não o vosso *guru,* nem nenhum Mestre, guia ou instrutor que interpreta a vida para vós. *Vós* é que tendes de compreender a vida; vós é que estais sofrendo, que estais na aflição; *vós* é que precisais conhecer o significado da morte, do nascimento, da meditação, do sofrimento, e ninguém vo-lo pode ensinar. Outros poderão explicá-lo, mas suas explicações poderão ser totalmente falsas, completamente errôneas.

Por isso é bom ser cético: dá-se-vos oportunidade para descobrir por vós mesmo se tendes realmente necessidade de algum *guru.* O importante é que sejais vossa própria luz, vosso próprio mestre e discípulo, que sejais a um tempo instrutor e discípulo.

Quando se está *aprendendo*, não há instrutor algum. Só quando cessais de investigar, de descobrir, de compreender o inteiro processo da vida, surge o instrutor — e tal instrutor não vale nada. Estais, então, morto e, por conseguinte, morto está também vosso instrutor.

Pergunta: Por que é orgulhoso o homem?

KRISHNAMURTI: Não sentis orgulho quando tendes uma bela caligrafia, quando ganhais uma partida, ou passais num exame? Alguma vez já escrevestes uma poesia ou pintastes um quadro e o mostrastes a um amigo? Se vosso amigo diz que é uma bela poesia ou um quadro maravilhoso, não vos sentis muito satisfeito? Quando executais um trabalho qualquer e alguém o acha "excelente", isso vos dá um sentimento de prazer — como é justo e natural, pois isso é sempre agradável. Mas, que acontece da próxima vez que pintais um quadro, ou escreveis uma poesia, ou limpais e arrumais o vosso quarto? Esperais que alguém chegue para dizer-vos que sois um menino maravilhoso; mas, se não chega ninguém, não tendes mais vontade de pintar, de escrever, de arrumar o quarto. É dêsse modo que começamos a depender de outros, pelo prazer de ouvir-lhes os elogios e louvores. Vêde como isto é simples. E, depois, que acontece? Ao vos tornardes mais velho, desejais que o que fazeis seja admirado por muita gente. Direis: "Farei tal coisa por amor ao meu *guru*, por amor à Pátria, por amor ao Homem, por amor a Deus" — mas, em verdade, a fazeis porque desejais aplauso. Daí nasce o orgulho. E quando fazeis alguma coisa dessa maneira, não merece a pena fazê-la. Entendeis?

Para compreenderdes uma coisa como o orgulho, deveis ser capaz de pensá-la do comêço ao fim; deveis perceber a sua origem e os desastres que ocasiona, percebê-la no seu todo, o que significa que deveis estar tão intensamente interessado nessa coisa, que vossa mente a siga até o fim, sem parar a meio-caminho. Quando estais muito interessado num jôgo, o jogais até o fim; não parais repentinamente no meio do jôgo e voltais para casa. Mas vossa mente não está habituada a essa espécie de pensar, e faz parte da educação ajudar-vos a investigar o inteiro processo da vida e não apenas estudar umas poucas matérias.

Pergunta: Quando somos crianças ensinam-nos o que é belo e o que é feio, e o resultado é que durante tôda a vida ficamos repetindo: "Isto é belo, aquilo é feio." Como se pode saber o que é a beleza verdadeira e o que é fealdade?

KRISHNAMURTI: Suponhamos que digais que um certo arco é belo e outro diga que êle é feio. Que é importante: disputar por causa de vossas opiniões contrárias, sôbre se uma coisa é bela ou feia, ou ser sensível tanto ao belo como ao feio? Na vida, há podridão, sordidez, degradação, sofrimento, lágrimas, e há também alegrias, risos, a beleza de uma flor banhada de sol. O mais importante, sem dúvida, é ser sensível a *tudo,* e não, meramente, decidir sôbre o que é belo e o que é feio e ficar aferrado à opinião formada. Se digo: "Vou cultivar a beleza e rejeitar tudo o que é feio" — que acontece? O cultivo da beleza, em tal caso, leva à insensibilidade. É o mesmo que um homem desenvolver o seu braço direito e torná-lo muito forte, e deixar mirrar o braço esquerdo. Assim, pois, deveis estar atento tanto ao feio como ao belo. Deveis ver as fôlhas a dançar, a água a correr por baixo da ponte, a beleza de uma tarde, e estar também cônscio do mendigo que encontrais na rua; deveis ver a pobre mulher que luta com pesado fardo, e estar disposto a ajudá-la, "dar-lhe uma mão". Tudo isso é necessário, e é só quando tendes esta sensibilidade para tôdas as coisas, que podeis começar a trabalhar e a ajudar, sem o espírito de rejeição ou condenação.

Pergunta: Perdão, mas não dissestes ainda quem era o vosso Mestre.

KRISHNAMURTI: E isto tem muita importância? Queimai aquêle livro, jogai-o fora! Quando atribuis importância a uma coisa tão trivial como essa de saber "quem era o Mestre", estais fazendo da totalidade da existência uma coisa muito insignificante. Vêde, queremos sempre saber quem é o Mestre, quem é o sábio, quem foi o artista que pintou "tal" quadro. Nunca procuramos descobrir por nós mesmos o significado do quadro, independentemente da identidade do artista. Só depois de saberdes quem é

o poeta, dizeis que a poesia é bela. Isto é "esnobismo", mero repetir de uma opinião, que destrói vosso próprio percebimento interior da realidade da coisa. Se percebeis que um quadro é belo e vos causa muito agrado, tem alguma importância saberdes quem o pintou? Se vos interessa descobrir o conteúdo do quadro, a verdade que expressa, então a própria pintura comunica a sua significação.

VII

ESTIVEMOS considerando quanto é importante ter amor, e vimos que o amor não pode ser adquirido nem comprado; entretanto, sem êle,. todos os nossos planos de uma ordem social perfeita, onde não haja exploração, "uniformização", nada significarão, e acho muito importante compreenderdes isto enquanto estais jovens.

Aonde quer que vamos, neste mundo, vemos que a sociedade se encontra num perpétuo estado de conflito. A um lado, os poderosos, os ricos, os abastados e, a outro lado, os trabalhadores; e cada um a competir, invejosamente, desejando posição mais alta, melhor ordenado, mais poder, mais prestígio. Tal é o estado em que se acha o mundo e, nessas condições, há sempre guerra, interior e exteriormente.

Ora, se vós e eu desejamos realizar uma completa revolução da ordem social, a primeira coisa que devemos compreender é êsse instinto de conquista do poder. A maioria de nós ambiciona o poder, numa ou noutra forma. Vemos que, com recursos e poder, teremos a possibilidade de viajar, de ter relações com pessoas importantes, de tornar-nos famosos; ou sonhamos criar uma ordem social perfeita. Pensamos que, por meio do poder, alcançaremos algo de bom; mas a própria busca de poder — poder para nós mesmos, poder para nossa pátria, poder para uma ideologia — é nociva, destrutiva, porque cria inevitàvelmente podêres contrários e, assim, há sempre conflito.

Não é certo, pois, que a educação devia ajudar-vos, enquanto cresceis, a perceber a importância de criar um mundo em que não haja conflito, nem interno, nem externo, um mundo em que não estejais em choque com vosso próximo ou com qualquer grupo

de pessoas, por ter-se extinguido completamente o impulso da ambição, que é desejo de poder e de posição? E é possível criar uma sociedade em que não haja conflito, interna ou externamente? A sociedade são as relações entre vós e mim; e se nossas relações estão baseadas na ambição, se cada um de nós quer ser mais poderoso do que o outro, então, é bem evidente que estaremos sempre em conflito. Pode ser eliminada esta causa de conflito? Podemos, todos nós, educar-nos para não sermos competidores, para não nos compararmos com outros, não desejarmos esta ou aquela posição — numa palavra, para não sermos, absolutamente, invejosos?

Quando andais com vossos pais, fora da escola, quando ledes os jornais ou conversais com pessoas, deveis ter notado que quase todos desejam produzir uma transformação no mundo. E não tendes notado que essas próprias pessoas estão sempre em conflito entre si, por causa disto ou daquilo — em defesa de suas idéias, suas posses, sua raça, casta ou religião? Vossos pais, vossos vizinhos, os ministros e os burocratas — não são todos êles ambiciosos, não estão todos lutando por melhores posições e, por conseguinte, sempre em conflito com alguém? Por certo, só depois de extinto o espírito de competição poderá haver uma sociedade pacífica, em que todos possamos viver felizes, criadoramente.

Mas, como pode ser feito isso? Pode a regulamentação, a legislação, ou o exercitar da mente para não ser ambiciosa, acabar com a ambição? Exteriormente, podeis ser exercitados para serdes desambiciosos, e, socialmente, podeis deixar de competir com outros; mas, interiormente, continuareis ambiciosos, não é verdade? E é possível varrer completamente a ambição, que tanto sofrimento causa aos entes humanos? Provàvelmente, nunca refletistes a êste respeito, porque ninguém ainda vos falou desta maneira; mas, agora que alguém vos está falando sôbre isso, não desejais descobrir se é possível viver neste mundo fecundamente, com plenitude e felicidade, criadoramente, livre do destrutivo impulso da ambição, livre da competição? Não desejais saber como viver sem que vossa vida leve a destruição a outros ou lhes ensombre o caminho?

Consideramos isso um sonho, uma Utopia irrealizável; mas, não estou falando de nenhuma Utopia — o que seria contra-senso. Podemos vós e eu, que somos gente simples, gente comum, viver

criadoramente neste mundo, sem o impulso da ambição, o qual se manifesta de várias maneiras, como desejo de poder, de posição? Encontrareis a resposta correta, quando amardes o que fazeis. Se sois engenheiro apenas porque precisais ganhar a vida ou porque é isso que vosso pai ou a sociedade espera de vós, temos aí uma outra forma de compulsão; e a compulsão, em qualquer forma que seja, gera contradição, conflito. Mas se, ao contrário, gostais realmente de ser engenheiro ou cientista, ou se plantais uma árvore, ou pintais um quadro, ou escreveis um poema, não para receberdes aplausos, mas, simplesmente, porque gostais de fazê-lo, vereis que, então, nunca estareis em competição com ninguém. Penso que esta é a verdadeira chave: amar o que fazeis.

Mas, quando somos jovens, é, muitas vêzes, dificílimo sabermos o que gostamos de fazer, porque queremos fazer tantas coisas! Queremos ser engenheiro, maquinista de locomotiva, um aviador a cruzar o céu azul, ou, ainda, desejamos ser famosos oradores ou políticos. Podeis desejar ser artista, químico, poeta ou carpinteiro. Podeis desejar trabalhar com vossa cabeça ou com vossas mãos. Alguma dessas coisas é realmente o que gostais de fazer, ou vosso interêsse nela representa apenas uma reação às pressões sociais? Como averiguar isso? E a verdadeira finalidade da educação não é ajudar-vos a *descobrir*, a fim de que, enquanto cresceis, comeceis a aplicar, por inteiro, vossa mente, vosso coração, vosso corpo, àquilo que realmente gostais de fazer?

O descobrir o que gostais de fazer requer muita inteligência, porque, se tendes mêdo de não poder ganhar o vosso sustento, ou de não ajustar-vos a esta sociedade corrupta, então, nunca o descobrireis. Mas, se não tiverdes mêdo, se não vos deixardes impelir para a rotina da tradição, por vossos pais, por vossos mestres, pelas superficiais exigências da sociedade, haverá então a possibilidade de descobrirdes aquilo que realmente gostais de fazer. Assim, pois, para *descobrir,* deve-se estar livre do mêdo de não subsistir.

Mas, em geral, temos mêdo de não subsistir; dizemos: "Que me acontecerá se eu não fizer o que mandam meus pais?" Porque temos mêdo, fazemos o que nos mandam fazer, e nisso não há amor, porém só contradição; e esta contradição interior é um dos fatôres da ambição, que tão destrutiva é. Assim, uma função básica da educação é a de ajudar-vos a descobrir o que verdadei-

ramente gostais de fazer, de modo que a isso possais aplicar tôda a vossa mente e coração, porque é desta maneira que se cria a dignidade humana, que se varre a mediocridade, a vulgar mentalidade burguesa. Eis porque tanto importa ter os mestres adequados, a atmosfera adequada, para crescerdes com aquêle amor que se expressa naquilo que fazeis. Se não houver êste amor, vossos exames, vossas capacidades, vossa posição, vossas posses, são puramente cinzas, nada significam; se não houver êste amor, vossas ações irão provocar mais guerras, mais ódios, mais malefícios e destruição.

Tudo isso poderá não significar nada para vós, porque, fisicamente, ainda sois muito novos, mas espero tenha alguma significação para os vossos mestres — e também para vós, em alguma parte de vosso íntimo.

Pergunta: Por que sentimos retraimento?

KRISHNAMURTI: Ora, é uma coisa maravilhosa, na vida, ser anônimo — não ser famoso ou grande, não ser muito ilustrado, não ser um extraordinário reformador ou revolucionário: ser simplesmente *ninguém*. E quando uma pessoa *sente* dessa maneira e se vê sùbitamente alvo de curiosidade, no meio de uma porção de gente, tende a retrair-se. Só isso.

Pergunta: Como "realizar" a Verdade, em nossa vida diária?

KRISHNAMURTI: Pensais que a Verdade é uma coisa, e vossa vida diária outra coisa, e desejais, em vossa vida diária, "realizar" aquilo que chamais "a verdade". Mas a Verdade está separada da vida diária? Quando crescerdes, tereis de ganhar o vosso sustento, não? Afinal de contas, é para isso que estudais para os exames: a fim de vos preparardes para ganhar o próprio sustento. Mas, a muita gente pouco importa o gênero de atividade que adotam, desde que lhes dê a possibilidade de ganhar dinheiro. Contanto que tenham uma ocupação, não lhes importa ser soldado, policial, advogado ou negociante desonesto.

Ora, releva descobrir a verdade em relação ao meio de vida correto, não achais? Porque a Verdade está em vossa vida, e não fora dela. A maneira de falar, o que se diz, o modo de sorrir, o ser falso, dissimulado — tudo isso é a Verdade, em

vossa vida diária. Assim, antes de vos tornardes soldado, policial, advogado, ou esperto negociante, não deveis perceber a verdade relativa a essas profissões? Positivamente, a menos que percebais a verdade relativa ao que fazeis e sejais guiado por essa Verdade, vossa vida será uma horrível confusão.

Consideremos a questão de se vos convém ser militar, já que as outras profissões são um pouco mais complexas. Independente da propaganda e do que dizem os outros, qual a verdade relativa à carreira militar? Se um homem se torna soldado, isso significa que terá de lutar para defender a Pátria, terá de disciplinar a mente para não pensar e só obedecer. Deverá preparar-se para matar ou ser morto — por causa de quê? Por causa de uma idéia que certas pessoas, grandes ou insignificantes, disseram ser justa. E vos tornais soldados — para vos sacrificardes e para matar vossos semelhantes. Isto é uma profissão correta? Não o pergunteis a ninguém, porém descobri, por vós mesmo, a verdade a êsse respeito. Mandam-vos que mateis em prol de uma Utopia maravilhosa, do futuro! Considerais justa a profissão de matar, quer pela Pátria, quer em prol de uma religião organizada? Pode o matar ser justo, em alguma circunstância?

Assim, se desejais descobrir a verdade existente nesse processo fundamental que é a própria vida, tereis de investigar muito profundamente tôdas estas coisas; a elas deveis aplicar-vos de mente e coração. Deveis pensar independentemente, com clareza, sem preconceitos, por que a Verdade não está separada da vida; ela se acha no próprio movimento de vosso viver diário.

Pergunta: As imagens, os Mestres e os santos não nos ajudam a meditar corretamente?

KRISHNAMURTI: Sabeis o que é meditação correta? Não desejais descobrir por vós mesmo a verdade a êsse respeito? E haverá possibilidade de descobrirdes esta verdade, se aceitardes, com base em alguma autoridade, o que se chama "meditação correta"?

Esta é uma questão imensa. Para descobrirdes a arte da meditação, deveis conhecer, em tôda a sua profundeza e extensão, êsse extraordinário processo que se chama *pensar*. Se aceitais uma autoridade que diz: "Meditai *desta* maneira", sois um mero se-

guidor, um cego servo de um sistema de idéias. Vossa aceitação da autoridade se baseia na esperança de conseguirdes um certo resultado, e isso não é meditação.

Pergunta: Quais são os deveres de um estudante?

KRISHNAMURTI: Que significa a palavra "dever"? Dever para com quê? Dever para com a Pátria — como a entende o político? Dever para com o pai, a mãe — de atuardes conforme seus desejos? Êles vos dirão que é vosso dever fazer o que vos mandam fazer; e o que vos mandam está condicionado pelo próprio *fundo* dêles, pela tradição dêles etc. E que é um estudante? É um jovem ou uma jovem que freqüenta a escola ou o colégio, que lê alguns livros a fim de passar em certos exames? Ou só é um verdadeiro estudante aquêle que está contìnuamente *aprendendo,* e para quem, por conseguinte, não tem fim o aprender? Ora, a pessoa que, meramente, lê sôbre uma certa matéria, passa no exame e depois a abandona, não é um estudante. O verdadeiro estudante estuda, aprende, investiga, explora, não apenas até aos vinte ou vinte e cinco anos, porém durante tôda a vida.

Ser estudante é aprender contìnuamente; e quando *se está aprendendo,* não há mestre, há? Quando sois um *estudante,* não há ninguém, em particular, a ensinar-vos, porque estais aprendendo de tôdas as coisas. A fôlha levada pelo vento, o murmúrio das águas à beira do rio, o vôo de uma ave nas alturas, o pobre homem que passa transportando pesado fardo — de todos estais aprendendo, e, por conseguinte, não há nenhum mestre determinado, e não estais seguindo ninguém.

Assim, pois, o dever do estudante é *aprender.* Viveu, outrora, em Espanha, um famoso pintor chamado Goya; foi dos maiores, e quando já estava muito velho escreveu ao pé de um dos seus quadros: "Ainda estou aprendendo." Podeis aprender dos livros, mas isso não vos leva muito longe. Um livro só pode dar-vos o que o autor tem para dizer. Mas o aprender que vem do autoconhecimento é ilimitado, porque aprender do autoconhecimento é saber escutar, saber observar e, por conseguinte, aprender de tôdas as coisas: da música, do que dizem as pessoas, e da maneira como o dizem, da cólera, da avidez, da ambição.

Esta é *nossa* Terra. Não pertence aos comunistas, aos socialistas ou capitalistas. É vossa e minha, para nela vivermos fe-

lizes, com plenitude, em harmonia. Mas, essa plenitude de vida, essa felicidade, êsse sentimento de "a Terra é nossa" não pode ser impôsto à fôrça, por lei. Êle deve vir *de dentro de nós*, quando amamos a Terra e suas coisas; e êste é o "estado de aprender".

Pergunta: Qual a diferença entre respeito e amor?

KRISHNAMURTI: Podeis procurar no dicionário as palavras "respeito" e "amor", e ter a resposta. É isso que desejais saber? Desejais saber a significação superficial dêstes têrmos, ou quereis o significado existente "atrás" dêles?

Quando aparece um homem preeminente, um Ministro, um Governador, já notastes como todos se curvam? A isso chamais "respeito", não é verdade? Mas êsse respeito é "falsificado", porque, atrás dêle, está o mêdo, a avidez. Desejais algo dêsse "pobre diabo" e, por isso, lhe cingis o colo com uma grinalda. Isso não é respeito; é apenas a moeda com que se compra e vende no mercado. Não sentis respeito por vosso serviçal ou pelo pobre aldeão, porém ùnicamente por aquêles de quem esperais algum ganho. Esta espécie de respeito é, na realidade, mêdo. Mas se, realmente, tendes amor no coração, então, para vós, o Governador, o mestre, o servente e o aldeão, todos são iguais. Tendes, então, respeito, sentimento para com todos, porque o amor nunca pede retribuição.

VIII

JÁ CONSIDERASTES alguma vez, entre tantas outras coisas da vida, por que razão quase todos nós somos um tanto negligentes — negligentes no vestir, nas maneiras, no pensar, no modo de fazermos as coisas? Por que somos impontuais e, por conseguinte, desatenciosos para com os outros? E que é que põe ordem em tôdas as coisas, ordem no vestir, no pensar, no falar, na maneira de andar, na maneira de tratarmos os que são menos afortunados do que nós? Que é que produz essa ordem singular, que não resulta de compulsão, de plano nenhum, de qualquer atividade mental deliberada? Já considerastes isto? Sabeis o que entendo por "ordem"? É estar sentado e quieto, sem constrangimento, comer com elegância, sem sofreguidão, ser calmo, descansado, mas ao mesmo tempo exato, claro no pensar e, ainda, sem limitações. Que é que produz essa ordem na vida? Esse é um ponto deveras importante e penso que, se uma pessoa pudesse ser educada para descobrir o fator que produz a ordem, isso seria muito significativo.

A ordem, por certo, só desponta com a virtude; porque, se não sois virtuoso, não apenas nas pequenas mas em tôdas as coisas, vossa vida se torna caótica, não é verdade? Ser virtuoso, por si só, tem muito pouca significação; mas, quando sois virtuoso, há precisão no vosso pensamento, ordem em todo o vosso viver, e essa é a função da virtude.

Mas, que acontece quando um homem se esforça para se *tornar* virtuoso, quando se disciplina para ser bondoso, eficiente, considerado, atencioso, quando procura não magoar os outros, quando consome suas energias tentando estabelecer a ordem, lutando para ser bom? Seus esforços só o levam à respeitabilidade, causadora da mediocridade mental; êsse homem, por conseguinte,

não é virtuoso. Já olhastes atentamente para uma flor? Como é admiràvelmente simétrica, com tôdas as suas pétalas; há nela, também, singular delicadeza, perfume, encanto. Ora, quando um homem *tenta* ser ordenado, sua vida poderá ser muito precisa, muito regular, mas perdeu aquêle predicado de delicadeza que só pode nascer quando, como na flor, não há esfôrço algum. Nosso problema, pois, é sermos precisos, claros e sem limitações.

Vêde, o *esfôrço* para se ser ordeiro, cuidadoso, tem forte influência limitante. Se deliberadamente procuro pôr em ordem o meu quarto, se tenho a preocupação de colocar cada coisa em seu lugar, se estou sempre prestando atenção a mim mesmo, onde ponho o pé, etc., que acontece? Torno-me "insuportável" para mim próprio e para os outros. É, com efeito, uma pessoa enfastiante aquela que está sempre procurando ser alguma coisa, cujos pensamentos são metòdicamente "arrumados", que escolhe um pensamento de preferência a outro. Essa pessoa poderá ser muito ordeira, muito clara, poderá empregar as palavras com precisão, ser muito atenta e atenciosa, mas perdeu a criadora alegria de viver.

Qual é, pois, o problema? Como ter essa criadora alegria de viver, ser sem limitações no sentir, amplo no pensar, e ao mesmo tempo preciso, claro, ordenado no viver? Creio que a maioria de nós não é assim, porque nunca sentimos nada intensamente, nunca aplicamos completamente a coisa alguma nosso coração e nossa mente. Lembro-me de ter certa vez observado dois esquilos vermelhos, de caudas longas e bastas, e graciosas, perseguirem-se para cima e para baixo de uma alta árvore, durante dez minutos, sem pararem um instante — pela simples alegria de viver! Mas vós e eu nunca conheceremos essa alegria, se não sentirmos as coisas profundamente, se não houver paixão em nossa vida — paixão, não para nos tornarmos "benemerentes" ou realizarmos uma certa reforma, mas paixão no sentido de sentirmos as coisas com tôda a fôrça; e só teremos essa paixão vital quando houver uma revolução total em nosso pensar, em todo o nosso ser.

Já notastes como somos poucos os que temos sentimento profundo a respeito de alguma coisa? Alguma vez vos rebelais contra vossos mestres, contra vossos pais, não apenas por não gostardes de alguma coisa, mas por terdes um profundo e ardente sentimento de que não desejais fazer certas coisas? Se sentis, pro-

funda e ardentemente, em relação a uma coisa, vereis que êsse próprio sentimento, de maneira singular, traz uma nova ordem à vossa vida.

Ordem, apuro, clareza no pensar, não são em si muito importantes, mas tornam-se importantes para o homem que é sensível, que sente profundamente, que se acha num estado de perpétua revolução interior. Se sentis intensamente a sorte do infeliz, do mendigo que recebe a poeira no rosto quando passa o carro do milionário, se sois altamente receptivo, sensível a tôdas as coisas, então essa própria sensibilidade traz ordem, virtude; e considero muito importante que tanto o educador como o estudante compreendam isso.

Neste país, infelizmente, como no resto do mundo, somos tão indiferentes que não temos sentimento profundo por coisa alguma. Os mais de nós somos intelectuais — intelectuais, no sentido superficial de sermos muito hábeis, cheios de palavras e de teorias sôbre o que é correto e o que é incorreto, sôbre como se deve pensar, o que se deve fazer. Mentalmente, somos altamente desenvolvidos, mas, interiormente, há muito pouca substância ou valia: e é essa *substância* interior que produz a ação correta, que não é ação segundo uma idéia.

Eis porque deveis ter sentimentos muito fortes — sentimentos de paixão, de cólera — para os observardes, para "brincardes" com êles, e descobrirdes a verdade que encerram. Porque, se vos limitardes a reprimi-los, se disserdes: "Não devo encolerizar-me, não devo apaixonar-me, porque é errôneo" — vereis que vossa mente se irá fechando gradualmente numa idéia e, conseqüentemente, se tornará muito superficial. Podeis ser imensamente talentoso, possuir um saber enciclopédico, mas, se não houver a vitalidade do sentimento intenso e profundo, vossa inteligência será como flor sem perfume.

É muito importante que compreendais tôdas estas coisas enquanto estais jovens, porque, assim, quando crescerdes, sereis verdadeiros revolucionários — revolucionários, não de acôrdo com uma certa ideologia, teoria ou livro, porém revolucionários no sentido total da palavra, de ponta a ponta, como entes humanos completos, tão completos que não restará um só ponto contaminado pelo "velho". Vossa mente será então fresca, "inocente"

e, portanto, altamente capaz de criação. Se não alcançardes a significação de tudo isso, vossa vida se tornará muito insípida, porque sereis esmagados pela sociedade, por vossa mulher ou marido, por teorias, por organizações religiosas ou políticas. Por isso é que é tão importante que sejais educados corretamente — o que significa que deveis ter mestres capazes de ajudar-vos a romper a crosta da chamada civilização, para não serdes meros autômatos, porém indivíduos com uma canção dentro em si mesmos e, por conseguinte, entes humanos felizes e criadores.

Pergunta: Que é a cólera, e por que nos encolerizamos?

KRISHNAMURTI: Se eu vos piso no pé, ou vos belisco, ou vos tomo alguma coisa, não ficais irritados? E por que não deveis irritar-vos? Por que achais que a cólera é coisa má? Por que alguém vo-lo disse? Muito importa, pois, verificar por que uma pessoa sente cólera, e não apenas dizer que é mau encolerizar-se.

Por que vos encolerizais? Porque não gostais de ser magoado; e isso corresponde a uma necessidade humana normal: a necessidade de sobrevivência. Achais que não deveis ser utilizado, esmagado, destruído ou explorado por nenhum indivíduo, govêrno ou sociedade. Se alguém vos bate no rosto, vos sentis insultado, humilhado, e não gostais dêste sentimento. Se a pessoa que vos ofende é grande e forte e não podeis revidar, tratais, a vosso turno, de magoar outra, de desforrar-vos em vosso irmão, vossa irmã, ou vosso criado, se o tendes. Assim se mantém vivo e ativo o sentimento de cólera.

Em primeiro lugar, é uma reação natural o evitar ser magoado ou ofendido. Que direito têm os outros de explorar-vos? Assim, para evitardes ser magoados, tratais de proteger-vos, de levantar uma defesa, uma barreira. Interiormente, construís uma muralha ao redor de vós mesmo, para não ficardes exposto, receptivo; e, dessa maneira, vos tornais incapaz de investigar e explorar, de sentir intensamente. Declarais que a cólera é coisa má e a condenais, assim como condenais vários outros sentimentos; e, assim, gradualmente, vos tornais áridos, vazios, sem sentimentos intensos. Compreendeis?

Pergunta: Por que amamos tanto a nossa mãe?

KRISHNAMURTI: Amais vossa mãe se detestais vosso pai? Prestai tôda a atenção. Quando amais muito a alguém, excluís os demais dêsse amor? Se realmente amais vossa mãe, não amais também vosso pai, vossa tia, vosso vizinho, vosso criado? Não tendes *antes* o sentimento de amor, e depois amor por alguém em particular? Quando dizeis: "Amo imensamente a minha mãe", não tendes então tôda a consideração para com ela? Sois então capaz de causar-lhe desnecessárias inquietações e desgostos? E se tendes consideração a vossa mãe, não a tendes também a vosso irmão, vossa irmã, vosso vizinho? Se assim não é, não amais realmente vossa mãe; trata-se, apenas, de uma palavra, de uma conveniência.

Pergunta: Estou cheio de rancor; podeis ensinar-me a amar?

KRISHNAMURTI: Ninguém pode ensinar-vos a amar. Se as pessoas pudessem ser ensinadas a amar, o problema do mundo seria então muito simples, não achais? Se pudéssemos aprender a amar, num livro, assim como aprendemos Matemática, êste nosso mundo seria uma maravilha: não haveria ódios, nem exploração, nem guerras, nem separação entre rico e pobre; viveríamos todos muito amigàvelmente, uns com os outros. Mas o amor não se adquire tão fàcilmente. É muito fácil odiar, e o ódio, a seu modo, *une* as pessoas; cria fantasias de todo o gênero, promove a cooperação, em várias formas, como na guerra. Mas, o amor é muito mais difícil. Não podeis aprender a amar, mas o que podeis fazer é observar o ódio e, mansamente, o afastardes de vós. Não batalheis contra o ódio, não digais quanto é terrível odiar, mas vêde o ódio em sua essência própria e deixai-o extinguir-se por si mesmo. Ponde-o à margem; êle não é importante. O importante é não deixardes o ódio criar raízes em vossa mente. Compreendeis? Vossa mente é solo fértil, e qualquer problema que se apresenta, se se lhe dá tempo suficiente, nela se enraíza como erva daninha e, depois, será muito difícil arrancá-lo. Mas, se não dais tempo ao problema para enraizar-se, êle não terá onde crescer e murchará, até morrer. Se dais azo ao ódio, se lhe dais tempo para enraizar-se, crescer, amadurecer, êle se torna um problema formidável. Mas, se cada vez que o ódio surgir, o deixar-

des passar sem atingir-vos, vereis que vossa mente se tornará muito sensível, sem ser sentimental; assim, ela conhecerá o amor.

A mente pode buscar sensações, desejos, mas não pode buscar o amor. O amor *deve vir* à mente. E, uma vez presente, êle não se divide em "amor sensual" e "amor divino" — é, só, amor! Eis o que o amor tem de extraordinário: é a única qualidade que pode abarcar a totalidade da existência.

Pergunta: Que é a felicidade, na vida?

KRISHNAMURTI: Se desejais fazer algo agradável, pensais que sereis feliz se o fizerdes. Podeis desejar casar-vos com o mais rico dos homens ou a mais bela das môças, ou passar num certo exame, ou ser elogiado por alguém, e pensais que, alcançando o que desejais, sereis feliz. Mas, isso é felicidade? Não é coisa que depressa se esvai, como a flor que desabrocha de manhã e murcha à noite? Entretanto, assim é nossa vida, e só isso o que desejamos. Satisfazemo-nos com tantas coisas superficiais: possuir um carro ou ter um emprêgo seguro, sentir emoções passageiras a respeito de alguma futilidade, como o menino que é feliz soltando seu papagaio na ventania e, momentos depois, está em lágrimas. Assim é nossa vida, e com ela estamos satisfeitos. Nunca dizemos: "Aplicarei meu coração, minha energia, todo o meu ser, a descobrir o que é felicidade." Não levamos isso a sério, não sentimos intensamente a êsse respeito e, por isso, nos satisfazemos com insignificâncias.

Mas a felicidade não pode ser buscada; ela é um resultado, um produto secundário. Nenhuma significação tem ir ao encalço da felicidade. A felicidade vem sem ser chamada; e, no momento em que vos tornais cônscio de ser feliz, já não sois feliz. Não sei se já notastes isto. Quando sentis sùbitamente muita alegria por causa de nada em particular, estais fruindo a liberdade de sorrir e ser feliz. Mas, se vos tornais cônscio disso, neste mesmo momento o perdeis, não é verdade? Tornar-se consciente de ser feliz, ou buscar a felicidade, é acabar com a felicidade. Só há felicidade quando o "eu" e suas exigências foram postos à margem.

Ensinam-vos muitas coisas de Matemática, passais os dias estudando História, Geografia, Física, Biologia etc. Mas reservais

algum tempo, vós e vossos mestres, para refletir sôbre estas importantíssimas questões? Alguma vez ficais sentados quietos, com o dorso erecto, imóveis, para conhecerdes a beleza do silêncio? Deixais alguma vez vossa mente "à sôlta" — não para se entreter com coisas insignificantes, mas para "viajar" livre e amplamente, profundamente — explorar, *descobrir?*

Sabeis o que está acontecendo no mundo? O que está acontecendo no mundo é uma projeção do que está sucedendo no interior de cada um de nós, pois, o que somos, o mundo é. Vivemos quase todos agitados, dominados pelo espírito de aquisição e posse, pelo ciúme, e condenando outras pessoas; a mesma coisa, exatamente, está sucedendo no mundo, apenas de maneira mais dramática e mais cruel. Mas, nem vós nem vossos mestres passais tempo algum refletindo sôbre tudo isso; e só quando passais algum tempo, cada dia, refletindo sôbre estas questões, existe a possibilidade de realizar uma revolução total e de criar um nôvo mundo. E é necessário criar um nôvo mundo, um mundo que não represente uma continuação, em forma diferente, desta mesma sociedade corrompida. Mas não podeis criar um nôvo mundo, se vossa mente não está alertada, vigilante, intensamente cônscia. Por isso tanto importa, enquanto jovens, aplicardes algum tempo a refletir sôbre estas importantíssimas questões, e não apenas passardes os dias estudando algumas matérias, que a nada conduzem senão a um emprêgo e à morte. Considerai, pois, sèriamente estas coisas, pois, em virtude dessa consideração, nascerá um extraordinário sentimento de alegria, de felicidade.

Pergunta: Que é "vida real"?

KRISHNAMURTI: Que é vida real? Um menino fêz esta pergunta. Brincar, jogar, comer "coisas boas", correr, saltar, empurrar — para êle, isto é a vida real. Vêde, dividimos a vida em "real" e "falsa". *Vida real* é fazerdes aquilo que gostais de fazer, com todo o vosso ser, de modo que não haja nenhuma contradição íntima, não haja guerra entre o que estais fazendo e aquilo que pensais deveríeis fazer. A vida, então, é um processo totalmente integrado, em que há muita alegria. Mas, isso só pode acontecer quando não estamos, psicològicamente, na dependência de nin-

guém, de nenhuma sociedade, quando há completo desapêgo interior, porque só assim temos a possibilidade de amar realmente o que fazemos. Se vos achais num estado de revolução total, não importa se cultivais um jardim ou se vos tornais Primeiro-Ministro ou outra coisa qualquer, amais o que fazeis, e dêsse amor nasce um extraordinário sentimento de criação.

IX

IMPORTA SOBREMODO descobrir o que é *aprender*. Aprendemos de um livro ou de um mestre a respeito de Matemática, Geografia, História; aprendemos onde fica Londres, Moscou ou Nova Iorque; aprendemos como funciona uma máquina, ou como as aves constroem os seus ninhos e cuidam dos filhotes etc. Pela observação e pelo estudo aprendemos. Esta é uma maneira de aprender.

Mas, não há outra maneira de aprender — o aprender pela experiência? Quando vemos um barco no rio, as velas refletidas nas águas tranqüilas, não é isto uma experiência extraordinária? E que acontece então? A mente guarda uma experiência desta natureza, assim como armazena os seus conhecimentos, e, quando na tarde seguinte saímos para olhar o rio, esperamos ter a mesma espécie de sentimento — aquela experiência de alegria, aquêle sentimento de paz, tão raros em nossa vida. A mente, pois, está diligentemente armazenando experiência na memória, e essa memória é que nos faz pensar, não é verdade? O que chamamos "pensar" é reação da memória. Tendo observado aquêle barco no rio, e experimentado um sentimento de alegria, guardamos a experiência e, depois, desejamos repeti-la. É assim que se põe em marcha o processo do pensar, não é verdade?

Mas, muito poucos de nós sabemos realmente pensar. A maioria apenas repete o que leu num livro ou o que alguém disse; seu pensar é produto de sua limitada experiência. Mesmo se viajamos pelo mundo inteiro e temos experiências inumeráveis, se entramos em contato com muitas e diferentes pessoas e ouvimos o que têm para dizer, observamos seus costumes, suas religiões, suas maneiras — tudo isso guardamos na memória, e daí resulta aquilo que chamamos pensar. Comparamos, julgamos, es-

colhemos e, mediante êsse processo, esperamos encontrar uma atitude racional perante a vida. Mas essa espécie de pensar é muito limitada, está confinada numa área insignificante. Temos uma experiência, como a de ver um barco no rio, ou o transporte de um morto para os *burning-ghats* (1), ou uma aldeã transportando pesado fardo — tudo isso se nos imprime na mente; mas somos tão insensíveis que essas impressões não se aprofundam e amadurecem; e é só quando temos sensibilidade para tôdas as coisas que nos cercam que há o comêço de uma diferente espécie de pensar, não limitada por nosso condicionamento.

Se estais firmemente apegado a um certo sistema de crenças, olhais tôdas as coisas através dêsse especial preconceito ou tradição; não tendes contato com a realidade. Já tivestes ocasião de notar as mulheres da aldeia a transportar pesadas cargas para a cidade? Quando o notais, que acontece convosco, que sentis? Ou já tantas vêzes vistes essas mulheres passarem, que nada sentis, porque vos acostumastes com isso e, por conseguinte, nada observais? E, mesmo quando notais uma certa coisa pela primeira vez, que acontece? Automàticamente traduzis o que vêdes de acôrdo com vossos preconceitos, não é assim? Vós o *experimentais* segundo vosso condicionamento de comunista, socialista, capitalista ou outro *ista* qualquer. Mas, se nada disso sois e nada olhais através do crivo de nenhuma idéia ou crença, porém estais em contato direto com a coisa, percebereis a extraordinária relação existente entre vós e aquilo que observais. Se não tendes preconceito, nenhuma tendência, se estais *aberto,* então tudo o que vos cerca se torna extraordinàriamente interessante, intensamente vivo.

Eis porque tanto importa, enquanto jovens, notardes tôdas as coisas. Estai cônscios do barco no rio, observai o trem que passa, vêde o camponês com seu pesado fardo, observai a insolência do rico, o orgulho dos mestres, da "gente importante", dos que se julgam grandes sabedores; observai, simplesmente, *sem os criticar.* No momento em que os criticais, já não estais em relação com êles, já existe uma barreira entre vós e êles; mas se

---

(1) *Burning-ghat:* Cais, à margem do rio, onde são cremados os mortos. N. do T.

simplesmente *observardes*, estareis em relação direta com as pessoas e as coisas. Se puderdes observar com vigilância, com penetração, mas *sem julgar, sem concluir* (tirar conclusão), descobrireis que vosso pensar se torna admiràvelmente penetrante. Estareis, então, aprendendo a tôdas as horas.

Em tôda a parte, ao redor de vós, há nascimento e morte, luta por dinheiro, posição, poder, o infindo "processo" que chamamos "a vida". E não sentis, às vêzes — mesmo os mais novos de vós — curiosidade sôbre o significado de tudo isso? Em geral, queremos uma resposta, queremos que nos digam qual é a significação das coisas. Assim, abrimos um livro político ou religioso, ou pedimos a alguém que nos ensine. Mas ninguém no-lo pode ensinar, porque a vida não pode ser compreendida através de um livro, e tampouco ser compreendido o seu significado pelo seguirmos uma certa pessoa ou pelo recitarmos uma certa oração. Vós e eu devemos compreendê-la por nós mesmos, e isso só podemos fazer quando estamos plenamente cônscios, muito atentos e vigilantes, observando com interêsse tudo o que nos cerca; então, descobriremos o que é ser realmente feliz.

A maioria das pessoas são infelizes; infelizes, porque não há amor em seus corações. O amor surgirá em vosso coração quando nenhuma barreira existir entre vós e outrem, quando observardes as pessoas que encontrardes, sem as julgardes, quando olhardes o barco de vela, no rio, apreciando a sua beleza. Não deixeis vossos preconceitos ensombrarem vossa observação das coisas como são; observai, simplesmente, e descobrireis que, com esta simples observação, êsse percebimento das árvores, das aves, das pessoas que transitam, que trabalham, que sorriem, algo se passa convosco, interiormente. Se esta coisa extraordinária não vos ocorrer, se êsse amor não surgir em vosso coração, vossa vida pouco significará. Por isso, é tão importante que o educador se eduque, para ajudar-vos a compreender o significado de tôdas estas coisas.

Pergunta: Por que desejamos viver no luxo?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "luxo"? Vestir roupas limpas, conservar o corpo asseado, tomar alimentação saudável — considerais isso "luxo"? Poderá parecer "luxo" ao homem fa-

minto, coberto de andrajos e que não tem possibilidade de banhar-se todos os dias. O luxo, pois, varia, conforme nossos desejos: é uma questão de *grau*.

Pois bem; sabeis o que vos acontece se amais o luxo, se tendes apêgo ao confôrto e quereis estar sempre sentado num sofá ou numa poltrona? Vossa mente começa a dormir. É bom ter um certo confôrto físico; mas, exagerar o confôrto, atribuir-lhe grande importância, é estar com a mente sonolenta. Já vistes como são felizes os gordos em geral? Nada parece perturbá-los, atravessar-lhes as espêssas camadas de gordura. Isso é uma condição física, mas a mente também acumula "gordura"; não quer ser interrogada ou de outra maneira perturbada. E, assim, aos poucos, essa mente adormece. O que atualmente chamamos educação põe, em geral, o estudante a dormir; porque se êle faz perguntas verdadeiramente perspicazes, penetrantes, o mestre fica muito perturbado e diz-lhe: "Continuemos com nossa lição."

Assim, quando a mente está apegada a qualquer espécie de confôrto, apegada a um hábito, uma crença, ou a determinado lugar a que chama "minha casa", começa a dormir; e compreender o fato é mais importante do que perguntar se podemos ou não viver "no luxo". A mente que é muito ativa, alertada, vigilante, nunca se apega ao confôrto; para ela, "luxo" nada significa. Mas, o simples fato de ter poucas roupas não indica que a pessoa tenha uma mente alertada. O *sanyasi* que, exteriormente, vive com muita simplicidade, pode ser muito complexo, interiormente, com seu cultivo da virtude, do desejo de alcançar a Verdade, Deus. O importante é ser-se interiormente muito simples, muito austero, quer dizer, não ter uma mente atravancada de crenças, de temores, de desejos inumeráveis, porque só então a mente é capaz de pensar, explorar e descobrir realmente.

Pergunta: Pode haver paz em nossa vida, enquanto estamos em luta com nosso ambiente?

KRISHNAMURTI: Não deveis lutar com o ambiente? Não deveis rompê-lo? O que crêem vossos pais, vosso *fundo social*, vossas tradições, a qualidade dos alimentos que tomais, e as coisas circundantes, como a religião, o sacerdote, o homem rico, o homem pobre — tudo isso constitui vosso ambiente. Não deveis romper

êsse ambiente, constestando-o, revoltando-vos contra êle? Se não estais em revolta, se meramente aceitais o ambiente, há uma espécie de paz — mas é a paz da morte. Mas, se lutais para romper o ambiente e descobrir por vós mesmo o que é verdadeiro, encontrareis então uma paz de ordem diferente, a qual não é mera estagnação. É essencial lutar contra o ambiente. *Deveis* fazê-lo. Por conseguinte, a paz não é importante. O importante é compreender e romper o ambiente. Daí vem a paz. Mas, se buscardes a paz pela mera aceitação do ambiente, ficareis dormindo, e tanto valeria morrer. Por isso é que, desde a mais tenra idade, deve existir em vós o espírito de revolta. Do contrário, declinareis.

Pergunta: Sois feliz?

KRISHNAMURTI: Não sei. Nunca pensei nisso. No momento em que uma pessoa pensa ser feliz, deixa de ser feliz, não é verdade? Quando estais brincando e gritando de alegria, que acontece no momento em que vos tornais cônscio de que estais alegre? Deixais de estar alegre. Já notastes isto? A felicidade, pois, é uma coisa que não se encontra na esfera da consciência.

Quando procurais ser bom, sois bom? Pode-se exercitar a bondade? Ou a bondade é algo que vem naturalmente, quando estais vendo, observando, compreendendo? Analogamente, quando vos tornais cônscio de que sois feliz, a felicidade "foge pela janela". Buscar a felicidade é absurdo, porque só pode haver felicidade quando a não buscamos.

Sabeis o que significa a palavra "humildade"? Pode-se cultivar a humildade? Se repetísseis tôdas as manhãs "Serei humilde", isto seria humildade? Ou a humildade surge, espontânea, quando já não tendes orgulho, vaidade? Da mesma maneira, quando desaparecem as coisas que impedem a felicidade, quando a ansiedade, a frustração, a busca de segurança própria, deixaram de existir, há então felicidade, não é necessário procurá-la.

Por que estais, quase todos, tão silenciosos? Por que não discutis comigo? É, certamente, importante expressardes vossos pensamentos, ainda que mal, porque isso terá muita significação para vós, e vou dizer-vos por quê. Se começais agora a expres-

sar vossos pensamentos e sentimentos, ainda que hesitantemente, quando crescerdes não sereis sufocados por vosso ambiente, por vossos pais, pela sociedade, pela tradição. Mas, infelizmente, vossos mestres não vos estimulam a contestar, não vos perguntam o que pensais.

Pergunta: Por que choramos, e que é sofrimento?

KRISHNAMURTI: Um menino deseja saber porque choramos e o que é sofrimento. Quando chorais? Chorais quando alguém vos toma vosso brinquedo, ou quando vos magoais, ou quando perdeis uma partida, ou quando vosso mestre ou vossos pais vos repreendem, ou quando alguém vos bate. À medida que vos tornais mais velhos, chorais cada vez menos, porque vos endureceis contra a vida. Mui poucos de nós choramos quando somos mais velhos, porque perdemos a extraordinária sensibilidade da meninice. Mas, o sofrimento não é apenas a perda de alguma coisa, não é simplesmente o sentimento de sermos barrados, frustrados; o sofrimento é coisa muito mais profunda. Vêde, existe uma coisa que se chama "falta de compreensão". Quando não há compreensão, há muito sofrimento. Se a mente não ultrapassar suas próprias barreiras, haverá sempre aflição.

Pergunta: Como podemos tornar-nos "integrados", sem conflito?

KRISHNAMURTI: Por que vos opondes ao conflito? Todos pareceis pensar que conflito é uma coisa terrível. Neste momento, vós e eu estamos em conflito, não? Estou tentando transmitir-vos algo, e vós não o estais compreendendo; há, por conseguinte, uma espécie de oposição, de conflito. E que há de mau no atrito, no conflito, na perturbação? Não deveis ser perturbados? A integração não vem quando a buscais com evitar o conflito. Só pelo conflito, e pela compreensão do conflito, pode haver "integração".

A integração é uma das coisas mais difíceis de alcançar, porque ela representa a completa unificação de todo o vosso ser em tudo o que fazeis, em tudo o que dizeis, em tudo o que pensais. Não podeis ter a "integração" sem a compreensão das relações — vossas relações com a sociedade, vossas relações com o pobre, com o aldeão, com o milionário e com o Governador.

Para compreenderdes as relações, deveis lutar com elas, deveis contestar e não meramente aceitar os valôres estabelecidos pela tradição, por vossos pais, pelo sacerdote, pela religião e pelo sistema econômico da sociedade a que pertenceis. Eis por que é essencial estardes em revolta, pois, de outro modo, nunca tereis a integração.

X

ESTOU CERTO de que todos nós, numa ou noutra ocasião, temos experimentado um extraordinário sentimento de tranqüilidade e beleza, inspirado pelos verdes campos, o sol poente, as águas tranqüilas, ou os picos cobertos de neve. Mas, que é a beleza? É meramente a apreciação que sentimos, ou é a beleza coisa separada do percebimento? Se tendes bom gôsto no vestir, se usais côres bem combinadas, se tendes maneiras distintas, se falais com calma e vos mantendes erectos, tudo isso é fator de beleza, não? Mas é apenas a expressão externa de um estado interior, como a poesia que escreveis ou o quadro que pintais. Podeis olhar para o verde campo refletido no rio, e nenhum sentimento de beleza experimentar, continuar indiferente o vosso caminho. Se, como o pescador, vêdes todos os dias as andorinhas voando rente à água, isso provàvelmente pouco significa para vós; mas, se estais cônscio da extraordinária beleza dêsse espetáculo, que sucede, dentro em vós, que vos faz exclamar "Que belo!"? Qual o fator dêsse íntimo senso de beleza? Existe a beleza da forma exterior: trajes de bom gôsto, belos quadros, móveis atraentes, ou completa ausência de móveis, com paredes nuas e bem proporcionadas, janelas de forma perfeita etc. Não é meramente a isso que me quero referir, porém aos fatôres que concorrem para aquela beleza interior.

Por certo, para têrmos aquela beleza interior, deve haver completo "abandono" (de si próprio) (1), o sentimento de completa ausência de prisões, restrições, defesas, resistência; mas, êsse

---

(1) Ato de "entregar-se", sem nenhum esfôrço de contrôle próprio. Cf. dicionário "Webster": *abandon*. N. do T.

"abandono" se torna caótico quando desacompanhado da austeridade. Mas, sabemos o que significa ser austero, satisfazer-se com pouco e não pensar em têrmos de *mais?* O "abandono" deve estar acompanhado de profunda austeridade — da austeridade que é extraordinàriamente simples, porque a mente nada está adquirindo, ganhando, não está pensando em têrmos de *mais*. É a simplicidade nascida do "abandono", mais a austeridade, que produz o estado de beleza criadora. Mas, se não existe amor, não podeis ser simples, não podeis ser "austero". Podeis falar a respeito de simplicidade e austeridade, mas, sem amor, elas são meramente uma forma de compulsão e, por conseguinte, não pode haver "abandono". Só tem amor aquêle que "se abandona", que se esquece completamente de si próprio e, dessarte, faz nascer o estado de beleza criadora.

A beleza, é bem óbvio, inclui também a beleza da forma; mas, se não há beleza interior, a mera apreciação sensorial da beleza da forma conduz à degradação, à desintegração. Só há beleza interior ao sentirdes verdadeiro amor pelas pessoas e por tôdas as coisas da Terra; e, com êsse amor, vem um extraordinário sentimento de consideração, de vigilância, de paciência. Podeis ter uma técnica perfeita, como cantor ou poeta, podeis saber pintar ou concatenar palavras, mas, sem essa beleza criadora, interior, vosso talento será muito pouco significativo.

Infelizmente, quase todos nos estamos tornando meros técnicos. Passamos em exames, adquirimos tal ou tal técnica, a fim de ganharmos o nosso sustento; mas, o adquirir técnica ou desenvolver capacidades, sem se dar atenção ao estado interior, é produtivo de fealdade e de caos no mundo. Se despertamos a beleza criadora, interiormente, ela se expressa exteriormente, e ha, então, ordem. Mas isso é muito mais difícil do que adquirir uma técnica, porque significa completo "abandono de nós mesmos", significa sermos sem mêdo, livres de constrangimento, sem resistência, sem defesa; e só podemos abandonar a nós mesmos dessa maneira, quando há austeridade, quando há o sentimento de grande simplicidade interior. Exteriormente podemos ser simples, usar poucas roupas e satisfazer-nos com uma só refeição ao dia; mas, isso não é austeridade. Há austeridade quando a mente é capaz de infinita experiência: quando tem *experiência* e ao mesmo tempo se conserva muito simples. Mas só pode nascer êsse estado quan-

do a mente já não está pensando em têrmos de *mais*, em têrmos de adquirir ou "vir a ser" algo por meio do tempo.

O que estou dizendo poderá ser, para vós, difícil de compreender, mas é verdadeiramente importante. Vêde, os técnicos não são criadores. E há cada vez mais técnicos no mundo, pessoas que sabem o que fazer e como fazê-lo, mas que não são criadoras. Na América, há máquinas calculadoras capazes de resolver em poucos minutos problemas matemáticos que um homem, trabalhando dez horas por dia, levaria *cem anos* para resolver. Tão extraordinárias máquinas estão sendo criadas! Mas, as máquinas jamais serão criadoras; no entanto, os entes humanos se estão tornando cada vez mais semelhantes a máquinas. Mesmo quando se rebelam, sua revolta se verifica dentro dos limites da máquina e não é, por conseguinte, revolução.

Muito importa, pois, descobrir o que é ser criador. Só podeis ser criador quando há "abandono"; isso significa, em verdade: quando não há sentimento de compulsão, mêdo de "não ser", não ganhar, não alcançar. Há, então, grande austeridade, simplicidade e, ao mesmo tempo, amor. Essa totalidade é beleza, estado criador.

Pergunta: A alma sobrevive após a morte?

KRISHNAMURTI: Se desejais realmente saber isso, como ireis sabê-lo? Lendo o que disse Sankara, Buda ou Cristo? Ouvindo o vosso guia ou "santo" particular? Todos êles podem estar completamente enganados. Estais dispostos a admitir isso — o que significa que vossa mente está nas condições adequadas ao investigar?

Em primeiro lugar, tendes naturalmente de verificar se existe uma alma para sobreviver. Que é a alma? Sabeis o que é? Ou apenas vos foi ensinado que existe uma alma — por vossos pais, pelo sacerdote, por determinado livro, por vosso meio cultural, e o aceitastes?

A palavra "alma" supõe algo transcendente à existência física, não é verdade? Tendes vosso corpo físico, e também vosso caráter, vossas virtudes; e, acima de tudo isso, dizeis, está a alma.

Se êsse estado existe de fato, deve ser um estado espiritual, de natureza atemporal; e estais perguntando se esta "certa coisa" espiritual sobrevive à morte. Esta é uma parte da questão.

A outra parte é: Que é a morte? Sabeis o que é a morte? Desejais saber se há sobrevivência após a morte; mas, vêde, esta questão não é importante. A questão importante é: Podeis conhecer a morte enquanto estais vivos? Que significação tem se alguém vos diz que há ou que não há sobrevivência após a morte? Continuais sem saber nada. Mas, *podeis* descobrir por vós mesmo o que é a morte, não depois de morto, mas enquanto estais vivo, com saúde, vigoroso, enquanto pensais, sentis.

Isso também faz parte da educação. Ser uma pessoa educada não significa apenas ser proficiente em Matemática, História ou Geografia; é ter também capacidade para compreender essa coisa extraordinária que se chama "a morte" — não quando se está morrendo fisicamente, mas enquanto se é vivo, enquanto se pode rir, trepar numa árvore, velejar num barco, nadar. A morte é o *desconhecido,* e o que importa é tomardes conhecimento do desconhecido enquanto estais vivo.

Pergunta: Quando estamos doentes, por que se afligem tanto os nossos pais por nossa causa?

KRISHNAMURTI: Os pais, em geral, têm interêsse em olhar pelos filhos, em cuidar dêles, mas, quando se afligem demais, isso indica estarem mais interessados em si próprios do que nos filhos. Não querem ver-vos morrer, porque, dizem: "Se nosso filho ou nossa filha morrer, que irá ser de *nós?*" Se os pais amassem os filhos, sabeis o que aconteceria? Se vossos pais vos amassem realmente, cuidariam de que não tivésseis nenhum motivo para ter mêdo, de que fôsseis entes humanos sãos e felizes; cuidariam de que não houvesse guerra nem pobreza no mundo, de que a sociedade não vos destruísse e aos que vos cercam — quer aldeões, quer citadinos, quer animais. É por que os pais não amam verdadeiramente aos filhos, que há guerras, que há ricos e pobres. Nos filhos "empataram" a própria existência, por meio dêles esperam ter continuidade. Assim, se adoeceis grave-

mente e vossos pais se afligem muito, o que os aflige é o sofrer dêles próprios. Mas isso êles nunca admitirão.

Posses, terras, nome, riqueza e família, constituem os meios da continuidade individual, também chamada "imortalidade"; e quando algo acontece aos filhos, os pais ficam aterrados, e grandemente aflitos, porque estão principalmente interessados em si próprios. Se os pais estivessem realmente interessados em seus filhos, a sociedade seria transformada da noite para o dia; teríamos uma educação de diferente espécie, um lar diferente, um mundo sem guerra.

Pergunta: Deveriam os templos ser franqueados indistintamente a todos, para a devoção?

KRISHNAMURTI: Que é o templo? Um lugar de devoção onde há um símbolo de Deus, ou seja uma imagem concebida pela mente e esculpida na pedra pela mão. Essa pedra, essa imagem, não é Deus, é? É apenas um símbolo, e o símbolo é como vossa sombra quando andais ao sol. Vossa sombra não sois vós; e essas imagens, êsses símbolos existentes no templo, não são Deus, não são a Verdade. Assim, que importa saber quem pode entrar e quem não pode entrar no templo? Por que ter dores de cabeça a tal respeito? A Verdade pode ser encontrada debaixo de uma fôlha morta, numa pedra à beira do caminho, nas águas que refletem os encantos de uma tarde, nas nuvens, no sorriso da mulher que carrega um fardo. No mundo inteiro se encontra a Realidade, e não necessàriamente no templo; e, em geral, lá *não* está ela, porque o templo foi edificado pelo mêdo do homem, está alicerçado no seu desejo de segurança, nas suas divisões de credo e de casta. Êste mundo é de todos nós, entes humanos que nêle temos de viver unidos, e o homem que quer achar Deus evita os templos, porque êles dividem a humanidade. A igreja cristã, a mesquita muçulmana, vosso templo hinduísta, estão dividindo, separando os entes humanos; e o homem que está em busca de Deus não quer saber de nenhuma dessas coisas. Assim, a questão sôbre se êste ou aquêle indivíduo pode ou não entrar no templo, se torna um mero caso "político". Não encerra nenhuma realidade.

Pergunta: Qual o papel da disciplina, em nossa vida?

KRISHNAMURTI: Infelizmente, tem um papel muito importante, não é verdade? Grande parte de vossa vida é disciplinada: "Fazei *isto* e não façais *aquilo.*" Dizem-vos a que horas deveis levantar-vos, o que deveis e o que não deveis comer, o que deveis saber e o que não deveis saber; que deveis ler, freqüentar as aulas, passar nos exames etc. Vossos pais, vossos mestres, vossa sociedade, vossa tradição, vossos livros sagrados, todos vos dizem o que deveis fazer; e, dessarte, vossa vida está limitada, circunscrita pela disciplina, não é verdade? Sois prisioneiros dos "fazei" e "não façais" — as grades de vossa gaiola.

Ora, que acontece à mente limitada pela disciplina? Decerto, só quando tendes mêdo de alguma coisa, quando estais resistindo a alguma coisa, necessitais de disciplina; tendes, então, de controlar-vos, conter-vos. Isso, ou o fazeis voluntàriamente ou sois obrigados a fazê-lo pela sociedade, por vossos pais, vossos mestres, vossa tradição, vossos livros sagrados. Mas, se começais a investigar, a pesquisar, se aprendeis e compreendeis sem mêdo, é então necessária a disciplina? Então, essa mesma compreensão produz sua ordem própria e verdadeira, ordem não nascida de imposição ou compulsão.

Pensai nisso; porque, quando sois disciplinado pelo mêdo, esmagado pela compulsão da sociedade, dominado pelo que dizem vossos pais e mestres, não há para vós nenhuma liberdade, nenhuma alegria, e foi-se tôda a iniciativa. Quanto mais antiga a cultura ou civilização, tanto maior o pêso da tradição que vos disciplina, que vos diz o que deveis e o que não deveis fazer; e, dessa maneira, sois esmagados, psicològicamente, arrasados, como se sôbre vós tivesse passado um rôlo compressor. Foi o que aconteceu na Índia. Tão tremendo é o pêso da tradição, que tôda iniciativa foi destruída e deixastes de ser *indivíduos;* sois meras peças da máquina social, e estais satisfeitos com sê-lo. Compreendeis? Vós não vos revoltais, não "explodis", não rompeis vossas cadeias. Vossos pais não vos querem rebelados, vossos mestres não vos querem libertados, e por isso a educação visa a fazer que vos ajusteis ao padrão estabelecido. Não sois, assim, entes hu-

manos completos, porque o mêdo vos corrói o coração; e, enquanto há mêdo, não há alegria, não há criação.

Pergunta: Há pouco, falando sôbre os templos, vos referistes ao símbolo de Deus como a "mera sombra". Não se pode ver a sombra de um homem sem que haja um homem real para projetá-la.

KRISHNAMURTI: A sombra vos satisfaz? Se tendes fome, ficais satisfeito olhando apenas para a comida? Por que então ficar satisfeito com a sombra que se encontra no templo? Se desejais profundamente compreender o Real, deveis largar a sombra. Mas, vê-se que estais mesmerizado pela sombra, pelo símbolo, pela imagem de pedra. Vêde o que sucedeu no mundo. Os entes humanos estão divididos porque adoram uma certa "sombra" existente na mesquita, no templo, na igreja. Pode haver uma multiplicidade de "sombras", mas só há *uma* Realidade indivisível; para se alcançar a Realidade não há caminho — nem cristão, nem muçulmano, nem hinduísta, nem nenhum outro.

Pergunta: Os exames poderão ser desnecessários para o jovem ou a jovem rica, cujo futuro está garantido; mas não são uma necessidade para os estudantes pobres, que precisam preparar-se para ganhar a vida? E essa necessidade não é muito urgente, principalmente se aceitamos a sociedade tal qual é?

KRISHNAMURTI: Aceitais sem reservas a sociedade tal qual é. Por que razão? Vós que não pertenceis à classe pobre, que sois mais ou menos abastados, porque não vos revoltais contra todo o sistema social? Isso está ao vosso alcance; assim, por que não fazeis uso de vossa inteligência para descobrirdes o que é verdadeiro e criardes uma nova sociedade? O pobre não irá revoltar-se, porque lhe falta a energia necessária ou tempo para pensar; está inteiramente ocupado, precisa de comida, de trabalho. Mas vós, que tendes lazer, que dispondes de algum tempo livre para fazerdes uso de vossa inteligência, por que não vos revoltais — *vós?* Por que não tratais de descobrir o que é uma sociedade justa, uma sociedade verdadeira, e de edificar uma nova civilização? Se isso não fôr iniciado por vós, certamente não será iniciado pelo pobre.

Pergunta: Estarão os ricos dispostos, alguma vez, a renunciar a a uma boa parte do que têm em benefício dos pobres?

Krishnamurti: Não estamos falando sôbre o que o rico deverá abandonar em favor dos pobres. Qualquer que seja a parte a que renunciem, não satisfará ao pobre. Mas não é êste o problema. *Vós*, que sois abastados e que, por conseguinte, tendes a possibilidade de cultivar a inteligência, não podeis, mediante revolta, criar uma nova sociedade? Isso depende de vós, e de ninguém mais; depende de cada um de nós, e não dos ricos ou dos pobres ou dos comunistas. Mas, em geral, não possuímos êsse espírito de revolta, êsse ímpeto de libertação e de descobrimento. Êsse espírito é que é importante.

XI

Já alguma vez estivestes sentado, muito quieto, de olhos fechados, observando o movimento de vosso pensar? Já observastes vossa mente funcionando, ou melhor, vossa mente já observou a si própria em funcionamento, para ver quais são vossos pensamentos, vossos sentimentos, como olhais para as árvores, para as flôres, as aves, as pessoas, como "respondeis" a uma sugestão ou reagis a uma idéia nova? Já fizestes isso, alguma vez? Se não, estais perdendo muita coisa. Se não sabeis como vossa mente reage, se vossa mente não está cônscia de suas próprias atividades, nunca descobrireis o que é a sociedade. Podeis ler livros de sociologia, estudar ciências sociais, mas se não sabeis como funciona vossa mente, não compreendereis o que é a sociedade, pois vossa mente é parte integrante da sociedade; ela *é a sociedade*. Vossas reações, vossas crenças, vossas idas ao templo, os trajes que usais, as coisas que fazeis ou que não fazeis, o que pensais — a sociedade constitui-se de tudo isso, é a réplica de tudo o que se passa em vossa mente. Vossa mente, pois, não está separada da sociedade, não é distinta de vossa *cultura*, de vossa religião, de vossas divisões de classe, das ambições e conflitos da humanidade em geral. Tudo isso é a sociedade, da qual sois parte integrante. Não existe "vós" separado da sociedade.

Pois bem; a sociedade está sempre procurando controlar, formar, moldar o pensar dos jovens. Desde o momento em que nasceis e começais a receber impressões, vosso pai e vossa mãe ficam a dizer-vos o que deveis e o que não deveis fazer, o que deveis crer e o que não deveis crer; dizem-vos que há Deus ou que não há Deus, porém sòmente o Estado, cujo profeta é certo ditador.

Desde a infância, tais coisas vos são inoculadas continuamente e, por conseguinte, vossa mente — ainda muito nova, impressionável, indagadora, curiosa, desejosa de descobrir — vai sendo gradualmente enclausurada, condicionada, moldada, para que vos ajusteis ao padrão de determinada sociedade e nunca sejais um revolucionário. Uma vez firmado o hábito de pensar segundo um padrão, mesmo quando vos "revoltais", isso acontece dentro do padrão. É revolta semelhante à revolta de presos que reclamam melhor comida e mais comodidade — mas sempre entre os muros da prisão. Quando buscais Deus ou investigais o que é govêrno justo, sempre o fazeis dentro do padrão da sociedade, que preceitua que "*isto* é verdadeiro e *aquilo* é falso; que *isto* é bom e *aquilo* é mau; que *êste* é o guia verdadeiro e *êstes* são os santos". Vossa revolta, pois, tal como a chamada revolução promovida por homens ambiciosos ou muito hábeis, está sempre limitada pelo passado. Não é revolta, não é revolução, porém tão só uma atividade mais intensa *dentro do padrão*. A revolta real, a revolução verdadeira é aquela que quebra as cadeias do padrão, para investigar fora dêle.

Deveis saber que todos os reformadores — não importa quem sejam êles — só se interessam em melhorar as condições internas da prisão. Nunca vos dizem que não vos ajusteis, nunca vos dizem "Rompei as muralhas da tradição e da autoridade, sacudi o condicionamento que vos aprisiona a mente". E a verdadeira educação é, não apenas exigir que passeis em exames, para os quais vos preparais apressadamente, ou que escrevais sôbre algo que aprendestes de cor, porém, sim, ajudar-vos a perceber os muros da prisão em que vossa mente está cativa. A sociedade influencia todos nós, molda-nos constantemente o pensar, e essa pressão externa da sociedade se traduz gradualmente em "estado interior"; mas, por mais profundamente que penetre, ela será sempre externa e não haverá coisa que se possa chamar "estado interior" enquanto não fôr rompido ésse condicionamento. Deveis saber o que estais pensando e se estais pensando como hinduísta, como muçulmano ou como cristão, isto é, conforme a religião a que por acaso pertenceis. Deveis estar cônscio do que credes ou não credes. Tudo isso constitui o padrão da sociedade e, a não ser que estejais cônscio do padrão e dêle vos liberteis, continuareis prisioneiro, embora penseis ser livre.

Mas, vêde, o que interessa a quase todos nós é a revolta dentro da prisão; queremos comida melhor, um pouco mais de luz, uma janela mais larga, para podermos ver um pedaço maior do céu. Muito nos importa saber se o *"outcaste"*[1] pode ou não pode entrar no templo; desejamos eliminar determinada casta e, no próprio ato de eliminá-la, criamos outra, uma casta "superior"; e, assim, continuamos prisioneiros, . nunca há libertação da prisão. A liberdade está fora dos muros, fora do padrão da sociedade; mas, para ficardes livre dêsse padrão, tendes de compreender todo o seu conteúdo, ou seja compreender vossa própria mente. Foi a mente que criou a atual civilização, essa cultura ou sociedade vinculada à tradição; e, se não compreendeis vossa própria mente e apenas vos revoltais como comunistas, socialistas etc., isso pouco significa. Por essa razão, muito importa terdes autoconhecimento, estardes cônscio de tôdas as vossas atividades, de vossos pensamentos e sentimentos; isso é educação, não? Porque, quando estais plenamente cônscio de vós mesmo, vossa mente se torna muito sensível, muito vigilante.

Experimentai isso — não num certo dia longínquo do futuro, porém amanhã ou nesta tarde mesmo. Se há muita gente em vossa casa, tratai de sair a sós, para vos sentardes debaixo de uma árvore ou à beira do rio e observardes sossegadamente como funciona a vossa mente. Não a corrijais, dizendo: "*Isto* é certo, aquilo é errado"; observai-a, apenas, como quem assiste a um filme; os atôres e atrizes estão desempenhando os seus papéis, e vós apenas *vendo*. Pela mesma maneira observai como funciona a vossa mente. Isso é verdadeiramente interessante, muito mais interessante do que qualquer filme, pois vossa mente é o resíduo de todo o mundo e contém tudo o que os entes humanos têm experimentado. Compreendeis? Vossa mente é a humanidade, e quando perceberdes isso tereis uma imensa compaixão. Dessa compreensão nasce um grande amor; e, então, ao verdes coisas belas, sabereis o que é a beleza.

---

(1) *outcaste:* Na Índia, aquêle que foi expulso de sua casta, por violação de suas regras ou costumes. Os *outcastes* são destituídos de todos os direitos civis comuns. (Dicionário "Webster Collegiate"). N. do T.

Pergunta: Como aprendestes tudo isso de que falais, e como chegaremos a conhecê-lo?

KRISHNAMURTI: Esta é uma boa pergunta, não achais? Pois bem; se posso falar um pouco de minha própria pessoa, sabei que não li nenhum dos livros que tratam dessas coisas, nem o *Upanishads*, nem o *Bhagavad Gita*, nem livros de psicologia; mas, como já vos disse, se observardes vossa própria mente, lá encontrareis tudo. Assim, pois, quando empreendeis a jornada do autoconhecimento, os livros são sem importância. É como entrar num país estranho onde se começam a ver coisas novas, a fazer extraordinários descobrimentos. Mas, vêde, tudo isso é destruído, se dais importância a vós mesmo. No momento em que dizeis: "Descobri, sei, sou um grande homem porque descobri isto e aquilo", nesse momento estais perdido. Se tendes de fazer uma longa viagem, deveis levar muito pouca bagagem; se desejais galgar grandes alturas, deveis viajar leves.

Esta pergunta, por conseguinte, é importante, porque o descobrimento e a compreensão vêm com o autoconhecimento, pela observação dos movimentos da mente. O que dizeis de vosso próximo, vossa maneira de falar, de andar, de olhar o céu, vossa maneira de tratar as pessoas, de cortar um ramo de árvore — tôdas essas coisas são importantes, porque atuam como espelhos que vos mostram exatamente como *sois* e, se estais vigilante, descobris "de nôvo" tôdas as coisas, momento por momento.

Pergunta: Devemos formar alguma idéia a respeito de alguém, ou não?

KRISHNAMURTI: Por que ter idéias a respeito de pessoas? Deveis formar opinião, juízo, acerca de alguém? Quando tendes idéias a respeito de vosso mestre, que se torna importante para vós? Não é o mestre, porém as idéias que sôbre êle tendes. E é isso o que acontece na vida, não é exato? Todos temos opiniões a respeito de pessoas; dizemos "Fulano é bom", "Fulano é frívolo", "Fulano é supersticioso", "Fulano faz isto ou aquilo". Estendemos uma cortina de idéias entre nós mesmos e outra pessoa e, por essa razão, nunca nos encontramos realmente com ela. Depois de vermos alguém fazer uma coisa, dizemos "êle fêz tal coisa"; por

isso se torna importante datar os fatos. Entendeis? Se vêdes alguém fazer uma coisa que considerais boa ou má, formais uma opinião sôbre essa pessoa, opinião que tende a fixar-se, de modo que, quando dez dias ou um ano mais tarde, vos encontrais com tal pessoa, ainda estais pensando nela nos "têrmos" de vossa opinião. Mas, durante êsse período, a pessoa poderá ter mudado; muito importa, por conseguinte, nunca dizer "Êle *é* assim", porém "Êle *era* assim em fevereiro" — pois, no fim do ano, êle poderá estar completamente mudado. Se dizeis a respeito de alguém "Conheço esta pessoa", podeis estar redondamente enganado, porquanto só a conheceis até um certo ponto ou pelos fatos ocorridos numa certa data e, afora isso, não a conheceis absolutamente. Assim, o importante é que vos encontreis com outro ser humano sempre com a mente fresca, e não com vossos preconceitos, vossas idéias fixas, vossas opiniões.

Pergunta: Que é sentimento, e como sentimos?

KRISHNAMURTI: Se tendes aulas de Fisiologia, vosso mestre provàvelmente vos explicou como é constituído todo o sistema nervoso humano. Quando alguém vos belisca, sentis dor. Que significa isso? Vosso nervo leva uma sensação ao cérebro e, em seguida, dizeis "Tu me feriste". Pois bem, esta é a parte física do sentir.

Anàlogamente, há sentimento psicológico, não é exato? Se vos considerais admiràvelmente belo e alguém vos diz "És feio", vos sentis magoado. E isso significa o quê? Ouvis certas palavras que o cérebro traduz como desagradáveis ou ofensivas, e vos perturbais; ou alguém vos lisonjeia e dizeis "Como é agradável ouvir isto!" Assim, pensar-sentir é uma reação — reação a uma picada de alfinête, a um insulto, a uma lisonja etc. A totalidade disso constitui o "processo" do pensar-sentir; mas êsse processo é muito mais complexo ainda, e tendes a possibilidade de aprofundá-lo mais e mais.

Vêde, tôda vez que temos um sentimento, sempre lhe damos um nome, não é verdade? Dizemos que o sentimento é agradável ou doloroso. Quando nos irritamos, damos a êsse sentimento um nome: "cólera"; mas, já pensastes no que ocorreria se não désseis nome a um sentimento? Experimentai-o. Na próxima vez que

vos irritardes, não deis nome a isso, não o chameis "cólera"; mantende-vos simplesmente cônscio do sentimento, sem lhe dar nome, para verdes o que acontece..

Pergunta: Qual a diferença entre a "cultura americana" e a "cultura hindu"?

KRISHNAMURTI: Ao falarmos de cultura americana, temos em mente, em geral, a cultura européia transplantada na América, cultura que com o tempo se modificou e ampliou no encontro com novas fronteiras, físicas e mentais.

E que é "cultura hindu"? Qual a cultura que tendes aqui? Que entendeis pela palavra "cultura"? Se já praticastes jardinagem, sabeis como se cultiva e prepara a terra. Cava-se o solo, removem-se as pedras e, se necessário, adiciona-se-lhe *compost* — uma mistura de fôlhas, capim, estrume e outras matérias orgânicas decompostas — para fertilizar o solo, e, então, planta-se. O solo fértil dá nutrição à planta e esta, gradualmente, produz aquela coisa maravilhosa e encantadora que se chama "uma rosa".

Pois bem; a cultura hindu é coisa semelhante. Milhões de pessoas a produziram, com suas lutas, sua vontade, pelo desejar *isto* e resistir àquilo, pelo constante pensar, sofrer, temer, evitar, fruir; também o clima, as roupas, o alimento, tiveram sua influência. Temos, pois, aqui, um solo extraordinário: a mente; e, antes de estar ela completamente moldada, houve uns poucos indivíduos cheios de vitalidade e fôrça criadora que "explodiram" por tôda a Ásia. Não diziam, como vós: "Tenho de aceitar os decretos da sociedade. Que dirá meu pai, se eu não o fizer?" Pelo contrário, êsses homens haviam encontrado algo e não se mostravam indiferentes, porém possuídos de ardente entusiasmo. Ora, tudo isso constituiu a cultura hindu. O que pensais, os alimentos que tomais, os trajes que vestis, vossas maneiras, vossas tradições, vosso falar, vossas pinturas e estátuas, vossos deuses, e sacerdotes, e livros sagrados — tudo isso é "cultura hindu", pois não?

Assim, a cultura hindu é um tanto diferente da cultura européia, mas abaixo da superfície o movimento é o mesmo. Êsse movimento poderá expressar-se diferentemente na América, pois lá as necessidades diferem, há menos tradições, mais con-

fortos etc. Mas, abaixo da superfície, o movimento é o mesmo: achar a felicidade, descobrir o que é Deus, o que é a Verdade. E quando êste movimento se detém, a cultura declina, como aconteceu neste país. Quando êsse movimento é embargado pela autoridade, pela tradição, pelo mêdo, há declínio, deterioração.

O impulso para descobrir o que é a Verdade, o que é Deus, é o único impulso *real,* e todos os outros impulsos são subsidiários. Quando jogamos uma pedra na água tranqüila, formam-se círculos crescentes. Êsses círculos crescentes são os movimentos subsidiários, as reações sociais; mas o movimento real está no centro: o movimento para achar a felicidade, Deus, a Verdade. E nada disso achareis enquanto estiverdes embargados pelo mêdo. No momento em que surge a ameaça e o mêdo, declina a cultura.

Eis por que tanto importa que, enquanto estais jovens, *não* vos deixeis condicionar, *não* vos deixeis tolher pelo mêdo a vossos pais, à sociedade, de modo que em vós haja aquêle movimento atemporal para o descobrimento da Verdade. Os homens que investigam o que é a Verdade, o que é Deus — só êsses homens podem criar uma nova civilização, uma nova cultura, e não aquêles que se submetem ou se revoltam apenas dentro da prisão do velho condicionamento. Podeis pôr as vestes de um asceta, ingressar nesta ou naquela sociedade, abandonar uma religião por outra, tentar de várias maneiras ser livre; mas, se não houver dentro em vós aquêle movimento para descobrir o que é real, o que é a Verdade, vossos esforços serão sem significação. Podeis ser muito ilustrados e fazer as coisas que a sociedade chama "boas", mas tudo isso está dentro da prisão da tradição e, por conseguinte, não tem nenhum valor revolucionário.

Pergunta: Que pensais dos hindus?

KRISHNAMURTI: Esta é realmente uma pergunta inocente, não achais? Ver os fatos sem dar opinião, é uma coisa; mas ter opinião a respeito dos fatos é coisa muito diferente. Uma coisa é ver simplesmente o fato: todo um povo dominado pela superstição e o mêdo; e coisa muito diferente ver êsse fato e *condená-lo.* As opiniões não são importantes, porque eu posso ter uma opinião, vós outra, e um terceiro mais outra. Interessar-se em opiniões é uma maneira estúpida de pensar. O importante é

ver os fatos como são, sem formar opinião, sem julgar, sem comparar.

Sentir a beleza, sem opinião, é a única percepção real da Beleza. Anàlogamente, se puderdes ver o povo da Índia exatamente como é, vê-lo claramente, sem opiniões fixas, sem julgá-lo, então o que virdes será o Real.

Os hindus têm certas maneiras, certos costumes peculiares, mas, fundamentalmente, são como qualquer outro povo. Têm tédio, são cruéis, são medrosos, revoltam-se dentro dos muros da prisão da sociedade, exatamente como acontece em todos os demais lugares. Como os americanos, também querem confôrto, só que presentemente não o têm no mesmo grau. Possuem uma "pesada" tradição de renúncia ao mundo e de esfôrço para ser virtuoso; mas têm também ambições profundamente arraigadas, hipocrisia, avidez, inveja, e estão fragmentados pelas castas, como o estão os entes humanos em tôda parte, só que aqui de maneira muito mais brutal. Pode-se observar mais claramente aqui na Índia o fenômeno que está ocorrendo no mundo. Queremos ser amados, mas não sabemos o que é amor; somos infelizes, sequiosos de algo real; recorremos aos livros, ao *Upanishads*, ao *Gita*, ou à Bíblia, e vivemos perdidos num matagal de palavras e de especulações. Seja aqui, seja na Rússia, seja na América, a mente humana é semelhante, só que se expressa de diferentes maneiras, sob céus diferentes e diferentes governos.

XII

ESTIVEMOS examinando a questão da revolta dentro da prisão, e vimos que todos os reformadores, idealistas, e outros que se mostram incessantemente ativos, a fim de alcançarem certos resultados, só se revoltam dentro dos muros de seu próprio condicionamento, de sua própria estrutura social, dentro do padrão cultural de civilização, o qual exprime a vontade coletiva. Penso que seria bastante proveitoso examinar agora o que é *confiança* e como nasce ela.

Com a iniciativa vem a confiança; mas, tôda iniciativa dentro do padrão só produz presunção, que é coisa muito diferente da confiança em que não existe "eu". Sabeis o que significa ter confiança? Se fazeis uma coisa com vossas próprias mãos, se plantais uma árvore e a vêdes crescer, se pintais um quadro ou escreveis uma poesia, ou, quando mais velho, construís uma ponte ou desempenhais à perfeição um certo cargo administrativo, isso vos dá a confiança de serdes capaz de fazer algo. Mas, vêde, a confiança, como atualmente a conhecemos, está sempre dentro da prisão que a sociedade — comunista, hinduísta, cristã — construiu ao redor de nós. A iniciativa dentro da prisão cria, com efeito, uma certa confiança, porque vos sentis capaz de fazer coisas: desenhar uma flor, ser um bom médico, excelente cientista etc. Mas êsse sentimento de confiança que vem com a capacidade de ser bem sucedido dentro da estrutura social, ou a capacidade de fazer reformas, melhorar a iluminação, decorar o interior da prisão, essa confiança é, em verdade, presunção; sabeis que sois capaz de fazer algo e vos sentis importante quando o fazeis. Mas se, ao contrário, pela investigação, pela compreensão, vos libertais da estrutura social, de que sois parte integrante, vem uma confiança de espécie tôda diferente,

na qual não há sentimento da própria importância; e compreender a diferença entre as duas — a presunção e a confiança livre do "eu" — penso que isso será altamente significativo em vossa vida.

Quando jogais com mestria um certo jôgo, por exemplo, *badminton*(1), críquete, futebol, tendes um certo sentimento de confiança, não é exato? Isso vos dá a convicção de que sois um "bom jogador". Se resolveis com rapidez problemas matemáticos, isso também cria um sentimento de confiança em vós mesmo. Quando a confiança provém de ação exercida dentro da estrutura social, é sempre acompanhada de uma estranha arrogância, não é verdade? A confiança do homem que sabe "fazer coisas", que é capaz de alcançar resultados, traz sempre o colorido dessa arrogância do "eu", dêsse sentimento que nos faz dizer "Só eu faço isto". Assim, no próprio ato de conquistar um resultado, de promover uma reforma social no interior da prisão, há essa arrogância do "eu", o sentimento de que *eu* tive êxito, *meu* ideal é importante, *meu* grupo venceu. Essa consciência de "eu" e de "meu" acompanha sempre a confiança que se expressa dentro do padrão social.

Já notastes como são arrogantes os idealistas? Os líderes políticos que logram certos resultados, que realizam grandes reformas — já não notastes como são presunçosos, "cheios de vento", com seus ideais e suas realizações? Em sua própria estimativa são muito importantes. Lede uns poucos discursos políticos, observai alguns dêsses que se intitulam "reformadores", e vereis que, no próprio processo de reformação, êles estão cultivando o próprio *ego;* suas reformas, por mais simples que sejam, estão sempre dentro da prisão, por conseguinte são destrutivas e causam, finalmente, mais aflição e mais conflito ao homem.

Agora, se puderdes penetrar essa estrutura social — o padrão cultural da vontade coletiva a que chamamos civilização — se puderdes compreendê-la totalmente e dela libertar-vos, rompendo os muros da prisão de vossa particular sociedade — hinduísta, comunista ou cristã — vereis então surgir uma confiança não contaminada do sentimento de arrogância. Essa é a

---

(1) *badminton:* jôgo que se joga com raqueta e volante.

confiança da "inocência". É como a confiança de uma criança: tão completamente inocente que está pronta a experimentar qualquer coisa. Tal confiança é que dará nascimento a uma nova civilização; mas essa inocente confiança não poderá nascer enquanto permanecerdes dentro do padrão social.

Peço-vos que escuteis com tôda a atenção. Êste orador não tem a mínima importância, mas, para vós, é da máxima importância compreenderdes a verdade do que se está dizendo. Afinal de contas, isto é educação, não achais? A função da educação não é preparar-vos para vos ajustardes ao padrão social; pelo contrário, sua função é ajudar-vos a compreender completa, profunda e plenamente, o padrão social, a fim de poderdes libertar-vos dêle e serdes um indivíduo sem aquela arrogância do *ego;* tendes então confiança, porque sois verdadeiramente inocente.

Não é uma verdadeira tragédia estarmos todos nós interessados apenas em *como nos ajustarmos* à sociedade, ou em *como a reformarmos?* Não notastes que a maioria das perguntas que fizestes reflete essa atitude? Estais dizendo, efetivamente: "Como posso ajustar-me à sociedade? Que dirá meu pai e minha mãe e que me acontecerá, se eu não o fizer?" Uma tal atitude destrói tôda a confiança, tôda a iniciativa que porventura tenhais. Assim, saís da escola e do colégio transformado numa espécie de autômato, altamente eficiente, talvez, mas sem a chama criadora. Por isso é que tanto importa compreender a sociedade, o ambiente em que se vive e, nesse próprio processo de compreensão, romper as suas muralhas.

Como deveis saber, êste é um problema existente no mundo inteiro. O homem está em busca de uma nova "resposta" (ao desafio da vida), de "um nôvo acesso à vida", porque as velhas normas estão decaindo, tanto na Europa, como na Rússia e aqui. A vida é desafio contínuo, e tentar meramente promover uma melhor ordem econômica não constitui uma "resposta" total a êsse desafio, que é sempre nôvo; e, quando culturas, povos, civilizações se tornam incapazes de "responder" totalmente ao desafio do *nôvo,* são destruídos.

A menos que sejais educados adequadamente, a menos que tenhais aquela extraordinária confiança da inocência, sereis inevitàvelmente absorvidos pelo "coletivo" e vos perdereis no meio da

geral mediocridade. Acrescentareis algumas letras ao vosso nome, sereis casados, tereis filhos — e estareis liquidados.

Como sabeis, em maioria tememos. Vossos pais têm mêdo, vossos educadores mêdo têm, os governos e as religiões temem que vos torneis um indivíduo total, porque todos querem que permaneçais, para segurança dêles, na prisão das influências ambientes e culturais. Mas, só os indivíduos capazes de libertar-se do padrão social, pela compreensão dêle, e que por conseguinte não estão tolhidos pelo condicionamento de sua própria mente — só êsses poderão criar uma nova civilização — e não os que apenas cuidam de ajustar-se ou de resistir a um dado padrão, por terem sido moldados por outrem. A busca de Deus ou da Verdade não se efetua dentro do padrão, porém, antes, compreendendo a prisão e rompendo os seus muros; e êsse próprio movimento para a liberdade cria uma nova cultura, um mundo diferente.

Pergunta: Dizei-nos, senhor, por que necessitamos de companhia?

KRISHNAMURTI: Uma menina pergunta por que necessitamos de companhia. Por que necessita uma pessoa de companhia? Pode-se viver sòzinho neste mundo, sem marido ou mulher, sem filhos, sem amigos? A maioria das pessoas não pode viver só e, portanto, necessita de companheiros. Demanda excepcional inteligência o estar só; e vós *deveis* estar só, para achardes Deus, a Verdade. É bom ter um companheiro, um marido, uma espôsa, e também ter filhos; mas, vêde, deixamo-nos absorver por isso, pela família, o emprêgo, a estúpida e monótona rotina de uma existência em declínio. Acostumamo-nos com essa condição e, então, se torna horrível, temível, a idéia de viver só. Em geral, depositamos nossa fé numa dada coisa, "colocamos todos os ovos num só cêsto", e nossa vida nenhuma riqueza tem se nos vemos separados de nossos companheiros, de nossas famílias, de nossos empregos. Mas, se há riqueza na vida de uma pessoa — não riqueza de dinheiro ou de saber, que qualquer um pode adquirir, mas aquela riqueza que é o movimento da Realidade sem comêço nem fim — então, a questão de ter companheiros se torna secundária.

Mas, não sois educados para *estar sós.* Saís alguma vez a passeio sózinha? É muito importante sair a sós, sentar-se debaixo de uma árvore — não com um livro ou um companheiro — e

observar a queda de uma fôlha, ouvir o murmúrio da água, o canto do pescador, observar o vôo de uma ave e o de vossos próprios pensamentos, que vos atravessam o espaço da mente em rápida sucessão. Se fordes capaz de estar só o observar as coisas, descobrireis maravilhosas riquezas, que nenhum govêrno poderá tributar, nenhuma ação humana corromper, e que jamais serão destruídas.

Pergunta: É por paixão que fazeis conferências? Não vos cansais de falar? Por que o fazeis?

KRISHNAMURTI: Folgo de terdes feito esta pergunta. Ora, se *amais* uma pessoa, nunca vos cansais dela — isto é, se amais sem estar buscando nenhum resultado, sem estar desejando algo. Quando amais uma pessoa, não há autopreenchimento e, por conseguinte, nunca há desapontamento, nunca há fim. Por que estou fazendo isto? Isso é o mesmo que perguntar por que a roseira dá rosas, por que o jasmim dá perfume, ou por que a ave voa.

Vêde, eu já experimentei *não falar*, para ver o que acontece se não falo. Isso também dá certo. Entendeis? Se falais porque com isso ganhais alguma coisa — dinheiro, recompensa, sentimento da própria importância — então há cansaço, vosso falar é então destrutivo e nada significa, porque é só autopreenchimento. Mas, se há amor em vosso coração, e vosso coração não está repleto das coisas da mente, êle é então como uma fonte, uma nascente, de onde brota eternamente água fresca.

Pergunta: Quando amo alguém e essa pessoa se irrita, por que é tão intensa sua cólera?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, amais alguém? Sabeis o que é amar? É dar, completamente, vossa mente, vosso coração, todo o vosso ser, sem pedir retribuição, sem estender a mão para pedir amor. Compreendeis? Quando existe essa espécie de amor, pode haver cólera? E por que nos encolerizamos ao amarmos alguém com isso que ordinàriamente chamamos "amor"? É porque não estamos obtendo o que esperamos dessa pessoa, não é verdade? Amo minha espôsa ou marido, meu filho ou filha, mas, no momento em que fazem algo "errado", me encolerizo. Por que?

Por que se zanga o pai com o filho ou a filha? Por que quer que o filho seja ou faça alguma coisa, que se ajuste a um certo padrão, e o filho se insurge. Os pais procuram preencher-se, imortalizar-se em seus bens materiais, em seus filhos, e, quando o filho faz algo que desaprovam, irritam-se violentamente. Têm um ideal do que o filho *deve ser,* e com êsse ideal estão preenchendo a si próprios; por isso, zangam-se quando o filho não se adapta ao padrão que representa o próprio preenchimento dêles.

Já notastes quanto vos zangais, às vêzes, com um dos vossos amigos? É o mesmo processo que se está verificando. Estais esperando alguma coisa dêle e, quando essa expectativa não se preenche, vos sentis desapontados; e isso, com efeito, significa que, interiormente, psicològicamente, estais dependendo dessa pessoa. Assim, sempre que há dependência psicológica, tem de haver frustração; e a frustração, inevitàvelmente, gera a cólera, azedume, ciúme, e várias outras formas de conflito. Por isso muito importa, enquanto estais jovem, amardes com todo o vosso ser — uma árvore, um animal, vosso mestre, vosso pai — por que então podeis descobrir por vós mesmo o que é viver sem conflito, sem mêdo.

Mas, vêde, o educador, em geral, está interessado em si próprio, em seus problemas pessoais — domésticos, econômicos, profissionais. Não tem amor no coração, e êsse é um dos problemas da educação. *Vós* talvez tenhais amor no coração, porque amar é coisa natural nos jovens; mas êsse amor é depressa destruído pelos pais, pelo educador, pelo ambiente social. Conservar essa inocência, êsse amor que é o perfume da vida, é dificílimo, requer muita inteligência, claro discernimento.

Pergunta: Como pode a mente ultrapassar os obstáculos em si própria existentes?

KRISHNAMURTI: Para poder ultrapassar os obstáculos em si própria existentes, deve a mente, em primeiro lugar, estar cônscia dêles, não? Deveis conhecer as limitações, os confins, as fronteiras de vossa própria mente; mas são raros os que os conhecem. Dizemos que os conhecemos, mas isso é mera asserção verbal. Nunca dizemos: "Há uma barreira, um empêço, dentro em mim, e desejo compreender isso; portanto, quero conhecer essa coisa, ver como se originou e sua inteira natureza." Quando se sabe qual

é a doença, há possibilidade de cura. Mas, para se conhecer a doença, isto é, a limitação, empêço, ou barreira da mente, e compreendê-la, não devemos condená-la, não devemos dizer que é "certa" ou "errada". Devemos observá-la, sem nenhuma opinião, nenhum preconceito a seu respeito — o que é dificílimo, porque somos educados para condenar.

Para compreenderdes uma criança, não deve haver condenação. Condená-la não tem significação nenhuma. Deveis observá-la, quando brinca, quando chora, quando come, observá-la em tôdas as suas disposições de espírito; mas não podeis fazê-lo se dizeis que ela é feia, que é estúpida, que é isto ou aquilo. Anàlogamente, se podemos observar os obstáculos existentes na mente, não só os obstáculos superficiais, mas também os mais profundos, do inconsciente — observá-los sem condenação — pode então a mente ultrapassá-los; e êsse próprio ultrapassamento é um movimento para a Verdade.

Pergunta: Por que criou Deus tantos homens e mulheres no mundo?

KRISHNAMURTI: Por que supondes que Deus nos criou? Há uma explicação muito simples: o instinto biológico. Instinto, desejo, paixão, lascívia, tudo isso faz parte da vida. Mas, se dizeis "A vida é Deus", então o caso muda de figura. Deus é, então, tôdas as coisas, inclusive paixão, concupiscência, inveja, mêdo. Todos êsses fatôres concorreram para produzir no mundo um número excessivo de homens e mulheres, e por isso existe o problema do superpovoamento, um dos flagelos dêste país. Mas, êsse problema não se resolve tão fàcilmente. Há vários impulsos e compulsões hereditárias e, se se não compreende todo êsse complexo processo e se cuida meramente de controlar a natalidade, isso não tem muita significação. Pusemos êste mundo em desordem, cada um de nós, porque não sabemos o que é viver. *Viver* não é essa coisa insípida, medíocre, disciplinada, que chamamos "nossa existência". *Viver* é coisa completamente diferente. O viver é transbordante de riqueza, é eterna transformação e, enquanto não compreendermos êsse movimento eterno, nossa vida será, decerto, muito pouco significativa.

XIII

A CHUVA QUE CAI em solo ressecado é uma coisa maravilhosa. Lava as fôlhas, refresca e renova a terra. E eu acho que todos deveríamos "lavar", purificar nossa mente, da mesma maneira como as árvores são lavadas pela chuva, tão pesada que está da poeira de muitos séculos, dessa poeira que chamamos "conhecimento", "experiência". Se vós e eu fizéssemos todos os dias uma "limpeza" em nossa mente, livrando-a das reminiscências de ontem, cada um de nós possuiria uma mente nova, uma mente capaz de enfrentar os numerosos problemas da existência.

Ora, um dos grandes problemas que estão perturbando o mundo é o da chamada "igualdade". Mas, em certo sentido, essa coisa chamada "igualdade" é inexistente, porque todos temos diferentes capacidades; mas estamos tratando aqui da igualdade no sentido de que todos deveriam ser tratados de *igual maneira.* Numa escola, por exemplo, os cargos de diretor, professor, monitor, são apenas empregos, funções; mas, como sabeis, a certos cargos ou funções está associada a idéia de *posição,* e *posição* é uma coisa respeitada, porque supõe autoridade, prestígio, confere a um homem o poder de dar ordens a outros, de distribuir empregos entre os amigos e membros da própria família. Vemos, pois, que à função está associada a *posição.* Mas, se pudéssemos eliminar totalmente essa idéia de categoria, influência, posição, prestígio, poder de conferir favores a outros, a função teria então um significado muito diferente e muito simples, não achais? Então, quer se tratasse de governadores, primeiros-ministros, quer de simples cozinheiros ou pobres professôres, todos seriam tratados com *igual respeito,* porquanto cada um está desempenhando uma diferente porém necessária *função* na sociedade.

Sabeis o que aconteceria, principalmente numa escola, se se pudesse afastar definitivamente da função tôda noção de poder, de posição, de prestígio, eliminar o sentimento de se ser "O Chefe", o "homem importante"? Estaríamos todos vivendo numa atmosfera completamente diferente, não? Nenhuma autoridade haveria — "autoridade", no sentido de "superior e inferior", o homem importante e o homem sem importância — e, por conseguinte, haveria liberdade. E muito importa criar-se numa escola uma atmosfera assim, uma atmosfera de liberdade, de amor, onde cada um tenha um forte sentimento de confiança; porque, como sabeis, a confiança nasce quando uma criança se sente como "em casa", em segurança. Mas — vos sentis à vontade em vossa própria casa, quando vosso pai, vossa mãe, vossa avó, vos estão constantemente a dizer o que deveis fazer, tirando-vos gradualmente a confiança em vossa própria capacidade de fazer qualquer coisa por iniciativa própria? Quando crescerdes, deveis ser capaz de investigar, de descobrir o que considerais verdadeiro, e de vos aterdes com firmeza ao que descobris. Deveis ser capaz de sustentar o que considerais justo, ainda que daí vos advenham penas, sofrimentos, prejuízos de dinheiro etc.; e para serdes assim deveis sentir-vos, enquanto estais jovens, em perfeita segurança e livres de constrangimento.

A maioria dos jovens não se sentem em segurança, porque vivem amedrontados. Têm mêdo dos mais velhos, dos lentes, da mãe, do pai, e, por conseguinte, nunca se sentem perfeitamente tranqüilos. Mas, quando vos sentis verdadeiramente tranqüilo, à vontade, sucede uma coisa extraordinária. Quando podeis retirar-vos para vosso quarto, fechar a porta e ficar *só*, sem ninguém a observar-vos, sem ninguém a dizer-vos o que deveis fazer, vos sentis então em perfeita segurança; começais, assim, a desabrochar, a compreender, a descerrar-vos. Ajudar-vos a *descerrar-vos* é a função de uma escola; se ela não o faz, não é digna dêsse nome.

Quando vos sentis à vontade num lugar, isto é, quando vos sentis em segurança, não intimidado, não compelido a fazer isto ou aquilo; quando vos sentis muito feliz, perfeitamente tranqüilo, não sois então mau, sois? Quando sois verdadeiramente feliz, não tendes vontade de magoar ninguém, de destruir coisa alguma. Mas é dificílimo fazer o estudante sentir-se perfeitamente feliz, porque êle já vai para a escola com a idéia de que o diretor, os

lentes, os monitores lhe vão dizer o que *deve* fazer, "empurrá-lo" para um lado e para o outro. Por isso há mêdo.

Quase todos vós procedeis de famílias ou de escolas onde fôstes educados para respeitar a *posição*. Vosso pai e vossa mãe têm *posição,* o diretor tem *posição,* e, por conseguinte, já vindes para aqui com mêdo, com êsse respeito à posição. Mas, temos de criar na escola uma atmosfera de liberdade, e isso só pode acontecer quando há função *sem* posição e, por conseguinte, um sentimento de igualdade. O verdadeiro encargo da educação correta é encaminhar-vos para serdes um ente humano valoroso e sensível, um ente humano sem mêdo e sem a falsa idéia do respeito devido à posição.

Pergunta: Por que achamos mais prazer em nossos jogos do que em nossos estudos?

KRISHNAMURTI: Pela simples razão que vossos mestres não sabem ensinar. Só por isso; não há nenhuma razão complicada dêsse fato. Se um mestre ama a Matemática, a História, ou o que quer que ensine, então também vós amareis essa matéria, porque o amor que temos a uma coisa se comunica a outros. Não sabeis disso? Se um músico canta com amor, se o faz com todo o seu ser, êsse sentimento não se comunica a vós, que o escutais? Sentis que seria bom se também aprendêsseis a cantar. Mas, a maioria dos mestres não ama a matéria que ensina; ela se lhes torna coisa aborrecida, rotina que têm de cumprir para ganhar a vida. Se vossos mestres gostassem realmente de ensinar, sabeis o que sucederia? Seríeis entes humanos extraordinários. Não só amaríeis vossos jogos e vossos estudos, mas também as flôres, o rio, as aves, a terra, porque teríeis "aquela coisa" vibrando em vossos corações; aprenderíeis com muito mais rapidez e vossa mente seria superior em vez de medíocre.

Eis porque tanto importa *educar o educador.* Entretanto, isso é dificílimo, porquanto a maioria dos educadores já estão estabilizados em seus hábitos. Mas o hábito ainda não pesa tão fortemente sôbre os jovens; e se amais uma só coisa que seja, por ela própria — se amais realmente vossos jogos, ou a Matemática, ou a História, ou a Pintura, ou o Canto — vereis como, intelectualmente, sereis entes despertos, cheios de vitalidade, e muito

bons em todos os estudos. Afinal de contas, a mente tem necessidade de investigar, conhecer, porque é curiosa; mas essa curiosidade é destruída pela educação inadequada. Por conseguinte, não é só o estudante que deve ser educado, mas também o educador. O viver, em si, é um processo de educação, um "processo" de aprender. Os exames têm fim, mas o aprender é sem fim, e podeis aprender de tôdas as coisas se tendes uma mente curiosa, alertada.

Pergunta: Dissestes que quando vemos uma coisa como falsa, essa coisa falsa cai por si. Eu vejo todos os dias que o hábito de fumar é "falso"; entretanto, êle ainda não caiu por si.

KRISHNAMURTI: Já observastes os adultos quando fumam — vossos pais, vossos mestres, vossos vizinhos ou outros? Isso se tornou um hábito para êles, não é exato? Prosseguem fumando, dia após dia, ano após ano, pois se tornaram escravos dêsse hábito. Muitos, compreendendo quanto é estúpido ser escravo de alguma coisa, lutam contra o hábito, disciplinam-se contra êle, procuram por todos os meios libertar-se dêle. Mas, vêde, o hábito é uma coisa morta, uma ação que se tornou mecânica e que, quanto mais a combatemos, tanto mais forte se torna. Mas se a pessoa que fuma se tornar cônscia de seu hábito, estiver consciente de quando leva a mão ao bôlso, retira um cigarro, "bate-o", põe-no na bôca, acende-o e tira a primeira "fumaça" — se, cada vez que percorrer essa rotina, observá-la sem condenação, sem dizer como é terrível fumar — não estará dando mais vitalidade a êsse hábito. Mas, para poderdes largar de fato uma coisa que se tornou hábito, tendes de investigar muito mais profundamente, quer dizer, tendes de examinar todo o problema de por que a mente cultiva um hábito; e êsse problema é: Por que é a mente desatenta? Se limpais os dentes tôdas as manhãs, olhando ao mesmo tempo pela janela, o escovar os dentes se torna um hábito; mas se limpais os dentes muito cuidadosa e atentamente, então êsse ato não se torna um hábito, uma rotina que se repete sem pensar.

Experimentai isso, observai como a mente deseja "pôr-se a dormir", por meio do hábito, a fim de não ser perturbada. A mente da maioria das pessoas está sempre funcionando na rotina do hábito, o qual, quanto mais velhos ficamos, pior se torna.

Provàvelmente já adquiristes dúzias de hábitos. Tendes mêdo do que possa acontecer, se não fizerdes o que mandam vossos pais, se não vos casardes conforme os desejos paternos; por conseguinte, vossa mente já está funcionando numa rotina; e quando uma pessoa funciona numa rotina, ainda que só tenha dez ou quinze anos de idade, interiormente já está velha, em declínio. Poderá ter um corpo são, porém nada mais. Seu corpo poderá ser jovem e aprumado, mas sua mente já está dobrada sob seu próprio pêso.

Por conseguinte, releva compreender o inteiro problema de por que a mente permanece em seus hábitos e rotinas, seguindo sempre uma determinada "linha", qual um carro elétrico, e tem mêdo de indagar, de investigar. Se dizeis, "Meu pai é *sikh*,(1) e por isso eu sou *sikh* e vou deixar crescer os cabelos, usar turbante" — se dizeis tal coisa, sem investigar, sem indagar, sem nenhuma intenção de vos libertardes, semelhais então uma máquina. O fumar também vos torna semelhante a uma máquina, escravo do hábito, e é só quando se compreende tudo isso que a mente se torna fresca, jovem, ativa, viva, de modo que cada dia é um dia nôvo, cada alvorada refletida no rio um deleitável espetáculo.

Pergunta: Por que temos mêdo quando certas pessoas mais velhas se mostram sérias?

KRISHNAMURTI: Alguma vez refletiste sôbre o que significa "estar sério"? Estais sério, em algum momento? Estais sempre alegre, sempre muito animado e risonho, ou há momentos em que ficais *sério* — não a respeito de alguma coisa mas simplesmente *sério?* E por que ter mêdo quando os mais velhos se mostram "sérios"? Receais que vejam em vós alguma coisa que não gostais seja notada em vossa pessoa? Vêde, em geral não refletimos sôbre êstes assuntos; se sinto mêdo na presença de pessoas mais velhas que se mostram graves, sérias, não indago a causa dêsse mêdo, não me pergunto: "Por que tenho mêdo?"

---

(1) *sikh:* adepto do *sikhismo* (seita fundada pelo *guru* Nanak, no século XVI, que não reconhece a supremacia bramânica). (Cf. *Dicionário* "Webster") N. do T.

Pois bem; que é "estar sério, ser sério"? Podemos mostrar-nos sérios a respeito de coisas muito superficiais. Quando, por exemplo, uma jovem quer comprar um *sari,* poderá dispensar a êste assunto tôda a sua atenção, preocupar-se, visitar dez lojas diferentes, passar uma manhã inteira examinando diferentes padrões. Isso também se chama "estar sério"; mas essa pessoa só está superficialmente séria. Pode uma pessoa também levar muito a sério o freqüentar o templo todos os dias, depositar lá sua grinalda de flôres, dar dinheiro aos sacerdotes; mas tudo isso é coisa muito falsa, não achais? Porque a verdade ou Deus não se encontra em nenhum templo. E, ainda, pode uma pessoa levar muito a sério o nacionalismo — outra coisa falsa.

Sabeis o que é *nacionalismo?* É o sentimento de "minha Índia, *my country, right or wrong*" [1]; ou o sentimento de que a Índia possui imensos tesouros de sabedoria espiritual e, por isso, é maior do que outra qualquer nação. Quando nos identificamos com determinado país, e disso nos orgulhamos, suscitamos no mundo o nacionalismo. O nacionalismo é um falso deus, mas milhões de pessoas o levam muito a *sério;* estão dispostas a ir para a guerra, a matar ou ser mortas, em nome da Nação. Esta espécie de *seriedade* é utilizada e explorada pelos políticos.

Assim, pois, pode-se ser *sério* a respeito de coisas falsas. Mas se começais realmente a investigar o que significa ser *sério,* vereis que há uma qualidade de *seriedade* que se não traduz em atividade em tôrno de coisas falsas, que não é moldada segundo um certo padrão.

Pergunta: Que é o Destino?

KRISHNAMURTI: Desejais realmente examinar êste problema? Fazer uma pergunta é a coisa mais fácil do mundo, mas uma pergunta só tem significação se vos interessa diretamente, se a levais muito a sério. Não tendes notado como muitas pessoas perdem todo o interêsse depois de fazerem uma pergunta? Há dias, um homem fêz uma pergunta e, em seguida, começou a bocejar, a coçar a cabeça e a conversar com seu vizinho (de cadeira); tinha

---

[1] Literalmente: "minha pátria, com ou sem razão" (divisa dos inglêses) N. do T.

perdido todo o interêsse. Assim, sugiro não façais perguntas, a menos que as tomeis realmente a sério.

Êste problema do destino é muito difícil e complexo. Vêde, quando uma causa é posta em marcha, produzirá inevitàvelmente um resultado, um efeito. Se um grande número de pessoas — russos, americanos, ou hindus — se preparam para a guerra, seu *destino* é a guerra; ainda que aleguem que desejam a paz e que se estão preparando apenas para sua própria defesa, puseram em movimento causas que originam a guerra. Anàlogamente, quando milhões de pessoas vêm tomando parte, há séculos, no desenvolvimento de uma certa civilização ou *cultura,* puseram em marcha um movimento pelo qual os entes humanos são colhidos e arrastados, a gôsto ou a contragosto; e êsse processo em que se é colhido e levado de roldão por determinada corrente de cultura ou civilização, pode-se chamar Destino.

Afinal de contas, se nasceis filho de advogado e vosso pai insiste em que também vos torneis advogado, se vos submeteis a seus desejos, ainda que prefirais ser outra coisa, então, evidentemente, *vosso destino* é ser advogado. Mas, se vos recusardes a ser advogado, se estiverdes firmemente determinado a fazer o que sentis ser correto para vós, ou seja *o que realmente gostais de fazer* — que pode ser escrever, pintar, ou viver sem dinheiro, pedindo esmolas — se isso ocorrer, tereis saído da corrente, ter-vos-eis libertado do destino que vosso pai traçara para vós. O mesmo se dá em relação à cultura ou civilização.

Por isso é tão importante sermos educados corretamente — educados, para não nos deixarmos sufocar pela tradição, para não têrmos o destino de um dado grupo racial, cultural ou familial; educados, para não nos tornarmos entidades mecânicas, movimentadas para um fim preestabelecido. O homem que compreende êsse processo em sua inteireza, que dêle se liberta e fica *só,* cria o seu impulso próprio; e, se sua ação consiste em libertar-se do falso para conhecer a verdade, então êsse próprio impulso se torna a Verdade. Êsses homens estão livres do destino.

XIV

JÁ CONSIDERASTES alguma vez por que somos disciplinados por outros, ou por que disciplinamos a nós mesmos? Os partidos políticos, em todo o mundo, exigem que seja observada a *sua* disciplina. Vossos pais, vossos mestres, a sociedade que vos rodeia, todos dizem que deveis ser disciplinados, controlados. Por quê? Existe real necessidade de disciplina? Sei que estamos acostumados a pensar que a disciplina é necessária — a disciplina imposta pela sociedade, por um guia religioso, por um certo código de moral, ou por nossa própria experiência. O homem ambicioso que deseja realizar grandes coisas, ganhar muito dinheiro, ser um grande político — para êsse a própria ambição constitui um meio de autodisciplina. Assim, pois, todos os que vos rodeiam dizem que a disciplina é necessária: deveis deitar-vos e levantar-vos a horas certas, estudar, fazer exames, obedecer a vosso pai e a vossa mãe etc.

Ora, por que deveis ser disciplinados? Que significa disciplina? Significa ajustamento, não é verdade? Ajustamento de vosso pensar ao que outros dizem, resistência a certas formas de desejo e aceitação de outras, observância de uma dada prática e rejeição de outra, submissão, repressão, imitação, não apenas à superfície mas também nas camadas mais profundas da mente — tudo isso é disciplina. E, através das idades, nos tem sido ensinado — por *gurus,* instrutores, sacerdotes, políticos, reis, advogados, pela sociedade em que vivemos — que é indispensável a disciplina.

Assim sendo, pergunto-me a mim mesmo — e espero também pergunteis a vós mesmos — se a disciplina é de fato necessária, e se não haverá uma outra maneira completamente diferente de atender a êste problema. Eu penso que *há,* e que êste é o ver-

dadeiro problema que se apresenta não só às escolas, mas também ao mundo inteiro.

Admite-se geralmente que uma pessoa, para ser eficiente, deve ser disciplinada segundo um certo código de moral, um credo político, treinada para funcionar qual uma máquina numa fábrica; mas êsse próprio processo de disciplina está embotando a mente, tornando-a submissa.

Ora, a disciplina vos liberta ou vos ajusta a um padrão ideológico, seja o padrão utópico do comunismo, seja certo padrão moral ou religioso? Pode a disciplina libertar-vos? Depois de acorrentar-vos, de fazer-vos prisioneiro — como o fazem tôdas as formas de disciplina — pensais que ela vos porá em liberdade? Ou haverá uma maneira de proceder completamente diferente, tal seja despertar uma profunda compreensão de todo o problema da disciplina? Isto é, podeis vós, como indivíduo, ter apenas um desejo e não dois ou muitos desejos em choque uns com os outros? Compreendeis o que quero dizer? No momento em que tendes dois ou três ou dez desejos, apresenta-se o problema da disciplina, não é exato? Desejais ser rico, possuir carros, casas, e ao mesmo tempo desejais renunciar a tôdas essas coisas, por achardes que possuir pouco ou mesmo nada é moral, ético, religioso. E é possível sermos educados corretamente, de modo que todo o nosso ser fique integrado, livre de contradição, e por conseguinte livre da necessidade de disciplina? O estado de integração implica o sentimento de liberdade, e, quando se realiza êsse estado, não existe por certo nenhuma necessidade de disciplina. *Integração* significa ser um só todo, em todos os níveis, ao mesmo tempo.

Se pudéssemos receber a correta educação desde a idade mais tenra, criar-se-ia um estado completamente isento de contradição, tanto interior como exteriormente; e não haveria então necessidade de disciplina ou compulsão, porquanto cada um faria as coisas *completamente,* livremente, com todo o seu ser.

A disciplina só se torna existente quando há contradição. Os políticos, os governos, as religiões organizadas querem que tenhais uma única maneira de pensar, porque, se podem fazer de vós um comunista completo, um católico completo — o que quer que seja — não sois então um problema para êles, porque credes e funcionais tal qual uma máquina; nesse caso, não há

contradição, porque só estais *seguindo*. Mas o *seguir* é sempre destrutivo, já que é mecânico, mero ajustamento, sem nenhum surto criador.

Ora, pode-se criar, desde a mais tenra idade, o sentimento de "estar-se à vontade", de modo que não haja em vós nenhuma luta para serdes *isto* e não serdes *aquilo?* Porque, no momento em que há luta interior, há conflito, e para dominar o conflito torna-se necessária a disciplina. Mas se, ao contrário, fordes educado corretamente, então tudo o que fizerdes será ação "integrada"; não haverá contradição e, por conseguinte, nenhuma ação forçada. Enquanto não houver integração, terá de haver disciplina; mas a disciplina é destrutiva, porque não conduz à liberdade.

Ser "integrado" não exige nenhuma espécie de disciplina. Isto é, se estou fazendo o que é bom, o que é essencialmente verdadeiro, o que é realmente belo, fazendo-o com todo o meu ser, não há em mim contradição e não estou meramente a ajustar-me a alguma coisa. Se o que estou fazendo é totalmente bom, justo, em si mesmo — *não* de acôrdo com certa tradição hinduísta ou certa teoria comunista, porém *justo,* em qualquer tempo e em tôdas as circunstâncias — sou então um ente humano *integrado* e nenhuma necessidade tenho de disciplina. E não é função da escola criar em vós êsse sentimento de integral confiança, de modo que o que estais fazendo não seja apenas o que desejais fazer, porém algo fundamentalmente justo e bom, eternamente verdadeiro?

Vêde, se amais não há nenhuma necessidade de disciplina, há? O amor traz sua própria compreensão criadora; por conseguinte, nunca há resistência nem conflito. Mas amar tão completa e integralmente só é possível quando, profundamente, vos sentis em segurança, perfeitamente "à vontade", principalmente se sois jovem. Isso significa, com efeito, que o educador e o estudante devem ter plena confiança um no outro, pois, do contrário, criaremos uma sociedade tão feia e tão destrutiva como a atual. Se pudermos compreender o significado da ação total, "integrada", em que nenhuma contradição existe e, portanto, nenhuma necessidade de disciplina, penso que poderemos então criar uma *cultura* totalmente diferente, uma nova civilização.

Mas, se apenas tratarmos de resistir, de reprimir, então o que reprimirmos se repercutirá inevitàvelmente noutras direções e desencadeará atividades maléficas, acontecimentos destrutivos.

Nessas condições, muito importa compreender de todo essa questão da disciplina. Para mim, a disciplina é coisa feia; não é criadora, porém destrutiva. Mas, se paramos aqui, com uma asserção desta natureza, poderá parecer que, implìcitamente, estamos dizendo que podeis fazer o que vos aprouver. Muito ao contrário, o homem que ama não faz tudo o que lhe apraz. Só o amor leva à ação correta. O que produz ordem no mundo é amar, e *deixar o amor fazer o que quiser.*

Pergunta: Por que detestamos os pobres?

KRISHNAMURTI: Detestais deveras os pobres? Não vos estou condenando; estou só perguntando se realmente detestais os pobres. Se o fazeis, por quê? Por que pode acontecer que também sejais pobre um dia, e, imaginando vossas próprias circunstâncias, então, tal estado vos repugna? Ou tendes aversão à existência sórdida, abjeta, desordenada, dos pobres? Como não gostais de desalinho, desordem, esqualidez, imundície, dizeis: "Nada quero com os pobres." É isso? Mas quem foi que criou a pobreza, a sordidez, a desordem, neste mundo? Vós, vossos pais, vosso govêrno — tôda esta sociedade as criou; porque não temos amor em nosso coração. Não amamos nem nossos filhos, nem nosso próximo, não amamos os vivos nem os mortos. Os políticos não irão extirpar a miséria e a fealdade existentes no mundo, e tampouco o farão a religião e os reformadores, porque a todos só interessa "pregar" um pequeno remendo aqui e ali; mas, se houvesse amor, tôdas essas coisas feias desapareceriam amanhã.

Amais alguma coisa? Sabeis o que significa *amar?* Quando amais uma coisa completamente, com todo o vosso ser, tal amor não é sentimental, não é um dever, não se divide em físico e divino. Amais alguém ou alguma coisa com todo o vosso ser — vossos pais, um amigo, um cão, uma árvore? Amais? Parece-me que não. Por isso é que, em vosso ser, há tanto espaço onde se abriga a fealdade, o ódio, a inveja. Mas, o homem que ama não tem espaço para nada mais. Deveríamos, com efeito, passar nosso tempo livre a examinar tudo isso, a fim de descobrirmos o meio de eliminar as coisas que nos estão atravancando a mente de tal maneira, que não podemos amar; porque é só quando amamos, que podemos ser livres e felizes. Só os que amam, os va-

lorosos, os felizes, podem criar um mundo nôvo — e não os políticos, os reformadores ou uns poucos visionários ideológicos.

Pergunta: Falais sôbre a Verdade, a bondade e a integração; e isso implica que no lado oposto se acha a mentira, o mal e a desintegração. Por conseguinte, como pode uma pessoa ser verdadeira, boa, "integrada", sem disciplina?

KRISHNAMURTI: Por outras palavras, se sou invejoso, como posso ficar livre da inveja, sem disciplina? Considero muito importante compreender a própria pergunta; porque a resposta está contida na pergunta: não está separada dela.

Sabeis o que significa "inveja"? Tendes bela aparência, trajais roupas finas ou usais vistoso turbante ou *sari,* e eu desejo trajar-me também assim; mas, como não tenho meios para isso, invejo-vos. Sou invejoso porque desejo o que tendes; desejo ser diferente do que sou.

Sou invejoso por que desejo ser belo como sois; desejo ter as boas roupas, a vivenda elegante, a alta posição que tendes. Não estou satisfeito com o que sou, desejo ser igual a vós; mas, se compreendo minha insatisfação, a respectiva causa, não desejarei então ser igual a vós e tampouco desejarei o que tendes. Por outras palavras, se começo a compreender o que sou, nunca mais me compararei com outrem e tampouco invejarei a quem quer que seja. Nasce a inveja com o querer modificar-me para tornar-me igual a outra pessoa. Mas, se digo: "O que quer que eu seja, quero compreender *isso*" — está extinta a inveja; já não há, então, necessidade de disciplina, e, dessa compreensão do que sou, vem a *integração.*

Nossa educação, nosso ambiente, tôda a nossa *cultura* exige que nos tornemos alguma coisa. Nossas filosofias, nossas religiões e livros sagrados, todos dizem a mesma coisa. Mas, percebo agora que o próprio processo de "vir a ser alguma coisa" implica inveja, isto é, que não estou satisfeito com ser o que sou; percebendo isso, desejo compreender o que sou, desejo descobrir por que estou sempre a comparar-me com outro, procurando tornar-me alguma coisa; e, para compreender o que sou, não tenho nenhuma necessidade de disciplina. No processo dessa compreensão, realiza-

-se a *integração*. A contradição em mim existente cede lugar à compreensão de mim mesmo, e esta, por sua vez, produz uma ação integral, total.

Pergunta: Que é "poder"?

KRISHNAMURTI: Há o poder, a fôrça mecânica, a fôrça gerada pelo motor de combustão interna, pelo vapor, ou pela eletricidade. Há a fôrça que reside numa árvore, que faz correr a seiva, que cria a fôlha. Há a fôrça, o poder de pensar muito claramente, o poder de amar, o poder de odiar, o poder de um ditador, o poder de explorar os outros, em nome de Deus, em nome dos Mestres, em nome de uma nação. Tudo isso são formas de poder.

Ora, a energia que produz eletricidade ou luz, a energia atômica etc. — tôdas essas formas de poder são boas em si próprias, não é verdade? Mas, o poder que a mente tem de servir-se dessas fôrças para fins agressivos e tirânicos, para ganhar algo para si própria — êsse poder, em tôdas as circunstâncias, é mau. O chefe de uma sociedade, igreja ou grupo religioso, que exerce poder sôbre outras pessoas é um ente mau, porque está controlando, moldando, guiando outros, quando êle próprio não sabe aonde está indo. Isso é verdadeiro em todo o mundo, não só em relação às grandes organizações, mas também em relação às pequenas sociedades. No momento em que uma pessoa tem clareza, em que não está confusa, nesse momento deixa de ser líder ou guia e, por conseguinte, nenhum poder exerce.

Assim, muito importa compreender por que a mente humana sente necessidade de exercer poder sôbre outros. Os pais exercem poder sôbre os filhos, a mulher sôbre o marido ou o marido sôbre a mulher. Da pequena família o mal se estende até tornar-se tirania dos governos, dos líderes políticos e intérpretes religiosos. E pode uma pessoa viver sem essa fome de poder, sem desejar influenciar nem explorar outros, sem desejar poder para si própria, um grupo ou nação, um Mestre ou santo? Tôdas as formas de poder são destrutivas e acarretam aflições ao homem. Ao passo que ser verdadeiramente atencioso, bondoso, amar — eis uma coisa extraordinária, que tem seu efeito próprio, eterno. O amor "é sua própria eternidade", e onde há amor, não há poder mau.

Pergunta: Por que buscamos a fama?

KRISHNAMURTI: Já refletistes sôbre isto? Desejamos ser famosos, como escritores, como poetas, como pintores, políticos, cantores, ou o que quer que seja. Por quê? Porque não amamos verdadeiramente o que fazemos. Se amásseis o cantar, o pintar, o escrever poesias — amásseis realmente — nenhuma preocupação teríeis de ser famoso ou não. Desejar ser famoso é vulgar, trivial, estúpido, sem significação; mas, porque não amamos o que fazemos, desejamos enriquecer-nos com a fama. Nossa educação atual está corrompida, porque nos ensina a amar o êxito e não aquilo que estamos fazendo. O resultado se torna mais importante do que a ação. É bom escondermos o nosso brilho, sermos anônimos, amarmos o que fazemos, não fazermos exibição de nós mesmos. É bom ser bondoso sem ter nome. Isso não vos faz famoso, não faz vosso retrato aparecer nos jornais. Os políticos não virão bater à vossa porta. Sois então, simplesmente, um ente criador, que vive anônimamente, e nisso há grande beleza.

XV

TEMOS FALADO sôbre tantas coisas — os numerosos problemas da vida — mas, sabemos realmente o que é um problema? Os problemas se tornam difíceis de resolver se lhes permitimos enraizar-se em nossa mente. A mente cria os problemas e, depois, se torna o solo em que êles lançam raízes. E, uma vez bem firmado na mente, é dificílimo extirpar um problema. O essencial é que a mente veja ela própria o problema e não lhe propicie solo para desenvolver-se.

Um dos problemas básicos que o mundo está enfrentando é o problema da cooperação. Que significa a palavra "cooperação"? Cooperar é trabalhar juntos, construir juntos, sentir juntos, ter algo em comum, para que se possa cooperar livremente. Entretanto, as pessoas, em geral, não se sentem inclinadas a cooperar natural e espontâneamente, felizes; assim sendo, são forçadas a cooperar por vários meios de persuasão — ameaça, intimidação, castigo, recompensa. Êste é o método mais comumente praticado em todo o mundo. Sob os governos tirânicos, são os homens brutalmente forçados a cooperar e, se não o fazem, são liquidados ou jogados em campos de concentração. Nas chamadas nações civilizadas, somos persuadidos a cooperar mediante o conceito de "pátria", ou em prol de alguma ideologia caprichosamente elaborada e largamente propagada, a fim de sermos persuadidos a aceitá-la; ou, ainda, cooperamos para a execução de um plano traçado por uma certa pessoa — um projeto de Utopia.

Assim, é o plano, a idéia, a autoridade, o que induz as pessoas a trabalhar juntas. Isso em geral se chama "cooperação" e supõe, sempre, recompensa ou punição; quer dizer, atrás dessa

cooperação está o mêdo. Estais sempre trabalhando em prol de alguma coisa — da pátria, do rei, do partido, de Deus ou do Mestre, da paz, ou para a realização de uma dada reforma. Vossa idéia de cooperação é "trabalhar juntos para um certo resultado". Tendes um ideal — fundar uma escola perfeita, ou o que quer que seja — para cuja realização estais trabalhando, e, por conseguinte, dizeis ser necessário cooperação. Tudo isso supõe a autoridade, não? Há sempre alguém que, supostamente, sabe o que é mais acertado e, por conseguinte, dizemos: "Precisamos cooperar para levar a cabo êste plano."

Pois bem; eu não chamo isso cooperação. De modo nenhum é cooperação, porém uma forma de avidez, uma forma de mêdo, de compulsão. Atrás de tudo está a ameaça de que, se o indivíduo não cooperar, o govêrno não o reconhecerá, ou o "plano qüinqüenal falhará", ou êle será mandado para um campo de concentração, ou o país perderá a guerra, ou êle não entrará no céu. Há sempre alguma forma de persuasão, e onde há persuasão não pode haver verdadeira cooperação.

Tampouco há cooperação quando vós e eu trabalhamos juntos apenas porque tratamos fazer juntos um certo trabalho. Num trato dessa natureza, o que importa é que o trabalho seja feito, e não a cooperação. Vós e eu podemos combinar construir uma ponte ou uma estrada, ou plantar juntos algumas árvores, mas, nessa combinação, há sempre o mêdo de surgirem divergências, ou o mêdo de que eu não possa fazer minha parte do trabalho, deixando-o todo por vossa conta.

Assim, não é cooperação trabalharmos juntos à fôrça de persuasão ou em virtude de mero acôrdo entre nós, porque, em todo esfôrço exercido em tal base, está sempre latente a idéia de ganhar ou de evitar alguma coisa.

Para mim, cooperação é coisa muito diferente. Cooperação é a alegria de "estar juntos e atuando juntos" — sem se estar necessàriamente *fazendo* determinada coisa. Entendeis? As crianças muito novas normalmente gostam de "estar juntas e atuando juntas". Já não notastes isto? Estão sempre dispostas a cooperar em qualquer coisa. Não é questão de acôrdo ou desacôrdo, de recompensa ou de castigo; querem simplesmente ajudar. Coope-

ram instintivamente, pelo gôsto de "estar juntas e atuando juntas". Mas os adultos destroem êsse natural e espontâneo espírito de cooperação da criança, dizendo-lhe: "Se fizeres *isto,* te darei *aquilo;* se não fizeres *isto,* não te deixarei ir ao cinema" — e é assim que se introduz o elemento corruptor. A verdadeira cooperação nasce, não pelo simples fato de se ter ajustado executar juntos um certo projeto, porém com a alegria, o sentimento de *união,* se posso usar aqui êste têrmo; porque, nesse sentimento, não há a obstinação das idéias e opiniões pessoais.

Quando conhecerdes essa qualidade de cooperação, sabereis também quando *não se deve cooperar* — o que é igualmente importante. Compreendeis? É necessário despertarmos em nós mesmos êsse espírito de cooperação, porque, então, não é um mero plano ou acôrdo que nos fará trabalhar juntos, porém um extraordinário sentimento de solidariedade, a alegria de "estar juntos e atuando juntos" — sem nenhuma idéia de recompensa ou de castigo. Isto é muito importante. Mas, igualmente importante é saber quando não se deve cooperar; porque, se não somos sensatos, podemos cooperar com líderes insensatos, cheios de planos grandiosos e idéias fantásticas, tais como Hitler e outros tiranos de tôdas as épocas. Por conseguinte, devemos saber quando *não cooperar;* e só o saberemos quando conhecermos a alegria da verdadeira cooperação.

Este é um assunto de discussão muito importante, porque, quando se sugere "trabalhar juntos", vossa imediata reação é pròvàvelmente esta: "Para que fim? *Que* iremos fazer juntos?" Por outras palavras, "o que se deverá executar" se torna mais importante do que o sentimento de "estar juntos e atuando juntos"; e quando "o que se deverá executar" — o plano, o conceito, a Utopia ideológica — assume importância primária, não há real cooperação. O que então nos une é apenas a idéia; e se uma idéia tem o poder de unir-nos, outra idéia terá o poder de nos desunir. Assim, o mais importante de tudo é que despertemos em nós mesmos aquêle espírito de cooperação, aquêle sentimento de "estar juntos e atuando juntos", sem idéia de recompensa ou de punição. A maioria dos jovens tem êsse sentimento, que é espontâneo, livre, se já não foi corrompido pelos mais velhos.

Pergunta: Como podemos livrar-nos de nossas preocupações de espírito, se não podemos evitar as situações que as causam?

KRISHNAMURTI: Então, tendes de enfrentá-las, não é verdade? Para vos livrardes de preocupações, tratais em geral de fugir ao problema; ides ao templo, ou ao cinema, ledes uma revista, ligais o rádio, ou procurais outra espécie de distração. Mas, a fuga não resolve o problema, porque, ao "voltardes", êle lá estará à vossa espera. Assim sendo, por que não enfrentá-los desde o comêço?

Agora, que é preocupação? Tendes preocupações sôbre se passareis nos exames, e mêdo de não passardes; por conseguinte, vos pondes a mourejar nos estudos, a passar noites em claro. Se fordes reprovado, vossos pais ficarão descontentes; e, também, desejais ter a satisfação de dizer: "Venci a luta; passei nos exames." Ficais continuamente preocupado até o dia dos exames e até saberdes os seus resultados. Podeis furtar-vos, fugir a tal situação? Em verdade, não podeis, não é exato? Portanto, tendes de enfrentá-la. Mas, por que vos preocupardes? Estudastes, fizestes tudo a vosso alcance e — ou passareis ou não passareis. Quanto mais vos preocupardes, tanto mais nervoso ficareis e tanto mais incapaz de pensar; e, chegado o dia, vos vêdes impossibilitado de escrever uma linha, até escoar-se a hora da prova. É o que acontece.

Quando a mente fica remoendo um problema, incessantemente inquieta por causa dêle — isso é que chamamos "preocupação", não é verdade? O importante, em primeiro lugar, é que a mente não ofereça solo ao problema para enraizar-se.

Sabeis o que é a mente? Grandes filósofos consumiram anos e anos a investigar a natureza da mente, e sôbre ela se têm escrito volumes; mas, prestando-se tôda a atenção, acho que é bastante simples descobrir o que é a mente. Já observastes vossa própria mente? Tudo o que até hoje aprendestes, a lembrança de tôdas as vossas pequenas experiências, tudo o que vossos pais e mestres vos ensinaram, tudo o que lestes em livros e observastes no mundo circundante — tudo isso é a mente. É a mente que observa, que discerne, que aprende, que cultiva as chamadas virtudes, que comunica idéias, que tem desejos e temores. Ela é, não só o que vêdes à superfície, mas também as profundezas do inconsciente, onde estão ocultas, as ambições, motivos, impulsos,

conflitos, raciais.[1] Tudo isso constitui a mente. Pois bem; a mente quer estar sempre ocupada com alguma coisa, assim como a mãe que se preocupa com os filhos, ou a dona de casa com sua cozinha, ou o político com sua popularidade, sua posição no Parlamento; e a mente que se mantém ocupada é incapaz de resolver um problema. Percebeis isso? Só a mente que não está ocupada, está fresca e pode compreender um problema.

Observai vossa própria mente para verdes como é inquieta, uma vez que está sempre ocupada com alguma coisa: com o que alguém disse ontem, com alguma notícia recebida neste instante, com o que fareis amanhã etc. Nunca se encontra *desocupada* — o que não significa estar "estagnada" ou num estado de vacuidade. Enquanto está ocupada com o que quer que seja — as coisas mais elevadas ou as mais insignificantes — a mente é sempre limitada, medíocre. E a mente medíocre é incapaz de resolver qualquer problema; só sabe manter-se ocupada com êle. Por mais importante que o problema seja, a mente, mantendo-se ocupada com êle, o torna insignificante. Só a mente que está desocupada e, por conseguinte, fresca, pode considerar e resolver um problema.

Mas, é dificílimo ter a mente desocupada. Quando alguma vez estiverdes sentado tranqüilamente à beira do rio, ou em vosso quarto, observai a vós mesmo, para verdes como aquêle pequeno espaço de que estais consciente e que chamais "a mente", está repleto de pensamentos que nêle se precipitam. Enquanto a mente está "cheia", ocupada com alguma coisa — seja a mente de uma dona de casa, seja a do maior dos cientistas, ela é pequena, medíocre, e nunca será capaz de resolver qualquer problema a que se aplique. Mas, ao contrário, a mente que está desocupada, que tem *espaço,* pode aplicar-se ao problema e resolvê-lo, porque essa mente é fresca, e, portanto, se aplica ao problema de maneira nova e não com a velha herança de suas próprias lembranças e tradições.

Pergunta: Como podemos conhecer a nós mesmos?

KRISHNAMURTI: Conheceis bem vosso rosto, porque o tendes visto, muitas vêzes, ao espelho. Ora, há um espelho no qual vos podeis

(1) A palavra "raciais" se refere a "ambições, motivos, impulsos, conflitos".

ver todo inteiro — não vosso rosto, mas tudo o que pensais, tudo o que sentis, vossos *motivos*, vossos apetites, vossos impulsos e temores. Êsse espelho é o espelho das relações: as relações entre vós e vossos pais, entre vós e vossos mestres, entre vós e o rio, as árvores, a terra, entre vós e vossos pensamentos. As relações são um espelho em que vos podeis ver, não como desejaríeis ser, mas tal qual sois. Eu posso desejar, ao olhar-me num espelho comum, que êle me mostre belo, mas isso não pode acontecer, porque o espelho reflete o meu rosto tal qual é, e eu não posso enganar a mim mesmo. Anàlogamente, posso ver-me exatamente como sou no espelho de minhas relações com outros. Posso observar a maneira como falo com as pessoas: com o máximo de cortesia com aquêles que penso que podem dar-me algo, com rudeza ou desprêzo com os que nada me podem dar. Sou atencioso para com os que temo. Ponho-me de pé quando entram pessoas importantes, mas se entra um serviçal, nem lhe dou atenção. Assim, pela observação de mim mesmo nas relações, posso ver quanto é falso o meu respeito às pessoas, não é verdade? E posso também descobrir o que sou em minhas relações com as árvores e as aves, com as idéias e os livros.

Podeis ter todos os graus acadêmicos do mundo, mas se não conheceis a vós mesmo, sois extremamente estúpido. Conhecer a si próprio é a verdadeira finalidade da educação. Sem autoconhecimento, o cuidar meramente de colecionar fatos ou de tomar notas é uma maneira muito estúpida de existir. Podeis ser capaz de citar o *Bhagavad Gita*, o *Upanishads*, o Alcorão e a Bíblia, mas, se não conheceis a vós mesmo, sois tal qual um papagaio a repetir palavras. Mas, ao contrário, no momento em que começais a conhecer-vos um pouco, já está em marcha um extraordinário processo de criação. É um importante descobrimento o vos verdes de súbito tal qual sois: ávido, bulhento, irritadiço, invejoso, estúpido. Ver o fato, sem procurar alterá-lo, *ver* exatamente o que sois, é uma extraordinária revelação. Daí, podeis prosseguir, penetrando cada vez mais fundo, indefinidamente, porque o autoconhecimento não tem fim.

Com o autoconhecimento, começais a descobrir o que é Deus, o que é a Verdade, o que é aquêle estado em que o tempo não existe. Vosso mestre poderá transmitir-vos os conhecimentos que êle próprio recebeu do *seu* mestre, e podeis sair-vos bem nos exa-

mes, diplomar-vos etc.; mas, se não conheceis a vós mesmo, assim como conheceis vosso próprio rosto refletido no espelho, qualquer outro conhecimento muito pouco significa. As pessoas que aprenderam muitas coisas mas não conhecem a si próprias, são, em verdade, ininteligentes; não sabem o que é pensar, não sabem o que é a vida. Eis por que importa que o educador seja educado, no verdadeiro sentido da palavra, isto é, que conheça o funcionamento de sua própria mente, de seu próprio coração, que se veja exatamente como *é,* no espelho das relações. No autoconhecimento está contido o universo inteiro; êle abarca tôdas as lutas da humanidade.

Pergunta: Podemos conhecer a nós mesmos sem a ajuda de um inspirador?

KRISHNAMURTI: Para vos conhecerdes, necessitais de um inspirador, de alguém que vos anime, vos estimule, vos impulsione? *Escutai* esta pergunta com tôda a atenção, e descobrireis a resposta correta. Deveis saber que a metade de um problema está resolvida quando o estudais, não é verdade? Mas, não podeis estudar a pleno o problema se vossa mente está muito ocupada e ansiosa por encontrar-lhe a solução.

A pergunta é esta: Para têrmos autoconhecimento não necessitamos de alguém que nos inspire?

Ora, se precisais de um *guru,* de alguém para vos inspirar, animar, dizer-vos que "estais indo muito bem" — isso significa que estais na dependência dessa pessoa e, se algum dia êle vos faltar, vos vereis completamente desorientados. No momento em que dependeis de uma pessoa ou de uma idéia, para terdes inspiração, é inevitável o mêdo e, por conseguinte não há, de modo nenhum, verdadeira inspiração. Mas, quando observais um cortejo fúnebre, ou duas pessoas a discutir, isso não vos faz pensar? Quando vêdes que alguém é muito ambicioso, ou quando notais como todos caem aos pés do "superior", quando êste entra, isso não vos faz refletir? Por conseguinte, em tôdas as coisas há inspiração: da queda de uma fôlha ou da morte de uma ave, ao próprio comportamento humano. Se observardes tudo isso, estareis aprendendo a tôdas as horas; mas, se fizerdes de uma pessoa vosso instrutor, estareis perdido e essa pessoa se tornará um pêso

em vossa vida. Por isso é tão importante não seguir ninguém, não ter instrutor, e aprender do rio, das flôres, das árvores, da mulher que leva um fardo, dos membros de vossa família, e dos vossos próprios pensamentos. Esta é uma educação que ninguém vos pode ministrar, e nisso é que consiste a sua beleza. Ela exige vigilância incessante, uma mente constante no investigar. Vós tendes de aprender pelo observar, pelo lutar, pelo ser feliz, e pelo verter lágrimas.

Pergunta: Com tantas contradições existentes em nós mesmos, como poderemos existir e atuar simultâneamente?

KRISHNAMURTI: Sabeis o que é "autocontradição"? Se desejo fazer uma certa coisa na vida e ao mesmo tempo agradar a meus pais, que querem que eu faça outra coisa, manifesta-se em mim um conflito, uma contradição. Ora, como resolver o caso? Se não posso resolver essa contradição em mim existente, é claro que não poderá haver a integração do existir e do atuar. O principal, pois, é que eu me livre da autocontradição.

Suponhamos que desejeis estudar pintura, porque a pintura é a alegria de vossa vida, mas vosso pai vos diz que deveis tornar-vos advogado ou negociante, senão êle vos deserdará e não vos custeará os estudos; torna-se então existente uma contradição em vós mesmo, não é verdade? Ora, como acabar com essa contradição interior, para ficardes livre da luta e do sofrimento que causa? Enquanto estiverdes envencilhado na autocontradição, não podereis pensar; assim, deveis acabar com a autocontradição, e fazer ou uma coisa ou a outra. Qual delas? Deveis ceder a vosso pai? Se o fizerdes, isso significará renunciar à vossa alegria, "casar-vos" com uma coisa que não amais; isso dissolverá a autocontradição? Mas se, por outro lado, enfrentais o vosso pai e lhe dizeis: "Sinto muito, não me importo se tiver de pedir esmolas e passar fome, eu vou ser pintor", então não há contradição; então o existir e o atuar são simultâneos, pois sabeis o que quereis fazer e o fazeis com todo o coração. Mas, se vos tornais advogado ou negociante, enquanto interiormente vosso ardente desejo é ser pintor, sereis então, para o resto da vida, um ente humano embotado, cansado, levando uma vida de tormento, de frustração, de aflição; estareis sendo destruído e destruindo a outros.

Êste é um problema muito importante, no qual deveis pensar cabalmente, porque, quando crescerdes, vossos pais irão querer que façais certas coisas e, se não estiver bem claro para vós mesmo o que realmente desejais fazer, sereis levado como um carneiro para o matadouro. Mas, se descobrirdes o que gostais de fazer e a isso dedicardes tôda a vossa vida, não haverá contradição e, nesse estado, vosso *existir* será vosso *atuar*.

Pergunta: Por causa do que gostamos de fazer, devemos esquecer nosso dever para com nossos pais?

KRISHNAMURTI: Que quereis dizer com essa estranha palavra — *dever?* Dever para com quem? Para com vossos pais, o govêrno, a sociedade? Se vossos pais vos dizem ser vosso dever tornar-vos advogado, para poderdes ampará-los adequadamente, e o que realmente desejais é ser *sanyasi,* que fareis? Na Índia, o ser *sanyasi* proporciona segurança e respeitabilidade; e, assim sendo, vosso pai talvez concorde. Ao vestirdes a túnica do asceta, vos tornais um "grande homem", e vosso pai poderá tirar proveito disso. Mas, se desejais trabalhar com vossas próprias mãos, se desejais ser simples carpinteiro ou oleiro, onde fica o vosso "dever"? Pode alguém vo-lo dizer? Não deveis pensar profunda e atentamente nesta questão, por vós mesmo, ver tudo o que implica, de modo que possais dizer: "Eu sinto ser esta a coisa certa que devo fazer e a ela me dedicarei firmemente, quer meus pais concordem, quer não?" O simples *não aceder* ao que os pais ou a sociedade querem que se faça; o ver muito claramente o que é verdadeiro, e ao verdadeiro se ater por tôda a vida, ainda que isso signifique passar fome, sofrimento, morte — para tanto requer-se muita inteligência, percebimento, discernimento e, também, muito amor. Mas, se amparais vossos pais, meramente porque pensais ser vosso dever fazê-lo, vosso amparo, nesse caso, é *mercadoria,* sem significação profunda, porque, nêle, não há amor.

Pergunta: Se meu maior desejo é ser engenheiro e meu pai se opõe a isso e me nega sua ajuda, como poderei estudar engenharia?

KRISHNAMURTI: Se persistirdes no propósito de ser engenheiro, ainda que vosso pai vos expulse de casa, pensais que não encon-

trareis meios e modos de estudar engenharia? Podeis pedir esmolas, ou apelar para os amigos. Senhor, a vida é uma coisa muito estranha. No momento em que sabeis com tôda a clareza o que desejais fazer, *acontecem coisas. A vida vem em vossa ajuda* — um amigo, um parente, um professor, uma avó, alguém vos dará a mão. Mas, se tiverdes mêdo de tentá-lo, porque vosso pai poderá expulsar-vos de casa, nesse caso estareis perdido. A vida não acode nunca aos que, por simples mêdo, se sujeitam a uma dada exigência. Mas, se disserdes: "É isto o que quero e que tratarei de conseguir" — vereis que, então, algo miraculoso sucederá. Tereis, talvez, de passar fome, de lutar, para irdes até o fim, mas sereis um ente humano valoroso, e não uma mera cópia; eis o milagre!

Em geral, temos mêdo de nos vermos *sós;* e sei que, para vós, jovens, isso é muito difícil, porquanto não há neste país(1) a liberdade econômica que se observa na América e na Europa. Neste país há excesso de população e, por isso, todos cedem. Dizeis: "Que será de mim?" Mas, se persistirdes, vereis que algo ou alguém vos acudirá. Quando tomais uma atitude firme ante a exigência geral, sois então um *indivíduo* e a vida vem em vossa ajuda.

Há, em biologia, um fenômeno que se chama "mutação", ou seja um súbito e espontâneo desvio do tipo. Se tendes um jardim e estais cultivando uma certa espécie de flor, pode acontecer que, numa certa manhã, encontreis algo totalmente nôvo, derivado daquela espécie. Isto é o que se chama "mutação". Sendo coisa completamente nova, atrai a atenção, e o floricultor lhe dedica especiais desvelos. Assim também é a vida. No momento em que vos aventurais, algo acontece dentro em vós e ao redor de vós. A vida, de diferentes maneiras, vem em vossa ajuda. Podereis não gostar do caminho pelo qual ela vem — que poderá ser sofrimento, luta, fome — mas, quando vos abris à vida, começam a acontecer coisas. Todavia, nós não queremos abrir-nos à vida, queremos fazer "jôgo seguro"; e os que fazem "jôgo seguro" morrem de maneira muito segura. Não é assim?

---

(1) Refere-se à Índia. N. do T.

XVI

NUMA DESTAS manhãs, vi quando um morto era levado para ser cremado. Envolto em vistoso pano de côr de fucsina, o corpo oscilava ao ritmo dos quatro mortais que o transportavam. Que espécie de impressão vos causa um corpo morto? Não desejaríeis saber por que há deterioração? Comprais um motor nôvo em fôlha e, passados poucos anos, está completamente gasto. O corpo também se gasta; mas, não desejaríeis investigar um pouco mais além, para descobrirdes por que razão a mente se deteriora? Mais cedo ou mais tarde ocorrerá a morte do corpo, mas a maioria de nós já tem a mente morta, já se verificou a deterioração; por que se deteriora a mente? O corpo se deteriora porque o mantemos em uso constante, e o organismo físico se gasta. Doença, acidente, velhice, má alimentação, deficiências hereditárias — tais são os fatôres responsáveis pela deterioração e morte do corpo. Mas, por que deve a mente deteriorar-se, envelhecer, tornar-se pesada, embotada?

Ao verdes um corpo morto, isso não vos dá o que pensar? Embora nosso corpo deva morrer, por que deve a mente deteriorar-se? Nunca vos ocorreu esta pergunta? Pois a mente, com efeito, se deteriora; vemos isso suceder não só a pessoas idosas, mas também a pessoas jovens. Vemos como, nos jovens, a mente já se está tornando embotada, pesada, insensível; e, se pudermos descobrir por que razão a mente se deteriora, então talvez descubramos algo verdadeiramente indestrutível. Talvez compreendamos, então, o que é a vida eterna, a vida que não tem fim, que não está no tempo, a vida que é incorruptível, que não degenera como o corpo que se transporta para os *ghats* [1], onde é cremado e suas cinzas lançadas ao rio.

---

(1) *ghat* — Cais à beira do rio, onde são cremados os mortos.

Mas, por que se deteriora a mente? Já refletistes a êsse respeito? Como ainda sois muito jovens — e se a sociedade, ou vossos pais, ou as circunstâncias ainda não vos tornaram embotados — possuís uma mente nova, ardorosa, curiosa. Desejais saber por que existem as estrêlas, por que morrem os pássaros, por que caem as fôlhas, como voa o avião a jato; muitas coisas desejais saber. Mas, êsse impulso vital para investigar, descobrir, depressa é sufocado, não é verdade? Sufocado pelo mêdo, pelo pêso da tradição, por vossa própria incapacidade para enfrentar essa coisa extraordinária que se chama a vida. Já não notastes quão ràpidamente é destruído o vosso ardor, por uma palavra áspera, um gesto depreciativo, pelo mêdo de um exame, a ameaça de um pai — significando isso que vossa sensibilidade já está sendo destruída e vossa mente se tornando embotada?

Outra causa de embotamento é a imitação. Sois obrigados pela tradição a imitar. O pêso do passado vos impele a ajustar-vos, a estabelecer uma linha de conduta e, com êsse ajustar-se, a mente se sente protegida, em segurança; instala-se numa rotina bem "lubrificada", para que possa deslizar suavemente, livre de perturbações, sem o mais ligeiro estremecimento de dúvida. Observai os adultos que vos rodeiam e vereis que a mente dêles não quer ser perturbada. Êles querem paz, ainda que seja a paz da morte; mas a verdadeira paz é coisa muito diferente.

Já não notastes que, quando a mente se fixa numa rotina, num padrão, sempre o faz inspirada pelo desejo de segurança? É por esta razão que ela segue um ideal, um *guru*. Quer segurança, ausência de perturbação e, por isso, deita-se a dormir. Quando ledes, em vossos livros de história, a respeito dos grandes líderes, santos, guerreiros, não vos surpreendeis a desejar igualá-los? Isto não significa que não haja grandes homens no mundo; mas o instinto é imitar os grandes homens, procurar tornar-se igual a êles — e êste é um dos fatôres de deterioração, porque, então, a mente se coloca num molde. Outrossim, a sociedade não deseja indivíduos alertados, ardorosos, revolucionários, porque tais indivíduos não se ajustarão ao padrão social estabelecido e há sempre o perigo de que quebrem êsse padrão. É por isso que a sociedade se empenha em prender vossa mente em seu padrão, e é por isso que a chamada educação vos estimula a imitar, a seguir, a ajustar-vos.

Ora, pode a mente deixar de imitar? Isto é, pode deixar de formar hábitos? E pode a mente que já se acha enredada no hábito, ficar livre dêle?

A mente é resultado do hábito, não? Ela é resultado da tradição, resultado do tempo — sendo "tempo" a repetição, a continuidade do passado. E pode a mente, *vossa* mente, deixar de pensar em têrmos daquilo que *foi* — e daquilo que *será*, que é, em verdade, uma projeção do que *foi?* Pode vossa mente libertar-se dos hábitos e deixar de criar hábitos? Se penetrardes bem profundamente neste problema, vereis que pode. E quando a mente se renova sem formar novos padrões, novos hábitos, sem tornar a cair na rotina da imitação, permanece, então, fresca, jovem, "inocente", sendo, portanto, capaz de infinita compreensão.

Para essa mente, não há morte, uma vez que já não existe processo de acumulação. É o processo de acumulação que cria o hábito, a imitação, e, para a mente que acumula, há deterioração, morte. Mas, para a mente que não está acumulando, juntando, que está morrendo cada dia, cada minuto — para essa mente não há morte. Ela se acha num estado de "espaço infinito".

Assim, pois, deve a mente morrer para tudo o que acumulou, todos os hábitos e virtudes imitadas, para tôdas as coisas de que se acostumou a depender, para ter o sentimento de segurança. Já não está então a mente aprisionada na rêde de seu próprio pensar. No morrer para o passado, a cada instante, a mente se torna fresca, nova, nunca se deteriorará nem porá em movimento a "onda da escuridão".

Pergunta: Como poderemos pôr em prática o que nos estais ensinando?

KRISHNAMURTI: Ouvis algo que vos parece certo, e desejais pô-lo em prática em vossa vida diária; há, assim, um vão entre o que pensais e o que fazeis, não é verdade? Pensais uma coisa, e estais fazendo outra coisa. Mas, desejais pôr em prática o que pensais e, por isso, existe êsse vão entre a ação e o pensamento; e perguntais então como unir o vão, como ligar vosso pensar à vossa ação.

Pois bem; quando desejais intensamente fazer uma certa coisa vós a fazeis, não? Quando desejais jogar críquete ou fazer outra

coisa em que estais deveras interessado, encontrais meios e modos de fazê-la; nunca pensais em "como pôr em prática" o desejo. Vós o fazeis, porque sois ardoroso, porque nisso está todo o vosso ser, tôda a vossa mente e coração.

Mas àquele outro respeito vos tornastes muito sagaz; desejais uma coisa, mas fazeis outra. Dizeis: "Isto é uma idéia excelente, e intelectualmente a aprovo, mas não sei o que fazer com ela e peço-vos dizer-me como pô-la em prática" — e isso significa que não desejais, em absoluto, fazer a coisa. O que realmente desejais é adiar a ação, porque vos dá gôsto ser um pouquinho invejoso ou o que quer que seja. Dizeis: "Todos os demais são invejosos, por que não o serei eu?" — e continuais exatamente como antes. Mas se realmente não desejais ser invejoso e percebeis tôda a verdade acêrca da inveja assim como percebeis a verdade acêrca de uma serpente, deixais então de ser invejoso, e está acabado; nunca perguntais como ficar livre da inveja.

O importante, pois, é ver a verdade relativa a uma certa coisa, e *não* perguntar como "pô-la em prática", pois isto, com efeito, significa que não percebeis a verdade respectiva. Quando encontrais uma cobra no caminho, não perguntais "Que devo fazer?" Compreendeis perfeitamente o perigo que uma cobra representa e guardais distância dela. Mas, nunca examinastes verdadeiramente tôdas as implicações da inveja; ninguém jamais vos falou a respeito dela, nem a examinou profundamente junto convosco. Disseram-vos que não deveis ser invejoso, mas nunca investigastes a natureza da inveja; nunca observastes que a sociedade e as religiões organizadas nela estão alicerçadas — no desejo de "vir a ser" alguma coisa. Mas, no momento em que examinais profundamente a inveja e percebeis realmente a verdade a seu respeito, nesse momento a inveja deixa de existir.

A pergunta "Como pôr isso em prática?" é uma pergunta irrefletida, porque, quando estais realmente interessado numa coisa que não sabeis fazer, vos atirais a ela e ràpidamente começais a descobrir (o modo de fazê-la). Mas, se ficais sentado, dizendo "Peço-vos ensinar-me uma maneira de me livrar da avidez" — continuareis ávido. Entretanto, se vos pondes a investigar a avidez com mente atenta e livre de todo preconceito, e se nisso pondes todo o vosso ser, descobrireis, por vós mesmo, a verdade relativa à avidez; e é a verdade que vos liberta, e não a vossa busca de uma maneira de vos libertardes.

Pergunta: Por que nunca se realizam plenamente os nossos desejos? Por que há sempre obstáculos a impedir-nos de atuar completamente, como desejamos?

KRISHNAMURTI: Se vosso desejo de fazer uma certa coisa é completo, se nêle está todo o vosso ser, sem busca de nenhum resultado, sem nenhum desejo de preenchimento — quer dizer, sem mêdo — não há então obstáculo nenhum. Só há obstáculo, contradição, quando vosso desejo é incompleto, fragmentário: desejais fazer uma coisa e ao mesmo tempo tendes mêdo de fazê-la ou sentis um vago desejo de fazer outra coisa. Além disso, há possibilidade de realizardes todos os vossos desejos? Compreendeis? Explicarei.

A sociedade, que é a relação coletiva entre os homens, não quer que tenhais nenhum desejo completo, porque, se isso acontecesse, vos tornaríeis muito incômodo, vos tornaríeis um perigo para a sociedade. Permite-se-vos ter desejos "respeitáveis", como ambição, inveja — isso, sim, é muito "correto". Constituída, que é, de entes humanos invejosos, ambiciosos, que crêem e imitam, a sociedade admite a inveja, a ambição, a crença, a imitação, muito embora tôdas essas coisas sejam indícios de mêdo. Enquanto vossos desejos se harmonizam com o padrão estabelecido, sois um cidadão respeitável. Mas, no momento em que tendes um desejo completo, estranho ao padrão, vos tornais um perigo; assim sendo, a sociedade está sempre vigilante, para impedir-vos de ter um desejo completo, um desejo que seja a expressão de vosso ser total e, portanto, produtivo de ação revolucionária.

A ação de *ser* difere muito da ação de "vir a ser". A ação de *ser* é tão revolucionária que a sociedade a repudia e se interessa exclusivamente pela ação de "vir a ser", a qual é respeitável porque condiz com o padrão. Mas, todo desejo que se expressa na ação de "vir a ser", que é uma forma de ambição, não encontra preenchimento. Mais cedo ou mais tarde, êle se vê contrariado, impedido, frustrado, e contra a frustração nos revoltamos de maneira nociva.

Esta é uma questão que muito importa examinar, porque, quando vos tornardes mais velhos, vereis que vossos desejos nunca são realmente preenchidos. No preenchimento está sempre a

sombra da frustração, e em vosso coração não há cânticos, porém gritos. O desejo de "vir a ser" — tornar-se um grande homem, um grande santo, um grande *isto* ou *aquilo* — não tem fim e, por conseguinte, não tem preenchimento; sua exigência é sempre de *mais*, e êsse desejo gera sempre agonias, aflições, guerras. Mas, quando a pessoa está livre do desejo de "vir a ser", há um "estado de Ser", cuja ação é totalmente diferente. Seu próprio *ser* é seu preenchimento.

Pergunta: Percebo que sou estúpido, mas outros dizem que sou inteligente. Qual das duas coisas deve influir em mim: o que percebo ou que o dizem?

KRISHNAMURTI: Escutai esta pergunta muito atenta e tranqüilamente; não tenteis encontrar uma resposta. Se dizeis que sou um homem inteligente, e eu sei muito bem que sou estúpido, o que dizeis terá alguma influência em mim? Tê-la-á, se me estou esforçando para ser inteligente, não é verdade? Nesse caso, me sentirei lisonjeado, influenciado por vossa opinião. Mas, se percebo que uma pessoa estúpida nunca deixará de ser estúpida se tentar ser inteligente, que acontece então?

Por certo, se sou estúpido e me esforço para ser inteligente, continuarei estúpido, porque o esfôrço para ser ou "vir a ser" algo faz parte da estupidez. Uma pessoa estúpida poderá adquirir os adornos da competência, passar em certos exames, obter emprêgo, mas nem por isso deixa de ser estúpida (prestai atenção a isso, que não é uma asserção mordaz). Mas, no momento em que uma pessoa se torna cônscia de ser estúpida e, em vez de tentar tornar-se inteligente, começa a examinar e a compreender a própria estupidez — nesse momento dá-se o despertar da inteligência.

Considerai a avidez. Sabeis o que é avidez? É o comer mais do que o necessário, o desejo de brilhar mais do que os outros, nos jogos, o desejo de mais posses, de um carro melhor do que qualquer outro. Dizeis, então, que não deveis ser ávido e começais a praticar a "não-avidez" — o que é puro disparate, porquanto a avidez não deixará de existir com o esfôrço por vos tornardes "não-ávido". Mas, se começais a compreender tudo o que está implicado na avidez, se aplicais vossa mente e vosso coração

a descobrir a verdade a respeito dela, estais então livre da avidez e de seu oposto. Sois então um ente humano deveras inteligente, porque estais interessado em *o que é* e não em imitar o que *deveria ser*.

Nessas condições, se sois estúpido, não tenteis ser inteligente ou talentoso, mas tratai de compreender o que é que vos está fazendo estúpido. A imitação, o mêdo, o copiar alguém, o seguir um exemplo ou um ideal — tudo isso torna a mente embotada. Quando deixais de seguir, de ter mêdo, quando sois capaz de pensar claramente, por vós mesmo — não sois então o mais brilhante dos entes humanos? Mas, se sois estúpido e tentais tornar-vos talentoso, entrareis para as fileiras daqueles que são perfeitamente estúpidos, com todo o seu talento.

Pergunta: Por que somos "ruins"?

KRISHNAMURTI: Se fazeis esta pergunta a vós mesmo no momento em que sois "ruim", tem ela então importância, significação. Mas, quando sentis raiva, por exemplo, nunca perguntais por que estais com raiva, não é verdade? Só posteriormente fazeis tal pergunta. Depois da raiva, dizeis: "Que coisa estúpida, eu não me devia ter enraivecido!" Mas se, ao contrário, estiverdes lúcido, num estado refletivo, no momento da cólera, sem a condenardes; se estiverdes *presente* com todo o vosso ser, no momento em que essa agitação se manifestar em vossa mente, vereis então com que rapidez ela se dissipará.

As crianças são traquinas, numa certa idade, e não podem deixar de sê-lo, porquanto estão bem nutridas, cheias de vida e de energia, que tem de explodir de uma ou de outra maneira. Mas, esta é uma questão verdadeiramente complexa, porquanto a "ruindade" pode ser devida à alimentação inadequada, falta de sono, sentimento de insegurança etc. Se todos os fatôres não forem devidamente compreendidos, então, a "ruindade" das crianças poderá tornar-se uma revolta no seio da sociedade, revolta que nenhum alívio lhes trará.

Sabeis o que são "delinqüentes juvenis"? São jovens que fazem coisas terríveis, de todo gênero; estão revoltados dentro da prisão da sociedade, porque nunca foram ajudados a compreender o problema da existência. Têm abundante vitalidade, e

muitos dêles são excepcionalmente inteligentes; sua revolta é uma maneira de dizerem — "Ajudai-nos a compreender, a quebrar esta compulsão, êste horrível ajustamento". Por isso é tão importante esta questão para os educadores, que mais do que as crianças necessitam de ser educados.

Pergunta: Estou habituado a beber chá. Disse-me um mestre que isso é mau hábito, e outros dizem que não é.

KRISHNAMURTI: Que pensais *vós?* Ponde de lado, por ora, o que outros dizem — pode ser preconceito dêles — e *escutai* a questão. Que pensar de um menino que já está *habituado* a uma dada coisa — tomar chá, fumar, comer em excesso etc.? Numa pessoa de setenta ou oitenta anos, pode-se considerar natural o já haver contraído determinados hábitos; mas vós estais ainda no comêço da vida, e o já estar habituado a alguma coisa é algo terrível, não é? Esta é que é a questão importante, e não o saber se se pode tomar chá.

Vêde, quando uma pessoa se habitua com alguma coisa, sua mente já está a caminho do cemitério. Se pensais como hinduísta, católico, protestante, vossa mente já está em declínio, em processo de deterioração. Mas, se vossa mente está alertada, investigando para descobrir a razão por que estais enredado num certo hábito, por que pensais de determinada maneira, poderá então ser resolvida a questão secundária — se se pode fumar ou tomar chá.

XVII

NÃO SEI SE EM VOSSOS passeios já notastes uma vala longa e estreita, ao lado do rio. Pescadores a devem ter cavado, e ela não está ligada ao rio. O rio, largo e profundo, está em constante fluir, mas aquela vala, segregada da vida do rio, só contém água pútrida em que não podem viver peixes. São águas estagnadas, enquanto o rio profundo, cheio de vida e pujança, prossegue rápido o seu curso.

Não vos parecem assim os entes humanos? Cavam para si próprios um pequeno fôsso, à margem da célere corrente da vida, onde ficam estagnados, a morrer; e a essa estagnação e deterioração chamamos "existência". Isto é, todos desejamos um estado de *permanência;* queremos que certos desejos durem infinitamente, queremos prazeres sem fim. Cavamos um pequeno fôsso em que nos entrincheiramos com nossas famílias, nossas ambições, nossas "culturas", nossos temores, nossos deuses, nossas variadas devoções, e ali nos deixamos morrer, enquanto a vida passa a nosso lado — aquela vida que é impermanente, que varia constantemente, que é tão veloz, com tão prodigiosas profundezas, tanta fôrça e beleza!

Já não notastes, quando se está sentado tranqüilamente à margem do rio, que se pode ouvir o seu canto: o marulhar das águas, o som da corrente que passa? Sente-se então a presença de um movimento, movimento prodigioso em demanda de maiores amplidões e maiores profundezas. Mas, naquele pequeno fôsso, nenhum movimento existe: só água estagnada! E, se observardes, vereis que assim o quer a maioria de nós: uma existência estagnada em pequenos fossos, à margem da vida. Dizemos que essa existência estagnada é correta, e inventamos uma filosofia para a justificar; criamos teorias sociais, políticas, econômicas e

religiosas, para protegê-la. E não desejamos ser perturbados, porque, como sabeis, o que nos interessa é o sentimento de permanência.

Sabeis o que significa buscar a permanência? Significa desejar que as coisas agradáveis durem eternamente, e as desagradáveis terminem o mais rápido possível. Desejamos que nosso nome se torne famoso e tenha continuidade em nossa família e em nossos bens materiais; queremos o sentimento de permanência em nossas relações e atividades; e tudo isso significa que desejamos uma existência duradoura, contínua, em nosso fôsso estagnado; lá, não queremos verdadeiras mudanças e, assim, edificamos uma sociedade que nos garante a permanência de nosos bens, nosso nome, nossa fama.

Mas, vêde, a vida de modo nenhum é assim; a vida não é permanente. Como as fôlhas que caem da árvore, tôdas as coisas são impermanentes, nada perdura; há sempre mutação e morte. Já observastes uma árvore nua, desenhada contra o céu? Em seus galhos bem delineados, em sua nudez, há um poema, uma canção. Foram-se-lhe tôdas as fôlhas, e ela aguarda a primavera. Com a vinda da primavera, de nôvo se enche a árvore da música de suas fôlhas que, na estação própria, caem e são levadas pelo vento. Assim também é a vida.

Mas nós não a queremos assim. Apegamo-nos a nossos filhos, nossas tradições, nossa sociedade e nossas insignificantes virtudes, porque desejamos permanência; por isso é que temos mêdo de morrer. Tememos perder as coisas que conhecemos. Mas a vida não é como a desejamos; a vida em coisa nenhuma é permanente. Os pássaros morrem, a neve derrete-se, as árvores são abatidas pelo homem ou destruídas pelas tempestades, e assim por diante. Mas, queremos que tudo aquilo que nos dá satisfação seja permanente; queremos que perdure a nossa posição, a autoridade que sôbre outros exercemos. Recusamo-nos a aceitar a vida como efetivamente *é*.

O fato é que a vida é como o rio: eternamente em movimento, perenemente buscando, explorando, impelindo, transbordando, penetrando tôdas as frestas com sua água. Mas, vêde, a mente não quer que assim aconteça. Percebe que é perigoso, arriscado, viver num estado de impermanência, de insegurança e, por conseguinte, constrói uma muralha em tôrno de si própria:

a muralha da tradição, da religião organizada, das teorias políticas e sociais. Família, nome, bens materiais — tudo isso se encontra atrás das muralhas, separado da vida. A vida, que é movimento, impermanência, procura incessantemente penetrar, demolir essas muralhas, atrás das quais só há confusão e angústia. Os deuses que moram atrás das muralhas são falsos deuses, e suas escrituras e filosofias sem significação, porque a vida as excede.

Ora, para a mente que não tem muralhas, que não está pejada de aquisições, acumulações, conhecimentos, para a mente que vive fora do tempo, na insegurança, para essa mente a vida é uma coisa maravilhosa. Essa mente é a própria vida, porque a vida não tem pouso. Mas, quase todos nós queremos um pouso, uma pequena casa, um nome, uma posição, e consideramos muito importantes estas coisas. Exigimos permanência, e criamos uma "cultura" baseada nessa permanência, inventamos deuses que não são deuses, mas, tão só, "projeções" de nossos próprios desejos.

A mente que busca a permanência depressa se torna estagnada; como a vala ao lado do rio, depressa se enche de corrupção, deterioração. Só a mente que não tem muralhas, que não tem ponto de apoio, não tem barreira, não tem pouso, que se move, tôda inteira, com a vida, eternamente ousando, explorando, "explodindo" — só essa mente pode ser feliz, eternamente nova, porque ela é essencialmente criadora.

Entendeis o que estou dizendo? Deveis compreendê-lo, porque faz parte da verdadeira educação e, quando o compreenderdes, vossa vida será completamente transformada, vossas relações com o mundo, com o próximo, com vosso espôso ou espôsa, terão significado de todo diferente. Já não tentareis, então, preencher-vos com coisa alguma, por que percebereis que a busca de preenchimento só atrai sofrimento e desdita. Por essa razão, deveis fazer perguntas aos vossos mestres sôbre tudo isso, e discuti-lo também entre vós. Se o compreenderdes, tereis começado a compreender essa verdade extraordinária que é a vida, e nessa compreensão encontra-se grande beleza e amor, o florescimento da bondade. Mas, os esforços da mente que busca um fôsso de segurança, de permanência, só podem conduzir à treva e à corrupção. Uma vez instalada naquele fôsso, a mente teme aventurar-se fora dêle, para buscar, explorar; mas a Verdade, Deus, a

Realidade — ou o nome que quiserdes — encontra-se além dos limites do fôsso.

Sabeis o que é religião? Não é o cântico, não é a execução de *puja* ou outro ritual, não é adoração de deuses de lata ou imagens de pedra; ela não se encontra nos templos e igrejas, nem na leitura da Bíblia ou do *Gita;* não é a repetição de um nome sagrado ou o seguir de qualquer outra superstição inventada pelos homens. Nada disso é religião.

Religião é o sentimento da bondade, daquele amor semelhante ao rio — que é um movimento vivo, eterno. Naquele estado, vereis chegar um momento em que não haverá busca de espécie alguma; e êsse findar da busca é o comêço de algo totalmente nôvo. A busca de Deus, da Verdade, o sentimento de se ser integralmente bom (não o cultivo da bondade, da humildade, porém o buscar, além das invenções e dos artifícios da mente, uma *certa coisa* — e isso significa ser sensível a essa coisa, viver nela, *sê-la)* isso é que é a verdadeira religião. Mas nada disso vos será possível se não abandonardes o fôsso que para vós mesmo cavastes, e entrardes no rio da vida. A vida cuidará então de vós, de uma maneira surpreendente, pois, de vossa parte, nada haverá para cuidar. A vida, então, vos levará aonde lhe aprouver, porque sereis uma parte dela; não haverá mais problemas concernentes à segurança ou ao que "os outros" digam ou não digam. E esta é que é a beleza da vida.

Pergunta: Que é que nos faz temer á morte?

KRISHNAMURTI: Pensais que uma fôlha que cai ao chão tem mêdo da morte? Pensais que um pássaro vive com mêdo de morrer? Êle se encontra com a morte, quando ela vem; mas a morte não lhe dá cuidados, pois está todo ocupado com o viver, com apanhar insetos, construir seu ninho, cantar seus cantos, voar pela simples alegria de voar. Já observastes os pássaros a voar muito alto, sem um bater de asas, deixando-se levar pelo vento? Como parecem deliciar-se! Não têm preocupações sôbre a morte. Quando a morte chegar, muito bem, acabou-se tudo. Mas, não lhes dá cuidados o que irá acontecer; êles vivem momento por momento, não é verdade? Só nós, entes humanos, estamos sempre preocupados com a morte — porque *não estamos vivendo.* Esta é

que é a desgraça: estamos morrendo, não estamos vivendo. Os velhos estão-se avizinhando da sepultura, e os mais novos não lhes ficam muito atrás.

Vêde, existe esta preocupação com a morte, porque tememos perder o "conhecido", as coisas que temos acumulado. Temos mêdo de perder a mulher ou o marido, um filho ou um amigo; temos mêdo de perder o que aprendemos, acumulamos. Se pudéssemos levar conosco tudo o que acumulamos — nossos amigos, nossos bens, nossas virtudes, nosso caráter — não temeríamos a morte, não é verdade? É por isso que inventamos teorias a respeito da morte e da vida futura. Mas o fato é que a morte é um findar, e a maioria de nós não tem vontade de enfrentar êste fato. Não queremos separar-nos do conhecido; portanto, é nosso apêgo ao conhecido que cria em nós o mêdo, e não o desconhecido. O desconhecido não pode ser percebido pelo conhecido. Mas a mente, constituída que é do conhecido, diz: "Eu acabarei" — e, por conseguinte, tem mêdo.

Ora, se puderdes viver a cada momento sem preocupações sôbre o futuro; se puderdes viver sem a idéia do "amanhã" (o que, entretanto, não implica a superficialidade de ocupar-se meramente com o dia de hoje); se, cônscio do inteiro "processo" do conhecido, puderdes abandonar o conhecido, soltá-lo completamente, vereis então ocorrer uma coisa estupenda. Experimentai isso um dia; ponde para o lado tudo o que conheceis, esquecei-o, para verdes o que acontece. Não transporteis vossas tribulações de dia para dia, de hora para hora, de momento para momento; "soltai-as" tôdas, e vereis como, dessa liberdade, surgirá uma vida maravilhosa, que incluirá tanto o viver como o morrer. A morte significa apenas o fim de uma coisa — e nesse próprio findar há renovação.

Pergunta: Dizeis que em cada um de nós reside a Verdade permanente e atemporal; mas, visto que nossa vida é efêmera, como pode residir em nós a Verdade?

KRISHNAMURTI: Fizemos da Verdade uma coisa permanente. Mas a Verdade é permanente? Se é, ela se acha então na esfera do tempo. Dizer que uma coisa é permanente implica que ela é contínua; e o que é contínuo não pode ser a Verdade. Esta é a

beleza da Verdade: ela é para ser descoberta de momento a momento, e não para ser lembrada. Uma verdade *lembrada* é coisa morta. A Verdade deve ser descoberta a cada instante, porque é viva e nunca é a mesma; e, todavia, cada vez que a descobris, ela é a mesma.

O importante não é criar uma teoria da Verdade, dizer que a Verdade é permanente em nós etc. etc. Isso é uma invenção dos velhos, que têm tanto mêdo da morte como da vida. Estas maravilhosas teorias — que a verdade é permanente, que não precisais ter mêdo porque sois uma alma imortal etc. — foram inventadas por gente amedrontada, de mente decadente, e cujas filosofias não têm validade nenhuma. A vida deve ser descoberta momento por momento, dia por dia; ela tem de ser *descoberta,* não podemos ter suposições a seu respeito. Se supondes que conheceis a vida, não estais vivendo. Três refeições ao dia, roupas, morada, sexo, emprêgo, diversões, e vosso pensar — êsse monótono "processo" de repetição não é a vida. A vida é coisa que se precisa descobrir; e não podereis descobri-la se não tiverdes perdido, pôsto de lado tôdas as coisas que achastes. Fazei uma experiência com o que estou dizendo. Ponde de parte vossas filosofias, vossas religiões, vossos costumes, vossos tabus raciais etc., porque nada disto é a vida. Se ficardes enredado nessas coisas, nunca descobrireis a vida; e a função da educação, por certo, é ajudar-vos a descobrir a vida a tôdas as horas.

O homem que diz que sabe, já está morto. Mas o homem que pensa "Não sei", o homem que está descobrindo, investigando, que não está em busca de um fim, nem pensando em têrmos de "chegar" ou de "vir a ser" — êsse homem está *vivendo,* e êsse viver é a Verdade.

Pergunta: Posso alcançar uma idéia da perfeição?

KRISHNAMURTI: Provàvelmente podeis. Pelo especular, inventar, "projetar", pelo dizer "Isto é feio e aquilo é belo", tereis uma idéia da perfeição. Mas vossa idéia da perfeição, tal como vossa crença em Deus, é sem nenhuma significação. A perfeição é uma coisa que se vive num momento não premeditado, e êsse momento é sem continuidade; por conseguinte, a perfeição não pode ser encontrada com o pensamento, e nenhum meio pode ser encon-

trado de torná-la permanente. Só a mente que está muito quieta, que não está "premeditando", inventando, "projetando", pode conhecer um momento de perfeição, um momento *completo*.

Pergunta: Por que gostamos de vingar-nos, magoando aquêle que nos magoou?

KRISHNAMURTI: Isso é reação instintiva, reação do instinto de conservação, não achais? Mas, a mente inteligente, a mente que está desperta, que a êsse respeito meditou muito profundamente, nenhum desejo tem de vingança, não porque esteja procurando ser virtuosa ou cultivar o perdão, mas porque percebe que vingança é coisa estúpida, sem nenhum sentido. Mas, isso requer meditação.

Pergunta: Gosto de aborrecer os outros, mas me irrito quando me aborrecem.

KRISHNAMURTI: Parece-me que a mesma coisa acontece com as pessoas mais velhas. Em geral, gostamos de explorar os outros, mas não gostamos quando chega a nossa vez de ser explorados. O querer magoar ou aborrecer outros denota um estado completamente irracional, não achais? Êsse estado provém de uma vida de egocentrismo. Se nem vós nem o "o outro" gosta de ser aborrecido, por que não param os dois de aborrecer um ao outro? Isso significa ser racional.

Pergunta: Qual é a função do homem?

KRISHNAMURTI: Que achais — *vós* — que ela seja? É estudar, passar em exames, arranjar um emprêgo e ficar nêle para o resto da vida? É freqüentar o templo, ingressar em grupos, introduzir reformas várias? É função do homem matar animais para comer? É função do homem construir uma ponte para o trem passar, cavar poços em terra sêca, descobrir petróleo, galgar montanhas, conquistar a terra e o espaço, escrever poemas, pintar, amar, odiar? É só isso a função do homem? Construir civilizações que desabam em poucos séculos, provocar guerras, criar Deus à própria imagem e semelhança, matar gente em nome da religião e do Estado,

falar de paz e fraternidade, ao mesmo tempo que se usurpa o poder e se é cruel para com outros — é isso o que o homem está fazendo em tôrno de vós, não é verdade? E essa é a verdadeira função do homem?

Pode-se ver que tôda essa atividade leva à destruição e ao sofrimento, ao caos e ao desespêro. Existe luxo em grande escala, lado a lado com a extrema pobreza; doença e fome, lado a lado com geladeiras e aviões a jato. Tudo isso é obra do homem; e quando a vêdes não perguntais a vós mesmo: "Só isso? Não haverá mais alguma coisa que constitua a verdadeira função do homem?" Se pudermos descobrir qual é a verdadeira função do homem, então, os aviões a jato, as máquinas de lavar, as pontes, as hospedarias, tudo terá significado todo diferente; mas se, sem descobrirmos qual é a verdadeira função do homem, cuidarmos apenas de reformas, de remodelar o que o homem já fêz, não chegaremos a parte alguma.

Assim, qual é a verdadeira função do homem? Sem dúvida, a verdadeira função do homem é descobrir a Verdade, Deus; é amar, e não se deixar envolver em atividades egocêntricas. No próprio descobrimento do verdadeiro, encontra-se o amor, e êsse amor, nas relações humanas, criará uma diferente civilização, um mundo nôvo.

Pergunta: Por que veneramos Deus?

KRISHNAMURTI: Não me parece que veneramos Deus. Não riais! Vêde, nós não amamos Deus; se amássemos a Deus, não haveria essa coisa que chamamos "adoração". Adoramos Deus porque O tememos; há mêdo em nossos corações, e não amor. O templo, o *puja,* as vestes sagradas — essas coisas não são de Deus, são criações da vaidade e do mêdo do homem. Só os que são infelizes, os que sentem mêdo, adoram Deus. Os que têm riqueza, posição e autoridade, não são entes felizes. O homem ambicioso é um ente humano muito infeliz. A felicidade só vem quando estamos libertados de tudo isso; e, então, não adoramos Deus. São os infelizes, os torturados, os desesperados, que se arrastam para os templos; mas, se abandonarem essa suposta devoção e compreenderem sua desdita, êles serão então homens e mulheres felizes, porque descobrirão o que é a Verdade, o que é Deus.

XVIII

JÁ PRESTASTES atenção aos sinos do templo? Quando o fazeis, que escutais? As notas ou o silêncio entre as notas? Se não houvesse o silêncio, haveria as notas? E, se *escutásseis* o silêncio, as notas não teriam mais penetração, uma qualidade diferente? Mas, raramente prestamos atenção a alguma coisa; e acho importante averiguar o que significa "prestar atenção". Quando vosso professor está explicando um problema de Matemática, ou quando estais lendo a História, ou quando um amigo fala, contando-vos um caso, ou quando vos achais à beira do rio, ouvindo o sussurro das águas perto da margem, em geral prestais muito pouca atenção; e, se descobríssemos o que significa "prestar atenção", então, talvez, o aprender tivesse significado muito diferente e se tornaria muito mais fácil.

Quando vosso mestre vos manda "prestar atenção" em aula, que quer êle dizer? Quer dizer que não deveis olhar pela janela, que deveis afastar a atenção de tudo o mais e concentrá-la tôda inteira no que deveis estudar. Ou, quando vos achais todo absorvido num romance, vossa mente está tão concentrada nêle, que, temporàriamente, perdestes o interêsse por tudo o mais. Esta é uma outra forma de atenção. Assim, pois, no sentido comum, "prestar atenção" é um processo de *estreitamento,* não achais?

Ora, a meu ver há uma atenção de qualidade completamente diferente. A atenção geralmente recomendada, exercitada, ou praticada como enlêvo espiritual, consiste em estreitar a mente, reduzi-la a um ponto — sendo isso um processo de *exclusão.* Quando fazeis qualquer esfôrço para prestar atenção, estais em verdade resistindo a alguma coisa — ao desejo de olhar pela

janela, de ver os que entram etc. Parte de vossa energia já se consumiu nessa resistência. Construís uma muralha ao redor de vossa mente para obrigá-la a concentrar-se de todo numa determinada coisa, e a isso chamais disciplinar a mente para prestar atenção. Procurais *excluir* da mente todos os pensamentos, menos *um*, no qual quereis tê-la tôda concentrada. É isso o que a maioria das pessoas entende por "prestar atenção". Mas, eu acho que há uma diferente qualidade de atenção, um estado mental "não exclusivo", isto é, que nada exclui; e, pelo fato de não haver resistência, a mente é capaz de atenção muito maior. Mas a atenção sem resistência não é a atenção da absorção.

A qualidade de atenção sôbre que desejo falar é inteiramente diferente disso que geralmente se entende por atenção, e há nela possibilidades imensas, porquanto não se faz exclusão de nada. Quando vos concentrais num assunto, numa palestra, numa conversa, consciente ou inconscientemente levantais uma muralha de resistência à intromissão de outros pensamentos, e, por conseqüência, vossa mente não está *tôda* presente; só está presente em parte, por maior que seja a atenção que estejais prestando, porque outra parte de vossa mente está resistindo a intromissões, desvios ou distrações.

Comecemos pelo outro lado. Sabeis o que é *distração?* Quereis prestar atenção ao que estais lendo, mas vossa mente se distrai por causa de um barulho qualquer "lá fora", e olhais pela janela. Quando desejais concentrar-vos numa coisa e vossa mente se desvia dessa coisa, chamais a isso *distração;* e, então, uma parte de vossa mente fica resistindo a essa chamada distração, e nessa resistência há desperdício de energia. Mas se, ao contrário, estiverdes cônscio de cada movimento da mente, momento por momento, não há então distração nenhuma, em momento algum, e a energia da mente não se consome no resistir a alguma coisa. Por conseguinte, importa descobrir o que é *atenção.*

Se escutais tanto o som dos sinos como o silêncio entre as batidas, êsse escutar, em seu todo, é atenção. Analogamente, quando alguém fala, "prestar atenção" significa *dar* vossa mente não só às palavras, mas também ao silêncio entre as palavras. Se experimentardes isso, vereis que vossa mente pode prestar atenção completa, sem distrações e sem resistência. Quando disciplinais vossa mente, dizendo: "Não devo olhar pela janela, não

devo observar os que entram, tenho de prestar atenção, ainda que deseje fazer outra coisa", isso cria uma divisão de natureza sumamente destrutiva, uma vez que dissipa a energia da mente. Mas, se escutais *compreensivamente* (incluindo tudo), não havendo, pois, divisão nenhuma e, por conseguinte, nenhuma espécie de resistência, vereis então que a mente é capaz de prestar atenção completa a qualquer coisa, sem esfôrço algum. Percebeis isso? Está claro?

Sem dúvida, disciplinar a mente para prestar atenção é provocar sua deterioração — o que , entretanto, não significa deva a mente estar a pular para todos os lados, qual um macaco. Mas, afora a atenção da absorção, são aquêles dois estados os únicos que conhecemos. Ou procuramos disciplinar, "comprimir" a mente de maneira tal que ela não possa desviar-se, ou simplesmente deixamo-la à sôlta, saltando de uma para outra coisa. Pois bem; o que eu estou descrevendo não é um meio-têrmo entre os dois estados; ao contrário, nada tem em comum, nem com um, nem com outro. É uma atitude completamente diferente; é estar totalmente desperto, de modo que a mente se conserve atenta a tôdas as horas, livre do "processo" de exclusão.

Experimentai o que estou dizendo, e vereis com que rapidez vossa mente pode aprender. Podeis ouvir uma canção ou um som e deixar vossa mente penetrar-se dêle tão completamente, que nenhum esfôrço se faz para aprender. Afinal de contas, se *sabeis escutar* o que vosso professor está expondo a respeito de um certo fato histórico, escutar sem resistência alguma, porque há *espaço* e silêncio em vossa mente, e, por conseguinte, nenhuma distração, vos tornareis ciente não só do fato histórico, mas também do preconceito com que o professor porventura o está traduzindo, e também de vossa própria reação.

Vou dizer-vos uma coisa. Sabeis o que é "espaço"? Há espaço nesta sala. A distância entre aqui e vossa hospedagem, entre a ponte e vossa casa, entre esta margem do rio e a outra — tudo isso é *espaço.* Ora, há também *espaço* em vossa mente? Ou está ela tão atulhada, que nenhum espaço resta? Se há espaço em vossa mente, então, nesse espaço há silêncio; e dêsse silêncio vêm tôdas as coisas, porque, então, podeis escutar, podeis prestar atenção, sem nenhuma resistência. Eis porque é tão importante haver espaço na mente. Se a mente não está atulhada de coisas, se não

está incessantemente ocupada, então ela é capaz de ouvir os latidos daquele cão o barulho do trem que ao longe atravessa a ponte, e ao mesmo tempo estar plenamente cônscia do que está sendo dito por uma pessoa nesta sala. A mente é, então, uma coisa viva, não está morta.

Pergunta: Ontem, após a reunião, vimo-vos observando dois pequenos camponeses, tìpicamente pobres, que brincavam à beira da estrada. Gostaríamos de saber que sentimentos vos surgiram no espírito enquanto os contempláveis.

KRISHNAMURTI: Ontem, à tarde, vários estudantes se encontraram comigo na estrada e, pouco depois de apartar-me dêles, vi os dois filhinhos do jardineiro a brincar. O interrogante deseja saber que sentimentos experimentei enquanto observava aquelas duas crianças.

Ora, que sentimentos tendes *vós* quando observais crianças pobres? É mais importante averiguar isso do que saber o que eu porventura senti. Ou tendes sempre tanta pressa em chegar à vossa hospedagem ou à aula, que nunca as notais?

Pois bem; quando observais as pobres mulheres que levam pesadas cargas para o mercado, ou os pequenos camponeses que brincam com lama, e muito pouco mais têm com que brincar; que não receberão a educação que estais fruindo; que não têm um lar digno dêsse nome; que vivem sem asseio, sem roupas suficientes, sem adequada alimentação — quando observais tudo isso, qual é vossa reação? Muito importa descobrirdes por vós mesmos qual é vossa reação. Vou dizer-vos qual foi a minha.

Aquelas crianças não têm um lugar adequado onde dormir; o pai e a mãe estão ocupados o dia todo, sem um único dia de folga; aquelas crianças desconhecem completamente o que é ser amado, ser alvo de desvelos; os pais nunca se sentam junto com elas para contar-lhes histórias sôbre a beleza da terra e dos céus. E qual foi a espécie de sociedade que produziu estas circunstâncias — sociedade em que há pessoas imensamente ricas, que têm no mundo tudo o que desejam, e, ao mesmo tempo, há meninos e meninas que nada têm? Que espécie de sociedade é esta, e como nasceu? Podeis revolucionar ou quebrar o padrão desta sociedade, mas dêsse próprio ato de quebrá-lo nasce um nôvo padrão, que

é de nôvo a mesma coisa, em forma diferente — os comissários, com suas câmaras especiais no país, os privilégios, os uniformes, e por aí afora. Foi sempre o que aconteceu depois de cada revolução — a francesa, a russa, a chinesa. E é possível criar uma sociedade em que não exista tanta corrupção e miséria? Só poderá ser criada quando vós e eu como indivíduos nos soltarmos do "coletivo", quando estivermos livres da ambição e soubermos o que significa amar. Foi esta, em poucas palavras, a minha reação.

Mas, *escutastes* o que eu disse?

Pergunta: Como pode a mente escutar várias coisas ao mesmo tempo?

KRISHNAMURTI: Não foi sôbre isto que estive falando. Há pessoas capazes de concentrar-se em muitas simultâneamente. É simples questão de treinar a mente. Não me refiro a nada disso. Falo a respeito da mente em que não há resistência, que pode *escutar,* porque nela há espaço, há o silêncio de onde brota todo pensamento.

Pergunta: Por que gostamos de estar desocupados?

KRISHNAMURTI: Que mal há em estar desocupado? Que mal há em estar sentado e quieto, a ouvir um som longínquo que se vai aproximando a pouco e pouco? Ou em ficar na cama, numa certa manhã, observando os pássaros numa árvore vizinha, ou uma fôlha a dançar sòzinha ao vento, enquanto tôdas as outras estão quietas? Condenamos a desocupação porque pensamos que é coisa má estar desocupado; vejamos, pois, o que se entende por desocupação. Se estais bem de saúde e, no entanto, ficais na cama além de uma certa hora, algumas pessoas vos chamarão preguiçoso. Se não tendes vontade de brincar ou de estudar, por sentirdes fraqueza ou por outras razões de saúde, a isso também poderão denominar "preguiça". Mas, que é realmente "desocupação"?

Quando a mente não está cônscia de suas reações, de seus próprios e sutis movimentos, essa mente é preguiçosa, ignorante. Se não podeis passar nos exames, se não lêstes muitos livros e sabeis muito pouco, isto não é ignorância. A verdadeira ignorância é o desconhecimento de si mesmo, é o não perceberdes como fun-

ciona a vossa mente, quais são os vossos *motivos,* vossas reações. Idênticamente, há preguiça se a mente está a dormir. E a mente da maioria das pessoas está dormindo. A mente delas está narcotizada pelo saber, pelas Escrituras, pelos ditos de Sankara ou de outrem. Seguem uma filosofia, praticam uma disciplina, e sua mente, pois — que deveria ser rica, plena, transbordante como o rio — se torna estreita, estúpida, cansada. Essa mente é preguiçosa. E a mente ambiciosa, que busca um resultado, não é uma mente ativa, no genuíno sentido da palavra; embora superficialmente pareça ativa, esforçada, e trabalhe o dia todo para obter o que deseja, abaixo da superfície está cheia de desespêro e de frustração.

Assim, é necessário uma pessoa estar muito vigilante, para verificar se é realmente preguiçosa. Não o admitais só porque outras pessoas dizem que sois preguiçoso. Tratai de descobrir por vós mesmo o que é *preguiça.* O homem que se limita a aceitar, a rejeitar ou a imitar, o homem que, por mêdo, cava uma pequena vala para si próprio — êsse homem é preguiçoso e, por conseguinte, sua mente se deteriora, se despedaça. Já o homem vigilante não é preguiçoso, ainda que freqüentemente se deixe ficar sentado e muito quieto, a observar as árvores, os pássaros, as pessoas, as estrêlas e o rio silencioso.

Pergunta: Dizeis que devemos revoltar-nos contra a sociedade, e ao mesmo tempo dizeis que devemos ser sem ambição. Mas, não é ambição o desejo de melhorar a sociedade?

KRISHNAMURTI: Já expliquei muito cuidadosamente o que entendo por revolta, mas vou empregar duas palavras diferentes, para maior clareza. O revoltar-se dentro da sociedade, a fim de melhorá-la um pouco, de pôr em execução certas reformas, isso é como uma revolta de presos que querem melhorar de vida entre os muros da prisão; e uma revolta desta natureza não é revolta, porém simples motim. Percebeis a diferença? A revolta dentro da sociedade é como um motim de presos que querem melhor comida, melhor tratamento, dentro da prisão; mas a revolta que nasce da compreensão é aquela do indivíduo que se liberta da sociedade; e esta é a revolução criadora.

Ora, se vós como indivíduo vos libertais da sociedade, tal ação é motivada pela ambição? Se o é, isso significa que não vos libertastes, absolutamente; continuais dentro da prisão, porque a base mesma da sociedade é a ambição, a ganância, a avidez. Mas se, compreendendo tudo isso, promoveis uma revolução em vossa mente e vosso coração, então já não sois ambicioso, já não estais sendo impelido pela inveja, a avidez, a ânsia de aquisição e, por conseguinte, estais completamente fora de uma sociedade cuja base são estas coisas. Sois, então, um indivíduo criador e, em vossa ação, estará o germe de uma "cultura" diferente.

Há, portanto, vasta diferença entre a ação da revolução criadora, e a ação da revolta ou motim dentro da sociedade. Enquanto só vos preocuparem meras reformas, o simples decorar das grades e paredes da prisão, não sereis criador. Tôda reforma torna necessária outra reforma, e só produz mais misérias e mais destruição. Mas, ao contrário, a mente que compreende tôda essa estrutura de aquisição, de avidez, de ambição, e dela se liberta — essa mente se acha em revolução constante. É uma mente que se expande, que cria; por conseguinte, como a pedra lançada numa lagoa tranqüila, sua ação produz ondas e essas ondas formarão uma sociedade completamente diferente.

Pergunta: Por que tenho ódio a mim mesmo quando não estudo?

KRISHNAMURTI: Escutai a pergunta. Por que tenho ódio de mim mesmo, quando não estudo, como querem que eu faça? Por que tenho ódio a mim mesmo quando não sou gentil, como deveria ser? Por outras palavras, por que não vivo de acôrdo com meus ideais?

Ora, não seria muito mais simples não ter ideais de espécie alguma? Se não tivésseis ideais, haveria razão para odiardes a vós mesmo? Assim, por que dizeis: "Devo ser bondoso, devo ser generoso, devo prestar atenção, estudar"? Se puderdes descobrir a razão e libertar-vos dos ideais, então, talvez, atuareis de maneira tôda diferente. Sôbre isso, falarei mais adiante.

Mas, por que tendes ideais? Em primeiro lugar, porque sempre vos disseram que se não tiverdes ideais sereis um ente desprezível. A sociedade, quer do padrão comunista, quer ca-

pitalista, diz: "O ideal é *êste*" — e vós o aceitais e procurais viver em conformidade com êle, não é verdade? Pois bem, antes de tentardes viver segundo um ideal qualquer, não deveis verificar por que é necessário ter ideais? Por certo, isso teria muito mais sentido. Tendes o ideal de *Rama* e *Sita,* e tantos outros ideais que a sociedade vos transmitiu ou que vós mesmos inventastes. Sabeis por que os tendes? Porque tendes mêdo de ser *o que sois.*

Sejamos simples; não compliquemos as coisas. Vós tendes mêdo de ser o que sois, e isso significa que não tendes confiança em vós mesmo. Por isso é que procurais ser o que a sociedade, o que vossos pais e vossa religião preceituam.

Ora, por que tendes mêdo de ser o que sois? Porque não começais com o que *sois,* e não com o que *deveríeis ser?* Se não compreendeis o que sois e tratais apenas de mudá-lo no que pensais que deveríeis ser, isso não tem significação nenhuma. Portanto, fora com os ideais! Sei que os mais velhos não gostarão disto, mas não importa. Jogai fora todos os ideais, afundai-os no rio, lançai-os no cêsto de papéis, para começardes com o que *sois* — e isto é o quê?

Sois preguiçoso, não quereis estudar, quereis brincar ou jogar, divertir-vos, como todo jovem. Começai com *isso.* "Usai" a vossa mente para examinardes o que entendeis quando falais em "passar o tempo agradàvelmente" — averiguai o que isso realmente implica, não vos deixeis levar pelo que dizem vossos pais ou vossos ideais. "Usai" vossa mente para descobrirdes o que desejais fazer na vida — o que *vós* desejais fazer, não o que a sociedade ou um certo ideal vos manda fazer. Se aplicardes todo o vosso ser a esta investigação, sereis um verdadeiro revolucionário; tereis então confiança para criar, para serdes o que sois, e, nisso, há uma vitalidade sempre renovada. Mas, pela outra maneira, estais dissipando vossa energia no esfôrço para serdes semelhante a um outro.

Não vêdes como é estranho o terdes tanto mêdo de serdes o que sois; pois a beleza está em serdes o que sois. Se vêdes que sois preguiçoso, que sois estúpido, e se compreendeis a preguiça e olhais de frente a estupidez, sem procurar mudá-la noutra coisa, então, nesse estado, encontrareis extraordinária liberdade, grande beleza, vasta inteligência.

Pergunta: Ainda que possamos criar uma nova sociedade, revoltando-nos contra a atual, esta criação de uma nova sociedade não constitui também uma forma de ambição?

KRISHNAMURTI: Parece que não escutastes o que estive dizendo. Quando a mente se revolta dentro do padrão da sociedade, essa revolta se assemelha a um motim dentro de uma prisão, e é apenas uma outra forma de ambição. Mas, quando a mente compreende, em sua inteireza, êsse destrutivo "processo" da atual sociedade, e dêle sai, sua ação não é então ambiciosa. Essa ação poderá criar uma nova civilização, uma ordem social melhor, um mundo diferente, mas a mente *não está preocupada* em criá-la. Seu único interêsse é descobrir o que é verdadeiro; o movimento da verdade é que criará um nôvo mundo, e não a mente que se acha em revolta contra a sociedade.

XIX

EU QUISERA saber quantos de vós notastes o arco-íris ontem à tarde. Estava pouco acima da água e deparou-se-nos de repente. Era uma coisa bela de ver, que infundia um grande sentimento de alegria, uma percepção clara da vastidão e da beleza da terra. Para comunicar uma tal alegria é necessário um bom conhecimento das palavras, do ritmo e da beleza da linguagem correta, não é verdade? Mas o que tem muito mais importância é o próprio sentimento, o êxtase que acompanha a apreciação profunda de algo belo; e êsse sentimento não pode ser despertado pelo mero cultivo do conhecimento ou da memória.

Precisamos do conhecimento para nos comunicarmos, para falarmos uns aos outros a respeito de alguma coisa; e, para se cultivar o conhecimento, necessita-se da memória. Sem o necessário conhecimento, não podeis pilotar um avião, não podeis construir uma ponte, uma casa bonita, não podeis construir grandes estradas, cuidar de árvores, de animais, e fazer muitas outras coisas que um homem civilizado deve saber fazer. Para gerar eletricidade, trabalhar em várias ciências, socorrer o homem com medicamentos etc. — para tudo isso necessita-se de conhecimento, de informações, da memória, e nestas coisas é necessário receber a melhor instrução possível. Por isso, é muito importante tenhais professôres de primeira ordem das matérias técnicas, para transmitir-vos a correta instrução e ajudar-vos a cultivar um perfeito conhecimento de várias matérias.

Entretanto, enquanto num certo nível o conhecimento é necessário, noutro nível êle se torna um empecilho. Há uma grande cópia de conhecimentos do mundo físico, conhecimentos que se vão acrescentando constantemente. Importa possuir tais co-

nhecimentos e utilizá-los em benefício do homem. Mas, não há uma outra qualidade de conhecimento que, no nível psicológico, constitui um obstáculo ao descobrimento do verdadeiro? Afinal de contas, conhecimento é tradição, não é verdade? E tradição é cultivo da memória. A tradição, em coisas mecânicas, é de grande importância, mas quando a tradição é utilizada como meio de guiar o homem espiritualmente, ela se torna um obstáculo ao descobrimento de coisas mais grandiosas.

Dependemos do conhecimento, da memória, nas coisas mecânicas e em nosso viver diário. Sem conhecimento, não poderíamos conduzir um carro, seríamos incapazes de fazer muitas coisas. Mas o conhecimento é o obstáculo quando se torna tradição, crença, para guiar o espírito, a psique, o ser interior; e, também, separa os homens. Já não notastes como os homens, no mundo inteiro, estão divididos em grupos que se denominam hinduístas, maometanos, budistas, cristãos, etc? Que os divide? Não são as pesquisas da ciência, o conhecimento da agricultura, a ciência de construir pontes ou de dirigir aviões a jato. O que divide as pessoas é a tradição, as crenças que condicionam a mente de uma certa maneira.

O conhecimento, por conseguinte, é um obstáculo quando se torna tradição que molda ou condiciona a mente por um certo padrão; porque não só divide os homens e cria inimizade entre êles, mas também impede o descobrimento do profundo significado da Verdade, da Vida, de Deus. Para descobrir o que é Deus deve a mente estar livre de tudo quanto é tradição, acumulação, conhecimento, que lhe servem de proteção psicológica.

A função da educação é proporcionar ao estudante abundantes conhecimentos em vários setores do esfôrço humano e ao mesmo tempo libertar sua mente de tôda tradição, para ser capaz de investigar e descobrir. De outro modo, a mente se torna mecânica, tôda ocupada pelo mecanismo do conhecimento. A menos que se liberte constantemente de sua acumulação de tradições, a mente é incapaz de descobrir o Supremo, o Eterno; mas, é óbvio que ela deve adquirir crescente conhecimento e instrução, para habilitar-se a tratar das coisas de que o homem necessita e que deve produzir.

O conhecimento, que é cultivo da memória, é portanto útil e necessário num certo nível, mas noutro nível êle se torna pre-

judicial. Reconhecer a diferença, perceber onde o conhecimento é destrutivo e deve ser pôsto de parte, e onde êle é essencial e se lhe deve permitir funcionar o mais amplamente possível — eis o comêço da inteligência.

Ora, na época atual, que está acontecendo com a educação? Estão-se-vos transmitindo variados conhecimentos, não é verdade? Nos cursos superiores, podeis tornar-vos engenheiro, médico, advogado, doutorar em Filosofia, Matemática ou em outro ramo do saber, estudar ciências domésticas e aprender a administrar uma casa, a cozinhar etc.; mas ninguém vos ajuda a libertar-vos de tôdas as tradições, de modo que, desde o comêço, tenhais uma mente fresca, ardorosa, e, por conseguinte, capaz de descobrir a cada momento algo totalmente nôvo. As filosofias, teorias e crenças que hauris dos livros e que se tornam vossa tradição constituem um verdadeiro empecilho à mente, porque esta se serve então de tais coisas como meios de segurança psicológica, para si própria, e por conseguinte fica por elas condicionada. Portanto, é necessário, ao mesmo tempo que se liberta a mente de tôdas as tradições, cultivar o conhecimento técnico; e tal é a função da educação.

O difícil é libertar a mente do conhecido, a fim de habilitá-la a descobrir o que é nôvo a tôdas as horas. Eminente matemático contou, certa vez, que estivera trabalhando num problema por dias seguidos, sem encontrar-lhe a solução. Uma bela manhã, ao dar seu passeio costumeiro, apresentou-se-lhe sùbitamente a solução. Que acontecera? Sua mente, estando então quieta, estava livre para "olhar" o problema, e o próprio problema revelou a solução. É preciso ter conhecimentos para se estudar um problema, mas a mente deve estar desembaraçada dêsses conhecimentos para encontrar a solução.

A maioria de nós aprende fatos, acumula informações ou conhecimentos, mas a mente nunca aprende a *estar quieta,* livre das agitações da vida, do terreno em que os problemas lançam raízes. Filiamo-nos a sociedades, adotamos certa filosofia, entregamo-nos a uma crença, mas nada disso tem utilidade alguma, porque não resolve os problemas humanos. Pelo contrário, causa mais sofrimento, mais angústias. O de que se necessita não é filosofia ou crença, porém uma mente livre, para investigar, descobrir e ser criadora.

Preparais-vos às pressas para os exames, juntais uma porção de conhecimentos e os lançais no papel, a fim de obterdes um diploma que vos habilite a arranjar emprêgo e a casar-vos; e isso é tudo? Adquiristes conhecimentos, técnica, mas, como vossa mente não é livre, vos tornais escravo do sistema vigente; e isso, em verdade, significa que não sois um ente humano criador. Podeis gerar filhos, pintar uma meia-dúzia de quadros ou compor de vez em quando uma poesia, mas tal, por certo, não é criação. Em primeiro lugar, é necessária uma mente livre para que se verifique a criação, e, então, a técnica pode ser utilizada para expressar o poder criador. A técnica, porém, nada significa sem a mente criadora, sem a extraordinária fôrça criadora resultante do descobrimento do verdadeiro. Infelizmente, os mais de nós não conhecemos êsse poder criador, porque estamos com a mente carregada de conhecimentos, de tradição, de memória, dos ditos de Sankara, Buda, Marx ou outro. Mas, se vossa mente é livre para descobrir o verdadeiro, vereis aparecer uma abundante e incorruptível riqueza, na qual se encontra inefável alegria. Então, tôdas as nossas relações — com pessoas, com idéias, com coisas — assumem significado todo diferente.

Pergunta: Pode-se mudar o menino rebelde por meio de castigo ou do amor?

KRISHNAMURTI: Que achais, *vós? Escutai* atentamente a pergunta; pensai-a, senti-a, de maneira completa. Um menino rebelde pode mudar por meio de castigo ou do amor? Se êle muda a poder de castigo — que é uma forma de compulsão — isso é mudança? Sois maior do que êle, tendes autoridade como professor ou pai, e se o ameaçais, o amedrontais, o pobre coitado poderá fazer o que mandais; mas isso é mudança? Pode haver mudança mediante alguma forma de compulsão? Pode haver mudança mediante legislação, mêdo nesta ou naquela forma?

E quando perguntais se o amor tem o poder de operar a mudança do menino rebelde, que entendeis pela palavra "amor"? Se *amar* significa compreender o menino — *não* mudá-lo, porém compreender as causas de sua rebeldia, então essa mesma compreensão fará cessar nêle a rebeldia.

Se desejo mudar o menino, para que êle deixe de ser rebelde, o meu próprio desejo de mudá-lo é uma forma de compulsão, não achais? Agora, se começo a compreender a razão de sua rebeldia, se lhe descubro e desarraigo as causas — que podem ser alimentação inadequada, insuficiência de sono, necessidade de afeição, "perseguição" por parte de algum companheiro etc. — então o menino *não será rebelde.* Mas, se meu desejo consiste ùnicamente em mudá-lo, quer dizer, levá-lo a ajustar-se a determinado padrão, nesse caso não o compreenderei.

Isso suscita o problema relativo ao que se entende por "mudança". Ainda que o menino deixe de ser rebelde porque o tratais com amor — o que, afinal, é outra espécie de *influência* — há uma verdadeira mudança? Poderá ser amor, mas é sem dúvida uma maneira de "pressioná-lo" para ser ou fazer uma certa coisa. E quando dizeis que um menino deve mudar, que entendeis por isso? Mudar *de quê* e *para quê?* Mudar do que *é* para o que *deveria ser?* Se o menino mudar do que *é* para o que *deveria ser,* não significa isso que êle apenas *modificou* o que era, e, por conseguinte, não houve mudança nenhuma?

Por outras palavras, se eu sou ávido e me torno "não-ávido" porque vós e a sociedade e os livros sagrados me dizem que assim devo fazer, mudei realmente, ou apenas estou dando outro nome à avidez? Mas se, ao contrário, sou capaz de investigar e de compreender, totalmente, o problema de minha avidez, ficarei então livre dela — e isso é coisa muito diferente de tornar-me "não-ávido".

Pergunta: Como pode uma pessoa tornar-se inteligente?

KRISHNAMURTI: No momento em que procurais ser inteligente, deixais de ser inteligente. Isto é de fato muito importante, portanto prestai-lhe um pouco de atenção. Se sou estúpido e todos me dizem que devo tornar-me inteligente, que acontece geralmente? Luto para me tornar inteligente, estudo mais, procuro obter "notas" mais altas. Dizem então: "Êle está mais aplicado" — e me elogiam; mas eu continuo estúpido, porque só adquiri uns "enfeites" de inteligência. O problema, por conseguinte, não é "como tornar-me inteligente", mas, sim, "como ficar livre da estupidez". Se, sendo estúpido, procuro tornar-me inteligente, estou atuando estùpidamente.

Nessas condições o problema básico se refere à mudança. Quando perguntais "Que é inteligência e como pode uma pessoa tornar-se inteligente?" — isso significa querer um conceito de "inteligência", para procurar igualar êsse conceito. Pois bem; ter uma fórmula, uma teoria ou um conceito de "inteligência", e procurar moldar-se de acôrdo com êsse padrão, é absurdo, não achais? Já se uma pessoa é estúpida e começa a descobrir o que é estupidez, sem nenhum desejo de mudá-la para outra coisa, sem dizer: "Sou obtuso, estúpido, e isso é horrível" — verá, então, que, no desdobrar do problema, desponta, sem esfôrço algum de sua parte, uma inteligência sem nenhum resquício de estupidez.

Pergunta: Sou muçulmano. Se não observo diàriamente as tradições de minha religião, meus pais ameaçam expulsar-me de casa. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Vós, os não muçulmanos, provàvelmente aconselhareis o interrogante a deixar o lar, não? Mas, independente do rótulo que usais — hinduísta, *parsi*, comunista, cristão etc. — vós vos achais nas mesmas condições. Por conseguinte, não há razão para vos sentirdes superiores e vos "encherdes de vento". Se disserdes a vossos pais que as tradições dêles são velhas superstições, *êles* também poderão pôr-vos na rua.

Pois bem; se fôstes educado em determinada religião e vosso pai vos disser que tereis de deixar o lar se não observardes certas práticas que percebeis agora serem velhas superstições, que fareis? Isso depende da intensidade com que não desejais seguir as velhas superstições, não? Sereis capaz de dizer: "Refleti muito neste assunto e penso que é insensatez uma pessoa denominar-se muçulmano, hinduísta, budista, cristão ou coisa semelhante. Se por isso eu tiver de deixar o lar, fá-lo-ei. Estou disposto a enfrentar tudo o que a vida oferece, mesmo a miséria e a morte, porque sinto ser êste o caminho certo, e por êle continuarei" — sereis capaz de dizer isto? Se não, o que acontecerá é que sereis tragado pela tradição, pelo "coletivo".

Assim, pois, que fareis? Se a educação não vos proporciona essa autoconfiança, qual é então a finalidade da educação? Meramente preparar-vos para terdes emprêgo e vos ajustardes a uma

sociedade òbviamente destrutiva? Não digais: "Só poucos são capazes de libertar-se, e eu não me sinto com fôrças para tal". *Qualquer* pode libertar-se, desde que ponha seu intento nisso. Para compreenderdes e repelirdes a pressão da tradição, necessitais, não de fôrça, porém de *confiança* — daquela extraordinária confiança que nasce quando sabeis pensar as coisas por vós mesmo. Mas, vêde, vossa educação não vos ensina *a pensar;* só vos ensina *o que pensar.* Ensina-vos que sois muçulmano, hinduísta, cristão, isto ou aquilo. Mas a função da educação correta é ajudar-vos a pensar por vós mesmo, de modo que de vosso pensar vos venha um sentimento de imensa confiança. Sois, então, um ente humano criador e não uma máquina servil.

Pergunta: Dizeis-nos que não deve haver resistência no prestar atenção. Como é possível isso?

KRISHNAMURTI: Eu disse que qualquer forma de resistência é desatenção, distração. Não o aceiteis, refleti! Não aceiteis nada, não importa quem o diga, mas investigai cada coisa por vós mesmo. Se vos limitais a aceitar, vos tornais mecânico, embotado, já estais morto; mas, se investigais, se pensais a fundo nas coisas, por vós mesmo, sois um ente humano *vivo,* valoroso, criador.

Pois bem; sois capaz de prestar atenção ao que se diz e ao mesmo tempo notar quando alguém entra, sem virardes a cabeça para vê-lo, e sem haver resistência ao "virar a cabeça"? Se há resistência a "virar a cabeça", então acabou-se a vossa atenção e estais consumindo vossa energia mental nessa resistência. Assim, pode haver um estado de atenção total, sem distração nenhuma e, por conseguinte, sem nenhuma resistência? Isto é, sois capaz de prestar atenção a uma dada coisa, com todo o vosso ser, e ao mesmo tempo conservar o lado externo de vossa consciência sensível a tudo o que se passa em redor de vós e dentro em vós?

A mente é um instrumento maravilhoso, que está sempre *absorvendo* — vendo variadas formas e côres, recebendo impressões inumeráveis, apreendendo o significado de palavras, o significado de um olhar etc. etc.; e nosso problema é prestar atenção a uma certa coisa e, ao mesmo tempo, conservar a mente realmente sensível a tudo o que se passa, inclusive as impressões e reações inconscientes.

O que estou dizendo envolve, com efeito, todo o problema da meditação. Não podemos apreciá-lo agora; mas, se um indivíduo não sabe meditar, não é um ente humano amadurecido. A meditação é uma das coisas mais importantes da vida — muito mais importante do que passar em exames e bacharelar-se. Compreender o que é meditação correta não significa exercitar-se na meditação. O "exercitar-se" em qualquer coisa, em matéria espiritual, é de efeito mortífero. Para se compreender o que é meditação correta, necessita-se de um claro percebimento das operações de nossa consciência, pois, então, há atenção completa. Mas não é possível essa completa atenção quando há qualquer forma de resistência. Em geral, somos educados para prestar atenção mediante resistência e, por isso, nossa atenção é sempre parcial, jamais completa; e por essa razão é que o aprender se torna cansativo, entediante, uma coisa terrível. Muito importa, por conseguinte, prestar atenção, no sentido profundo da palavra, ou seja, manter-nos cônscios do funcionamento de nossa mente. Se não há autoconhecimento, não se pode prestar atenção completa. Eis por que, numa verdadeira escola, deve o estudante não só aprender várias matérias, mas também ser ajudado a estar cônscio dos "processos" de seu próprio pensar. Na compreensão de si mesmo, êle saberá a que significa prestar atenção sem resistência, por que a compreensão própria é o distintivo da meditação.

Pergunta: Por que temos interêsse em fazer perguntas?

KRISHNAMURTI: Isto é muito simples: É porque todos somos curiosos. Não desejais saber jogar críquete ou futebol, ou soltar um papagaio? No momento em que cessais de fazer perguntas, já estais morto — sendo isso, de modo geral, o que aconteceu aos mais velhos. Cessaram de indagar porque a mente dêles está cheia de conhecimentos, das coisas que outros disseram. Aceitaram a tradição e nela se fixaram. Enquanto estais fazendo perguntas, estais abrindo caminho, mas, no momento em que começais a aceitar, estais psicològicamente morto. Assim, pois, em todo o curso de vossa vida, nunca aceiteis nada, mas inquiri, investigai. Vereis, então, que vossa mente é de fato algo maravilhoso, infinito e que, para ela, não existe morte.

XX

AQUÊLE CAMPO VERDE, de flôres amarelo-mostarda e atravessado por um riacho, é um verdadeiro encanto para os olhos, não achais? Ontem à tarde estive a contemplá-lo e, ante a extraordinária beleza e tranqüilidade de uma cena rural, somos invariàvelmente levados a perguntar o que é a beleza. Há uma pronta reação ao que é belo e, também, ao que é feio, reação de prazer ou de dor, e êsse sentimento traduzimos em palavras, dizendo: "Isto é belo" ou "Isto é feio". Mas, o importante não é o prazer ou a dor; é, antes, estar em comunhão com tôdas as coisas, ser sensível tanto ao feio como ao belo.

Pois bem; que é a beleza? Esta é uma das questões mais fundamentais; não é coisa superficial e, portanto, não a afasteis para o lado. Compreender o que é a beleza, ter o sentimento de bondade, que nasce quando a mente e o coração estão em comunhão com algo belo, sem nenhum obstáculo, de modo que haja um sentimento de perfeita paz — isso, sem dúvida, é de grande significação na vida; e, enquanto não conhecermos essa "reação" ante a beleza, nossas vidas serão muito superficiais. Podemos estar rodeados de grande beleza, por montanhas e campos e rios, mas, se não estamos plenamente despertos para tudo isso, o mesmo vale estarmos mortos.

Vós, meninos e meninas, e pessoas de mais idade, fazei a vós mesmos esta pergunta: Que é Beleza? Asseio, correção no vestir, um sorriso, um gesto gracioso, ritmo no andar, uma flor nos cabelos, boas maneiras, clareza no falar, atenção e consideração para com os outros — que também inclui a pontualidade — tudo isso faz parte da beleza; mas é apenas a superfície, não achais? E a beleza é só isso, ou há algo de muito mais profundo?

Há beleza da forma, beleza de conjunto, beleza de vida. Já observastes quanto é bela a forma de uma árvore tôda vestida de suas fôlhas, e quão delicada a árvore nua desenhada contra o céu? Tais coisas são belas de ver, mas constituem apenas a expressão superficial de algo muito mais profundo. Que é, pois, o que chamamos beleza?

Podeis ter um belo rosto, traços finos, podeis trajar com gôsto e ter maneiras polidas, podeis pintar ou descrever bem a beleza de uma paisagem; mas se não houver aquêle íntimo sentimento de bondade, todos os acessórios exteriores da beleza só conduzem a uma vida muito superficial, uma vida "sofisticada", uma vida sem muita significação.

Cumpre-nos, pois, descobrir o que é realmente a beleza, não achais? Notai que não estou dizendo que se devam evitar as expressões externas da beleza. Todos devemos ter boas maneiras, devemos ser fìsicamente asseados e trajar-nos com gôsto, sem ostentação, devemos ser pontuais, claros no falar etc. Estas coisas são necessárias e criam uma atmosfera agradável; mas, por si sós, não têm muita significação.

É a beleza interior que dá graça e singular delicadeza à forma e ao movimento exteriores. E que é esta beleza interior, sem a qual nossa vida é tão superficial? Já refletistes nisto? Provàvelmente nunca o fizestes. Tendes muito que fazer, vossa mente está por demais ocupada com o estudar, o jogar, tagarelar, rir, "mexer" com os outros. Mas, ajudar-vos a descobrir o que é a beleza interior, sem a qual a forma e o movimento exterior muito pouco significam, eis uma das funções da educação correta; e a apreciação profunda da beleza é uma parte essencial de vossa vida.

Pode uma mente superficial apreciar a beleza? Poderá falar acêrca da beleza; mas, pode ela experimentar aquêle brotar de uma infinita alegria, que se verifica quando olhamos algo realmente belo? Quando a mente só está preocupada em si própria e suas próprias atividades, não é bela; o que quer que faça, ela permanecerá feia, limitada e, por conseguinte, incapaz de saber o que é a beleza. Enquanto a mente que não está só interessada em si própria, que está livre da ambição, que não está tôda enredada em seu próprios desejos e não é impelida pela ânsia de êxito — essa mente não é superficial e floresce em bondade.

Compreendeis? É essa bondade interior que dá beleza até a um rosto considerado feio. Havendo bondade interior, o rosto feio se transfigura, porque a íntima bondade é, com efeito, um sentimento profundamente religioso.

Sabeis o que significa ser religioso? Isso nenhuma relação tem com os sinos do templo, embora seja agradável ouvir-lhes o som, ao longe; nenhuma relação tem com *pujas*, com as cerimônias dos sacerdotes, e todos os demais absurdos ritualistas. Ser religioso é ser sensível à Realidade. Vosso ser total — corpo, mente e coração — é sensível à beleza e à fealdade, ao pobre burro amarrado a uma estaca, à pobreza e à sordidez que se vêem nesta cidade, aos risos e às lágrimas, a tudo o que vos cerca. Dessa sensibilidade à totalidade da existência brota a bondade, o amor; e, sem essa sensibilidade, não há beleza, ainda que tenhais talento, andeis bem trajado, viajeis num carro de alto custo e sejais rigorosamente asseado.

O amor é uma coisa extraordinária, não achais? Não podeis amar, se estais pensando em vós mesmos — o que não significa deveis estar pensando noutra pessoa. O amor *é:* não tem objeto. A mente que ama é, de fato, uma mente religiosa, porque está no movimento da Realidade, da Verdade, de Deus; só essa mente pode saber o que é a beleza. A mente que não se acha enredada em nenhuma filosofia, fechada em nenhum sistema ou crença, que não está sendo impelida por sua própria ambição e, por conseguinte, é sensível, desperta, vigilante — essa mente tem beleza.

Muito importa, enquanto sois jovens, aprenderdes a ser ordeiros e asseados, a estar sentados na postura correta, sem inquietação, ter boas maneiras à mesa, e ter consideração para com os outros, ser pontual; mas, tôdas essas coisas, embora necessárias, são superficiais, e se vos limitardes a cultivar o que é superficial, sem compreenderdes o que é mais profundo, nunca conhecereis o real significado da beleza. A mente que não pertence a nenhuma nação, grupo ou sociedade, que de nenhuma autoridade depende, que não é impelida pela ambição nem contida pelo mêdo — essa mente está sempre florescendo em amor e bondade. Porque está no movimento da Realidade, ela sabe o que é a beleza; porque é sensível tanto ao feio como ao belo, é uma mente criadora, de infinita compreensão.

Pergunta: Se tenho uma ambição na infância, terei possibilidade de realizá-la ao crescer?

KRISHNAMURTI: Uma ambição infantil, em geral, não é de muita duração, não é verdade? Um menino deseja ser maquinista de locomotiva; ou, ao ver um avião a jato cruzar o céu num relâmpago, logo deseja ser aviador; ou ouve um orador político a discursar e deseja semelhá-lo; ou vê um *sanyasi* e resolve tornar-se também *sanyasi*. Uma menina pode desejar ser mãe de muitos filhos, ou ser espôsa de um milionário e morar num palacete, ou poderá aspirar a pintar ou a escrever poesias.

Pois bem. Realizar-se-ão os sonhos da infância? E sonhos merecem realizar-se? Buscar a realização de qualquer desejo, não importa qual, sempre acarreta sofrimento. Talvez ainda não tenhais notado isso, mas o notareis à medida que fordes crescendo. O sofrimento é a sombra do desejo. Se desejo ser rico ou famoso, luto por alcançar êsse alvo, arredando outros de meu caminho e criando inimizades; e, ainda que eu consiga o que desejo, mais cedo ou mais tarde alguma coisa invariàvelmente acontece. Adoeço, ou, na própria realização do desejo, começo a ansiar por outra coisa; e, também, a morte está sempre à espreita, em alguma volta do caminho... A ambição, o desejo e sua realização levam inevitàvelmente à frustração, ao sofrimento. Podeis observar por vós mesmo êsse processo. Observai as pessoas mais velhas que vos circundam, os homens que são famosos, importantes no país, os que fizeram um nome para si próprios e têm poder. Olhai-lhes os rostos; notai como são sombrios ou como são obesos e pomposos. Seus semblantes têm linhas duras; êles não florescem na bondade, porque em seus corações há angústia.

Não é possível viver-se neste mundo sem ambição, serdes justamente o que sois? Se começais a compreender o que sois, sem procurardes alterá-lo, então o que sois passará por uma transformação. Eu acho que o homem pode viver neste mundo anônimamente, completamente desconhecido, sem ser famoso, ambicioso, cruel. Pode viver muito feliz quando nenhuma importância dá ao próprio *ego;* e isto é também uma parte da educação correta.

Todo o mundo adora o sucesso, o êxito. Ouvis contar casos de meninos pobres que estudam à noite e acabam altos magis-

trados, ou de outros que começam como "pequenos jornaleiros" e acabam multimilionários. Sois nutridos dessa glorificação do êxito. Com o alcançarem-se grandes êxitos, vêm também grandes sofrimentos; mas, em maioria, estamos nesta armadilha do desejo de êxito, e o êxito é para nós muito mais importante do que a compreensão e a dissolução do sofrimento.

Pergunta: No presente sistema social, não achais muito difícil pôr em execução o que pregais?

KRISHNAMURTI: Quando *sentis* muito fortemente a respeito de uma coisa, considerais difícil pô-la em ação? Quando sentis entusiasmo pelo jôgo do críquete, tratais de jogá-lo com todo o vosso ser, não é exato? Achais difícil isso? Só quando se não sente vivamente a verdade de uma coisa, pode-se dizer que ela é de difícil execução. Não a amais, então. O que amais fazeis com ardor, com alegria e, então, o que a sociedade ou vossos pais possam dizer, nada importa. Mas se não estais profundamente convencido, se não vos sentis livre e feliz em fazer o que considerais correto, então, por certo, é falso, irreal, o vosso interêsse nessa coisa; por conseguinte, ela se torna uma enormidade e dizeis ser difícil pô-la em prática.

Encontrareis naturalmente dificuldades no executar o que gostais de fazer, mas não lhes ligareis importância, pois fazem parte da vida. Fizemos uma "filosofia da dificuldade" e consideramos virtude o fazer esfôrço, o lutar, o resistir.

Eu não falo sôbre a proficiência resultante do esfôrço e da luta, porém no amor com que se faz uma dada coisa. Mas não batalheis contra a sociedade, não ataqueis a tradição morta, se não tiverdes em vós êsse amor, porque então vossa luta será sem significação e sereis apenas causador de mais malefícios. Se, porém, ao contrário, *sentis* profundamente o que é correto, e, por conseguinte, sois capaz de *estar só,* então, vossa ação, nascida do amor, terá extraordinário significado, terá vitalidade e beleza.

Só numa mente muito tranqüila podem nascer coisas grandiosas; e uma mente tranqüila não se adquire por meio de esfôrço, de contrôle, de disciplina.

Pergunta: Que entendeis por "mudança total", e como pode ela realizar-se em nosso ser?

KRISHNAMURTI: Achais que poderá haver mudança total se vos esforçais por realizá-la? Sabeis o que é *mudança?* Suponhamos que sejais ambicioso e começastes a compreender todo o conteúdo da ambição: esperança, satisfação, frustração, crueldade, sofrimento, desconsideração, avidez, inveja, absoluta falta de amor. Percebendo bem isso, que fareis? Fazer qualquer esfôrço para mudar ou transformar a ambição, é outra forma de ambição, não achais? Implica que há o desejo de ser diferente. Podeis rejeitar um desejo, mas nesse próprio "processo" cultivais outro desejo, que também causa sofrimento.

Ora, se percebeis que a ambição traz sofrimento, e que o desejo de pôr fim à ambição traz sofrimento, se percebeis esta verdade por vós mesmo e muito claramente, e não atuais, porém deixais a verdade atuar, então essa verdade operará uma mudança radical na mente, uma revolução total. Mas isso requer muita atenção, penetração, discernimento.

Quando se vos diz — e isso acontece com todos vós — que deveis ser bom, que deveis amar, que sucede, em geral? Dizeis: "Preciso exercitar-me em ser bom, preciso demonstrar amor a meus pais, ao serviçal, ao burro, a tudo." Isso significa que estais fazendo um esfôrço para "mostrar amor"; e, em tais condições, o amor se torna coisa muito artificial, muito vulgar, tal como o vemos entre os pregadores do nacionalismo, eternos "praticantes" da fraternidade — coisa tôla e estúpida. É a avidez que leva a essas práticas. Mas, se perceberdes a verdade relativa ao nacionalismo e deixardes essa verdade atuar em vós, deixardes essa verdade operar, sereis então fraternal, sem fazerdes esfôrço algum. A mente que "pratica" amor é incapaz de amar. Mas, se amais sem interferirdes nesse amor, êle então atuará.

Pergunta: Que é expansão do "eu"?

KRISHNAMURTI: Se desejais tornar-vos Governador ou famoso professor, se imitais certo homem importante ou herói, se procurais seguir vosso *guru* ou um santo, então, êsse "processo" de "vir a ser", de imitar, seguir, é uma forma de expansão do "eu", não

achais? O homem ambicioso, que aspira à grandeza, que deseja preencher-se, poderá dizer: "Estou fazendo isto em nome da paz e a bem de meu país"; mas sua ação continua a ser expansão de seu próprio "eu".

Pergunta: Por que é orgulhoso o rico?

KRISHNAMURTI: Pergunta um menino por que é orgulhoso o homem rico. Notastes realmente que o homem rico é orgulhoso? E os pobres não são também orgulhosos? Todos temos nossa peculiar arrogância, que mostramos de diferentes maneiras. O rico, o pobre, o erudito, o homem de capacidade, o santo, o líder ou guia — cada um dêsses, à sua maneira, tem o sentimento de haver atingido o alvo, alcançado pleno êxito, de ser uma personalidade importante, de ser capaz de fazer uma certa coisa. Mas o homem que não é *ninguém*, que não deseja ser *alguém*, que é sempre *êle próprio* e compreende a si próprio — êsse homem é livre da arrogância, do orgulho.

Pergunta: Por que andamos sempre enredados no "eu" e no "meu", e estamos sempre suscitando em nossas reuniões convosco o problema resultante dêsse estado de espírito?

KRISHNAMURTI: Desejais realmente sabê-lo, ou foi alguém que vos "soprou" esta pergunta? O problema do "eu" e do "meu" é um problema concernente a todos nós. É, com efeito, nosso único problema, e estamos sempre a referir-nos a êle, de diferentes maneiras, ora em têrmos de preenchimento, ora em têrmos de frustração, sofrimento. O desejo de felicidade permanente, o mêdo de morrer ou de perder os bens materiais, o prazer em ser adulado, o ressentimento de ser insultado, o disputar em tôrno de vosso Deus e de meu Deus, do caminho que seguis e do caminho que eu sigo — nossa mente está incessantemente ocupada com tudo isso e nada mais. Ela poderá pretextar que está buscando a paz, a fraternidade, o amor, mas, atrás dessa cortina de palavras, continua ela enredada no conflito do "eu" e do "meu", e por essa razão é que cria os problemas que aqui apresentais, tôdas as manhãs, com diferentes palavras.

Pergunta: Por que se enfeitam as mulheres?

KRISHNAMURTI: Não o perguntastes a elas? Nunca observastes as aves? Amiúde é o macho que tem as côres mais vistosas, mais vivacidade. O atrativo físico faz parte das relações atinentes à procriação. Isso é a vida. E os meninos também fazem o mesmo. À medida que vão crescendo, gostam de pentear os cabelos de uma certa maneira, usar um gorro vistoso, vestir atraentes roupas; e isso é a mesma coisa. Todos gostamos de "mostrar-nos". O rico com seu custoso carro, a menina que se faz mais bonita, o menino que procura ser muito elegante — todos querem mostrar que têm algo. É um mundo estranho, êste, não achais? Ora, um lírio ou uma rosa nunca se mostram diferentes do que são, e sua beleza consiste em ser o que *são*.

XXI

INTERESSA-VOS tentar descobrir o que é *aprender?* Vós ides à escola para aprender, não é verdade? Mas, que é *aprender?* Já refletistes nisto? Como aprendeis, por que aprendeis, e que é que estais aprendendo? Qual o significado, o sentido profundo do *aprender?* Tendes de aprender a ler e a escrever, de estudar várias matérias e, também, de adquirir uma técnica, preparar-vos para uma profissão, na qual possais ganhar o vosso sustento. É tudo isso o que se entende, quando se fala de "aprender"; mas a maioria de nós pára aí. Logo que passamos em certos exames e arranjamos emprêgo, uma profissão, parecemos esquecer-nos do *aprender.*

O aprender tem fim? Dizemos que aprender dos livros e aprender da experiência são duas coisas diferentes; são-no de fato? Dos livros aprendemos o que outras pessoas escreveram sôbre ciências, por exemplo. Em seguida, fazemos nossos próprios experimentos e continuamos a aprender por meio dêsses experimentos. E aprendemos, também, pela experiência — pelo menos é o que dizemos. Mas, afinal de contas, para se poder sondar as extraordinárias profundezas da vida, descobrir o que é Deus ou a Verdade, necessita-se de liberdade; e, pela experiência, encontra-se liberdade para descobrir, para aprender?

Já refletistes sôbre o que é *experiência?* É o sentimento que acompanha a "resposta" a um desafio, não achais? "Responder" a um desafio é *experiência.* E aprende-se pela experiência? Quando "respondeis" a um desafio, a um estímulo, vossa "resposta" (reação) se baseia em vosso condicionamento, na educação que recebestes, em vosso fundo cultural, religioso, social, econômico. "Respondeis" a um desafio, condicionado por vosso *fundo* hinduís-

ta, cristão, comunista ou o que quer que sejais. Se não vos libertardes de vosso *fundo,* vossa "resposta" a todo desafio fortalecerá ou modificará êsse *fundo.* Por conseguinte, nunca estareis verdadeiramente livres para explorar, descobrir, compreender o que é a Verdade, o que é Deus.

A experiência, pois, não liberta a mente, e o aprender pela experiência é apenas um processo de formação de novos padrões, baseados no antigo condicionamento da pessoa. Considero muito importante compreender isto, porque, à medida que nos tornamos mais velhos, nos entrincheiramos cada vez mais em nossa experiência, esperando que, assim, *aprenderemos;* mas o que aprendemos é ditado por nosso fundo, e isso significa que com a experiência, pela qual aprendemos, nunca há liberdade, porém apenas modificação do condicionamento.

Pois bem; que é *aprender?* Começais aprendendo a ler e a escrever, a obedecer ou a não obedecer; aprendeis a história dêste ou daquele país, aprendeis línguas, que são necessárias para as comunicações; aprendeis a ganhar o vosso sustento, a tornar os campos mais férteis etc. etc. Mas, existe um "estado de aprender" em que a mente esteja livre do *fundo,* um estado sem busca nenhuma? Compreendeis esta pergunta?

O que chamamos "aprender" é um contínuo processo de ajustamento, de resistência, de subjugação; aprendemos ou a evitar ou a ganhar alguma coisa. Ora, existe algum estado em que a mente não seja um instrumento de aprender, porém de *ser?* Percebeis a diferença? Enquanto estamos adquirindo, obtendo, evitando, a mente deve aprender, e nesse aprender há sempre uma grande soma de tensão, de resistência. Para aprender, precisais concentrar-vos, não é verdade? E que é concentração?

Já notastes o que acontece ao vos concentrardes em alguma coisa? Quando vos mandam estudar um livro que não desejais estudar, ou mesmo que desejeis estudá-lo, tendes de resistir a outras coisas, afastá-las. Resistis à tentação de olhar pela janela ou falar com alguém, a fim de vos concentrardes. Por conseguinte, na concentração há sempre esfôrço, não é verdade? Na concentração existe *motivo,* incentivo, esfôrço para aprender e adquirir algo; e nossa vida é uma série de tais esforços, um estado de tensão, no qual tentamos aprender. Mas se não há tensão alguma, se não há aquisição, acumular de conhecimentos, não é a mente

então capaz de aprender muito mais profunda e ràpidamente? Ela se torna então um instrumento de investigação da Verdade, da Beleza, de Deus; e isso significa, com efeito, que ela não se submete a autoridade alguma, seja a autoridade do conhecimento, seja a da sociedade, da religião, da "cultura", do condicionamento.

Só quando a mente está livre da carga do conhecimento pode descobrir o que é verdadeiro; e no processo de descobrimento não há acumulação, não é verdade? No momento em que começais a acumular o que experimentastes ou aprendestes, essa acumulação se torna a ancoragem que prende a vossa mente, impedindo-a de ir mais longe. No processo de *investigação,* a mente larga, de dia para dia, tudo o que aprendeu, de modo que se conserva sempre nova, não contaminada pela experiência de ontem. A verdade é viva, não é estática, e a mente que desejar descobrir a Verdade deve ser também viva, livre da carga do conhecimento ou experiência. Só então existe um estado em que a Verdade pode tornar-se existente.

Tudo isso poderá ser difícil, no sentido verbal, mas seu significado não é difícil, se aplicardes vossa mente a compreendê-lo. Para investigar as coisas mais profundas da vida, a mente deve ser livre; mas, se aprendeis e fazeis daquilo que aprendestes a base para ulterior investigação, vossa mente não é livre, e já não estais investigando.

Pergunta: Por que esquecemos tão fàcilmente o que achamos difícil de aprender?

KRISHNAMURTI: Estais aprendendo ùnicamente por que as circunstâncias vos forçam a aprender? Afinal de contas, se estais estudando Física e Matemática, mas desejais ser advogado, depressa esquecereis a Física e a Matemática. Aprendeis realmente, se tendes algum incentivo a aprender? Se desejais passar em certos exames ùnicamente com o fim de obterdes um emprêgo e casardes, fazeis esfôrço para concentrar-vos, aprender; mas, depois de passardes nos exames, depressa esqueceis tudo o que aprendestes, não é verdade? Quando o aprender é apenas um meio de "chegar a alguma parte", no momento em que chegais aonde desejais chegar, esqueceis o meio, e isso, certamente, de modo nenhum é aprender. Assim, só pode haver o "estado de aprender" quando

não há *motivo,* incentivo, quando fazeis uma coisa por amor a ela própria.

Pergunta: Qual o significado da palavra "progresso"?

KRISHNAMURTI: Como a maioria das pessoas, vós tendes ideais, não? E o ideal não é *realidade, fato;* o ideal é o que *deveria ser,* algo para o futuro. Pois bem; o que eu digo é o seguinte: esquecei o ideal e tornai-vos cônscio do que *sois.* Não busqueis o que *deveria ser,* mas compreendei o que *é.* A compreensão do que realmente sois é muito mais importante do que a busca do que *deveria ser.* Por que? Porque na compreensão do que sois começa um espontâneo processo de transformação, ao passo que no "vir a ser" o que pensais que *deveríeis ser,* não há nenhuma transformação, porém, tão só, a continuação da mesma "coisa velha", em forma diferente. Se a mente, percebendo que é estúpida, procura mudar sua estupidez em inteligência — isto é, no que *deveria ser* — tal ação é estúpida, sem significação, sem realidade; é unicamente a perseguição de uma "autoprojeção", um adiamento da compreensão do que *é.* Enquanto a mente estiver tentando mudar sua estupidez noutra coisa, permanecerá estúpida. Mas, se a mente disser: "Reconheço que sou estúpida e desejo compreender o que é estupidez; por conseguinte, vou examiná-la, observar como se origina ela" — então, êsse próprio processo de investigação causa transformação fundamental.

"Qual o significado da palavra 'progresso' "? Existe essa coisa chamada "progresso"? Vêdes o carro de bois que anda duas milhas por hora, e essa coisa maravilhosa que é o avião a jato, que percorre seiscentas milhas ou mais por hora. Isto é progresso, não? Há progresso técnico: melhores meios de comunicação, melhores condições higiênicas etc. Mas, existe outra forma de progresso? Existe progresso psicológico, no sentido de "adiantamento espiritual", no tempo? A idéia de "progresso em espiritualidade" é de fato espiritual, ou mera invenção da mente?

É muito importante fazer perguntas fundamentais; mas, infelizmente, encontramos respostas muito fáceis para as perguntas fundamentais. Pensamos que a resposta fácil é uma solução, mas não é. Devemos fazer uma pergunta fundamental e deixar a

pergunta "operar", atuar em nós, a fim de descobrirmos a verdade a ela relativa.

Progresso supõe o tempo, não? Afinal de contas, levamos séculos a chegar do carro de bois ao avião a jato. Ora, supomos que se pode encontrar a realidade ou Deus pela mesma maneira, através do tempo. Estamos "aqui" e pensamos que Deus se acha "lá" ou nalgum lugar muito distante, e dizemos que para se transpor essa distância, êsse espaço intermediário, necessita-se de tempo. Mas Deus ou a Realidade não é uma coisa *fixa,* e nós também não somos *fixos;* não há ponto de partida fixo, nem ponto de chegada fixo. Por razões de segurança psicológica, apegamo-nos à idéia de que há em cada um de nós um ponto fixo e que a Realidade é também fixa; mas isso é uma ilusão, não é verdadeiro. Se necessitamos do tempo para evolver ou progredir interiormente, espiritualmente, o que estamos fazendo já não é espiritual, porque a Verdade não é do tempo. A mente enredada no tempo pede tempo para achar a Realidade. Mas a Realidade está além do tempo, não tem ponto fixo. A mente deve estar livre de tôdas as suas acumulações, tanto conscientes como inconscientes, porque só então é capaz de descobrir o que é a Verdade, o que é Deus.

Pergunta: Por que fogem os pássaros à nossa aproximação?

KRISHNAMURTI: Como seria bom se os pássaros não fugissem, ao nos aproximarmos dêles! Se pudéssemos tocá-los, fazer amizade com êles! Mas nós, entes humanos, somos cruéis. Matamos as aves, torturamo-las, apanhamo-las em rêdes e prendemo-las em gaiolas. Considerai um formoso papagaio aprisionado numa gaiola! Tôdas as tardes êle chama por sua companheira e vê os outros pássaros a cruzar o espaço livre. Fazendo tais coisas aos pássaros, achais que êles não deveriam assustar-se, quando nos aproximamos? Mas se ficardes sentado num sítio isolado, perfeitamente quieto, plácido, vereis como dentro em pouco os pássaros se chegam a vós; vêde-os à vossa roda, muito perto de vós, e podeis observar-lhes os movimentos vivos, os pés delicados, a extraordinária robustez e beleza de suas penas. Mas isso requer infinita paciência — isto é, muito amor, e, também, não deve haver mêdo. Os animais parecem perceber o mêdo em nós, e, por sua vez, se amedrontam e fogem. Por isso é tão importante a compreensão de si mesmo.

Experimentai ficar sentado, muito quieto, debaixo de uma árvore, mas não apenas por dois ou três minutos, porque os pássaros não se acostumam tão depressa com vossa presença. Ide todos os dias ficar tranqüilamente sentado debaixo da mesma árvore, e logo começareis a notar que tudo o que vos cerca tem vida. Vereis as fôlhas de capim faiscando ao sol, a incessante atividade dos passarinhos, o lustre peculiar de uma serpente, ou um milhafre a pairar muito alto, no céu, saboreando a brisa, sem um movimento de asas. Mas para ver tudo isso e experimentar o deleite que proporciona, deveis ter real serenidade interior.

Pergunta: Qual a diferença entre vós e mim?

KRISHNAMURTI: Existe alguma diferença fundamental entre nós? Podeis ter a pele clara e eu ser muito escuro; podeis ser muito talentoso e saber mais do que eu; ou, posso viver numa aldeia, enquanto vós percorreis o mundo etc. Há óbvias diferenças, na forma, no falar, no conhecimento, nas maneiras, na tradição, na cultura; mas, quer sejamos brâmanes ou não-brâmanes, quer sejamos americanos, russos, japoneses, chineses etc., não há uma notável semelhança entre todos nós? Todos sentimos mêdo, todos desejamos segurança, todos queremos ser amados, todos queremos comer e ser felizes. Mas, vêde, as diferenças superficiais destroem o nosso percebimento da fundamental semelhança existente entre nós, entes humanos. O compreender e libertar-se dessa semelhança faz nascer um grande amor, grande consideração (para com os outros). Mas, infelizmente, quase todos estamos enredados e divididos pelas superficiais diferenças de raça, cultura, crença. As crenças são uma verdadeira desgraça, porquanto dividem os homens e geram antagonismo. Só depois de transcender tôdas as crenças, tôdas as diferenças e semelhanças, pode a mente ser livre e capaz de descobrir o verdadeiro.

Pergunta: Por que se aborrece meu professor, quando fumo?

KRISHNAMURTI: Provàvelmente êle vos disse muitas vêzes que não deveis fumar, porque isso não faz bem aos meninos; mas continuais a fumar, porque vos dá gôsto e, por isso, êle se aborrece convosco. Pois bem; que pensais, *vós?* Achais que uma

pessoa deve habituar-se a fumar ou adquirir outro hábito qualquer, enquanto está tão jovem como vós? Se, em vossa idade, vosso corpo se acostuma com o uso do fumo, isso significa que já estais escravizado por alguma coisa; e não é terrível isso? Para as pessoas de mais idade o fumar poderá ser "correto" — embora isso seja muitíssimo duvidoso. Infelizmente, êles têm sempre desculpas para serem escravos de hábitos vários. Mas vós, que sois tão nôvo, tão verde e juvenil, que ainda estais crescendo — por que deveis acostumar-vos com alguma coisa, contrair hábitos que só podem tornar-vos insensível? Assim que a mente se acostuma com alguma coisa, começa a funcionar na rotina do hábito e, por conseguinte, se torna embotada, deixa de ser "vulnerável"; perde a mente aquela serenidade tão necessária a descobrir-se o que é Deus, o que é a Beleza, o que é o Amor.

Pergunta: Por que os homens caçam tigres?

KRISHNAMURTI: Porque gostam de matar, pela sensação de matar. Todos praticamos atos inconsiderados, tais como arrancar as asas de uma môsca para ver o que acontece. Tagarelamos e dizemos coisas ofensivas, a respeito de outras pessoas. Matamos para comer; matamos em prol da chamada "paz"; matamos pela pátria ou por nossas idéias. Há, portanto, um forte traço de crueldade em nós, não é verdade? Mas se pudermos compreendê-lo e eliminá-lo, será até muito deleitável ver o tigre passar — como fizemos, vários de nós, uma noite destas, perto de Bombaim. Um amigo levou-nos à floresta em seu carro, para procurar um tigre que alguém tinha visto nas vizinhanças. Já estávamos de volta e acabávamos de fazer uma curva, quando, sùbitamente, lá estava o tigre, no meio da estrada. Amarelo e prêto, liso e delgado, de longa cauda, era algo que encantava a vista, tão gracioso e possante! Apagamos os faróis e êle veio em direção a nós, a rosnar, passando tão rente ao carro que quase o roçou. Foi um maravilhoso espetáculo! Quando se observa uma coisa dessas, sem se estar armado, encontra-se muito mais deleite, e há grande beleza nisso.

Pergunta: Por que nos aflige o sofrimento?

KRISHNAMURTI: Aceitamos o sofrimento como parte inevitável da vida, e criamos filosofias acêrca dêle; justificamos o sofrimento,

dizemo-lo necessário para se encontrar Deus. Mas eu digo que há sofrimento porque o homem é cruel para com o homem. Também há, na vida, muitas coisas que não compreendemos e que, por conseguinte, causam sofrimento — coisas tais, como a morte, o desemprêgo, o ver os pobres e sua desdita. Nada disso compreendemos e, por isso, nos torturamos; e, quanto mais sensível a pessoa, tanto mais sofre. Em vez de procurarmos compreender essas coisas, justificamos o sofrimento; em vez de nos revoltarmos contra todo êste sistema corrupto e dêle nos libertarmos, tratamos de ajustar-nos a êle. Para ficar livre do sofrimento, deve a pessoa estar livre do desejo de fazer mal — e também de "fazer bem" — êsse "bem" que é também resultado de nosso condicionamento.

XXII

Um homem de vestes de *sanyasi* vinha tôdas as manhãs colhêr flôres num jardim vizinho. As mãos e os olhos dêle buscavam àvidamente as flôres e êle colhia tôdas as que encontrava a seu alcance. Evidentemente, ia oferecê-las a alguma imagem morta, coisa feita de pedra. As flôres eram sêres belos e tenros que mal começavam a abrir-se ao sol matinal, e o homem não as colhia delicadamente, porém arrancando-as, despojando brutalmente o jardim de tudo o que tinha. O seu deus lhe exigia flôres em abundância — abundância de coisas vivas, para uma imagem morta, de pedra.

Noutra ocasião, estive a observar uns meninos que colhiam flôres. Não iam oferecê-las a nenhum deus; tagarelavam e, desconsideradamente, iam tirando as flôres e jogando-as fora. Já alguma vez vos observastes a fazer coisas semelhantes? Eu quisera saber por que as fazeis. A caminho, quebrais um ramo e o desfolhais e jogais fora. Nunca tomastes nota desta ação de vossa parte? As pessoas grandes também fazem disso, têm seu modo peculiar de expressar sua brutalidade interior, seu horrível desrespeito aos sêres vivos. Falam de inocência e, no entanto, tudo o que fazem é destrutivo.

Compreende-se que uma pessoa colha umas poucas flôres para adornar os cabelos ou oferecê-las amorosamente a alguém; mas, por que tirar flôres só para despedaçá-las? Os adultos são brutais em sua ambição, massacram-se uns aos outros em suas guerras, e corrompem-se mùtuamente com seu dinheiro. Têm seus modos especiais de praticar ações hediondas; e, aparentemente, os jovens, tanto aqui como noutras partes, vão-lhes seguindo as pegadas.

Há dias, passeando com um dos alunos, encontramos uma pedra no meio da estrada. Quando a retirei, êle perguntou "Porque o fêz?" — Que indica tal pergunta? Não indica falta de consideração, de respeito aos outros? Mostrais respeito por mêdo, não é verdade? Ponde-vos de pé num salto, quando entra na sala um superior; mas isso não é respeito, é mêdo; porque, se tivésseis realmente algum sentimento de respeito, não destruiríeis as flôres, afastaríeis as pedras do caminho, cuidaríeis das árvores e ajudaríeis a tratar do jardim. Mas, velhos ou novos, não temos verdadeiro sentimento de consideração. Por quê? Será porque não sabemos o que é amor?

Compreendeis o que é o simples amor? Não a complexidade do amor sexual e tampouco o amor de Deus, mas o simples amar, o ser terno, verdadeiramente delicado, no contato com tôdas as coisas? No lar, nem sempre recebeis êsse simples amor, pois vossos pais têm muito que fazer; em vosso lar, pode não haver verdadeira afeição, nem ternura; assim, vindes parar aqui com êsse fundo de insensibilidade e vos comportais como todos os demais. Como promover a sensibilidade? Por certo, não há necessidade de regulamentos com proibição de tirarem-se flôres; porque, se sois meramente refreados por meio de regulamentos, há mêdo. Mas, como pode nascer essa sensibilidade que torna uma pessoa vigilante, para não fazer mal a outras pessoas, aos animais, às flôres?

Tendes interêsse nisso? Deveríeis tê-lo. Se não tendes interêsse em ser sensível, tanto valeria estardes mortos — como o está a maioria das pessoas. Embora tomem três refeições por dia, tenham empregos, gerem filhos, guiem seus próprios carros, trajem roupas finas, quase todos estão como que mortos.

Sabeis o que significa ser sensível? Significa, decerto, ter sentimentos delicados para com as coisas: ver um animal a sofrer e tratar de socorrê-lo, afastar uma pedra do caminho porque tantos pés descalços o percorrem, apanhar um prego caído na estrada, porque poderá furar um pneumático do carro de alguém. Ser sensível é ter sentimentos para com as pessoas, os pássaros, as flôres, as árvores — não porque vos pertençam, mas simplesmente porque estais desperto para a extraordinária beleza das coisas. E como fazer nascer essa sensibilidade?

Quando uma pessoa é profundamente sensível, abstém-se naturalmente de tirar flôres; há nela um espontâneo desejo de não destruir coisas, não magoar pessoas, e isso significa ter verdadeiro respeito, amor. Amar é a coisa mais importante da vida. Mas, que entendemos por amor? Quando amais alguém porque essa pessoa também vos ama, isso por certo não é amor. Amar é ter aquêle extraordinário sentimento de afeição em que nada se pede em retribuição. Podeis ter muito talento, passar em todos os exames, doutorar-vos e alcançar uma alta posição, mas, se não tendes aquela sensibilidade, aquêle sentimento do simples amor, vosso coração será vazio e sereis desditoso tôda a vida.

Assim sendo, muito importa ter o coração repleto dêsse sentimento de afeição, porque então não tereis vontade de destruir, não tereis vontade de ser cruel, e nunca mais haverá guerras. Sereis, então, entes humanos felizes; e porque sereis felizes, não rezareis, não buscareis Deus, porque essa mesma felicidade é Deus.

Pois bem; como pode nascer êsse amor? Sem dúvida, o amor deve começar com o educador, o mestre. Se, além de dar-vos lições de Matemática, Geografia ou História, o mestre tem êsse sentimento de amor no coração, e dêle vos fala; se êle próprio remove espontâneamente a pedra que encontra na estrada, e não consente que o servente faça sòzinho todos os trabalhos pesados; se, em sua conversação, no seu trabalho, em seus jogos, quando come, quando em vossa companhia ou a sós, êle tem êsse extraordinário sentimento e o põe à mostra freqüentemente, então, também vós sabereis o que é amar.

Podeis ter pele clara, rosto bonito, trajar um belo *sari* ou ser notável atleta, se não tendes amor no coração, sois um ente humano feio, infinitamente feio; mas, quando amais, vosso semblante, seja belo, seja "feio", tem *radiação.* Amar é a coisa mais grandiosa da vida; e muito importa falar sôbre o amor, senti-lo, nutri-lo, entesourá-lo, para que se não dissipe depressa, neste mundo tão brutal. Se, enquanto estais jovem, não sentis amor, se não olhais com amor as pessoas, os animais, as flôres, quando crescerdes achareis vossa vida vazia; sentir-vos-eis muito só, e as sombras escuras do mêdo vos seguirão sempre. Mas, no momento em que tiverdes no coração essa coisa extraordinária que se chama "amor" e lhe sentirdes a profundeza, o deleite, o êxtase, descobrireis que, para vós, o mundo se terá transformado.

Pergunta: Por que razão sempre se convidam para as solenidades escolares numerosas pessoas ricas e importantes?

KRISHNAMURTI: Que pensais *vós?* Não desejais que vosso pai seja um homem importante? Não sentis orgulho se êle se torna membro do Parlamento e seu nome figura nos jornais? Se êle vos leva para morar numa casa grande, ou se vai à Europa e volta de charuto na bôca, não vos sentis satisfeito?

Os ricos e poderosos são sempre muito úteis às instituições. A instituição os lisonjeia e êles fazem algo em benefício da instituição; por tanto, há vantagem de parte a parte. Mas, a questão não é só de saber por que as escolas convidam pessoas importantes para as suas solenidades, porém, antes, de saber por que também vós desejais ser pessoa importante, casar-vos com o mais rico, o mais notável ou o mais belo dos homens. E quando tendes em vós tais desejos, já tendes em vós o germe da corrupção. Entendeis o que estou dizendo?

Esquecei, por ora, a questão de por que a escola convida os ricos, uma vez que às solenidades comparecem também pessoas pobres. Mas, algum de vós quer sentar-se ao lado da gente pobre, ao lado dos aldeões? Quer? E já notastes outra coisa extraordinária: como os *sanyasis* querem ocupar lugares preeminentes, como abrem caminho para a primeira fila? Todos queremos preeminência, aplauso. O verdadeiro brâmane é aquêle que nada pede de ninguém, não porque seja orgulhoso, mas porque êle é a luz de si mesmo; nós, porém, perdemos tudo isso.

Conta-se uma história maravilhosa a respeito de Alexandre, quando chegou à Índia. Após conquistar o país, desejou conhecer o Primeiro-Ministro que havia criado tanta ordem no país, tanta honestidade e incorruptibilidade no seio do povo. Ao explicar-lhe o Rei que o Primeiro-Ministro era um brâmane que se retirara para sua aldeia, Alexandre desejou que êle viesse à sua presença. O Rei mandou chamar o Primeiro-Ministro, porém êste recusou-se a vir, pois não tinha vontade de exibir-se a ninguém. Infelizmente, perdemos êste espírito. Por isso estamos vazios, embotados, aflitos, somos mendigos, psicològicamente, a buscar alguém ou algo que nos dê nutrição, que nos dê esperança, que nos dê amparo, e por esta razão é que tornamos feias as coisas que são normais.

Está certo que um importante oficial do govêrno venha lançar a pedra fundamental de um edifício; que mal há nisso? Mas, o que corrompe é o espírito que aí se esconde. Nunca ides visitar os camponeses, ides? Nunca conversais com êles, sentis com êles, vêdes por vós mesmo o pouco que têm para comer, seu perene labutar, dia após dia, sem descanso; mas, porque acontece que eu vos tenho apontado certas coisas, já estais pronto a criticar outros. Não fiqueis sentado a fazer críticas, pois isso é sem sentido, mas ide ver com vossos próprios olhos as condições existentes nas aldeias, e fazei lá alguma coisa: plantai uma árvore, conversai com os aldeões, convidai-os a vir cá, brincai com seus filhos. Vereis, então, como surgirá uma sociedade diferente, porque haverá então amor sôbre a Terra. Uma sociedade sem amor é como terra sem rios, como um deserto; mas, quando há rios, a terra é fértil, há abundância, beleza. Os mais de nós crescemos sem conhecer o amor, e foi por isso que criamos uma sociedade horrorosa como os homens que nela vivem.

Pergunta: Dizeis que Deus não está na imagem esculpida, mas outros dizem que Êle lá está, deveras, e que, se temos fé em nosso coração, o seu poder se manifestará. Qual a verdade a respeito da adoração ou devoção?

Krishnamurti: O mundo está tão cheio de opiniões como de homens. E sabeis o que é uma opinião. Vós dizeis *isto* e outra pessoa diz *aquilo*. Cada um tem sua opinião, mas nenhuma opinião é a Verdade; por conseguinte, não deis ouvidos à mera opinião, não importa de quem seja, mas descobri por vós mesmo o que é verdadeiro. Uma opinião pode mudar da noite para o dia, mas a Verdade não pode mudar.

Pois bem; desejais descobrir por vós mesmo se Deus ou a Verdade se encontram na imagem esculpida, não é isso? Que é uma imagem esculpida? É uma coisa concebida pela mente e talhada na madeira ou na pedra pela mão. A mente "projeta" a imagem; e pensais que uma imagem "projetada" pela mente seja Deus, ainda que um milhão de pessoas afirmem que é?

Dizem que se a mente tem fé na imagem, a imagem dará poder, fôrça à mente. Isso é óbvio; a mente cria imagens e, depois, tira fôrças de sua própria criação. É isso o que a mente

está sempre fazendo: produzindo imagens e delas tirando fôrça, felicidade, benefícios, e, com isso, permanecendo vazia, interiormente paupérrima. O importante, pois, não é a imagem ou o que a respeito dela dizem milhões de pessoas; o importante é compreenderdes o funcionamento de vossa própria mente.

A mente faz e desfaz deuses, pode ser cruel e bondosa. A mente tem o poder de fazer coisas maravilhosas. É capaz de conservar opiniões, de criar ilusões, de inventar aviões a jato que se locomovem a velocidades tremendas; capaz de construir belas pontes, lançar extensas vias férreas, conceber máquinas calculadoras que excedem a capacidade humana. Mas *a mente não pode criar a Verdade*. O que ela cria não é a Verdade, é mera opinião, juízo. Por conseguinte, releva descobrirdes por vós mesmo o que é verdadeiro.

Para descobrir o verdadeiro, deve a mente estar completamente imóvel, completamente tranqüila. Essa tranqüilidade é ato de devoção — e não o ir ao templo oferecer flôres, empurrando para o lado, em caminho, os que pedem esmolas. Ides propiciar os deuses, porque tendes mêdo dêles; mas isso não é devoção. Quando se compreende a mente e ela fica completamente serena — sem ter sido *posta* serena — então, essa serenidade é ato de devoção; nela desponta o que é verdadeiro, o que é belo, o que é Deus.

Pergunta: Dissestes um dia que devemos ficar sentados e quietos, para observar a atividade de nossa mente; mas nossos pensamentos desaparecem tão logo começamos a observá-los conscientemente. Como podemos perceber a nossa mente, quando a mente é ao mesmo tempo "percipiente" e "coisa percebida"?

KRISHNAMURTI: Esta é uma questão muito complexa e nela estão implicadas muitas coisas.

Ora, existe "percipiente", ou só há percepção? Segui isto muito atentamente. Existe *pensador* ou só há pensamento? Decerto, o pensador não existe primeiro. Primeiro há pensar e, depois, o pensamento cria o pensador — significando isso que se operou uma divisão no pensamento. É quando ocorre esta divisão que nasce o observador e a coisa observada, o "percipiente"

e o objeto da percepção. Como diz o interrogante, se observamos nossa mente, se observamos um pensamento, êsse pensamento desaparece, se esvaece; mas só há deveras percepção, e não há "percipiente". Quando olhais uma flor, quando a vêdes simplesmente, há nesse momento uma entidade que está vendo? Ou só há *ver?* A visão da flor vos faz dizer: "Que bela, quero-a!"; torna-se, então, existente o "eu", produto do desejo, do mêdo, da avidez, da ambição, que vêm na esteira do *ver*. São êstes que criam o "eu"; sem êles, o "eu" é inexistente.

Se aprofundardes mais esta questão, descobrireis que quando a mente está muito quieta, perfeitamente serena, quando não há nenhum movimento de pensamento e, por conseguinte, nenhum "experimentador", nenhum observador, descobre-se que essa mesma serenidade tem sua própria compreensão criadora. Nessa serenidade, a mente se transforma noutra coisa. Mas, não pode a mente encontrar essa serenidade por nenhum meio, nenhuma disciplina, nenhuma prática; ela não se verifica se nos sentamos num canto para nos concentrarmos. Essa serenidade vem quando compreendeis os movimentos mentais. Foi a mente que criou a imagem de pedra que os homens adoram; foi a mente que criou o *Gita,* as religiões organizadas, as incontáveis crenças; e, para descobrirdes o Real, deveis ultrapassar as criações da mente.

Pergunta: O homem é só mente e cérebro, ou algo mais do que isso?

KRISHNAMURTI: Como averiguá-lo? Se uma pessoa meramente crê, especula, ou aceita o que disse Sankara, Buda ou outro, não está então investigando, não está procurando descobrir o que é verdadeiro.

Tendes um único instrumento, que é a mente; e a mente é também cérebro. Por conseguinte, para descobrirdes a verdade relativa a esta questão, deveis compreender os movimentos da mente, não achais? Se a mente é tortuosa, nunca vereis corretamente; se vossa mente é muito limitada, não podeis perceber o *ilimitado.* A mente é o instrumento da percepção, e para perceber corretamente ela deve ser "corrigida", isto é, purificada de todo condicionamento, de todo temor. Deve estar também livre do conhecimento, porque o conhecimento desvia a mente e torce, desvirtua as coisas. Não deve ser desprezada a enorme capacidade

que a mente tem para inventar, imaginar, especular, pensar, a fim de que ela se torne muito clara e muito simples? Porque só a mente *inocente,* a mente que muito experimentou mas está livre do conhecimento e da experiência — só essa mente pode descobrir aquilo que é mais do que mente e cérebro. Do contrário, tudo o que descobrirdes terá o colorido do que já antes experimentastes, e vossa experiência será o resultado de vosso condicionamento.

Pergunta: Qual a diferença entre necessidade e avidez?

KRISHNAMURTI: Não o sabeis? Não sabeis quando tendes o de que necessitais? E não há *algo* que vos diz quando sois ávido? Começai no nível mais baixo, e vereis que assim é. Sabeis que, quando tendes as necessárias roupas, jóias etc., não há necessidade de "filosofar" a respeito disso. Só no momento em que a necessidade penetra no terreno da avidez, começamos a "filosofar", a racionalizar, a justificar a nossa avidez. Um bom hospital, por exemplo, necessita de um certo número de leitos, do necessário asseio, certos antissépticos etc. Um viajante de profissão deve ter carro, quiçá uma capa de viagem etc. Isso é necessidade. Necessitais de certo conhecimento e habilidade para exercerdes vosso ofício. Se sois engenheiro, deveis saber umas tantas coisas. Mas, o conhecimento pode tornar-se instrumento da avidez. Por causa da avidez, a mente se serve dos objetos de necessidade como meios de promoção própria. Vereis que, se o observardes bem, êsse processo é muito simples. Se, estando consciente de vossas reais necessidades, perceberdes também quando começa a avidez, não será então muito difícil distinguir entre *necessidade* e *avidez.*

Pergunta: Se a mente e o cérebro são uma só coisa, por que é então que, ao apresentar-se um pensamento ou impulso que o cérebro nos diz ser nocivo, a mente tão freqüentemente o conserva?

KRISHNAMURTI: Que sucede, de fato? Se um alfinête vos pica o braço e o nervo vos leva a sensação ao cérebro, o cérebro a traduz como dolorosa e a mente se rebela contra essa dor, e tratais então de retirar o alfinête ou de fazer o que fôr necessário.

Mas, há coisas que a mente conserva, mesmo quando sabe que são feias ou estúpidas. Ela sabe quanto é estúpido fumar e, no entanto, continuamos fumando. Por quê? Porque a mente gosta da sensação de fumar; só por isso, e nada mais. Se a mente percebesse tão claramente a estupidez de fumar, como percebe a dor causada por uma picada de alfinète, deixaríamos logo o fumo. A mente, porém, não o quer ver tão claramente, porque o fumar se lhe tornou um hábito deleitável. O mesmo acontece em relação à avidez ou à violência. Se a avidez vos fôsse tão dolorosa como a picada de alfinête no braço, deixaríeis imediatamente de ser ávido, e não começaríeis a "filosofar" a respeito dela; e se ficásseis verdadeiramente desperto e cônscio do pleno significado da violência, não escreveríeis volumes a respeito da "não-violência" — o que é um disparate, pois apenas falais sôbre uma coisa que não sentis. Se comeis algo que vos causa fortes cólicas, não continuais a comê-lo, não é verdade? Anàlogamente, se percebêsseis uma vez que a inveja e a ambição são coisas venenosas, violentas, cruéis, tão mortais como a picada de uma naja, despertaríeis para elas. Mas, vêde, a mente *não quer* olhar com muita atenção para essas coisas; nesse terreno, ela tem "direitos adquiridos" e se recusa a admitir que a ambição, a inveja, a avidez, a luxúria sejam coisas venenosas. Por conseguinte, a mente diz: "Discursemos sôbre a "não-avidez", a "não-violência", tenhamos ideais" — e, no ínterim, vai continuando com seus venenos. Tratai, pois, de descobrir por vós mesmo como tudo isso é corruptor, destrutivo, venenoso, e depressa o abandonareis; mas, se dizeis, meramente: "Eu não devo..." e continuais do mesmo jeito que antes, estais sendo hipócrita. Sêde ou uma coisa ou outra, quente ou frio.

XXIII

NÃO É MUITO estranho que, num mundo como êste, com tantas distrações e entretenimentos, quase todos sejam só expectadores e muito poucos os atuantes? Sempre que temos algum tempo livre, buscamos alguma espécie de distração. Apanhamos um livro sério, um romance, uma revista. Se estamos na América, ligamos o rádio ou a televisão, ou nos comprazemos em intermináveis conversas. Há o constante desejo de nos divertirmos, nos entretermos, fugirmos de nós mesmos. Temos mêdo de estar sós, desacompanhados, privados de distrações. Mui poucos dentre nós saímos a passear no campo ou na floresta — não conversando nem cantando cantigas, porém andando tranqüilamente e observando os coisas em tôrno e dentro de nós. Quase nunca fazemos isso, porque quase todos vivemos sumamente entediados; vemo-nos colhidos numa estúpida rotina de aprender e ensinar, de deveres domésticos e profissionais e, por isso, em nossas horas de folga queremos distrair-nos, fútil ou sèriamente. Tratamos de ler alguma coisa, de ir ao cinema; ou, o que é a mesma coisa, recorremos a uma religião. A religião se tornou também uma forma de distração, uma espécie de fuga "séria", ao tédio, à rotina.

Não sei se já notastes estas coisas. A maioria das pessoas está constantemente ocupada com alguma coisa — *puja,* recitação de certas palavras, preocupações a respeito disto ou daquilo — porque todos têm mêdo de estar a sós consigo mesmos. Experimentai *estar sós,* sem distração alguma, para verdes como logo desejais fugir de vós mesmo e esquecer o que sois. Eis a razão por que essa enorme estrutura de diversão comercializada, de distração automatizada, se tornou parte tão relevante dessa coisa que chamamos civilização. Se observardes, vereis que no mundo

inteiro as pessoas se estão tornando cada vez mais distraídas, cada vez mais afetadas e mundanas. A multiplicidade de prazeres, os inumeráveis livros que se vão publicando, as páginas dos jornais cheias de notícias esportivas — não há dúvida que tudo isso indica que estamos constantemente necessitados de distrações. Porque interiormente somos vazios, embotados, medíocres, servimo-nos de nossas relações e de nossas reformas sociais como meios de fugirmos a nós mesmos. Não sei se já notastes a grande solidão em que vive a maioria das pessoas. E, fugindo à solidão, corremos para os templos, as igrejas, as mesquitas, vestimo-nos a rigor para assistir a solenidades sociais, vemos televisão, ouvimos rádio, lemos etc. etc.

Sabeis o que significa *solidão?* Esta palavra poderá ser pouco familiar a alguns de vós, mas conheceis muito bem o sentimento. Experimentai sair sòzinho a passeio, ou estar sem um livro, sem alguém com quem conversar, para verdes com que rapidez ficais entediado. Conheceis suficientemente êsse sentimento, mas não sabeis *por que* vos entediais, pois nunca investigastes isso. Se investigardes um pouco o sentimento de tédio, descobrireis que sua causa é a solidão. É para fugirmos à solidão que procuramos andar juntos, que desejamos entretenimentos, distrações de todo gênero: *gurus,* cerimônias religiosas, rezas, ou os romances mais recentes. Vendo-nos interiormente sós, tornamo-nos na vida meros espectadores; e só seremos "os atuantes" quando compreendermos a solidão e a transcendermos.

Afinal de contas, a maioria das pessoas se casam e procuram outras relações sociais porque não sabem viver sós. Não estou dizendo que se deva viver só; mas, se uma pessoa se casa porque deseja ser amada — ou, sentindo-se entediada, se serve do trabalho como meio de esquecimento próprio — verá como sua vida inteira nada mais é que uma interminável busca de distrações. São muito poucos os que transcendem êsse extraordinário mêdo à solidão; mas *é preciso* transcendê-lo, porque *é além* que se encontra o verdadeiro tesouro.

Deveis saber que há uma vasta diferença entre solidão e "estar só". Alguns dos alunos mais novos ainda devem desconhecer a solidão, mas os mais velhos a conhecem: o sentimento de completo isolamento, de mêdo súbito sem causa aparente. A mente conhece êsse mêdo quando, em dado momento, compreende que

em nada pode confiar, que nenhuma espécie de distração poderá tirar-lhe aquêle sentimento de vazio e de enclausuramento em si própria. Isso é solidão. Mas "estar só" é coisa tôda diferente; é um estado de liberdade, que surge depois de têrmos passado pela solidão e a têrmos compreendido. Nesse "estar só", de ninguém dependemos psicològicamente, porque já não buscamos o prazer, o confôrto, a satisfação. É só então que a mente está completamente *só,* e só essa mente é criadora.

Tudo isso faz parte da educação: enfrentar a dor da solidão, aquêle extraordinário sentimento de vazio que todos conhecemos e, quando êle se apresenta, não ter mêdo, não ligar o rádio, não correr para o cinema, porém enfrentá-lo, penetrá-lo, compreendê-lo. Não há ente humano que não tenha sentido ou não venha a sentir essa tremenda ansiedade. É porque, tôda vez que essa ansiedade se apresenta, tratamos de fugir por meio de distrações e satisfações de todo gênero — sexo, Deus, trabalho, bebida, escrever poesias ou recitar certas palavras aprendidas de cor — que nunca chegamos a compreendê-la.

Assim, quando a dor da solidão vos assaltar, enfrentai-a, olhai-a, sem nenhuma idéia de fuga. Se fugirdes, jamais a compreendereis e ela estará sempre à vossa espera, em cada volta do caminho. Mas, se puderdes compreender e transcender a solidão, vereis que não haverá nenhuma necessidade de fugir, nenhuma ânsia de satisfação ou entretenimento, porque vossa mente conhecerá então uma riqueza incorruptível e indestrutível.

Tudo isso faz parte da educação. Se, na escola, só estudais certas matérias para passardes nos exames, então o próprio estudo se torna um meio de fuga à solidão. Refleti um pouco nisso, e vereis. Conversai sôbre o assunto com os vossos educadores, e logo vereis quanto estais só, e quanto êles também estão sós. Mas, os que estão interiormente sós, aquèles cuja mente e cujo coração estão livres da dor da solidão — êsses é que são indivíduos reais, porque são capazes de descobrir por si próprios o que é a Realidade, e de receber o Atemporal.

Pergunta: Qual a diferença entre percebimento e sensibilidade?

KRISHNAMURTI: Qual será a diferença? Ao fazerdes uma pergunta, o importante é descobrirdes por vós mesmo a verdade respec-

tiva, e não aceitar simplesmente o que outro diz. Assim, investiguemos juntos o que é percebimento.

Vêdes uma bela árvore com suas fôlhas reluzentes após a chuva; vêdes os reflexos do sol na água e na plumagem de alegre colorido das aves; vêdes os aldeões transportando para a cidade pesados fardos; ouvis o latir de um cão, ou os mugidos de um bezerro que chama pela mãe. Tudo isso é percebimento, percebimento das coisas que vos circundam, não é verdade? Observando-vos um pouco mais ìntimamente, notais vossas relações com pessoas, idéias e coisas; notais a maneira como olhais a casa, a estrada; observais vossas reações ao que outras pessoas vos dizem, e como vossa mente está sempre avaliando, julgando, comparando, condenando. Tudo isso faz parte do percebimento, que começa à superfície e, depois, se vai aprofundando mais e mais; mas, para a maioria de nós, o percebimento se detém num certo ponto. Recebemos barulhos, canções, cenas belas e cenas feias, mas não *percebemos* nossas reações a nada disso. Dizemos "Aquilo é belo" ou "Aquilo é feio", e passamos adiante; não investigamos o que é beleza, o que é fealdade. Por certo, o perceber quais são vossas reações, estar mais e mais vigilante a cada movimento de vosso pensar, observar que vossa mente está condicionada pela influência de vossos pais, vossos mestres, vossa raça e *cultura* — tudo isso faz parte do percebimento.

Quanto mais a mente aprofunda e penetra os seus próprios processos de pensamento, tanto mais claramente compreende que tôdas as formas de pensar são condicionadas; por conseguinte, a mente se torna espontâneamente muito quieta — o que não significa que adormeceu. Pelo contrário, a mente está então extraordinàriamente vigilante, não mais narcotizada por *mantrams*, pela recitação de palavras, não mais moldada pela disciplina. Êsse estado de silenciosa vigilância faz também parte do percebimento; e, se o examinardes mais profundamente ainda, vereis que não há separação entre a pessoa que percebe e o objeto de seu percebimento.

Agora, que significa *ser sensível?* Tomar conhecimento das côres e formas, das coisas que outras pessoas dizem e de vossas reações e elas; ser atencioso, ter bom gôsto, boas maneiras; não ser rude, não magoar outras pessoas, física ou moralmente, e desperceber isso; ver uma coisa bela e apreciá-la demoradamente; es-

cutar interessadamente [1], sem enfado, o que se diz, para que a mente se torne aguçada, penetrante — tudo isso é sensibilidade, não? Há, pois, muita diferença entre sensibilidade e percebimento? Não me parece.

Enquanto a mente está condenando, julgando, formando opiniões, tirando conclusões, não há nem percebimento nem sensibilidade. Quando sois rude com as pessoas, quando tirais flôres e as jogais fora, quando maltratais os animais, quando escreveis a canivete o vosso nome num móvel ou quebrais a perna de uma cadeira, quando sois impontual às refeições e tendes maneiras feias em geral, tudo isso denota insensibilidade, não? Denota uma mente incapaz de vigilante ajustamento. E, por certo, faz parte da educação ajudar o aluno a ser sensível, de modo que não cuide ùnicamente de ajustar-se ou de resistir, porém esteja sempre atento ao movimento da vida como um todo. Os que são sensíveis, na vida, poderão sofrer muito mais do que os insensíveis; mas, se compreendem e transcendem o seu sofrimento, descobrirão maravilhas.

Pergunta: Por que rimos quando alguém tropeça e cai?

KRISHNAMURTI: Isto é uma forma de insensibilidade, não? Há também uma coisa que se chama "sadismo". Sabeis o que significa esta palavra. Um escritor, o Marquês de Sade, escreveu outrora um livro sôbre um homem que se deleitava torturando as pessoas e vendo-as sofrer. Daí veio a palavra "sadismo", que significa sentir prazer no sofrimento de outros. Para certas pessoas, há uma peculiar satisfação em ver outros sofrerem. Observai a vós mesmo, para verdes se tendes êsse sentimento. Êle pode não estar à vista, mas, se existe, vê-lo-eis expressar-se na tendência para rir quando alguém sofre uma queda. Desejais que sejam derrubados os que estão "no alto", fazeis críticas, "mexericos", a respeito de outros — e tudo isso é uma expressão de insensibilidade, uma forma do desejo de magoar pessoas. Pode-se ferir a alguém deliberadamente, por vingança, ou pode-se fazê-lo inconscientemente com uma palavra, um gesto, um olhar; mas, tanto num como noutro caso, o desejo é de ferir alguém, e são muito

---

[1] No original: *tentatively* (a título experimental, provisório). N. do T.

raros os que eliminam radicalmente essa forma pervertida de prazer.

Pergunta: Um dos nossos professôres diz que o que pregais não é absolutamente praticável. Êle vos desafia a criar seis meninos e seis meninas com um salário de cento e vinte rupias.

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, se eu tivesse um salário de cento e vinte rupias, não tentaria criar seis meninos e seis meninas. Em segundo lugar, se eu fôsse professor, tal mister exigiria de mim dedicação, e não constituiria um emprêgo. Percebeis a diferença? Ensinar, em qualquer nível que seja, não é profissão, não é mero emprêgo; é um ato de dedicação. Compreendeis o significado da palavra "dedicação"? Dedicar-se a uma coisa é votar-se a ela de corpo e alma, sem exigir retribuição; é ser como um monge, um eremita, como os grandes instrutores e cientistas — e não como os que passaram em certos exames e se intitulam professôres. Eu me refiro aos que se consagram ao ensino, não por dinheiro, mas por vocação, por amor. Se existem tais professôres, êles poderão ver que tudo o que prego pode ser pràticamente ensinado aos alunos e alunas. Mas o mestre, o educador, o professor, para quem o ensino é simples meio de vida — êste é que vos dirá que estas coisas não são "práticas".

Afinal, que vem a ser "prático"? Refleti. A maneira como atualmente vivemos, a maneira como ensinamos, a maneira como os governos estão sendo exercidos, com a corrupção nêles existente, as guerras incessantes — chamais *isso* "prático"? A ambição é coisa "prática", a avidez é "prática"? A ambição gera a competição e, por conseguinte, destrói as pessoas. Uma sociedade baseada na avidez e na aquisição traz sempre em seu seio o espectro da guerra, do conflito, do sofrimento; e *isso* é prático? Òbviamente não é. É o que venho tentando demonstrar-vos em minhas palestras.

O amor é a coisa mais prática dêste mundo. Amar, ser bondoso, não ser ávido, não ser ambicioso, não se deixar influenciar por outras pessoas, mas pensar por si mesmo — tudo isso são coisas muito práticas, que produzirão uma sociedade prática e feliz. Mas, o professor que não é dedicado, que não ama, que poderá ter algumas letras pospostas ao seu nome mas que é mera-

mente um "fornecedor" de conhecimentos tirados dos livros — êsse vos dirá que o que estou ensinando não é prático, por que êle próprio nunca refletiu nestas coisas. Amar é ser prático — muito mais prático do que supostamente o é esta nossa educação, que só produz cidadãos completamente incapazes de autonomia e de resolver, por si mesmos, os seus problemas.

Isto faz parte da vigilância: perceber que outros se estão rindo à socapa e manter ao mesmo tempo a própria seriedade.

O lamentável, em pessoas adultas, é que, sem terem resolvido o problema de seu próprio viver, vêm dizer-vos: "Eu vos ensinarei o que é prático e o que não é prático." Ensinar é o mais importante mister da vida, embora tão desprezado hoje em dia; é a mais sublime, a mais nobre das vocações. Mas, o professor deve dedicar-se todo inteiro, consagrar-se completamente ao seu mister, ensinar com o coração e com a mente, com todo o seu ser; pois, com tal dedicação, tudo se torna possível.

Pergunta: Para que serve a educação se, ao mesmo tempo que estamos sendo educados, estamos sendo destruídos pelos confortos do mundo moderno?

KRISHNAMURTI: Quer-me parecer que estais empregando as palavras inadequadas. É necessária uma certa medida de confôrto, não achais? Quando uma pessoa está em seu quarto tranqüilamente sentada, é bem desejável que o quarto esteja limpo e em ordem, ainda que completamente destituído de móveis, além de uma simples esteira; igualmente é desejável que seja bem proporcionado e tenha janelas de bom tamanho. Se há no quarto algum quadro, que seja de algo belo; e se há uma flor num vaso, que nela esteja presente o espírito de quem lá a colocou. Necessita, também o indivíduo de boa alimentação e de um lugar sossegado para dormir. Tudo isso faz parte do confôrto que nos oferece o mundo moderno. E está êsse confôrto destruindo o denominado homem educado? Ou é êsse próprio homem "educado" que com sua ambição, sua avidez, está destruindo o confôrto necessário a todos os entes humanos? Nos países prósperos, a educação moderna está tornando os homens cada vez mais materiais e, por isso, o luxo, em tôdas as suas formas, está pervertendo e destruindo a mente; e, nos países pobres como a Índia, a educa-

ção não estimula a criar uma *cultura* radicalmente nova, não ajuda ninguém a ser revolucionário. Já expliquei o que entendo por "revolucionário" — não é o tipo lançador de bombas, o tipo homicida. Êsses não são revolucionários. O verdadeiro revolucionário é aquêle que está livre de tôda e qualquer influência, livre das ideologias e complicações da sociedade, que é a expressão da vontade coletiva da maioria; e vossa educação não vos está encaminhando para serdes um revolucionário dessa qualidade. Pelo contrário, está-vos encaminhando para vos ajustardes ao que já existe ou simplesmente para reformá-lo.

Assim, pois, é essa pretensa educação que vos está destruindo, e não os confortos que o mundo moderno oferece. Por que nos privarmos de carros e de boas estradas? Mas, tôdas as técnicas e invenções modernas estão sendo aplicadas ou à causa da guerra, ou a prover entretenimentos, como meio de fuga a nós mesmos, e, por conseqüência, a mente se deixa absorver pelas "comodidades mecânicas". A moderna educação se tornou uma "cultura de comodidades" — de engenhos mecânicos ou máquinas que ajudam a cozinhar, a lavar, a passar, a calcular e que executam várias outras tarefas essenciais, para não passarmos todo o tempo a pensar nessas coisas. Deveis fazer uso dessas comodidades, não para vos absorverdes nelas, mas, sim, para terdes a mente livre para tarefas totalmente diferentes.

Pergunta: Tenho a pele muito escura, e a maioria das pessoas admira uma cútis mais clara. Como poderei conquistar-lhes a admiração?

KRISHNAMURTI: Creio que há "produtos de beleza" especiais para tornar a pele mais clara; mas isso resolverá o vosso problema? Continuareis a desejar ser admirada [1], continuareis a desejar posição, prestígio; e, nesse próprio desejo de admiração, nessa luta pela preeminência, está sempre o pungir do sofrimento. Enquanto uma pessoa desejar ser admirada, preeminente, a educação a levará à destruição, uma vez que a impulsionará a ser *alguém* nesta sociedade, e esta sociedade está bastante corrompida. Edificamos esta sociedade destrutiva com a nossa avidez, nossa inveja,

---

[1] Esta pergunta parece ser de *uma aluna*. N. do T.

nosso mêdo, e ela não se transformará só pelo fato de a desprezarmos ou a chamarmos uma ilusão. Só a educação correta poderá eliminar a avidez, o mêdo, a ânsia de aquisição, habilitando-nos a erguer uma *cultura* radicalmente nova, um mundo inteiramente diferente; e só haverá educação correta, quando a mente desejar verdadeiramente compreender a si própria e libertar-se do sofrimento.

XXIV

Um dos nossos mais difíceis problemas é isso a que chamamos disciplina; é, com efeito, um problema extremamente complexo. Julga a sociedade que deve controlar ou disciplinar o cidadão, moldar-lhe a mente segundo certos padrões religiosos, sociais, morais e econômicos.

Ora, a disciplina é realmente necessária? Por favor, escutai com tôda a atenção e não digais prontamente "sim" ou "não". Em geral pensamos, principalmente quando jovens, que não deveria haver nenhuma disciplina, que deveriam deixar-nos fazer o que nos aprouvesse, e achamos que isso é liberdade. Mas, o simples declarar que devemos ou não ter disciplina, que deveríamos ser livres etc., tem muito pouca significação se se não compreende o inteiro problema da disciplina.

O atleta ardoroso está a disciplinar-se constantemente, não é verdade? Sua alegria de atuar nos jogos e a própria necessidade de conservar-se em "boa forma" obriga-o a deitar-se cedo, a abster-se de fumar, a tomar alimentos adequados e a observar as regras gerais da higiene. Sua disciplina não é uma imposição ou um conflito, porém produto natural de seu gôsto pelo atletismo.

Ora, a disciplina aumenta ou diminui a energia humana? Os entes humanos, em todo o mundo, em cada religião, cada escola de filosofia, impõem disciplina à mente — o que supõe contrôle, ajustamento, resistência, refreamento; e isso é necessário? Se a disciplina ocasiona uma produção maior de energia humana, então ela é desejável e tem significação; mas, se apenas recalca a energia humana, nesse caso é extremamente nociva, destrutiva. Todos temos energia, e a questão é se nossa energia pode ser tornada altamente eficaz, rica, abundante, por meio de disciplina, ou

se a disciplina destrói o pouco ou muito de energia que possuímos. Êste me parece ser o problema central.

Muitos entes humanos não são bem dotados de energia, e a pouca energia que têm é cedo abafada e destruída pelos métodos de contrôle, pelas ameaças e tabus da sociedade a que pertencem, com sua pretendida educação; tornam-se, pois, imitadores, passivos cidadãos dessa sociedade. E proporciona a disciplina mais energia ao indivíduo inicialmente melhor dotado? Torna-lhe a vida rica e cheia de vitalidade?

As pessoas muito jovens, como todos vós aqui presentes, estão repletas de energia, não é verdade? Querem brincar e jogar, correr, falar; não podem estar quietas, estão cheias de vida. E, então, que acontece? Quando se tornam maiores, os mestres começam a cercear essa energia, a afeiçoá-la, dirigi-la para diferentes moldes; e, quando por fim se tornam homens e mulheres, o pouco de energia que lhes resta depressa é sufocado pela sociedade, que lhes determina que devem ser cidadãos decentes e comportar-se de determinada maneira. Por meio da chamada educação e da compulsão social, aquela abundante energia da juventude é gradualmente destruída.

Pois bem; pode a energia que atualmente possuís tornar-se mais eficaz pela disciplina? Se apenas possuís um pouco de energia, pode a disciplina aumentá-la? Se pode, então a disciplina tem significação; mas, se a disciplina destrói de fato a energia de uma pessoa, então é claro que deve ser banida.

Que é essa energia que todos possuímos? Essa energia é pensamento, sentimento; é interêsse, entusiasmo, avidez, paixão, lascívia, ambição, ódio. Pintar quadros, inventar máquinas, cultivar os campos, praticar esportes, escrever poesias, cantar, dançar, freqüentar o templo, adorar — tudo isso são expressões de energia; e a energia cria também ilusões, malefícios, sofrimentos. As mais requintadas e as mais destrutivas qualidades são, por igual, expressões da energia humana. Mas, vêde, o "processo" de controlar ou de disciplinar essa energia, libertando-a num sentido e contendo-a noutro sentido, se torna meramente uma conveniência social; a mente é moldada de acôrdo com o padrão de determinada cultura e, dessa maneira, sua energia é, a pouco e pouco, dissipada.

Nosso problema, pois, é se essa energia que em graus diferentes todos possuímos, pode ser aumentada, tornada mais eficaz — e, se pode, para que fim? Para que é que existe energia? A finalidade da energia é guerrear? É inventar aviões a jato e inúmeras outras máquinas, seguir um certo *guru,* passar em exames, gerar filhos, atormentar-se incessantemente com êste e aquêle problema? Por certo, se a mente humana, que é capaz de gerar tão espantosa energia, não está em busca da Realidade ou Deus, então tôdas as expressões dessa energia se tornam meios de destruição e de aflição. A busca da Realidade exige imensa energia; e, se um homem não está empenhado nessa busca, sua energia se dissipa de maneira nociva, sendo então a sociedade obrigada a controlá-lo. Ora, é possível libertar energia para a busca de Deus ou da Verdade e, no "processo" de descobrimento do verdadeiro, ser-se um cidadão que compreende os problemas fundamentais da vida e a quem a sociedade não pode destruir? Estais compreendendo, ou isto está um pouco complexo demais?

Vêde, o homem é energia, e se o homem não busca a Verdade, essa energia se torna destrutiva; por conseguinte, a sociedade controla e molda o indivíduo, a fim de abafar-lhe a energia. É isso que tem acontecido à maioria das pessoas adultas, no mundo inteiro. E talvez tenhais notado outro fato interessante e muito simples: que no momento em que desejais realmente fazer alguma coisa, tendes a necessária energia para fazê-la. Que acontece, quando desejais ardentemente atuar bem num jôgo? Tendes imediatamente energia, não é verdade? E essa mesma energia se torna um meio de contrôle de si própria, de modo que não há necessidade de disciplina externa. Na busca da Realidade, a energia cria sua disciplina própria. O homem que espontâneamente busca a Realidade torna-se um cidadão idôneo — o que não significa ajustar-se ao padrão de uma dada sociedade ou govêrno.

Assim, estudantes e professôres devem cooperar para a libertação dessa energia que busca a Realidade, Deus, ou a Verdade. Em vossa busca da Verdade haverá disciplina, e sereis então um autêntico ente humano, um indivíduo completo, e não, meramente, um hinduísta ou *parsi,* limitado por sua particular sociedade ou "cultura". Se, em vez de lhe cercear a energia, como atualmente está fazendo, a escola ajudar o estudante a despertar sua energia para a busca da Verdade, vereis que a disciplina terá então significado todo diferente.

Por que é que, no lar, na aula e no *hostel*[1], estão-vos sempre a dizer o que deveis e o que não deveis fazer? Decerto, é porque vossos pais e vossos mestres, como o resto da sociedade, não perceberam que o homem existe com a só finalidade de descobrir a Realidade ou Deus. Se mesmo um pequeno grupo de educadores compreendesse isso e aplicasse sua inteira atenção a essa busca, seria inaugurada uma educação de nova espécie e uma sociedade completamente diferente.

Não notais o pouco de energia que têm as pessoas que vos cercam, inclusive vossos pais e mestres? Estão a morrer lentamente, mesmo que seus corpos ainda não estejam envelhecidos. Por quê? Porque foram disciplinados pela sociedade para a submissão. Se não compreendemos a fundamental finalidade dessa coisa que se chama "a mente", a qual tem capacidade para criar submarinos atômicos e aviões a jato, que pode escrever a mais admirável poesia e prosa, que pode tornar o mundo tão belo e também destruir o mundo — se se não compreender sua fundamental finalidade, que é achar Deus ou a Verdade, sua energia se tornará destrutiva; e, por isso, a sociedade diz: "Temos de moldar e controlar a energia do indivíduo."

Parece-me, pois, que a função da educação é possibilitar uma libertação de energia para a busca do bom, do verdadeiro, ou de Deus, busca que, por sua vez, tornará o indivíduo um verdadeiro ente humano e, por conseguinte, um cidadão idôneo. Mas, a mera disciplina, sem perfeita compreensão de tudo isso, nada significa, é coisa sobremodo destrutiva. A menos que cada um de nós seja educado de maneira tal, que ao deixar a escola e entrar no mundo esteja repleto de vitalidade e de inteligência, transbordante de energia, para o descobrimento do verdadeiro — sereis simplesmente tragados pela sociedade; sereis sufocados, destruídos, lamentàvelmente infelizes para o resto da vida. Assim como o rio cria as margens que o contêm, assim também a energia que busca a verdade cria sua disciplina própria, sem imposição de espécie alguma; e, assim como o rio se encontra com o mar, assim também essa energia encontrará sua própria liberdade.

---

(1) *Hostel:* 1. Hotel, hospedaria. 2. Residência de estudantes, no âmbito da escola. N. do T.

Pergunta: Por que vieram os inglêses dominar a Índia?

KRISHNAMURTI: Os povos que têm mais energia, mais vitalidade, mais capacidade, mais ânimo, levam o sofrimento ou o bem-estar a seus vizinhos menos enérgicos. Houve tempo em que a Índia se expandia "explosivamente" por tôda a Ásia; seu povo era cheio de zêlo criador e levou a religião à China, ao Japão, à Indonésia, a Burma. Outras nações dedicavam-se ao comércio, talvez também necessário, apesar dos males a êle inerentes. O lado interessante desta questão é que os que buscam a Verdade ou Deus são muito mais "explosivos", libertam energias espantosas, não só em si próprios, mas também em outros; e êsses é que são os verdadeiros revolucionários, e não os comunistas, os socialistas, os meros reformadores. Os conquistadores e dominadores aparecem e desaparecem, mas o problema humano é sempre o mesmo. Todos queremos dominar, submeter-nos ou resistir; mas o homem que busca a Verdade é livre de tôdas as sociedades e "culturas".

Pergunta: Mesmo na hora da meditação, não parecemos capazes de perceber o verdadeiro; poderíeis dizer-nos o que é verdadeiro?

KRISHNAMURTI: Deixemos de parte, por enquanto, a questão relativa ao verdadeiro e consideremos primeiramente o que é meditação. Para mim, a meditação é coisa muito diferente daquilo que os livros e *gurus* vos têm ensinado. Meditação é o processo de compreensão da própria mente. Se não compreendeis o vosso próprio pensar — e isso é autoconhecimento — tudo o que pensardes será muito pouco significativo. Sem a base do autoconhecimento, o pensamento conduz a ações nocivas. Todo pensamento tem significação; e se a mente é incapaz de perceber a significação não apenas de uns poucos pensamentos, porém de cada pensamento que surge, então o mero concentrar-se em determinada idéia, imagem ou conjunto de palavras — sendo isso o que geralmente se chama "meditação" — é uma forma de auto-hipnose.

Assim, quer estejais quietos, quer falando ou brincando, estais cônscio do significado de cada pensamento, de cada reação que acaso tendes? Experimentai isso, para verdes quanto é difícil estardes cônscio de cada movimento de vosso próprio pensa-

mento, porque os pensamentos "empurram" uns aos outros com extrema rapidez. Mas, se desejardes examinar cada pensamento, se verdadeiramente desejardes perceber o seu conteúdo, vereis que vossos pensamentos se tornarão mais lentos e que os podereis observar. Êsse processo de tornar mais lento o pensar e de examinar cada pensamento, é *meditação;* e, se o experimentardes, vereis que, tornando-se cônscia de cada pensamento, vossa mente, que é um imenso depósito de turbulentos pensamentos, todos a batalharem contra todos — se torna muito quieta, perfeitamente tranqüila. Não há, então, ânsia, nem compulsão, nem mêdo de espécie alguma; e, nessa tranqüilidade, desponta aquilo que é verdadeiro. Não há, então, nenhum *vós* a experimentar a Verdade, mas, como a mente está tranqüila, nela penetra a Verdade. No momento em que há *vós,* há experimentador, e o experimentador é mero produto do pensamento, não tem outra base serão o pensamento.

Pergunta: Se cometemos um êrro e alguém no-lo aponta, por que razão tornamos a cometer êsse mesmo êrro?

KRISHNAMURTI: Que pensais vós? Por que despedaçais as flôres, ou arrancais as plantas, ou danificais móveis, ou atirais papéis ao chão, embora decerto já vos tenham dito uma dúzia de vêzes que não o deveis fazer? Prestai atenção, e vereis por quê. Quando fazeis tais coisas, achai-vos num estado de desatenção, não é exato? Não estais vigilante, vossa mente está a dormir, e, por isso, praticais atos verdadeiramente estúpidos. Enquanto não estiverdes plenamente vigilante e atento, nada adianta dizer-vos que não deveis fazer tais coisas. Mas, se o educador fôr capaz de ajudar-vos a estar sempre atento, vigilante, a observar com prazer as árvores, os pássaros, o rio, a extraordinária opulência da terra, então uma simples alusão bastará, por que sereis um ente sensível, atento a tudo o que se passa em tôrno de vós e dentro de vós.

Infelizmente, vossa sensibilidade é destruída, porque, do nascimento à morte, estão-vos a dizer incansàvelmente que façais isto e não façais aquilo. Pais, mestres, a sociedade, a religião, o sacerdote, e também vossas próprias ambições, vossa própria avidez e inveja — todos vos dizem "faze" e "não faças". Estar livre

de tudo isso (dos "faze" e "não faças") e ao mesmo tempo ser sensível em tão alto grau que, espontâneamente, sejais bondoso e não magoeis ninguém, não jogueis papéis ao chão ou não vejais uma pedra na estrada, sem a retirardes — isso requer *consideração* em alto grau. E a finalidade da educação, sem dúvida nenhuma, não é puramente dar-vos umas poucas letras do alfabeto depois de vosso nome, mas, sim, despertar em vós êsse espírito de consideração, para serdes um ente sensível, alertado, vigilante, bondoso.

Pergunta: Que é a vida, e como poderemos ser felizes?

KRISHNAMURTI: Aí está uma ótima pergunta de menino. Que é a vida? Se a fazeis a um homem de negócios, êle responderá que a vida é vender mercadorias lucrativamente, porque esta é a sua vida da manhã à noite. O homem ambicioso vos dirá que a vida é luta para alcançar um alvo, para realizar-se. Para o homem que conquistou posição e poder, que chefia uma organização ou nação, a vida é intensa atividade por êle dirigida. E, para o trabalhador, principalmente neste país, a vida é trabalho infindo, sem um dia de descanso; é viver sòrdidamente, infeliz, sem suficiente nutrição.

Ora, pode o homem ser feliz no meio de tanto atrito, tanta luta, e fome, e sofrimento? Claro que não. Que faz êle, então? Não investiga, não indaga o que é a vida, porém se põe a filosofar sôbre a felicidade. Fala de fraternidade enquanto explora a outros. Inventa o "Eu superior", a "Super-Alma", uma certa coisa que, no final de tudo, o fará permanentemente feliz. Mas a felicidade não se torna existente se a buscamos; ela é um derivado, um acessório, que vem à existência quando existe a bondade, quando existe o amor, quando não há ambição, quando o espírito, tranqüilo, busca o verdadeiro.

Pergunta: Por que lutamos uns com os outros?

KRISHNAMURTI: Parece-me que os mais velhos também fazem esta pergunta, não? Por que lutamos? A América se opõe à Rússia, a China ao Ocidente. Por quê? Falamos de paz, preparando a guerra. Por que? Porque, penso, a maioria dos entes humanos gostam de competir, de lutar; isto é uma fato evidente, senão deixaríamos de fazê-lo. No lutar, encontra-se um exaltado

sentimento de vitalidade; isso também é um fato. Pensamos que a luta, em tôdas as suas modalidades, é necessária para manter-nos *vivos;* mas, vêde, êsse modo de viver é extremamente destrutivo. Há uma maneira de viver sem luta nenhuma. A flor, o lírio que está crescendo, não está lutando; está vivendo, *é.* O *ser* de uma coisa é a bondade dessa coisa. Mas, absolutamente, não somos educados para isso. Somos educados para competir, lutar, ser soldados, advogados, agentes de polícia, professôres, diretores, negociantes, sempre querendo "estar por cima". Todos queremos triunfar na vida. Muitos há que, exteriormente, ostentam humildade, mas só são felizes os que são verdadeiramente humildes, os que não lutam.

Pergunta: Por que abusa a mente dos outros sêres humanos e de si própria?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "abuso"? A mente ambiciosa, ávida, invejosa, a mente carregada de crença e tradição, a mente cruel, que explora a outros — essa mente, é óbvio, cria, com sua ação, malefícios e produz uma sociedade tôda de conflito. Enquanto a mente não compreender a si própria, sua ação será, invariàvelmente, destrutiva; enquanto a mente não tiver autoconhecimento, fomentará a inimizade. Eis porque é essencial alcançar o conhecimento de si mesmo, e não simplesmente aprender o que está nos livros. Não há livro capaz de ensinar-vos autoconhecimento. Um livro poderá dar-vos informações sôbre o autoconhecimento, mas isso não é o mesmo que conhecerdes a vós mesmo em ação. Quando a mente se vê no espelho das relações, dêsse percebimento resulta autoconhecimento; e, sem autoconhecimento, não teremos nenhuma possibilidade de acabar com a confusão, a terrível angústia que criamos no mundo.

Pergunta: A mente que busca o êxito difere da mente que busca a verdade?

KRISHNAMURTI: A mente é sempre a mesma, quer buscando o êxito, quer buscando a Verdade; mas, enquanto estiver buscando o êxito, não descobrirá o que é verdadeiro. Compreender a Verdade é ver o verdadeiro no falso, e ver como verdadeiro o que é verdadeiro.

XXV

Já alguma vez cogitastes no por que muitas pessoas, ao se tornarem mais velhas, parecem perder tôda a alegria de viver? No momento, a maioria de vós, que sois jovens, é relativamente feliz; tendes vossos pequenos problemas, vossas preocupações sôbre os exames, mas, apesar dessas perturbações, há, em vossa vida, uma certa alegria, não é verdade? Há uma espontânea e natural aceitação da vida, uma visão das coisas despreocupada e feliz. Mas, por que razão, ao nos tornarmos mais velhos, parecemos perder aquêle ditoso pressentimento de algo transcendental, algo de mais significativo? Por que tantos de nós, ao alcançarmos a chamada maturidade, nos tornamos embotados, insensíveis à alegria, à beleza, ao céu sereno, e às maravilhas da terra?

Quando uma pessoa faz a si própria esta pergunta, muitas explicações acodem-lhe ao espírito. Temos muito interêsse em nós mesmos — esta é uma delas. Lutamos para nos tornarmos alguém, para alcançarmos e conservarmos uma certa posição; temos filhos e outras responsabilidades, e temos de ganhar dinheiro. Tôdas essas coisas que se agitam em nosso interior não tardam a deprimir-nos, e perdemos assim a alegria de viver. Vêde os rostos dos mais velhos, de vosso círculo de conhecimentos, tristes que são, em maioria, e gastos, adoentados, reservados, alheados, não raro neuróticos, sem um sorriso. Não perguntais a vós mesmos por que são assim? E mesmo quando indagamos o porquê disso, a maioria de nós parece satisfazer-se com meras explicações.

Ontem de tarde vi um barco que subia o rio, de velas pandas, impelido pelo vento oeste. Era um barco grande e transportava pesada carga de lenha destinada à cidade. O sol se punha e a embarcação, desenhada contra o céu, mostrava singular beleza.

O barqueiro só tinha de guiá-la; nenhum esfôrço era necessário, pois o vento fazia todo o trabalho. Anàlogamente, se cada um de nós compreendesse o problema da luta e do conflito, penso que poderíamos viver sem esfôrço, felizes, de rosto sorridente.

Para mim, é o esfôrço que nos destrói, êsse lutar em que despendemos quase todos os momentos de nossa vida. Se observardes, ao redor de vós, as pessoas mais velhas, podereis ver que para quase todos a vida é uma série de batalhas consigo mesmos, com suas mulheres ou maridos, com seu próximo, com a sociedade; e essa luta incessante dissipa energia. O homem que vive alegre, verdadeiramente feliz, está livre de todo esfôrço. Viver sem esfôrço não significa tornar-se estagnado, embotado, estúpido; ao contrário, só os homens sensatos, altamente inteligentes, estão verdadeiramente livres do esfôrço e da luta.

Mas, quando ouvimos falar em viver sem esfôrço, queremos viver assim, desejamos alcançar um estado em que não haja luta nem conflito; tornamo-lo, pois, êsse estado, nosso alvo, nosso ideal, e por êle lutamos; e desde êsse momento perdemos a alegria de viver. Estamos de nôvo empenhados em esfôrço, luta. O objeto da luta varia, mas tôda luta é essencialmente a mesma. Um luta pela promoção de reformas sociais, ou para achar Deus, ou para criar melhores relações no lar ou com o próximo; outro senta-se à margem do Ganges ou se prostra devotamente aos pés de um *guru* etc. etc. Tudo isso representa esfôrço, luta. O importante, por conseguinte, não é o objeto da luta, porém, sim, compreender a própria luta.

Ora, é possível a mente não apenas perceber ocasionalmente que não está a lutar, porém estar a tôdas as horas completamente livre de esfôrço, de modo que possa descobrir um estado de alegria em que não haja nenhuma idéia de superioridade e inferioridade?

O caso é que a mente se sente inferior e por esta razão luta para "vir a ser" alguma coisa, ou conciliar seus vários desejos contraditórios. Mas, não estejamos a dar explicações sôbre por que a mente tanto luta. Todo homem que pensa sabe por que há luta, interior e exteriormente. Nossa inveja, avidez, ambição, nosso espírito de competição, que nos impele à mais impiedosa eficiência — são òbviamente êstes os fatôres que nos fazem lutar, no mundo atual ou no mundo do futuro. Por tanto, não temos necessidade de estudar livros de psicologia para sabermos por que lutamos; e o

que, certamente. tem importância é que descubramos se a mente pode ficar totalmente livre de luta.

Afinal de contas, quando lutamos, o conflito é entre o que somos e *o que deveríamos* ou *desejamos* ser. Pois bem; sem se procurarem explicações, pode-se compreender todo êsse processo de luta, de modo que êle termine? Como aquêle barco levado pelo vento, pode a mente existir sem luta? A questão é esta, sem dúvida, e não como alcançar um estado em que não haja luta. O próprio esfôrço para alcançar tal estado é, em si, um processo de luta e, por conseguinte, aquêle estado nunca pode ser alcançado. Mas, se observardes, momento por momento, como a mente se deixa colhêr nesse torvelinho de incessante luta — se observardes simplesmente o fato, sem tentar alterá-lo, sem impor à mente um certo estado que chamais "de paz" — vereis que, espontâneamente, a mente deixará de lutar; e nesse estado ela é capaz de aprender infinitamente. *Aprender* já não é, então, mero processo de acumular conhecimentos, porém de descobrimento de extraordinárias riquezas existentes além do alcance da mente; e para a mente que faz tal descobrimento, há grande alegria.

Observai a vós mesmo, para verdes como lutais da manhã à noite, e como vossa energia se dissipa nessa luta. Se tratardes apenas de explicar por que lutais, ficareis perdido numa floresta de explicações e a luta prosseguirá; mas se, ao contrário, observardes vossa mente, com serenidade e sem dardes explicações; se deixardes simplesmente que vossa mente esteja cônscia de sua própria luta, vereis que muito depressa surgirá um estado no qual nenhuma luta haverá, um estado de extraordinária vigilância. Nessa vigilância, não há idéia de "superior" e "inferior", não há homem importante nem homem insignificante, não há *guru*. Todos êsses absurdos desapareceram, por que a mente está inteiramente desperta; e a mente de todo desperta está cheia de alegria.

Pergunta: Desejo fazer uma certa coisa, e, embora o tenha tentado inúmeras vêzes, ainda não consegui fazê-la. Devo abandonar a luta, ou devo persistir no esfôrço?

KRISHNAMURTI: Ter bom êxito significa "alcançar, chegar a alguma parte"; e nós adoramos o êxito, não é verdade? Quando

um menino cresce e se torna multimilionário, ou quando um pobre estudante chega a Primeiro-Ministro, todos o aplaudem e o têm em alta conta; assim, todo menino e tôda menina deseja alcançar bom êxito, nesta ou naquela forma.

Ora, existe essa coisa chamada "êxito", "sucesso", ou trata-se meramente de uma idéia que o homem cultiva? Porque no momento em que se alcança o colimado ponto há sempre outro ponto mais adiante, por alcançar. Enquanto um homem está a perseguir o êxito, em qualquer direção que seja, está necessàriamente em luta, em conflito, não é verdade? Mesmo depois de "chegar", não há descanso para êle, porque desejará subir mais alto ainda, desejará *mais.* Compreendeis? A busca de êxito é desejo de *mais,* e a mente que está sempre a exigir mais não é inteligente; pelo contrário, é medíocre, estúpida, porquanto sua exigência de *mais* implica luta constante, pelas linhas do padrão que a sociedade para ela estabeleceu.

Afinal de contas, que é "contentamento"(1) e o que é "descontentamento"? "Descontentamento" é a luta pela consecução de *mais,* e o "contentamento" a cessação dessa luta; mas, não se chega ao contentamento, se se não compreende todo o "processo" relativo ao *mais,* e por que razão a mente o exige.

Se sois mal sucedido num exame, por exemplo, tereis de repeti-lo, não é verdade? Os exames, em qualquer circunstância, são uma coisa sumamente deplorável, porquanto nada representam de significativo, já que não revelam o verdadeiro valor de vossa inteligência. Passar num exame é, em grande parte, um "golpe" de memória ou, também, de sorte; mas, vós lutais para passardes em vossos exames e, quando sois mal sucedidos, perseverais nessa luta. O mesmo "processo" se verifica diàriamente, na vida da maioria de nós. Estamos lutando por alguma coisa e nunca nos detivemos para investigar se essa coisa é digna de lutarmos por ela. Nunca perguntamos a nós mesmos se ela merece nossos esforços e, portanto, ainda não descobrimos que *não* os merece e que devemos contrariar a opinião de nossos pais, da sociedade, de todos os Mestres e gurus. É só quando temos compreendido

---

(1) "Contentamento", no sentido de estar contentado, não desejar *mais.*

inteiramente o significado do *mais*, que deixamos de pensar em têrmos de fracasso e de êxito.

Temos sempre mêdo de falhar, de cometer erros, não só nos exames, mas também na vida. Cometer um êrro é coisa terrível, porque seremos criticados, censurados, por causa dêle. Mas, afinal, por que não se devem cometer erros? Tôda gente, neste mundo, não vive cometendo erros? E o mundo sairia da horrível confusão em que se encontra, se vós e eu nunca cometêssemos um êrro? Se tendes mêdo de cometer erros, nunca aprendereis coisa alguma. Os mais velhos estão contìnuamente cometendo erros, mas não querem que *vós* os cometais e, com isso, vos sufocam tôda a iniciativa. Por quê? Porque temem que, pelo observar e investigar tôdas as coisas, pelo experimentar e errar, acabeis descobrindo *algo* por vós mesmo e trateis de emancipar-vos da autoridade de vossos pais, da sociedade, da tradição. É por essa razão que vos acenam com o ideal do êxito; e o êxito, como deveis ter notado, sempre se traduz em têrmos de respeitabilidade. O próprio santo, em seus progressos para a chamada perfeição espiritual, tem de tornar-se respeitável, porque, do contrário, não encontrará "aceitação", não terá seguidores.

Estamos, pois, sempre pensando em têrmos de êxito, em têrmos de *mais;* e o *mais* é encarecido pela sociedade respeitável. Por outras palavras, a sociedade estabeleceu, com todo o esmêro, um certo padrão, pelo qual mede o vosso sucesso ou o vosso insucesso. Mas, se amais uma coisa e a fazeis com todo o vosso ser, então já não vos importa o êxito nem o fracasso. Nenhum homem inteligente se importa com isso. Mas, infelizmente, são raros os homens inteligentes, e ninguém vos aponta essas coisas. Tudo o que importa ao homem inteligente é perceber os fatos e compreender o problema — e isso não significa pensar em têrmos de êxito ou de fracasso. Só quando não amamos o que fazemos, pensamos nesses têrmos.

Pergunta: Por que somos essencialmente egoístas? Por mais que tentemos ser desprendidos em nossa conduta, tão logo se trate de nossos próprios interêsses, deixamo-nos absorver por nosso egoísmo, desprezando os interêsses dos outros.

KRISHNAMURTI: Acho muito importante uma pessoa deixar de dizer-se "egoísta" ou "não-egoísta", porque as palavras têm ex-

traordinária influência na mente. Chamai a um homem "egoísta", e êle está condenado; chamai-o "professor", e vossa atitude para com êle se modifica; chamai-lhe "Mahatma", e imediatamente sua pessoa se rodeia de uma auréola. Observai vossas próprias reações, para verdes que palavras tais como "advogado", "comerciante", "governador", "servente", "amor", "Deus", têm efeito extraordinário em vossos nervos e em vossa mente. A palavra denotadora de certa função evoca a noção de *posição*. Assim, em primeiro lugar, devemos estar livres dêsse hábito de associar certos sentimentos a certas palavras, não achais? Vossa mente foi condicionada para pensar que o têrmo "egoísta" representa coisa muito má, antiespiritual, e no mesmo instante em que aplicais êsse têrmo a qualquer coisa, vossa mente a condena. Assim, quando fazeis a pergunta: "Por que somos essencialmente egoístas?" — ela já tem significado condenatório.

Muito importa estejais cônscio de que certas palavras provocam em vós uma reação nervosa, emocional ou intelectual, de aprovação ou condenação. Quando vos chamais "ciumento", por exemplo, imediatamente barrastes a investigação mais profunda do problema do ciúme, vos impedistes de penetrá-lo completamente. Anàlogamente, há muitos indivíduos que dizem estar trabalhando pela fraternidade e, no entanto, tudo o que estão fazendo é o contrário de fraternidade; mas *não vêem* êste fato, porque a palavra "fraternidade" tem para êles um certo significado e já se lhes tornou uma *persuasão;* não investigam mais profundamente e, por conseguinte, nunca descobrem os fatos como são, independentemente da reação nervosa ou emocional que aquela palavra provoca.

Assim, a primeira coisa é esta: *experimentar* e descobrir se podeis *olhar os fatos* sem as implicações condenatórias ou laudatórias associadas e certas palavras. Se puderdes olhar os fatos sem sentimentos de condenação ou de aprovação, vereis que nesse próprio processo de olhá-los ocorre a dissolução de tôdas as barreiras que a mente havia erguido entre si e os fatos.

Observai vossa atitude perante uma pessoa a quem chamam um "grande homem". As palavras "grande homem" vos influenciaram; os jornais, os livros, os partidários dêsse homem, todos dizem que êle é "um grande homem", e vós aceitastes isso. Ou, também, tomais posição contrária e dizeis. "Que estupidez, êle não é um grande homem!" Mas se, ao contrário, puderdes dissociar

vossa mente de tôda influência e olhar simplesmente os fatos, vereis que então vossa atitude será tôda outra. Da mesma maneira, a palavra "aldeão", com suas associações de pobreza, imundície, esqualidez etc., influencia o vosso pensar. Mas, quando a mente está livre de influência, quando não condena nem aprova, porém, simplesmente, *olha,* observa, não é então egocêntrica, e já não há o problema do egoísmo em luta para ser "não-egoísmo".

Pergunta: Por que é que, do nascimento à morte, o indivíduo deseja ser amado e, quando não se lhe dá êsse amor, êle não tem a mesma serenidade e confiança de seus semelhantes?

KRISHNAMURTI: Pensais que "seus semelhantes" estão cheios de confiança? Êles poderão pavonear-se, tomar ares altivos, mas não é difícil verificar que, atrás dessa fachada de confiança, quase todos são vazios, estúpidos, medíocres, sem confiança nenhuma, no exato sentido da palavra. E por que desejamos ser amados? Não desejais ser amado por vossos pais, vossos mestres, vossos amigos? E, se sois adulto, desejais ser amado por vossa mulher ou marido, por vossos filhos — ou por vosso *guru.* Por que existe esta eterna ânsia de ser amado? Prestai tôda a atenção. Desejais ser amado, *porque não amais;* mas, no momento em que *amais,* o caso está liquidado, já não procurais saber se alguém vos ama ou não. Enquanto quiserdes ser amado, não existe amor em vós; e, se não sentis amor, sois um ente feio, brutal, e, assim sendo, por que mereceis ser amado? Se não tendes amor, sois uma coisa morta; e quando uma coisa morta pede amor, morta ainda está. Já se vosso coração está repleto de amor, nunca pedis que vos amem, nunca estendeis para que vo-la encham a vasilha do mendigar. Só os que estão vazios desejam preencher-se, e um coração vazio nunca se preencherá correndo atrás de *gurus* ou buscando amor por muitas outras maneiras.

Pergunta: Por que furtam os adultos?

KRISHNAMURTI: Nunca furtastes? Nunca soubestes de algum menino que furtasse de outro menino alguma coisa cobiçada? É exatamente a mesma coisa que acontece através da vida, quer sejamos jovens, quer velhos — e a diferença é só que os mais velhos o fazem com mais lábia, com palavreados bonitos; êles

querem riqueza, poder; posição, e fazem conchavos e enredos, e "filosofam", a fim de alcançar o que cobiçam. Furtam, mas isso não se chama "furtar" — dá-se-lhe um nome respeitável. E por que furtamos? Em primeiro lugar, porque a sociedade, como está atualmente constituída, priva muitos indivíduos das coisas necessárias à vida; certos setores da população estão privados de suficiente alimentação, de roupas, de teto, e, por conseguinte, tratam de fazer alguma coisa a êsse respeito. Há também os que furtam, não porque tenham pouca comida, mas porque são o que se chama "anti-sociais". Para êstes o furtar se tornou um jôgo, um excitante — e isso significa que não receberam verdadeira educação. A verdadeira educação é compreensão do significado da vida, e não um apressado preparo para passar em exames. Há, também, furto em níveis mais altos: o furto de idéias alheias, furto de conhecimentos. Quando estamos em busca do *mais,* em qualquer forma que seja, é óbvio que estamos furtando.

Por que razão estamos sempre pedindo, esmolando, desejando, furtando? Porque dentro de nós não há nada; interiormente, psicològicamente, somos como um tambor — vazios! Porque estamos vazios, procuramos preencher-nos, não apenas furtando coisas, porém imitando outros. A imitação é uma forma de furto: não sois nada, mas *êle* é uma importante pessoa e, assim, tratais de adquirir um pouco da glória dêle, imitando-o. Essa corrupção atravessa a vida humana de ponta a ponta, e muito poucos estão isentos dela. Nessas condições, o relevante é descobrir se o vazio interior pode ser preenchido. Enquanto a mente procurar preencher-se permanecerá sempre vazia. Quando a mente já não se preocupa em preencher seu próprio vazio, só então êsse vazio deixa de existir.

XXVI

SABEIS QUANTO é grato estar-se muito quieto, corretamente sentado, com dignidade, serenidade? Isso é tão importante como olhar para aquelas árvores desfolhadas. Já notastes como são formosas aquelas árvores, destacadas contra o azul pálido do céu matinal? Os ramos nus de uma árvore revelam a sua beleza; e as árvores têm também extraordinária beleza na primavera, e no verão, e no outono. Sua beleza varia com as estações, e é tão importante notar isso, quanto o é considerar os fatos da própria vida.

Quer vivamos na Rússia, quer na América ou na Índia, todos somos entes humanos; como entes humanos temos problemas comuns a todos nós, e é absurdo pensarmos em nós mesmos como hindus, americanos, russos, chineses etc. Há divisões políticas, raciais e econômicas, mas exagerar a importância dessas divisões é gerar antagonismos e ódios. Os americanos podem ser, por enquanto, muito mais prósperos — isto é, possuir mais *gadgets* (1), mais rádios, mais televisores, mais de tudo, inclusive comida de sobra, enquanto neste país se vê tanta fome e sordidez, excesso de população e desemprêgo. Mas, onde quer que vivamos, somos entes humanos e como entes humanos criamos nossos próprios problemas humanos; e muito importa compreender que, quando pensamos em nós mesmos como hindus, americanos ou inglêses, como brancos, morenos, prêtos ou amarelos, estamos levantando desnecessárias barreiras entre nós próprios.

Um dos óbices mais sérios é que a moderna educação, em todo o mundo, está principalmente interessada em tornar-nos me-

---

(1) *gadgets:* Aparelhos que facilitam o trabalho doméstico (máquinas de lavar, enceradeiras, aspiradores etc.) N. do T.

ros técnicos. Aprendemos a projetar aviões, a construir estradas pavimentadas, a fabricar carros ou a manobrar os mais modernos submarinos nucleares e, no meio de tanta tecnologia, esquecemo-nos de que somos entes humanos — pois estamos enchendo nossos corações com as coisas da mente. Na América, a "automatização" está dispensando cada vez mais trabalhadores de longas horas de labor, como não tardará a acontecer também aqui — e teremos então o enorme problema de como utilizarmos o nosso tempo. Imensos estabelecimentos fabris, que ora empregam muitos milhares de operários, poderão ser movimentados por um punhado de técnicos; e que irá ser dos demais entes humanos que trabalham nesses estabelecimentos e que irão ter tanto tempo disponível? Enquanto a educação não levar em consideração êste e outros problemas humanos, nossas vidas serão muito vazias.

Nossa vida já é muito vazia, não achais? Podeis ter diploma de bacharel, casar-vos e prosperar, podeis ser muito talentoso, muito ilustrado, conhecer os livros mais novos; mas, enquanto estiverdes enchendo o coração com as coisas da mente, vossa vida será, forçosamente, vazia e feia, muito pouco significativa. Só há beleza e significação na vida quando o coração está purificado das coisas da mente.

Vêde que tudo isso é problema individual, nosso; não se trata de nenhum problema especulativo que não nos atinge. Se, como entes humanos, não sabemos cuidar da terra e das coisas da terra, se não sabemos amar nossos filhos e só estamos interessados em nós mesmos, em nosso progresso e êxito individual ou nacional, tornaremos êste mundo verdadeiramente medonho — como, aliás, ja estamos fazendo. Um país pode tornar-se muito rico, mas suas riquezas são veneno, enquanto há outro país a padecer fome. Somos uma só humanidade, a terra é de todos nós e, tratada com desvelos e amor, ela proverá alimentos, roupas e teto a todos. A função da educação não é simplesmente preparar-vos para exames, porém, sim, ajudar-vos a compreender todo êste problema do viver — que inclui sexo, ganhar o sustento, ter alegria, iniciativa, ser ardoroso e saber pensar profundamente. É também nosso problema descobrir o que é Deus — a verdadeira base de nossa vida. Sem adequados alicerces, nenhuma casa pode ficar de pé por muito tempo, e todo o engenho e tôdas as invenções do homem nada significarão se não estivermos investigando o que é Deus ou a Verdade.

O educador deve ter capacidade para ajudar-vos a compreender isso, pois tendes de começar na juventude e não aos sessenta anos. Aos sessenta anos não podereis descobrir Deus, porque, nessa idade, a maioria das pessoas está "gasta", liquidada. Deveis começar enquanto estais jovem, porque, assim, pode-se lançar a base correta e vosso edifício atravessará de pé tôdas as tempestades que os entes humanos desencadeiam para si próprios. Vivereis então felizes, porque vossa felicidade não depende de coisa alguma, não depende de *saris* nem de jóias, de carros nem de rádios, nem de se alguém vos ama ou rejeita. Sereis felizes, não por possuirdes alguma coisa, não por terdes posição, riqueza ou ilustração, mas porque vossa vida terá intrínseco significado. Mas, só se descobre essa significação quando a cada instante se está buscando a Realidade — e a Realidade se encontra em tôdas as coisas; não podeis achá-la na igreja, no templo, na mesquita, em nenhum ritual.

Para descobrir a Realidade, precisamos saber como limpar a poeira dos séculos que sôbre ela se acumulou; e, crede-me, essa busca da Realidade é a verdadeira educação. Qualquer homem de talento é capaz de ler livros e de acumular conhecimentos, alcançar alta posição e explorar os outros — mas isso não é educação. O estudo de certas matérias é apenas parte diminuta da educação; mas, há uma vasta esfera em nossa vida para a qual não nos educam, absolutamente, e à qual não temos meios de acesso adequados.

Descobrir o verdadeiro acesso à vida, de modo que nosso viver diário, nossos rádios, carros e aeroplanos tenham significação, relativamente a "outra coisa" que os inclui e transcende todos — *isto* é educação. Por outras palavras, e educação deve começar pela religião. Mas religião nada tem que ver com sacerdotes, igrejas, dogmas ou crenças. Religião é amar sem *motivo,* ser generoso, ser bom, porque só assim somos entes humanos reais; mas a bondade, a generosidade ou amor, só pode tornar-se existente na busca da Realidade.

Infelizmente, tôda essa imensa esfera da vida é desprezada pela educação moderna. Viveis ocupados com livros que pouco significam, e com passar em exames, que têm menos significação ainda. Por êles, podereis obter empregos — o que já é de certa significação. Mas não está longe o dia em que as fábricas fun-

cionarão quase automàticamente, e por essa razão devemos começar desde já a ser educados para utilizar corretamente nossos lazeres — e "utilizá-los corretamente" não é perseguir ideais, porém descobrir e compreender as vastas esferas de nossa existência de que ainda estamos inconscientes, que ainda desconhecemos completamente. A mente, com seus sutis argumentos, não é tôdas as coisas. Existe algo de vasto e imensurável além dos limites da mente, uma beleza que a mente não pode compreender. Nessa imensidade há êxtase, bem-aventurança; e é para vivermos nessa imensidade, para a *experimentarmos,* que precisamos da correta educação. Se não receberdes essa qualidade de educação, ireis, quando sairdes para o mundo, perpetuar a horrível confusão que as gerações passadas criaram.

Assim, pois, mestres e alunos, refleti sôbre tudo isso. Não vos queixeis, mas ponde-vos a trabalhar, para ajudardes a criar uma instituição onde a religião, no verdadeiro sentido da palavra, seja investigada, amada, compreendida, e *vivida.* Vereis, então, que a vida se tornará imensamente rica — muito mais rica do que tòdos os depósitos bancários do mundo.

Pergunta: Como chegou o homem a adquirir tanto conhecimento? Como evolveu materialmente? De onde tira êle tão vastas energias?

KRISHNAMURTI: "Como chegou o homem a adquirir tanto conhecimento?" Isto é bastante simples. Sabeis uma coisa e a passais a vossos filhos; êstes acrescentam-lhe mais alguma coisa e passam-na a *seus filhos,* e assim por diante, através das idades. Acumulamos conhecimento aos poucos. Nossos avós nada sabiam de aviões a jato e das maravilhas eletrônicas de nossos dias; mas a curiosidade, a necessidade, a guerra, o mêdo, a avidez, criaram gradualmente todo êsse saber.

Ora, há algo peculiar em relação ao conhecimento. Podeis saber muita coisa, armazenar grande abundância de conhecimentos; mas a mente que está enevoada pelo conhecimento, repleta de informações, é incapaz de descobrimento. Poderá fazer uso de uma descoberta, com seu saber e sua técnica, mas o *descobrimento* em si *é* algo de original, que "explode" de súbito na mente, independentemente do conhecimento; e essa "explosão" do descobri-

mento é que é essencial. A maioria das pessoas, principalmente neste país, está de tal maneira sufocada pelo conhecimento, pela tradição, pela opinião, pelo mêdo ao que digam os pais ou outros, que nenhuma confiança lhes resta. São como mortos — e é isso o que faz à mente o pêso do conhecimento. O conhecimento é útil, mas se uma "outra coisa" lhe falta, êle é destrutivo — como o estão mostrando os acontecimentos mundiais.

Vêde o que se está passando no mundo. Há invenções maravilhosas: o radar que denuncia a aproximação de um avião ainda a muitas milhas de distância; submarinos que podem circundar o mundo submersos, sem subir à tona uma só vez; o milagre de se poder falar de Bombaim para Banaras ou Nova Iorque, e muitas outras coisas. Tudo isso é produto do conhecimento. Mas está faltando uma "outra coisa", e por essa razão se está fazendo mau uso do conhecimento; há guerra, destruição, angústia, e milhões de entes humanos padecem fome. Só tomam uma refeição por dia, ou nem isso — e nada sabeis a êsse respeito. Só conheceis vossos livros e vossos pequeninos problemas e prazeres, em vosso particular cantinho de Banaras, Delhi ou Bombaim. Podemos possuir grande cópia de conhecimentos, mas, se falta aquela "outra coisa" que faz o homem *viver* e lhe dá alegria, bem-aventurança, êxtase, estamos caminhando para a autodestruição.

Materialmente é a mesma coisa que se observa: O homem evolveu materialmente, mediante um "processo" gradual. E de onde tira êle tão vastas energias? Os grandes inventores, exploradores e descobridores, em todos os terrenos, devem ter sido dotados de extraordinária energia; mas, a maioria de nós tem muito pouca energia, não é verdade? Enquanto jovens, jogamos nossos jogos, divertimo-nos, dançamos e cantamos; mas, ao crescermos, essa energia cedo se destrói. Já notastes isto? Tornamo-nos donas de casas fatigadas, ou vamos passar horas intermináveis num escritório, dia após dia, entra mês sai mês, apenas para têrmos o que comer; assim, naturalmente, resta-nos pouca ou nenhuma energia. Se tivéssemos energia, poderíamos destruir esta sociedade corrompida, poderíamos causar as mais sérias perturbações; por conseguinte, a sociedade cuida de que não tenhamos energia, sufoca-nos gradualmente, com a educação, a tradição, a chamada religião e cultura. Vêde, a função da verdadeira educação é despertar nossa energia e fazê-la "explodir", torná-la constante,

poderosa, apaixonada, e espontâneamente "controlada" e aplicada ao descobrimento da realidade. Torna-se, então, imensa, infinita, essa energia e não é causadora de mais sofrimentos, porém é, em sua própria essência, a criadora de uma nova sociedade.

Escutai o que estou dizendo; não o rejeiteis, porquanto é realmente importante. Não cuideis apenas de concordar ou de discordar, mas descobri por vós mesmos se há verdade no que estou dizendo. Não sejais indiferente; sêde ou quente ou frio. Se perceberdes a vèrdade relativa a tudo isso e vos encherdes de ardor por essa verdade, então êsse calor, essa energia crescerá e fará nascer uma sociedade nova. Ela não se dissipará em mera revolta no interior da presente sociedade, coisa semelhante a decorar os muros de uma prisão.

Nosso problema, portanto, e principalmente na educação, é como conservar a energia que porventura possuímos e dar-lhe mais vitalidade, maior fôrça "explosiva". Isso exigirá muita compreensão, porquanto os próprios mestres, em geral, têm muito pouca energia; estão sufocados pelos seus conhecimentos e quase afogados em seus problemas pessoais; por conseguinte, não podem despertar nos estudantes aquela energia criadora. Eis por que a compreensão dessas coisas interessa tanto ao professor como ao estudante.

Pergunta: Por que se encolerizam meus pais quando digo que desejo seguir outra religião?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, êles estão apegados à sua própria religião, que consideram a melhor se não a única religião do mundo; por isso desejam, muito naturalmente, que também a sigais. Além disso, querem-vos prêso à maneira de pensar dêles, de seu grupo, de sua raça, de sua classe. Estas são algumas das razões; e também, é bem de ver, se seguísseis outra religião, vos tornaríeis uma fonte de aborrecimentos e de perturbações na família.

Mas, que acontece, mesmo quando abandonais uma religião organizada para seguir outra? Isso não significa apenas mudar-se para outra prisão? Enquanto a mente se mantém apegada a uma crença, está cativa numa prisão. Se nascestes hinduísta e vos tornais cristão, vossos pais poderão aborrecer-se, mas êste é um ponto

secundário. O importante é perceberdes que, ingressando noutra religião, adotais apenas um nôvo sistema de dogmas em lugar do antigo. Podereis tornar-vos um pouco mais ativo, um pouco mais isto ou aquilo, mas estais ainda na prisão da crença e do dogma.

Portanto, não troqueis de religião, pois isso é apenas revoltar-se dentro da prisão, mas tratai de deitar abaixo os muros da prisão e de descobrir por vós mesmo o que é Deus, o que é a Verdade. *Isto,* sim, tem significação e vos dará enorme vitalidade, energia. Mas, meramente passar de uma prisão para outra e disputar sôbre qual é a melhor prisão — isso é brincadeira infantil.

O libertar-se da prisão da crença requer uma mente amadurecida, uma mente refletida, uma mente que perceba a natureza da própria prisão, e não compare uma prisão com outra. Para compreenderdes uma coisa, não podeis compará-la com outra. A compreensão não vem da comparação, só vem quando examinais a coisa em si. Se examinardes a natureza da religião organizada, vereis que tôdas as religiões são essencialmente iguais — seja o budismo, o hinduísmo, o maometismo, o cristianismo, seja o comunismo, que é outra forma de religião — a mais novinha. No momento em que compreenderdes a prisão — quer dizer, perceberdes tudo o que está implicado na crença, nos ritos, nos sacerdotes, nunca mais pertencereis a religião nenhuma; porque só o homem livre de crença pode descobrir aquilo que excede tôdas as crenças, aquilo que é imensurável.

Pergunta: Qual a maneira verdadeira de formar o caráter?

KRISHNAMURTI: Ter caráter significa, por certo, ser capaz de opor-se ao que é falso e de sustentar o que é verdadeiro; mas é difícil formar o caráter, porque para a maioria de nós o que está dito no livro, o que é dito pelo mestre, pelos pais, pelo govêrno, é muito mais importante do que descobrirmos o que nós mesmos pensamos. Pensar por si mesmo, descobrir o que é verdadeiro e ao verdadeiro se ater, sem se deixar influenciar, não importa o que a vida proporcione de sofrimento ou de felicidade, é isso que forma o caráter.

Suponhamos, por exemplo, que não credes na guerra, não por causa do que ouvistes dizer a certo reformador ou instrutor religioso, mas porque vós mesmo refletistes profundamente nesta

questão. Vós a investigastes, a examinastes, meditastes a respeito dela, e para vós matar é sempre mau — quer se mate para comer, quer por ódio, quer por patriotismo. Pois bem. Se sentis isso com tôda a fôrça e não vos deixais abalar, apesar de tudo que possa acontecer, ainda que sejais jogado na prisão ou fuzilado, como talvez vos acontecesse em certos países — então, tendes caráter. O caráter tem então significado completamente diferente; não é o caráter da qualidade que a sociedade cultiva.

Mas, nenhum estímulo recebemos neste sentido; e nem o educador nem o estudante possuem a necessária vitalidade, a necessária energia para pensar completamente e ver o que é verdadeiro e não se deixar abalar, não se deixar atingir pelo falso. Mas, se fordes capaz disso, então não seguireis nenhum guia político ou religioso, porque sereis a luz de vós mesmo; e o descobrimento e cultivo dessa luz, não só na juventude mas por tôda a vida, é educação.

Pergunta: Por que é a idade obstáculo ao conhecimento de Deus?

KRISHNAMURTI: Que é "idade"? É o número de anos que um homem já viveu? Isso é só em parte "idade"; nascestes em *tal* ano e tendes agora quinze, quarenta ou sessenta anos de idade. Vosso corpo envelhece — e também envelhece a vossa mente, sob a carga de tôdas as experiências, sofrimentos e fadigas da vida; e essa mente não pode, em tempo algum, descobrir o que é a verdade. A mente só pode descobrir quando nova, fresca, "inocente"; mas a "inocência" nada tem que ver com a idade. Não é só a criança que é inocente — ela pode não sê-lo — porém inocente é a mente capaz de *experimentar* sem acumular o resíduo da experiência. A mente tem de *experimentar,* pois isso é inevitável. Ela deve "responder" (reagir) a tudo: ao rio, ao animal doente, ao morto que está sendo levado para cremar, às torturas e angústias da vida. Mas, a mente deve ser capaz de "responder" sem ficar na dependência da experiência. É a tradição, a acumulação de experiência, das cinzas da memória, o que faz a mente envelhecer. A mente que morre cada dia para as lembranças da véspera, para tôdas as alegrias e pesares do passado — essa mente é fresca, "inocente", não tem idade; e, sem essa inocência, não importa se tendes dez anos ou sessenta, não encontrareis Deus.

XXVII

UM DOS NUMEROSOS problemas que se apresentam a todos nós, principalmente aos que ora estão sendo educados e em breve sairão a enfrentar o mundo, é a questão da reforma. Vários grupos — os socialistas, os comunistas e os reformadores de todos os matizes — mostram-se interessados em promover certas mudanças no mundo, mudanças òbviamente necessárias. Embora se observe em alguns países um satisfatório nível de prosperidade, em todo o mundo há ainda fome, miséria, e milhões de indivíduos quase despidos e sem teto. E como realizar uma reforma fundamental sem criar mais caos, mais miséria, e mais luta? Êste é o problema real, não? A quem leia um pouco de História e observe as modernas tendências políticas, há de ser muito evidente que isso a que chamamos "reforma", por desejável e necessário que seja, sempre traz em sua esteira novas formas de confusão e de conflito; e, para anular êsses efeitos, tornam-se necessárias mais leis, mais medidas e contramedidas. Tôda reforma cria novas desordens; para corrigir essas desordens, produzem-se novas desordens, e prossegue assim, indefinidamente, o círculo vicioso. É isso o que estamos atualmente enfrentando, êsse processo aparentemente infindável.

Ora, como romper êsse vicioso círculo? Notai bem que a reforma é evidentemente necessária; mas é possível efetuá-la sem se produzir maior confusão? Êste me parece ser um dos problemas fundamentais que deve interessar a tôda pessoa que reflete. Não se trata da espécie de reforma necessária, nem do nível em que deve ser efetuada, porém a questão é se é possível alguma reforma que não acarrete outros problemas que tornem a criar nova necessidade de reforma. E que fazer para quebrar definitivamente

êsse interminável processo? Por certo, a função da educação, quer na pequena escola, quer na grande universidade, é atacar êsse problema, não abstrata ou teòricamente, não "filosofando" ou escrevendo livros a seu respeito, porém enfrentando-o em sua realidade, a fim de descobrir a maneira de resolvê-lo. Está o homem aprisionado nesse vicioso círculo de reformas que tornam sempre necessárias outras reformas e, se se não quebrar êsse círculo, nossos problemas ficarão sem solução.

Pois bem; que espécie de educação, que qualidade de pensar se torna necessária para se quebrar o círculo vicioso? Qual a ação que porá têrmo aos crescentes problemas que rodeiam tôdas as nossas atividades? Existe algum movimento de pensamento, numa certa direção, que possa libertar o homem dessa maneira de viver, cuja reforma torna sempre necessária nova reforma? Por outras palavras, há ação não nascida de reação?

Eu acho que *há* um modo de vida em que não existe êsse processo de reforma a gerar mais sofrimentos, e êsse modo de vida se pode chamar "religião". A pessoa verdadeiramente religiosa não está interessada em reformas, não está interessada em produzir meras mudanças da ordem social; pelo contrário, ela está em busca do verdadeiro, e essa própria busca do verdadeiro é de efeito transformador na sociedade. Por esta razão é que a educação deve interessar-se principalmente em ajudar o estudante a buscar a Verdade ou Deus, e não cuidar meramente de prepará-lo para ajustar-se ao padrão de uma dada sociedade.

Acho muito importante compreender isso enquanto se é jovem; porque, à medida que vamos crescendo e abandonando nossas pequenas distrações e diversões, nossos apetites sexuais e mesquinhas ambições, tornamo-nos mais vivamente cônscios dos imensos problemas que o mundo está enfrentando, e desejamos então fazer alguma coisa no sentido de solucioná-los, de introduzir alguma espécie de melhoramento. Mas, se não formos profundamente religiosos, só iremos criar mais confusão e mais sofrimentos; e *religião* nada tem que ver com sacerdotes, igrejas, dogmas ou crenças organizadas. Essas coisas não são religião, em absoluto, são meras conveniências sociais, visantes a manter-nos num dado padrão de pensamento e de ação; são meios de explorar-nos a credulidade, as esperanças e o mêdo. Religião é busca da Verdade, de Deus, busca que requer extraordinária energia, alta inteligência, pensar penetrante. É nesta própria busca do Imensurável que

está a correta ação social, e não na chamada reforma de uma dada sociedade.

Para se descobrir o que é verdadeiro, necessita-se de muito amor e de uma lúcida percepção da relação do homem com tôdas as coisas — o que significa que não estamos então interessados em nosso próprio progresso e nossas próprias realizações. A busca da Verdade é a verdadeira religião, e o homem que está buscando a Verdade é o único homem religioso. Êsse homem, porque ama, está *fora* da sociedade, e sua ação sôbre a sociedade é, por conseguinte, inteiramente diversa da ação do homem que está *dentro* da sociedade e só interessado em reformá-la. O reformador jamais criará uma nova *cultura*. O que se faz necessário é a busca pelo homem verdadeiramente religioso, porque essa própria busca produz sua *cultura* própria — e ela é nossa única esperança. Compreendei que a busca da verdade dá à mente fôrça "explosiva" para criar, e esta é que é a verdadeira revolução, porquanto, nesta busca, a mente não está contaminada pelos decretos e sanções da sociedade. Livre que está de tudo isso, o homem religioso é capaz de descobrir o verdadeiro; e o descobrimento do verdadeiro, de momento a momento, é que cria uma nova cultura.

Por isso é que tanto importa recebais educação correta. Para dá-la, o próprio educador deve ser educado corretamente, de modo que não considere o ensino apenas como meio de vida, mas seja capaz de encaminhar o estudante para rejeitar todos os dogmas e não se deixar prender por nenhuma religião ou crença. As pessoas que se unem sob a égide da autoridade, ou a fim de porem em prática certos ideais, estão tôdas interessadas na reforma social que consiste meramente em decorar os muros da prisão. Só o homem verdadeiramente religioso é verdadeiramente revolucionário; e a função da educação é ajudar cada um de nós a ser religioso, no verdadeiro sentido da palavra, porque só nessa direção se encontra a salvação.

Pergunta: Desejo dedicar-me à assistência social, mas não sei como começar.

KRISHNAMURTI: Considero muito importante que trateis de descobrir, não como começar, mas *por que* desejais prestar serviços sociais. É por que vêdes tanto sofrimento no mundo — fome,

doença, exploração, a brutal indiferença dos opulentos, ao lado da mais aterradora pobreza, a inimizade entre o homem e o homem? É esta a razão? Desejais prestar serviços sociais porque há amor em vosso coração e não estais, portanto, interessado em vosso preenchimento próprio? Ou será a "assistência social" um meio de fugirdes a vós mesmo? Compreendeis? Vêdes, por exemplo, que há muito de odioso no casamento "ortodoxo" (segundo as velhas convenções) e, assim, dizeis: "Nunca me casarei", e vos atirais de corpo e alma ao trabalho social; ou, talvez, vossos pais a isso vos estimulem ou, ainda, pode ser que tenhais um ideal. Se êsse trabalho representa um meio de fuga, ou se estais meramente a seguir um ideal estabelecido pela sociedade, por um líder ou sacerdote, ou por vós mesmo, então todo e qualquer serviço social que venhais a prestar só irá criar mais sofrimentos. Mas se, em vosso coração, tendes amor, se estais buscando a verdade e sois, por conseguinte, um ente verdadeiramente religioso, se já não sois ambicioso, já não aspirais ao êxito, e vossa virtude não vos está conduzindo à respeitabilidade — então *vossa própria vida* concorrerá para a total transformação da sociedade.

Acho muito importante compreender isto. Quando somos jovens, como quase todos vós o sois, desejamos fazer alguma coisa, e a "assistência social" está em voga; escrevem-se livros a respeito dela, os jornais fazem-lhe a propaganda, há escolas para treinar "assistentes sociais" etc. Mas, vêde, se não houver autoconhecimento, se não houver compreensão de vós mesmo e de vossas relações, qualquer serviço social que presteis "virará cinzas em vossa bôca".

É o homem feliz, e não o idealista ou o pobre "fujão", que é revolucionário; e o homem feliz não é o homem de muitos haveres. O homem feliz é o homem verdadeiramente religioso e *o próprio viver dêle é trabalho social.* Mas, se meramente vos tornardes um dentre os inumeráveis "assistentes sociais", vazio ficará o vosso coração. Podeis dar todo o vosso dinheiro ou persuadir outros a contribuirem com o seu, e promover maravilhosas reformas; porém, enquanto tiverdes vazio o coração, e a mente cheia de teorias, vossa vida será monótona, cansativa, sem alegria. Em primeiro lugar, pois, tratai de compreender a vós mesmo, porque dêsse autoconhecimento virá a ação correta.

Pergunta: Por que é tão insensível o homem?

Krishnamurti: Isto é bastante simples, não? Quando a educação se limita a transmitir conhecimentos e a preparar o estudante para obter empregos; quando lhe acena com ideais e o ensina a interessar-se ùnicamente em seu próprio sucesso — é óbvio que o homem tem de tornar-se insensível. Os mais de nós não temos amor em nossos corações. Nunca olhamos para as estrêlas ou nos deleitamos com o murmúrio das águas; nunca observamos a dança do luar sôbre as águas de uma torrente, ou o vôo de uma ave. Nenhuma canção temos em nosso coração; estamos sempre e sempre ocupados; nossa mente está cheia de planos e de ideais de salvação da humanidade; professamos a fraternidade, e nossa própria fisionomia é um desmentido disso. Eis por que tanto importa recebermos educação correta enquanto estamos jovens, enquanto nossa mente e coração são receptivos, sensíveis, ardorosos. Mas êsse ardor, essa energia, essa compreensão "explosiva", são destruídos quando temos mêdo; e, em geral, tememos. Tememos nossos pais, nossos mestres, o sacerdote, o govêrno, o patrão; temos mêdo de nós mesmos. Conseqüentemente, a vida se torna coisa temível, sombria, e por isso o homem se torna insensível.

Pergunta: Pode uma pessoa abster-se de fazer o que lhe apraz, e ao mesmo tempo encontrar o caminho da liberdade?

Krishnamurti: Uma das coisas mais difíceis é saber o que queremos fazer, não só enquanto estamos jovens, mas durante tôda a vida. E a menos que vós mesmo descubrais o que desejais realmente fazer com todo o vosso ser, acabareis fazendo algo de nenhum interêsse vital para vós, e vossa vida será, então, lastimável; e, nesse estado lastimável, buscais distração nos cinemas, na bebida, na leitura de livros inumeráveis, em alguma espécie de reforma social etc.

Assim sendo, pode o educador ajudar-vos a descobrir o que desejais fazer em tôda a vida, independente do que desejem que façais os vossos pais ou a sociedade? Esta é a verdadeira questão, não achais? Porque, se puderdes descobrir o que gostais de fazer com todo o vosso ser, sereis então um homem livre; tereis então capacidade, confiança, iniciativa. Mas se, desconhecendo o que realmente gostais de fazer, vos tornais advogado, político, ou o

que quer que seja, não haverá então felicidade para vós, porque essa própria profissão se tornará o meio de destruição vossa e de outros.

Deveis descobrir por vós mesmo o que gostais de fazer. Não penseis em escolher uma profissão a fim de vos ajustardes à sociedade, porque, por essa maneira, nunca descobrireis o que realmente gostais de fazer. Se gostais de fazer uma certa coisa, não há problema de escolha. Quando amais e deixais o amor atuar livremente, há, então, ação concreta, porque o amor não busca êxito, não se envolve em imitação; mas, se entregais vossa vida a algo que não amais, nunca sereis livre.

O fazerdes meramente o que vos apraz não é a mesma coisa que fazerdes o que gostais de fazer. O descobrimento daquilo que gostais verdadeiramente de fazer requer muita penetração, profundo discernimento. Não comeceis pensando em têrmos de "ganhar a vida"; mas, se descobrirdes o que gostais de fazer, tereis então vosso meio de vida.

Pergunta: É verdade que só os puros podem ser sem mêdo?

KRISHNAMURTI: Não acalenteis ideais de pureza, castidade, fraternidade, não-violência etc. etc., porque êles nada significam. Não *tenteis* ser corajoso, porque isso é simples reação do mêdo. Ser sem mêdo exige extraordinária perspicácia, compreensão de todo o processo do mêdo e de sua causa.

Há mêdo, enquanto desejamos segurança — segurança no casamento, segurança no emprêgo, na posição, nas responsabilidades, segurança nas idéias, nas crenças, segurança nas relações com o mundo ou nas relações com Deus. No momento em que a mente estiver em busca de segurança ou de satisfação, em qualquer forma ou em qualquer nível que seja, haverá necessàriamente mêdo; e o que importa é estar-se cônscio dêsse "processo", e compreendê-lo. Isso não é questão de pureza — dessa coisa chamada "pureza". A mente alertada, vigilante, a mente livre do mêdo é uma mente "inocente"; e só a mente inocente pode compreender a Realidade, a Verdade, ou Deus.

Infelizmente, neste país, como noutras partes, os ideais assumiram extraordinária importância — sendo "ideal" aquilo que *devia ser:* eu *devia ser* "não-violento", eu *devia ser* bom, e por

aí afora. O ideal, o que *devia ser* está sempre muito longe, e por isso nunca *é*. Os ideais são uma verdadeira desgraça, porque vos impedem o pensar direto, simples, verdadeiro, em presença dos fatos. O ideal, o que *devia ser,* é uma fuga ao que *é*. O que *é,* é o fato de que tendes mêdo — mêdo do que digam vossos pais, do que pensem os outros, mêdo da sociedade, mêdo da doença, da morte; e, se enfrentais o que *é,* se o olhais e penetrais, ainda que isso seja doloroso, e o compreendeis, vereis como vossa mente se torna sobremodo simples, clara; e nessa própria claridade está a cessação do mêdo. Infelizmente, somos educados com todos os absurdos filosóficos dos ideais, que são mero adiamento; êles nenhuma validade têm.

Tendes, por exemplo, o ideal da "não-violência"; mas, sois não-violento? Assim, por que não enfrentais vossa violência, por que não olhais o que *sois?* Se observardes vossa própria avidez, vossa ambição, vossos prazeres e distrações, e começardes a compreender tudo isso, vereis que o tempo, como meio de progresso, como meio de alcançar o ideal, terá deixado de existir. Vêde: a mente inventa o tempo para alcançar seus objetivos e, por isso, nunca está quieta, serena. A mente serena é "inocente", fresca, ainda que tenha um milênio de experiência, e por isso é capaz de resolver os problemas de sua própria vida de relação.

Pergunta: O homem é vítima de seus próprios desejos, que criam muitos problemas. Como poderá êle criar um estado de "não desejo"?

KRISHNAMURTI: A vontade de criar um estado de "não desejo" é mero artifício mental. Percebendo que o desejo cria sofrimentos e querendo livrar-se dêle, projeta a mente o ideal de "não desejo" e em seguida pergunta: "Como alcançarei êste ideal?" E que acontece, então? Para serdes "sem desejo", reprimis o vosso desejo, não é verdade? Estrangulais o desejo, procurais matá-lo e, depois, pensais ter alcançado o estado de "não desejo" — e isso é inteiramente falso.

Que é desejo? É energia, pois não? E no momento em que sufocais vossa energia fizestes de vós mesmo um ente embotado, sem vida. Foi isso o que aconteceu na Índia. Todos os chamados "homens religiosos" sufocaram o seu desejo; são muito raros os que pensam e que são livres. O importante, pois, não

é sufocar o desejo, porém compreender a energia e a utilização da energia na direção certa.

Quando jovem, tendes energia em abundância — energia que vos dá vontade de saltar montanhas, de pegar as estrêlas. Então, entra em cena a sociedade e vos manda manter essa energia entre os muros da prisão a que ela chama "respeitabilidade". Por meio da educação, de tôdas as formas de sanção e de contrôle, essa energia é gradualmente "espremida" de vós. Mas, vós necessitais de *mais* energia, e não de menos, porque, se não possuís imensa energia, nunca descobrireis o verdadeiro. O problema, pois, não é como reduzir a energia, porém, antes, como conservá-la e aumentá-la, como fazê-la independente e contínua — mas não a mando de nenhuma crença ou sociedade — para que se torne um movimento em direção à Verdade, Deus. Tem então a energia significado diferente. Assim como o seixo jogado em tranqüila lagoa forma um círculo crescente, assim também a ação da energia que se dirige para a Verdade cria as ondas de uma nova *cultura*. A energia é, então, ilimitada, imensurável — e essa energia é Deus.

KRISHNAMURTI

Tomando por tema básico a educação, a cultura e o conceito de "verdadeira vida", Krishnamurti aborda neste livro problemas palpitantes, que dizem respeito a algumas das preocupações fundamentais do homem moderno. Entre outros: Qual o papel da disciplina em nossa vida? Como pode a mente ultrapassar os obstáculos em si própria existentes? Que é o autoconhecimento, e como alcançá-lo? Que é o Destino? Como podemos livrar-nos de nossas preocupações de espírito, se não podemos evitar as situações que as causam? Pode uma pessoa abster-se de fazer o que lhe apraz, e ao mesmo tempo encontrar o caminho da liberdade?

A CULTURA E O PROBLEMA HUMANO

KRISHNAMURTI